RMC

II CONGRESSO & V WORKSHOP DE REABILITAÇÃO
MONITORAMENTO E CONSERVAÇÃO DA FAUNA SILVESTRE



ANAIS

II Congresso & V Workshop de Reabilitação, Monitoramento e Conservação da Fauna Silvestre

RESUMOS SIMPLES, RELATOS DE CASO E REVISÕES DE LITERATURA

Realização

WAITA · ECMVS · UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

Apoio

FAPEMIG

Patrocínio

CFBio · Instituto Cenibra · Cenibra · Instituto Arbo · Conservare wild consulting

Parceria

GEAS

ANAIS

II Congresso & V Workshop de Reabilitação, Monitoramento e Conservação da Fauna Silvestre

RESUMOS SIMPLES, RELATOS DE CASO E REVISÕES DE LITERATURA

Realização
WAITA
ECOMVS
UFMG
Apoio
FAPEMIG
Patrocínio
CFBio
INSTITUTO CENIBRA
CENIBRA
Conservare
Parceria
GEAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Congresso e Workshop de Reabilitação, Monitoramento e Conservação da Fauna Silvestre (2. : 5. : 2026 : Belo Horizonte, MG)
Anais do II Congresso e V Workshop de Reabilitação, Monitoramento e Conservação da Fauna Sivestre [livro eletrônico] : resumos simples, relatos de caso e revisões de literatura. -- 1. ed. -- Belo Horizonte, MG : Waita, 2026.
PDF

Vários autores.
Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-994139-4-0

1. Animais silvestres 2. Conservação da natureza 3. Fauna e flora 4. Meio ambiente 5. Monitoramento ambiental 6. Reabilitação 7. Sustentabilidade ambiental I. Título.

26-360151.0 CDD-363.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Animais silvestres : Reabilitação e monitoramento : Gestão ambiental 363.7

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

CORPO EDITORIAL

COMISSÃO CIENTÍFICA

Ana Maria Paschoal
Ana Silveira de Souza
Ariela Castelli Celeste
Beatriz Ferreira da Graça Prego
Cristiano Schetini de Azevedo
Fernanda da Paixão Alves
Franklin Fernando Batista da Costa
Izadora Cabral Martins
Júlia Assunção de Castro Oliveira
Júlia de Matos Nogueira
Larissa Vaccarini Ávila
Livia Maria Comini de Andrade
Marcela de Frias Barreto
Maria Lua Vinhaes Dantas Costa
Naylla Silva Fernandes
Paula Gonçálves Lima
Renata Campos
Sarah Felipe Bessa
Sofia Peixoto Mourão
Thiago Augusto Farjani

COMISSÃO ORGANIZADORA

Alice Rabelo de Sá Lopes
Ana Carolina Neto Rezende de Aguiar Cota
Ariela Castelli Celeste
Joana Dias Ho
Joyce Mara Teixeira Pio
Júlia Assunção de Castro Oliveira
Magda dos Santos Rocha
Mariana Bertrand
Marina Comini Oliveira
Pietro Kiyoshi Maruyama
Vanessa Coelho Buzzo

SUMÁRIO

CORPO EDITORIAL **4**
PREFÁCIO **10**
PROGRAMAÇÃO **12**
CONSERVAÇÃO DA FAUNA SILVESTRE **14**
Alguns morfotipos de *Adelphobates galactonotus* (sapo-ponta-de-flecha) são mais ameaçados pela perda de cobertura vegetal na Amazônia? 15
Análise de atendimentos da fauna silvestre do Ambulatório de Animais Selvagens da Universidade Federal de Lavras e suas relações estacionais 16
Análise do impacto antrópico no comportamento de sagui-de-tufo-preto (*Callithrix penicillata*) em área urbana 17
Cardápio mineiro: recursos alimentares do papagaio-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*) em Dom Joaquim, Minas Gerais 18
Densidade de estocagem e sobrevivência do ciclídeo africano *Chindongo saulosi* em sistema de recirculação de água 19
Diagnóstico das translocações de vertebrados para conservação no Brasil 20
Distribuição temporal de eventos de defecação de cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*) em vida livre 21
Ecologia e comportamento alimentar de sagui-de-tufo-preto (*Callithrix penicillata*) em fragmento de área urbana: existe variação sazonal? 22
Efeitos espécie-específicos de estradas pavimentadas e não pavimentadas nos mamíferos de médio e grande porte em agroecossistemas 23
Entre rochas e painéis solares: Importância dos afloramentos rochosos para conservação do *Kerodon rupestris* (mocó) em áreas do norte de Minas Gerais 24
Estudo genético de duas populações remanescentes de bicudos (*Sporophila maximiliani*; Cabanis, 1851) na bacia do Rio Doce e suas implicações para conservação 25
Identificação de *gaps* no conhecimento acerca de padrões comportamentais de felinos silvestres de médio e pequeno porte 26
Influência da cobertura vegetal e da complexidade estrutural e sonora na ecolocalização de morcegos de cauda livre (Chiroptera: Molossidae) em uma metrópole tropical 27
Influência da densidade de estocagem no desempenho zootécnico do ciclídeo ornamental *Chindongo saulosi* em sistema de recirculação 28
Mais do que espaço: como a complexidade do recinto e o enriquecimento ambiental moldam o comportamento e bem-estar de serpentes mantidas sob cuidados humanos 29
Principais casuísticas de *Bradypus variegatus* atendidos no CETRAS-UFRA 30
Principais causas de admissão e desfechos clínicos em lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) atendidos na Universidade Federal de Lavras (2022–2025) 31
Recebimento de mamíferos da ordem Carnivora no Centro de Triagem de Animais Silvestres de Belo Horizonte entre 2021 e 2025 32
Registro de infanticídio paterno em *Coendou spinosus* em cativeiro: relato de caso 33
Resposta interinstitucional à seca extrema e aos incêndios do Pantanal: identificação de áreas críticas e suporte hídrico emergencial para a fauna silvestre 34
Riqueza, diversidade taxonômica e funcional de mamíferos em uma área reflorestada 35
Tempo até a defecação e coleta de amostras fecais de cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*) em dois biomas do Brasil 36
Variação de orçamento temporal de *Dendrocygna autumnalis* entre períodos do dia em córrego urbano 37
EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM PROJETOS DE REABILITAÇÃO, MONITORAMENTO E CONSERVAÇÃO DA FAUNA SILVESTRE **38**

"Bem-vinda Araçá!" - o tamanduá-bandeira e a Serra do Cipó como protagonistas na construção de materiais pedagógicos 39
"Dom Joaquim: por quem vive aqui" - o mapeamento participativo como ferramenta na conservação do papagaio-de-peito-roxo 40
A observação de aves como ferramenta de educação ambiental no IFMG – Campus Bambuí 41
Ações integradas de manejo, monitoramento e educação ambiental no lago da reitoria da UFMG 42
Análise de métricas e conteúdo do CETAS-BH no Instagram como ferramenta para divulgação e educação ambiental 43
Ciência Cidadã: relação humano-animal silvestre em um campus universitário 44
Conversão de multas ambientais como política pública de conservação: fortalecimento de CETAS e monitoramento pós-soltura de fauna silvestre 45
Desafios para a mobilização comunitária na educação ambiental: um estudo comparativo do Projeto Bicudos 46
Dia do Papagaio-de-peito-roxo: engajamento comunitário e político para conservação de *Amazona vinacea* em Dom Joaquim, MG 47
Educação ambiental como estratégia de sensibilização diante dos registros recentes do lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) no Rio Grande do Sul 48
Educação ambiental como ferramenta de sensibilização sobre morcegos: ações do projeto Morcegos na Praça em 2025 49
Educação ambiental por meio de documentários: uma estratégia experimental de sensibilização para conservação da fauna silvestre em escolas 50
Educação ambiental, turismo de conservação e economia da funcionalidade e cooperação em projetos de reabilitação socioecológica 51
Entre ciência e comunidade: participação social no monitoramento do papagaio-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*) 52
Guardiões da Natureza: educação ambiental em exposição agropecuária no município de São João del-Rei 53
Instagram como instrumento de divulgação científica e conservação: análise das interações no perfil do Projeto Morcegos na Praça 54
Integração escola–conservação: avaliação de um guia educativo no projeto de reintrodução de *Amazona vinacea* em Santa Catarina 55
Osteomontagem de *Caiman latirostris* como ferramenta para o ensino de anatomia animal e potencial aplicação em educação ambiental 56
Projeto catálogo de espécies de fauna e flora de Ouro Preto/MG 57
Super-Gambá: uma iniciativa de sensibilização visando a conservação da fauna silvestre 58
WhatsApp como ferramenta colaborativa: uso de grupo comunitário na conservação do papagaio-de-peito-roxo 59
MEDICINA VETERINÁRIA EM PROJETOS DE REABILITAÇÃO, MONITORAMENTO E CONSERVAÇÃO DA FAUNA SILVESTRE 60
Abordagem terapêutica de trauma medular em *Callithrix aurita*: relato de caso 61
Adaptações funcionais em periquito-de-encontro-amarelo (*Brotogeris chiriri*) com perda parcial de rinoteca sob cuidados de reabilitação 62
Alterações neurológicas em veado-catingueiro (*Subulo gouazoubira*): relato de caso e considerações diagnósticas 63
Análise da predominância de espécies sinantrópicas em atendimentos no Ambulatório de Animais Selvagens da UFLA (2022-2025) 64
Análise de atendimentos da fauna silvestre do Ambulatório de Animais Selvagens da Universidade Federal de Lavras e suas relações estacionais 65
Aplicação de polihexametileno biguanida (PHMB) no manejo de feridas de fauna silvestre em reabilitação: evolução cicatricial após abordagem terapêutica 66
Avaliação clínica e manejo pós-operatório de fratura de úmero em lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) no Centro de Triagem de Animais Silvestres (CETAS) de Belo Horizonte 67
Avaliação clínica e tratamento conservador em fratura de metatarso em *Cerdocyon thous* 68

Avaliação comportamental e de alterações macroscópicas em necropsia de *Eupetomena macroura* submetido a tratamento medicamentoso 69
Caracterização hematológica comparativa das espécies de jabutis (*Chelonoidis carbonarius*, *Chelonoidis denticulatus* e Morfotipos) 70
Consumo de energia para tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) 71
Descrição de valores de referência para parâmetros vitais em *Didelphis albiventris* 72
Diagnóstico molecular de circovírus dos psitacídeos em papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*) e periquitão-maracanã (*Psittacara leucophthalmus*) mantidos em cativeiro 73
Digestibilidade de frações fibrosas em tamanduás-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) alimentados com rações extrusadas 74
Efeito da umidade e da temperatura sobre ingestão alimentar e hídrica de tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) em cativeiro 75
Elaboração de calendário reprodutivo para pacas (*Cuniculus paca*) mantidas em cativeiro 76
Estabilização de broncopneumonia em filhote de tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) recebido no CETAS-BH 77
Estudo diagnóstico de *Polychromophilus spp.* em Chiroptera de vida livre 78
Hiperparatireoidismo secundário nutricional em um filhote de *Callithrix penicillata* 79
Identificação de bactérias resistentes em espécimes de felinos do Centro-Oeste brasileiro recebidas no Centro de Triagem de Animais Silvestres 80
Influência do estresse na avaliação eletrocardiográfica de *Pantherophis guttatus* 81
Intervenção obstétrica em *Callithrix sp.*: relato de caso 82
Luxação coxofemoral associada a fratura femoral em frango-d'água-azul (*Porphyrio martinica*) 83
Manejo clínico e reabilitação de *Falco femoralis* acometido por miíase cavitária: relato de caso 84
Manejo neonatal e desenvolvimento de coruja-caburé (*Glaucidium brasilianum*) em reabilitação 85
Meta-análise de bioquímico sanguíneo de tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*): comparação entre vida livre e sob cuidados humanos 86
Ostectomia metatársica e de falange lateral proximal em *Tapirus terrestris* de vida livre 87
Osteossíntese de metacarpo e tratamento de ferida em *Subulo gouazoubira* recebido no CETAS-BH 88
Precipitação hemoglobínica e corpos de inclusão em *Chelonoidis denticulatus*, *Chelonoidis carbonarius* e morfotipos 89
Primatas não humanos como sentinelas de doenças emergentes: implicações epidemiológicas, conservacionistas e em Saúde Única 90
Projéteis de chumbo em fauna silvestre: levantamento de casos atendidos no Ambulatório de Animais Selvagens da UFLA (2024–2025) 91
Protocolo anestésico e monitoração transoperatória em *Caiman latirostris* 92
Protocolos anestésicos em grandes herbívoros neotropicais: *Tapirus terrestris* como modelo para a conservação 93
Reversão de parada cardiorrespiratória em ouriço-cacheiro (*Coendou spinosus*: Rodentia): relato de caso clínico 94
Terapia conservativa em exoftalmia unilateral direita em *Didelphis aurita* lactante 95
Transfusão sanguínea heteróloga no tratamento de trauma severo em cascavel (*Crotalus durissus terrificus*): relato de caso 96
Tratamento de ferida integrativo em filhote de veado-catingueiro (*Subulo gouazoubira*) vítima de queimada florestal recebido no CETAS-BH 97
Tratamento de úlcera de córnea superficial em *Megascops choliba*: relato de caso 98
Uso da fotobiomodulação como adjuvante na cicatrização de ferida em *Dasypus novemcinctus*: relato de caso 99
Uso de opioides na analgesia de répteis: desafios farmacológicos e metodológicos 100
Uso de pele de tilápia (*Oreochromis niloticus*) como curativo biológico no tratamento de queimaduras de espessura total em tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) 101
Utilização de tomografia computadorizada para avaliação de fratura em mandíbula de *Caiman latirostris* 102

Xenotransfusão de um cão doméstico (*Canis lupus familiaris*) para um lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), relato de caso 103

MONITORAMENTO DA FAUNA SILVESTRE 104

Acompanhamento de indicadores biológicos do dourado (*Salminus franciscanus*) na bacia do rio São Francisco nos anos de 2012 à 2016 105

Aplicação de sensoriamento remoto na investigação da associação entre estrutura de habitat e taxas de detecção de *Glaucomastix littoralis* (Lagarto; Teiidae) 106

Área de vida e deslocamento de um tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) reabilitado e solto no Parque Nacional da Serra do Cipó 107

Área de vida e seleção de habitat de onça-parda (*Puma concolor*) na APA Nacional Morro da Pedreira – Santana do Riacho – MG 108

Atividade temporal do lobo-guará, *Chrysocyon brachyurus* (Mammalia: Canidae), em Cambará do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil 109

Avaliação do uso de armadilhas fotográficas na amostragem e monitoramento de vertebrados em ecossistemas cavernícolas da Floresta Nacional de Carajás - PA 110

Avifauna do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) campus Bambuí 111

Avifauna do Monumento Natural Serra do Elefante 112

Bicudos na bacia do Rio Doce: monitoramento *in situ* para proteger uma ave à beira da extinção. 113

Biometria e parâmetros avaliados em *Caiman latirostris* resgatados em áreas urbanas na Região Metropolitana da Grande Vitória - ES 114

Caracterização biométrica e índices biológicos do mandi-amarelo (*Pimelodus maculatus*) da Bacia do Rio São Francisco entre 2012 e 2016 115

Cavidades naturais subterrâneas em unidades de conservação federais do Pará, como locais de refúgio climático para a herpetofauna 116

Ciência cidadã como ferramenta à longo prazo de monitoramento de onças-pintadas no Pantanal Norte 117

Ciência cidadã como ferramenta de monitoramento pós-soltura no projeto de reintrodução do bugio-ruivo na Ilha de Santa Catarina, Brasil 118

Dados biométricos e índices biológicos do pacamã (*Lophiosilurus alexandri*) na bacia do Rio São Francisco entre 2012 e 2016 119

Dinâmica interanual de dados biométricos e índices biológicos do surubim (*Pseudoplatystoma corruscans*) em diferentes fases da piracema no rio São Francisco 120

Dispersão precoce de papagaios-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*) recém-liberados: fatores de influência e preditores de sucesso 121

Distribuição de captura do pirá *Conorhynchos conirostris* (Valenciennes 1840) no médio rio São Francisco, Minas Gerais 122

Efeito do fogo: campo de batalha territorial em população relictual de bicudos (*Sporophila maximiliani*) 123

Em busca dos registros de ocorrência de *Cyclopes didactylus* (Linnaeus, 1758) no Cerrado, no Estado do Tocantins 124

Inventariamento da mastofauna terrestre de médio e grande porte na RPPN Sítio Curucutu (SP) utilizando transectos lineares e armadilhamento fotográfico 125

Monitoramento de bugios-ruivos (*Alouatta guariba*) em Unidades de Conservação da cidade de São Paulo, SP 126

Monitoramento de *Panthera onca* no Cerrado, no Parque Estadual do Lajeado, Tocantins 127

Monitoramento do matrinxã *Brycon orthotaenia* no Rio São Francisco entre 2012 e 2016 128

Monitoramento dos parâmetros biométricos do (*Conorhynchos conirostris*) na bacia do rio São Francisco entre 2012 e 2016 129

Monitoramento populacional e manejo reprodutivo de *Hydrochoerus hydrochaeris* em ambiente antropizado no município de Rio Acima, Minas Gerais 130

Observação de aves no Parque Nacional da Serra da Canastra 131

Organização comportamental predominante de *Dendrocygna autumnalis* em ambiente lótico urbano 132

Padrões de movimentação de jaguatirica (*Leopardus pardalis*) após translocação 133
Plano de Ação da GNA para a Biodiversidade: avanços no monitoramento de espécies da fauna ameaçadas em áreas de restinga 134
Polimorfismos nos receptores do sistema oxitocinérgico e vasopressinérgico em primatas e a sub-representação de espécies neotropicais 135
Preguiças em paisagem amazônica fragmentada: avaliação médica e monitoramento espacial pós-soltura 136
Quando a paisagem dita o relógio: influência da matriz agrícola nos padrões de atividade de mamíferos no Cerrado 137
REABILITAÇÃO DA FAUNA SILVESTRE 138
Análise da influência de enriquecimento alimentar na reabilitação de *Dendrocygna autumnalis* no Centro de Triagem de Animais Silvestres de Belo Horizonte - CETAS-BH 139
Aplicação de protocolo de reabilitação – Onçapintada (*Panthera onca*) no Centro de Triagem de Animais Silvestres (CETAS/DF – Ibama) – Fase 1 - Aclimatação 140
Aplicação do condicionamento operante no manejo clínico de um papagaio-do-mangue (*Amazona amazonica*) em reabilitação: relato de caso no CETRAS UFRA 141
Avaliação comportamental de *Chrysocyon brachyurus* em processo de reabilitação para soltura branda 142
Avaliação do impacto do enriquecimento ambiental no bem-estar físico, mental e social para um casal de papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*) sob cuidados humanos 143
Avaliação do padrão de atividade circadiana de uma fêmea de lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) em processo de reabilitação e soltura monitorada 144
Avaliando a relação entre personalidade e capacidade de voo de *Amazona vinacea* no processo de reabilitação 145
Condicionamento operante com reforço positivo para manejo de *Tamandua tetradactyla* sob cuidados humanos: relato de experiência 146
Curva de ganho de peso de dois filhotes de *Coendou spinosus* recebidos pelo Centro de Triagem de Animais Silvestres de Belo Horizonte (CETAS-BH) 147
Dinâmica espaço-temporal da integração ecológica em tamanduá-bandeira reabilitado baseada em monitoramento multimodal 148
Estratégias de enriquecimento ambiental para *Nasua nasua* com deficiência visual bilateral em CETRAS 149
Limites fisiológicos para a reabilitação de *Dermochelys coriacea*: um desafio para a conservação da espécie 150
Manejo nutricional de tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*) em reabilitação no CETRAS-UFRA 151
O sexo não influencia o comportamento alimentar de *Amazona vinacea* em reabilitação submetidos a diferentes níveis de enriquecimentos alimentares 152
Programa estruturado de enriquecimento ambiental na reabilitação de um espécime de *Leopardus pardalis* 153
Protocolo nutricional para *Tamandua tetradactyla* em ambiente hospitalar 154
Reabilitação de *Amazona aestiva* com ênfase no treino anti-predação 155
Reabilitação e soltura de fêmea de lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) com registro de primeira reprodução bem-sucedida no Brasil 156
Reabilitação e soltura monitorada de papagaios-verdadeiros (*Amazona aestiva*) no Cerrado brasileiro 157
Surto de bouba aviária (*Avipoxvirus*) em centro de triagem de animais silvestres de Goiás 158
Uso de *Schinus terebinthifolius* para enriquecimento ambiental de aves silvestres sob tutela do Centro de Triagem e Reabilitação de Animais Silvestres - CETRAS/Divinópolis 159

PREFÁCIO

Mensagem da Comissão Organizadora

O Waita é uma Organização da Sociedade Civil fundada em 2010, dedicada à conservação da fauna silvestre, sobretudo das espécies vítimas do tráfico de animais silvestres. Em parceria com IBAMA/MG, IEF e órgãos ambientais de Minas Gerais, atua na reabilitação, soltura e monitoramento de diversas espécies provenientes do Centro de Triagem de Animais Silvestres de Belo Horizonte (CETAS-MG). Além disso, promove educação ambiental e capacitações para a conservação de fauna *in situ* e *ex situ*. Foi neste contexto que nasceu, em 2020, o Workshop de Reabilitação, Monitoramento e Conservação da Fauna Silvestre (RMC), visando a troca de conhecimentos e a discussão sobre temáticas essenciais à conservação da fauna silvestre.

O II Congresso e V Workshop de Reabilitação, Monitoramento e Conservação da Fauna Silvestre (RMC 2026) foi realizado em Belo Horizonte/MG, pelo Waita e pelo Programa de Pós-graduação em Ecologia, Conservação e Manejo da Fauna Silvestre (PPG-ECMVS/UFMG) com suporte institucional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Reuniu 417 participantes, incluindo especialistas, estudantes e profissionais da área, proporcionando um espaço dinâmico para o compartilhamento de avanços científicos e práticas inovadoras. Os participantes vieram de 16 estados brasileiros (AM, BA, CE, ES, GO, MT, MS, MG, PA, PR, RJ, RO, SC, RS, SP e TO) e do Distrito Federal, além de contar com a presença internacional de representantes da Argentina, Estados Unidos da América e Costa Rica. A programação contou com a participação de 52 especialistas (21 palestrantes e 31 convidados), promovendo discussões científicas de grande relevância nos campos da reabilitação, monitoramento e conservação da fauna silvestre.

O evento destacou-se pela interdisciplinaridade, pelas atividades práticas e pela excelente avaliação dos participantes, consolidando-se como um espaço essencial para o compartilhamento de conhecimento e experiências na área. As contribuições apresentadas no RMC 2026 refletem o compromisso com a geração e disseminação do conhecimento científico, assim como a dedicação de profissionais e acadêmicos na busca por soluções inovadoras e sustentáveis para a preservação da biodiversidade. Durante as apresentações e debates, foram discutidos temas fundamentais, como estratégias de reabilitação de fauna resgatada, monitoramento de espécies ameaçadas, impactos das atividades humanas sobre os ecossistemas e iniciativas para mitigar os efeitos da fragmentação de habitats. A interseção entre ciência, legislação ambiental e educação também teve destaque, reforçando a importância de um trabalho colaborativo e interdisciplinar.

Um total de 140 resumos foram aprovados e estão distribuídos entre estudos experimentais, relatos de caso e revisões bibliográficas, abordando cinco categorias: Conservação de Fauna Silvestre; Educação Ambiental em Projetos de Reabilitação, Monitoramento e Conservação da Fauna Silvestre; Medicina Veterinária em Projetos de Reabilitação, Monitoramento e Conservação da Fauna Silvestre; Monitoramento de Fauna Silvestre; e Reabilitação de Fauna Silvestre. Todo esse material está contemplado nesta publicação, que serve como um registro valioso das discussões e descobertas compartilhadas durante o evento, proporcionando uma base sólida para futuras pesquisas e colaborações. Esperamos que os

conhecimentos reunidos aqui inspirem novas iniciativas e contribuam para avanços significativos na conservação da fauna silvestre!

Reconhecendo o impacto do RMC 2026 na divulgação da ciência e no incentivo à inovação e ao desenvolvimento socioambiental, expressamos nossa profunda gratidão a todos os pesquisadores, docentes, estudantes e profissionais que tornaram este evento um sucesso! Agradecemos especialmente aos bolsistas e voluntários do Waita e do PPG ECMVS/UFMG, bem como à Universidade Federal de Minas Gerais pelo suporte institucional. Nosso agradecimento se estende também ao apoio da FAPEMIG; aos patrocinadores CFBio, Instituto Cenibra, Instituto Arbo e Conservare Wild Consulting e à parceria do GEAS Brasil. A todos que contribuíram com suas experiências e estudos para a realização do RMC 2026, nosso muito obrigado! Que este seja apenas mais um capítulo em uma longa jornada de aprendizado e dedicação à preservação da nossa biodiversidade.

Comissão Organizadora do RMC 2026
Maio, 2026 Belo Horizonte - MG

PROGRAMAÇÃO

07/04 CAD1 UFMG TERÇA-FEIRA

08:00 >> 09:30 — CREDENCIAMENTO
Local: CAD 1

08:45 >> 09:15 — COFFEE BREAK

9:30 >> 11:00 — ABERTURA

11:00 >> 12:30

SUZANA PÁDUA
IPÊ - Instituto de Pesquisas Ecológicas
Fauna como tema de orgulho e educação para conservação: o caso do mico-leão preto no oeste de São Paulo

12:30 >> 14:00 — INTERVALO PARA ALMOÇO

14:00 >> 15:00

ARIELA CASTELLI CELESTE
Instituto de Pesquisa Waita
Waita - 15 anos de experiências e desafios pela conservação da fauna silvestre

15:00 >> 16:00

ALICIA DELGADO
Rewilding Argentina
em espanhol
Fundación Rewilding: la respuesta argentina a la crisis de extinción: Esteros del Iberá como ejemplo de restauración

16:00 >> 16:30 — COFFEE BREAK

16:30 >> 17:30

FERNANDA LANA
Instituto PROSHARK
Do Pão de Queijo ao Mar de Gigantes: Uma Mineira Revelando os Segredos de Tubarões e Raias

17:30 >> 18:30

DONALD BRIGHTSMITH
Texas A&M University
em inglês
The Art and Science of Parrot Releases: Insights from across the Americas

18:30 >> 19:00 — ENCERRAMENTO DO DIA
e instruções para o 2º dia

08/04 CAD3 E CAD1 UFMG QUARTA-FEIRA

06:00 >> 07:00 — PASSARINHADA
Local: Estação Ecológica da UFMG

08:00 >> 09:00 — CREDENCIAMENTO
Local: CAD 3

PALESTRAS SIMULTÂNEAS

08:00 >> 09:00 — CAD 3 - B101

JULIA PASSOS

ANA MARIA PASCHOAL
Instituto de Pesquisa Waita
Bicudos na bacia do Rio Doce: Ações de Manejo in situ e de Educação Ambiental para Conservação de ave à beira da extinção

09:00 >> 10:00 — CAD 3 - B102

JÉSSICA ROCHA
CETAS - GO
Da Piscicultura à Conservação: Pele de Tilápia como Curativo Biológico em Animais Silvestres

10:00 >> 11:00 — CAD 3 - B106

CLAUDIA GAIGHER
TV Morena MS
Comunicar também é fazer ciência

11:00 >> 12:00 — CAD 3 - B107

CECÍLIA LICARIÃO
Instituto Retriz
Como a Ciência Cidadã Potencializa a Conservação e Movimenta a Economia

PALESTRAS SIMULTÂNEAS

09:00 >> 10:00 — CAD 3 - B101

YARA BARROS
Onças do Iguaçu
Projeto Onças do Iguaçu: conservação de onças na Mata Atlântica

10:00 >> 11:00 — CAD 3 - B102

LARISSA TINOCO
Instituto Arara Azul
Projeto Aves Urbanas - Araras na Cidade - Desafios e Estratégias para a Coexistência

11:00 >> 12:00 — CAD 3 - B106

LUAN GOEBEL
Projeto Reconecta
Reconecta: construindo pontes para a conservação das espécies arborícolas

12:00 >> 13:00 — CAD 3 B107

PAULA HELENA
Grupo de Resgate Técnico Animal Cerrado Pantanal (GRETAP-MS)
Resgate de Fauna em situação de Desastres

10:00 >> 10:30 — COFFEE BREAK

10:30 >> 12:30 — APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

12:30 >> 14:00 — INTERVALO PARA ALMOÇO E TROCA DE AUDITÓRIO (CAD3 >>> CAD1)

14:00 >> 15:00 — CAD 1

KAREN STRIER
University of Wisconsin–Madison
Comportamento, Conservação e Monitoramento do Muriqui do Norte

15:00 >> 16:00 — CAD 1

FLÁVIA MIRANDA
Instituto Tamanduá
Reintrodução de mamíferos raros do Eoceno e sua conservação no Antropoceno

16:00 >> 16:30 — COFFEE BREAK

16:30 >> 17:30 — CAD 1

NÁDIA BARROS
Freeland
O Tráfico de Fauna Contado pelas Mídias Digitais

17:30 >> 18:30 — CAD 1

ROGÉRIO CUNHA
ICMBio
Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades: a necessidade do rigor técnico nas ações de reabilitação e soltura de carnívoros

18:30 >> 19:00 — ENCERRAMENTO DO DIA
e instruções para o 3º dia

09/04 CAD3 UFMG QUINTA-FEIRA

06:00 >> 07:00 — PASSARINHADA
Local: Estação Ecológica da UFMG

ESPAÇOS DE DISCUSSÃO

08:00 >> 10:00
- CAD 3 - B101 — REABILITAÇÃO DE ANIMAIS SILVESTRES
- CAD 3 - B102 — MONITORAMENTO DE ANIMAIS SILVESTRES
- CAD 3 - B106 — DIVULGAÇÃO PARA CONSERVAÇÃO
- CAD 3 - B107 — SANIDADE E CLÍNICA GERAL DE ANIMAIS SILVESTRES

10:00 >> 10:30 — COFFEE BREAK

ESPAÇOS DE DISCUSSÃO

10:30 >> 12:30
- CAD 3 - B101 — REABILITAÇÃO DE ANIMAIS SILVESTRES
- CAD 3 - B102 — MONITORAMENTO DE ANIMAIS SILVESTRES
- CAD 3 - B106 — EDUCAÇÃO AMBIENTAL
- CAD 3 - B107 — TRÁFICO DE ANIMAIS SILVESTRES

12:30 >> 14:30 — INTERVALO PARA ALMOÇO

SÍNTESE DO DIA

14:30 >> 16:30
- CAD 3 - B101 — REABILITAÇÃO DE ANIMAIS SILVESTRES
- CAD 3 - B107 — MONITORAMENTO DE ANIMAIS SILVESTRES
- CAD 3 - B106 — EDUCAÇÃO AMBIENTAL
- CAD 3 - B107 — TRÁFICO DE ANIMAIS SILVESTRES

16:30 >> 17:00 — CAD 3 — INTERVALO

PALESTRAS SIMULTÂNEAS

17:00 >> 18:00

CAD 3 - B101

CAROLINE LEUCHTENBERGER
Projeto Ariranhas
Projeto Ariranhas: ações de conservação da maior lontra do mundo

CAD 3 - B106

LUÍS FÁBIO SILVEIRA
Projeto Bicudos
Integrando Coleções científicas, trabalho de campo e criação em cativeiro para a conservação

CAD 3 - B102

LARA NORBERTO
Refauna
Reintrodução da arara-canindé Parque Nacional da Tijuca

CAD 3 - B107

FABRICIO SURUÍ
Centro Cultural Indígena Paiter Wagôh Pakob
Etnozoologia e Etno/Primatologia na Amazônia: Espécies-Chave Culturais e Caminhos estratégicos para a Conservação

18:00 >> 18:30 — ENCERRAMENTO

18:30 >> 19:30 — COQUETEL

10/04 MINICURSOS

08:00 >> 12:00

FABIANO MELO
MIB/UFV

LUCAS KALADO
LOG Nature
Monitoramento da Fauna Silvestre com Drones: Tecnologias Termal e VHF
Sala de aula da Estação Ecológica
Espaço Externo Estação Ecológica

13:00 >> 17:00

VANESSA KANAAN
Instituto Fauna Brasil
Fundamentos da Reabilitação da Fauna Silvestre: da Recepção à Destinação Final
Sala B101 CAD 3

08:00 >> 12:00

RAFAEL MITSUO
Mantiqueira Wild

13:00 >> 17:00
Natureza Audiovisual: O seu olhar a serviço da conservação
VOA Estação Ecológica
Espaço Externo Estação Ecológica

13:00 >> 17:00

MARCELO VASCONCELOS
PUC-BH
Taxidermia científica de aves
Sala B102 CAD 3

13:00 >> 17:00

FLAVIO UBAID
UEMA
Introdução ao Monitoramento Acústico Passivo
Espaço Externo da Estação Ecológica
Sala aula da Estação Ecológica

08:30 >> 12:30

CRISTIANO SCHETINI
UFOP

CYNTHIA CIPRESTE
FUNDAÇÃO ZOOBOTÂNICA
A arte do Enriquecimento Ambiental: promovendo o bem estar de animais silvestres
Fundação Zoobotânica de BH

CONSERVAÇÃO DA FAUNA SILVESTRE

Alguns morfotipos de *Adelphobates galactonotus* (sapo-ponta-de-flecha) são mais ameaçados pela perda de cobertura vegetal na Amazônia?

Camila C. Narciso*[1]; Filipe C. Serrano[1].

[1] Laboratório de Ecologia, Evolução e Conservação de Anfíbios e Répteis, Departamento de Ecologia, Universidade de São Paulo, 05508-090, São Paulo-SP, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: camilacason@usp.br

Adelphobates galactonotus é um sapo dendrobatídeo endêmico da Amazônia brasileira. Esta espécie venenosa apresenta coloração aposemática – cores vibrantes que advertem os predadores sobre a presença de substâncias tóxicas em sua pele. Além disso, apresenta uma ampla variedade de morfotipos, com coloração dorsal que varia geograficamente. Com a perda generalizada de habitat na Amazônia, o desmatamento pode afetar indiretamente a eficácia da coloração aposemática, já que a perda de dossel influencia a quantidade de luz que atinge o solo, alterando assim a aptidão de algumas populações. Contudo, a potencial perda de coloração devido ao desmatamento permanece pouco estudada. Este projeto visa investigar se diferentes morfologias de cor de *A. galactonotus* são igualmente ameaçadas pela perda de habitat. Como o desmatamento na Amazônia não está distribuído aleatoriamente, esperamos que a perda de habitat não seja distribuída igualmente entre morfotipos. Para isso, complementamos registros da literatura com registros de ciência cidadã da plataforma iNaturalist, classificando os indivíduos em morfotipos baseados na coloração dorsal (n=159). As categorias de uso da terra foram obtidas da plataforma MapBiomas para os anos de 1985, 2000, 2015 e 2024. Em seguida, utilizamos modelos lineares mistos espaciais para testar se a cobertura florestal mudou com o ano e/ou com os morfotipos, usando o ID como variável aleatória e considerando a autocorrelação espacial. Utilizamos seleção de modelos para escolher o mais parcimonioso. Posteriormente, comparamos as inclinações para testar as diferenças na perda de cobertura florestal entre os morfotipos. O melhor modelo incluiu tanto o ano quanto o morfotipo, e nossos resultados mostram que há perda generalizada de cobertura florestal ao longo dos anos para quase todos os morfotipos, sendo especialmente alta para indivíduos classificados como *"white-spotted"*, assim como para os classificados como *"red"*, *"light-blue sky"* e *"yellow"*. Contudo, para dois morfotipos (*"yellow with black vermiculations"* e *"black with green to blue spots"*), a perda de cobertura florestal não foi significativa. O desmatamento apresentou agrupamento espacial, exceto para o morfotipo "orange". Em geral, demonstramos que alguns morfotipos estão sendo afetados de forma desigual pela perda da cobertura florestal. Assim, a perda de habitat na Amazônia pode impactar a diversidade da coloração dorsal deste sapo venenoso. Nossos resultados podem ajudar a compreender como o desmatamento pode ameaçar desigualmente alguns morfotipos, levando à potencial perda da diversidade de cores em espécies carismáticas coloridas. Isso permitirá embasar planos de ação para a conservação da espécie.

Palavras-chave: Herpetofauna, Diversidade morfo típica, Coloração, Condições de paisagem.
Agradecimentos: Universidade de São Paulo, Instituto de Biociências.

Análise de atendimentos da fauna silvestre do Ambulatório de Animais Selvagens da Universidade Federal de Lavras e suas relações estacionais

Pâmela M. M. Zanella*[1]; Bárbara R. Sousa[2]; Clara L. Arouca[2]; Samantha M. Favoretto[2].

[1] Departamento de Biologia, Universidade Federal de Lavras,37200-000, Lavras-MG, Brasil.
[2] Departamento de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Lavras, Lavras-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: pamelazanellatk@gmail.com

O número de atendimentos de animais silvestres varia de acordo com os meses do ano e muitos fatores podem ser responsáveis por essa variação. A Universidade Federal de Lavras, situada no sul de Minas Gerais, em zona ecotonal entre os biomas Cerrado e Mata Atlântica, atende indivíduos da fauna silvestre por todo o ano no Ambulatório de Animais Selvagens(AMAS). O presente estudo buscou analisar o recebimento mensal de animais ao longo dos anos e suas possíveis relações estacionais. No período de 2022 a 2025 foram recebidos 1271 animais, sendo a primavera (setembro a dezembro) o período com maior número de recebimentos (421 animais). As aves foram o grupo com maior número de atendimentos (73%, 930), seguido de mamíferos(22%, 280) sendo o restante invertebrados, anfíbios e répteis. Dentre as aves, a espécie *Psittacara leucophthalmus* foi a mais predominante (28,39%), assim como *Didelphis aurita* (53%) entre mamíferos. Os resultados corroboram outros estudos de centros de atendimento, nos quais as aves são a classe majoritária, porém divergem nos meses de dezembro e janeiro, quando outros centros registram maior número de recebimentos. O baixo número de atendimento nestes meses no AMAS se explica pelo fechamento de um mês das férias do Hospital Veterinário, assim como pela diminuição da população na cidade neste período. A ocorrência de um número maior de atendimento na primavera condiz com a estação reprodutiva de muitas espécies, em que há maior atividade, principalmente das fêmeas, intensificando conflitos antrópicos. Em aves, fatores ambientais como abundância de alimento e ocorrência de chuvas atuam como principais estímulos para o início da reprodução, características marcantes da primavera. A *P. leucophthalmus* apresenta comportamento reprodutivo nesse período. Por ser uma espécie sinantrópica, apresenta maior contato com a população humana, o que resulta no encaminhamento de indivíduos ao AMAS devido a quedas de ninhos construídos em telhados de domicílios e ao garroteamento de membros de ninhegos causado pelo uso de fios artificiais na nidificação. Em *D. aurita*, o início da reprodução é em julho, quando filhotes, deixam o marsúpio, por volta de setembro e outubro, podem se perder da mãe e são frequentemente encontrados por civis, sendo encaminhados ao AMAS como órfãos. Em suma, a relação da urbanização e sinantropia associada ao período reprodutivo faz com que haja o aumento de conflitos antrópicos e, consequentemente, o aumento dos atendimentos no AMAS.

Palavras-chave: Animais silvestres, Sazonalidade, Impactos antrópicos.

Análise do impacto antrópico no comportamento de sagui-de-tufo-preto (*Callithrix penicillata*) em área urbana

Giovanna de M. Inácio*[1]; Karine Luísa de Souza[1]; Carolina R. da Silva[2]; Lucas Belchior S. de Oliveira[1]; Camila Stefanie F. de Oliveira[1].

[1] Laboratório de Epidemiologia e Bioestatística, Departamento de Medicina Veterinária Preventiva, Universidade Federal de Minas Gerais, CEP, Belo Horizonte - MG, Brasil.
[2] Laboratório de Doenças das Aves, Departamento de Medicina Veterinária Preventiva, Universidade Federal de Minas Gerais, CEP, Belo Horizonte - MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: gdmicontato@gmail.com

Em um cenário de acelerada urbanização e fragmentação de habitats naturais, o sagui-de-tufo-preto (*Callithrix penicillata*) tem se tornado cada vez mais frequente em ambientes urbanos. Apesar do potencial de flexibilidade comportamental da espécie, ainda existem lacunas sobre os efeitos da interferência antrópica sobre suas ações e interações sociais. Este estudo teve como objetivo comparar a diversidade comportamental de grupos de *C. penicillata* em áreas com diferentes níveis de impacto humano. A pesquisa foi conduzida no Campus Pampulha da UFMG, sob licenças CEUA n.º 296/2024, SISBIO n.º 96399-1 e da Estação Ecológica. As observações, realizadas pelo método *scan* em intervalos de 30 segundos, ocorreram ao longo de seis meses consecutivos, totalizando 71 sessões. Os comportamentos foram classificados segundo o grau de impacto antrópico da área de coleta (um: baixo, dois: moderado e três: elevado), cuja delimitação considerou a densidade de presença humana direta e indireta, incluindo presença visual e sonora. O Índice de Diversidade Comportamental (IDC) foi calculado conforme a equação - $\sum_{i=1}^{B} pi\ log\ (1/pi)$, em que B é o número de categorias comportamentais e pi é a proporção do comportamento i. As áreas um, dois e três apresentaram IDC de 0,82, 0,86 e 0,80, respectivamente. Houve diferença nas frequências comportamentais entre as áreas ($p < 0,05$), com destaque para comportamentos de catação, mais expressivos na área três, e para respostas de fuga associadas a interações agonísticas e redução de visibilidade, predominantes na área um ($p < 0,05$), destacando a hipótese de correlação positiva entre a influência antrópica e comportamentos de conflito. O estado de alerta representou aproximadamente 27% dos registros nas áreas um e dois e cerca de 30% na área três, indicando maior vigilância em ambientes mais perturbados. Apesar do IDC similar entre áreas indicar a manutenção de um repertório amplo, a variação na frequência de exibição de determinados tipos de comportamentos, como agonísticos e de alerta, sugerem uma influência antrópica e uma tentativa de adaptação a esses impactos. Embora o número de observações por área tenha sido desigual, os resultados evidenciam que o incremento da pressão antrópica influencia a diversidade e a frequência de comportamentos exibidos por *C. penicillata* em contexto urbano, sendo um fator preditivo para impactos na ecologia urbana, bem-estar único e saúde coletiva.

Palavras-chave: Primatas urbanos, Monitoramento de fauna, Etologia.

Cardápio mineiro: recursos alimentares do papagaio-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*) em Dom Joaquim, Minas Gerais.

Izadora Cabral*[1]; Clara G. de Freitas[1]; Isabela G. Ferreira[1]; Laura G. Fortini[1]; Paula G. Lima[1,2]; Victor Franzone[1]; Cristiano S. de Azevedo[3]; Ariela C. Celeste[1].

[1] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, 31814-620, Belo Horizonte/MG, Brasil.
[2] Laboratório de Ecologia e Conservação, Programa de Pós-Graduação em Ecologia, Conservação e Manejo da Vida Silvestre, Universidade Federal de Minas Gerais, 31270-901, Belo Horizonte/MG, Brasil.
[3] Departamento de Biodiversidade, Evolução e Meio Ambiente, Instituto de Ciências Exatas e Biológicas, Universidade Federal de Ouro Preto, Campus Morro do Cruzeiro, 35400-000, Ouro Preto/MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: izadoracabralmartins@gmail.com

O papagaio-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*) tem como principal item alimentar descrito na literatura a semente de araucária (*Araucaria angustifolia*). Entretanto, ainda são escassos os estudos que caracterizam a dieta da espécie em regiões onde a araucária não ocorre. A associação recorrente entre o papagaio-de-peito-roxo e a araucária pode ter gerado um viés científico, resultando na subvalorização de pesquisas e estratégias de manejo voltadas a populações estabelecidas fora das Florestas de Araucária. O presente estudo foi desenvolvido no âmbito do Projeto Voar: Papagaio-de-peito-roxo, realizado pelo Waita, que visa a reabilitação e monitoramento pós-soltura de indivíduos da espécie. Tem como objetivo descrever a diversidade alimentar de *A. vinacea* na região de Dom Joaquim, Minas Gerais, município situado na Bacia do Rio Doce e inserido no bioma Mata Atlântica, onde não há ocorrência natural de *A. angustifolia*. A coleta de dados foi realizada entre 2022 e 2025, durante o monitoramento dos animais, por meio de observações comportamentais diretas em campo e do levantamento de informações junto a moradores locais acerca da alimentação de indivíduos translocados e nativos em vida livre. Foram registradas 29 espécies vegetais consumidas, em maioria das famílias Fabaceae e Myrtaceae, sendo 17 de origem nativa, como *Aegiphila integrifolia*, *Guarea guidonia* e *Myrcia splendens*, seis naturalizadas, como *Psidium guajava*, *Carica papaya* e *Eriobotrya japonica*, cinco cultivadas, como *Tipuana tipu*, *Ficcus americana* e *Eucalyptus sp.*, e uma exótica, *Brachiaria sp.* Os dados obtidos reforçam que, embora o papagaio-de-peito-roxo mantenha associação histórica com as Florestas de Araucária, essa relação não configura dependência alimentar obrigatória em todas as populações atualmente. A diversidade de itens registrados na área de estudo indica capacidade adaptativa e flexibilidade trófica, possivelmente relacionadas a pressões ecológicas e à dinâmica de disponibilidade de recursos. Esses achados reforçam a necessidade de ampliar o enfoque geográfico das pesquisas sobre a espécie, incorporando áreas fora do domínio clássico da araucária. Tal ampliação é essencial para fundamentar estratégias de manejo e conservação mais realistas, regionais e eficazes para a manutenção das populações de *A. vinacea* em um cenário de contínua fragmentação da Mata Atlântica.

Palavras-chave: Conservação, Ecologia comportamental, Descrição alimentar, Psitacídeos.

Agradecimentos: Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, Loro Parque Fundación, Instituto Estadual de Florestas (IEF) e Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Fazenda Esperança, Prefeitura Municipal e comunidades de Dom Joaquim.

Densidade de estocagem e sobrevivência do ciclídeo africano *Chindongo saulosi* em sistema de recirculação de água

Franklin Fernando B. da Costa[1,2]; Sthefany C. A. Fraga[1]; Vinícius M. Bezerra[1]; Edgar de A. Teixeira[1]; Luisa A. A. Silva[1]; Érika R. de Alvarenga[1]; Eduardo M. Turra[1]; Marcos A. da Silva[1]; Daniele S. de Melo[1]; Leonardo B. Lara[1].

[1] Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[2] Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (EPAMIG), Belo Horizonte-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: franklin.costa@epamig.br

A produção de peixes ornamentais contribui para a conservação de espécies e para a redução da coleta de indivíduos em ambientes naturais, sendo necessário desenvolver protocolos de cultivo eficientes. O ciclídeo africano *Chindongo saulosi* possui grande relevância no comércio ornamental, porém existem poucas informações sobre densidade de estocagem para sua produção. O presente estudo avaliou o efeito de diferentes densidades de estocagem sobre sobrevivência, qualidade da água e viabilidade produtiva da espécie em sistema de recirculação. Foram utilizados 600 peixes com três meses de idade distribuídos em cinco tratamentos (oito, 16, 24, 32 e 40 peixes por unidade experimental) com cinco repetições em caixas circulares contendo 30 L de água útil. O experimento teve duração de 57 dias. Os parâmetros de qualidade da água (temperatura, pH, oxigênio dissolvido e salinidade) foram monitorados diariamente, enquanto amônia total e nitrito foram avaliados semanalmente. A sobrevivência e os parâmetros de qualidade da água foram analisados por testes não paramétricos de Mann-Whitney e Kruskal-Wallis ($p<0,05$). A sobrevivência variou entre 95% e 100% sem diferenças entre as densidades avaliadas, e os parâmetros de qualidade da água permaneceram dentro das faixas adequadas para a espécie. A maior densidade testada, equivalente a aproximadamente um peixe para cada 3,75 L de água, não comprometeu a estabilidade do sistema nem a sobrevivência dos animais. Os resultados indicam que densidades mais elevadas podem ser adotadas na produção de *C. saulosi*, contribuindo para maior eficiência no uso do espaço em sistemas de cultivo ornamental.

Palavras-chave: Aquicultura ornamental, Sistema de recirculação, Taxa de sobrevivência, Manejo de densidade.

Agradecimentos: CAPES, CNPq e FAPEMIG

Diagnóstico das translocações de vertebrados para conservação no Brasil

Catharina Kreischer*[1]; Gerson Buss[2]; Izabel B. de Garcia[3]; Janaina Aguiar[4]; Marina Somenzari[5]; Mônica M. Montenegro[6]; Roberta Boss[7]; Rosana Subirá[8].

[1] Refauna, Rio de Janeiro-RJ, Brasil.
[2] Centro Nacional de Pesquisa e Conservação dos Primatas Brasileiros (CPB), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Cabedelo - PB, Brasil.
[3] Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Peixes Continentais (CEPTA), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Pirassununga-SP, Brasil.
[4] Diretoria de Proteção à Fauna, Instituto Estadual de Florestas, Belo Horizonte – MG, Brasil.
[5] Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres (CEMAVE), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Cabedelo – PB, Brasil.
[6] Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Primatas Brasileiros, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, João Pessoa – PB, Brasil.
[7] Sociedade de Pesquisa em Vida Selvagem e Educação Ambiental, Curitiba – PR, Brasil.
[8] Centro de Sobrevivência de Espécies Brasil (CSE Brasil), IUCN SSC, Foz do Iguaçu - PR, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: catharina.kreischer@gmail.com

A translocação de fauna é uma ferramenta utilizada na conservação para restaurar populações e funções ecológicas em ecossistemas degradados. Este estudo teve como objetivo diagnosticar o cenário das translocações de vertebrados no Brasil, identificando espécies envolvidas, tipos de manejo e distribuição das iniciativas. Para isso, foram utilizadas duas abordagens metodológicas complementares: (1) levantamento de autorizações de pesquisa no Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade, com busca por palavras-chave relacionadas à movimentação de fauna, seguido da triagem e classificação das iniciativas segundo os critérios da União Internacional para Conservação da Natureza; (2) aplicação de três questionários a órgãos ambientais estaduais e superintendências do IBAMA, abrangendo translocações associadas a projetos de pesquisa, licenciamento ambiental e atividades de Centros de Triagem e Reabilitação de Animais Silvestres. As respostas foram sistematizadas e analisadas quanto ao tipo de manejo, espécies e localização. Considerou-se como "soltura simples" todas as ações envolvendo deslocamento de indivíduos, enquanto "translocação para conservação" incluiu apenas aquelas com objetivos populacionais ou ecossistêmicos definidos. Foram identificadas 155 iniciativas, das quais 52 (33,5%) corresponderam a translocações para conservação. A maioria dessas ações (92,3%) originou-se em projetos de pesquisa e concentrou-se na região Sudeste (38%). Foram registradas 50 espécies, com predominância de mamíferos (38,5%) e aves (32,7%), e destaque para estratégias de reforço populacional (28 projetos) e reintrodução (16 projetos). Os resultados evidenciam lacunas conceituais e operacionais na distinção entre soltura simples e translocação para conservação, indicando a necessidade de padronização de conceitos, aprimoramento metodológico e maior integração com instrumentos de planejamento da conservação.

Palavras-chave: Animais silvestres, Manejo de fauna, Revisão bibliográfica.

Agradecimentos: Fundação Grupo Boticário

Distribuição temporal de eventos de defecação de cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*) em vida livre

Mariana T. Abramo*[1,2,3]; Laís J. de Souza[1,2]; José M. B. Duarte[1].

[1] Núcleo de Pesquisa e Conservação de Cervídeos (NUPECCE), Jaboticabal, SP, Brasil.
[2] Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Programa de Pós-graduação em Ciências Veterinárias, Jaboticabal, SP, Brasil.
[3] Tropical Sustainability Institute (TSI), Carapicuíba, SP, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: marianaabramo@hotmail.com

O monitoramento fisiológico de animais silvestres por métodos não invasivos é uma ferramenta importante para estudos de conservação, permitindo a avaliação hormonal sem a necessidade de captura ou manipulação direta dos indivíduos. A obtenção de amostras fecais frescas em animais de vida livre depende do acompanhamento dos indivíduos até a ocorrência da defecação, sendo relevante compreender a distribuição temporal desses eventos. O presente estudo teve como objetivo avaliar a ocorrência de eventos de defecação ao longo do dia em cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*) em ambiente natural, visando identificar o período mais eficiente para a coleta de fezes frescas *in situ*. As observações foram realizadas na região do Passo do Lontra (Pantanal-sul-mato-grossense), em duas campanhas: outubro de 2025 (época seca, seis dias em campo) e janeiro de 2026 (época chuvosa, dez dias em campo). Os animais foram localizados por buscas em estradas e acompanhados à distância com auxílio de binóculos até a ocorrência da defecação, sendo registrados os horários de avistamento e de defecação. Os eventos de defecação foram atribuídos a indivíduos distintos dentro de cada campanha, com base em características externas visíveis e nos diferentes locais de observação. Em outubro, foram registrados 24 eventos de defecação e, em janeiro, 11. Para análise, os eventos foram agrupados em dois períodos do dia: manhã (08h12h) e tarde (12h–18h), com horários padronizados para UTC–3. Em outubro, 33,3% dos eventos ocorreram no período da manhã (n=8) e 66,7% no período da tarde (n=16). Em janeiro, 18,2% dos eventos ocorreram no período da manhã (n=2) e 81,8% no período da tarde (n=9). A detecção de indivíduos foi maior no período da tarde em ambas as campanhas, o que influenciou diretamente na obtenção das amostras. Os resultados indicam maior ocorrência de eventos de defecação no período da tarde. No entanto, esse padrão pode estar parcialmente associado à maior visibilidade dos animais nesse período, e não exclusivamente a diferenças na frequência de defecação. Ainda assim, os dados sugerem que o período da tarde apresenta maior probabilidade de avistamento da espécie e de obtenção de amostras fecais recém-depositadas em campo. Essas informações são relevantes para o planejamento de estratégias de amostragem em estudos de endocrinologia não invasiva e monitoramento fisiológico do cervo-do-pantanal em ambientes naturais.

Palavras-chave: Monitoramento hormonal não-invasivo, Cervídeo, Coleta de fezes, Padrão temporal, Conservação da fauna.

Agradecimentos: CAPES; FAPESP.

Ecologia e comportamento alimentar de sagui-de-tufo-preto (*Callithrix penicillata*) em fragmento de área urbana: existe variação sazonal?

Karine Luísa de Souza*[1]; Giovanna de M. Inácio[1]; Carolina R. da Silva[2]; Lucas Belchior S. de Oliveira[1]; Camila Stefanie F. de Oliveira[1].

[1] Laboratório de Epidemiologia e Bioestatística, Departamento de Medicina Veterinária Preventiva, Universidade Federal de Minas Gerais, CEP, Belo Horizonte - MG, Brasil.
[2] Laboratório de Doenças das Aves, Departamento de Medicina Veterinária Preventiva, Universidade Federal de Minas Gerais, CEP, Belo Horizonte - MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: karinesouza9621@gmail.com

O sagui-de-tufo-preto (*Callithrix penicillata*) apresenta alta plasticidade comportamental, o que favorece sua adaptação a ambientes antropizados. Com a fragmentação dos habitats naturais, essa espécie tem ocupado áreas urbanas, ajustando suas estratégias alimentares conforme a sazonalidade dos recursos disponíveis. Este estudo investigou, por meio de avaliação comportamental, a influência da sazonalidade na escolha e frequência dos itens alimentares consumidos por *C. penicillata* em um fragmento urbano. A pesquisa foi conduzida no Campus Pampulha da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) durante as estações de primavera e inverno, mediante autorizações CEUA 296/2024, SISBIO 96399-1 e da Estação Ecológica da UFMG. Os comportamentos foram registrados pelo método de amostragem *scan* em intervalos de 30 segundos, contabilizando 497 observações no inverno e 327 na primavera. Os dados foram organizados por estação e categoria comportamental e analisados por meio do teste exato de Fisher para independência. Foram observadas diferenças na frequência de comportamentos de forrageamento entre estações ($p < 0,05$), sendo maior na primavera. Além disso, comportamentos específicos, como busca por resíduos e alimentos humanos, foram exclusivos no inverno. No inverno, observou-se maior consumo de seiva (38,7%), folhas (22,6%), alimentos humanos (9,7%) e ração de felinos (9,7%). Na primavera, prevaleceram folhas (27,3%), seiva (27,3%), insetos (22,7%) e frutas (13,6%). Essa variação reflete a diversidade alimentar da espécie, relacionada à maior disponibilidade de frutas e insetos na primavera, incluindo cigarras (*Cicadidae sp.*), jambo amarelo (*Syzygium jambos*), banana (*Musa spp.*) e jaca (*Artocarpus heterophyllus*). No inverno, a escassez desses recursos levou ao incremento de alimentos de origem antrópica e ao consumo de seiva e folhas, principalmente de árvores Fabaceae. Apesar da diferença no número de observações por estação, o estudo demonstra a variabilidade sazonal no comportamento de forrageio e na composição dietética de *C. penicillata*, reforçando a importância desse conhecimento para o manejo da fauna em ambientes urbanos.

Palavras-chave:: Conservação, Etologia, Forrageamento.

Efeitos espécie-específicos de estradas pavimentadas e não pavimentadas nos mamíferos de médio e grande porte em agroecossistemas

Juliana B. de Lima*[1]; Danilo Boscolo[2]; Fernando Ascensão[3]; Adriano G. Chiarello[1].

[1] Laboratório de Ecologia e Conservação, Departamento de Biologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP), 14040-900, Ribeirão Preto-SP, Brasil.
[2] Laboratório de Ecologia e Análise de Paisagens, Departamento de Biologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP), 14040-900, Ribeirão Preto-SP, Brasil.
[3] Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (FCUL), Lisboa, Portugal.

*E-mail do autor correspondente: julianablima@usp.br

A expansão da rede de estradas resulta na fragmentação de habitats, perda de áreas nativas e degradação ambiental. Somados à mortalidade por colisões, esses fatores comprometem a fauna e elevam o risco de extinção. Impactos de vias pavimentadas e não pavimentadas raramente são distinguidos, uma lacuna crítica em agroecossistemas onde estradas de terra predominam, mas seus efeitos são pouco compreendidos. Assim, utilizamos dados de armadilhas fotográficas e transectos para investigar como a densidade desses dois tipos de estradas afeta mamíferos nativos de médio e grande porte em 55 paisagens agrícolas do Cerrado paulista, e se esses impactos são modulados pelo contexto da paisagem. Quantificamos a densidade de estradas combinando diferentes bases de dados, e métricas da paisagem foram calculadas via pacote landscapemetrics no *software R*. Os Modelos Lineares Generalizados e Modelos de Ocupação foram ranqueados via Critério de Informação de Akaike. Nossos resultados demonstram que, embora a riqueza de espécies não tenha sido afetada, a composição e abundância das espécies responderam de formas distintas e contexto-dependentes. A interação entre rodovias e cobertura nativa modulou a presença de especialistas florestais (β=-0,31; p=0,017; IC95%=[-0,56;-0,06]) e a abundância da cutia (*Dasyprocta azarae*) (β=-0,57; p=0,042; IC95%=[-1,13;-0,01]). Em paisagens conservadas, a alta densidade de rodovias opera como uma barreira, enquanto em cenários degradados pode atuar como rotas de deslocamento ou abrigo marginal. Rodovias reduziram a abundância da onça-parda (*Puma concolor*) (β=-0,48; p=0,04; IC95%=[-0,94;-0,02]) e do lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), com efeito modulado e atenuado pela distância dos fragmentos (β=0,84; p=0,001; IC95%=[0,34;1,34]). Já as estradas de terra mostraram-se mais permeáveis, aumentando a abundância desses carnívoros (Lobo: β=0,91; p=0,0009; IC95=[0,37;1,45]; Onça: β=0,64; p=0,02; IC95%=[0,10;1,18]). O tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*) apresentou uma resposta não linear, com picos de abundância em extremos de densidade viária (β=0,41; p=0,015; IC95%=[0,09;0,73]). Esse padrão sugere que a interface entre a estrada de terra e a matriz pode ampliar oportunidades de forrageio, enquanto cenários intermediários não sustentam a integridade populacional nem oferecem vantagens de borda. Os resultados encontrados revelam que o tipo de estrada e o contexto da paisagem são determinantes para a mitigação e compreensão de impactos na biodiversidade.

Palavras-chave: Mastofauna, Ecologia de Estradas, Cerrado.

Agradecimentos: O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processos nº 2025/05874-6; 2024/16938-2 e 2016/19106-1.

Entre rochas e painéis solares: Importância dos afloramentos rochosos para conservação do *Kerodon rupestris* (mocó) em áreas do norte de Minas Gerais

Ana Clara Leandro*[1]; Adriano P. Paglia[1]; Rodrigo L. Massara[1]; Flávio H. G. Rodrigues[1]; Marcela Frias[1]; Luiz A. D. Falcão[2].

[1] Laboratório de Ecologia e Conservação, Departamento de Ecologia, Conservação e Manejo da Vida Silvestre, Universidade Federal de Minas Gerais, 31270010, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[2] Laboratório de Ecologia Evolutiva, Departamento de Biologia Geral, UNIMONTES, Montes Claros-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: anaclarald06@gmail.com

Espécies com distribuição restrita tendem a ser mais sensíveis às variações ambientais, pois frequentemente dependem de condições e recursos específicos para sobreviver e se reproduzir. Em alguns casos, as exigências são ainda mais rigorosas, envolvendo micro ecossistemas formados por combinações específicas de múltiplos fatores. Esse é o caso do mocó, *Kerodon rupestris*, um roedor herbívoro, endêmico da Caatinga e altamente especializado e adaptado a afloramentos rochosos. Neste estudo, investigamos os fatores ambientais que influenciam a intensidade de uso do habitat pela espécie e estimamos sua densidade populacional em duas áreas do norte de Minas Gerais: o Parque Estadual da Mata Seca (PEMS) e um lajedo adjacente a um complexo de energia solar. Utilizamos armadilhas fotográficas e amostragem por distância em transecções lineares para avaliar os efeitos da disponibilidade de fendas rochosas (*i.e.*, abrigos), densidade da vegetação, sazonalidade, abundância de predadores e da presença da usina fotovoltaica sobre a densidade e o uso do habitat pela espécie. Observamos uma correlação positiva entre a presença de fendas rochosas e a intensidade de uso do habitat, sugerindo que essas estruturas funcionam como refúgio contra predadores e fornecem micro ambientes mésicos em um ambiente semiárido. Em contrapartida, densidade da vegetação, sazonalidade e abundância de predadores não apresentaram influência, possivelmente devido à plasticidade comportamental da espécie e à oferta consistente de abrigos. A presença da usina fotovoltaica também não alterou o padrão de uso do habitat, provavelmente porque os afloramentos rochosos permaneceram preservados. Não detectamos diferenças significativas na densidade populacional entre as áreas, com exceção da estação chuvosa no PEMS (3,16 ind/ha), quando houve redução na densidade populacional possivelmente associada a processos demográficos sazonais ou à dispersão entre lajedos. Nossos resultados sugerem que *K. rupestris* apresenta certa resistência a pequenos distúrbios antrópicos, desde que seus micro-habitats essenciais sejam preservados. O estudo reforça a urgência de aprofundar o conhecimento sobre os mecanismos que regulam a dinâmica populacional da espécie, especialmente em contextos de paisagens antropizadas.

Palavras-chave: Caviidae, Conservação, Ecologia populacional.

Agradecimentos: CAPES, CNPQ, Atlas Renewable Energy, EPB Brasil, ECMVS.

Estudo genético de duas populações remanescentes de bicudos (*Sporophila maximiliani*; Cabanis, 1851) na bacia do Rio Doce e suas implicações para conservação

Ana Maria O. Paschoal*[1]; Amanda A. M. Ximenes [2,3]; Júllia C. Reis[2,3]; Vitor L. Lopes[1]; Wander U. Mesquita[1]; Ariela C. Celeste[1], Magda Rocha[1].

[1] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, Belo Horizonte/MG, Brasil.
[2] Floresta Cheia Instituto de Conservação Ambiental, Goiânia/GO, Brasil
[3] Universidade Federal de Goiás, Goiânia/GO, Brasil

*E-mail do autor correspondente: anamuzenza@gmail.com

O bicudo (*Sporophila maximiliani*) é uma ave criticamente ameaçada, com cerca de 250 indivíduos adultos na natureza. Territorial, está associado a ambientes úmidos e alagadiços, como brejos e veredas. As principais ameaças são a perda e fragmentação desses habitats e o comércio ilegal, impulsionado pelo valor de seu canto. Embora tenha ampla distribuição histórica no Brasil, os registros da espécie são raros e esparsos. Após 80 anos sem registros em Minas Gerais, em 2020/2021 a equipe do Waita identificou duas populações remanescentes no entorno do Parque Estadual do Rio Doce, uma a nordeste e outra ao sul, atualmente monitoradas. Este estudo teve como objetivo caracterizar geneticamente as populações de bicudos amostradas entre 2020 e 2024 e compará-las à indivíduos cativos, visando subsidiar a seleção de animais para futuros programas de translocação. Foram analisadas 16 amostras de indivíduos silvestres e 111 amostras de aves mantidas em criadouros autorizados. Após extração e quantificação do DNA, apenas uma amostra foi descartada por apresentar baixa qualidade. As análises incluíram marcadores microssatélites, para avaliar diversidade genética, parentesco e endogamia, e sequenciamento de DNA mitocondrial (*DNA Barcode*), para confirmação da identidade molecular. Os resultados confirmaram que todos os indivíduos, silvestres e cativos, são *S. maximiliani*. Observou-se diversidade genética moderada a alta nas populações silvestres, indicando manutenção de variabilidade relevante para a conservação. Bicudos de criadouros apresentaram maior similaridade genética entre si, enquanto as populações naturais mostraram diferenciação em relação a parte dos plantéis cativos. O brejo a nordeste do parque apresentou haplótipos exclusivos, destacando-se como importante reservatório genético. As populações dos brejos norte e sul são geneticamente distintas. Apesar dessas diferenças, houve compatibilidade genética entre indivíduos silvestres e cativos, indicando viabilidade para estratégias de reforço populacional. De modo geral, as populações naturais são geneticamente diversas, embora haja sinais de endogamia e de indivíduos geneticamente aparentados. Os resultados fornecem base técnica para ações futuras de conservação e recuperação da espécie.

Palavras-chave: Conservação *in-situ*, Manejo de fauna, Espécies ameaçadas.

Agradecimentos: CETAS/BH; Parque Estadual do Rio Doce; criatórios - Criatório Primavera, Criatório Ouro Negro, Criatório Central, Criatório São Miguel, Criatório Patrocínio, Criatório Arte de Criar, Criatório Serenata, Ayrton França Marques, Criadouro Picinini, Geriston, Frigineli.

Identificação de *gaps* no conhecimento acerca de padrões comportamentais de felinos silvestres de médio e pequeno porte

Cassio do C. Montes*[1]; Karoline Karen Bicalho-Lima[1].

[1] Zoovet Clínica e Consultoria, 30180-012, Belo Horizonte-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: cassio.c.montes@outlook.com

A difusão de conhecimentos sobre felinos silvestres de médio e pequeno porte ainda é limitada, especialmente no que se refere a indivíduos resgatados que demandam reabilitação para posterior soltura, bem como àqueles mantidos em cativeiro. Espécies do gênero *Leopardus* apresentam hábitos crípticos, baixas densidades populacionais e difícil detecção em ambiente natural, fatores que contribuem para lacunas no entendimento de sua biologia reprodutiva, fisiologia e comportamento. Apesar disso, desempenham papel ecológico relevante como mesopredadores, contribuindo para o equilíbrio das teias tróficas. Diante desse cenário, o presente estudo teve como objetivo identificar lacunas de conhecimento relacionadas aos padrões comportamentais de felinos, com foco no Brasil, por meio de abordagem cienciométrica. Foi realizado levantamento bibliográfico no Portal de Periódicos da CAPES, seguindo o método PRISMA (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*), utilizando os termos *"Leopardus AND Behavior"*. Foram considerados artigos publicados entre 1998 e 2026. Dos 299 trabalhos inicialmente encontrados, foram excluídos aqueles que abordavam outros clados, sequenciamento genético e vocalizações, resultando em 204 estudos analisados. Estes foram classificados quanto ao ano de publicação, menor nível taxonômico abordado e categoria temática. A análise identificou 22 espécies de felinos com ocorrência nas Américas, sendo oito presentes no Brasil. Observou-se a predominância de estudos em níveis taxonômicos mais amplos, como família, ordem ou classe (n=71). Entre as espécies com ocorrência no território nacional, destacaram-se *Leopardus pardalis* (n=60), *L. geoffroyi* (n=16), *L. colocolo* e *Puma concolor* (n=11), *L. tigrinus* (n=9), *L. guttulus* e *Panthera onca* (n=8) e *Puma yagouaroundi* (n=2). Quanto às categorias temáticas, predominam estudos sobre ecologia, inventário, monitoramento e registros ocasionais (n=94), seguidos por comportamento, enriquecimento ambiental e soltura (n=50), aspectos clínicos e anatômicos (n=22) e captura, descrição e genética (n=16). No recorte comportamental, destacam-se *L. pardalis* (n=20), *L. geoffroyi* (n=7), *L. wiedii*, *L. colocolo*, *P. concolor* e *P. onca* (n=3), *L. guttulus* e *L. tigrinus* (n=2) e *P. yagouaroundi* (n=1). Os resultados evidenciam que os estudos com felinos concentram-se em temáticas específicas, com baixa difusão em áreas como clínica, descrição de espécies, métodos de captura e genética. O presente trabalho traz à luz lacunas no conhecimento sobre o táxon Felidae, subsidiando futuras pesquisas e incentivando a produção e disseminação de dados científicos, com implicações para a conservação e manejo *in situ* e *ex situ*.

Palavras-chave: Felidae, Leopardus, Cienciometria.

Influência da cobertura vegetal e da complexidade estrutural e sonora na ecolocalização de morcegos de cauda livre (Chiroptera: Molossidae) em uma metrópole tropical

Regiane dos S. Dias*[1]; Rodrigo L. Massara[1].

[1] Laboratório de Ecologia e Conservação, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Minas Gerais,31270-910, Belo Horizonte-MG, Brasil

*E-mail do autor correspondente: rhegianedias@gmail.com

A urbanização é responsável por transformar habitats naturais em ambientes artificiais, afetando a fauna local através de ruídos antropogênicos e da configuração da paisagem urbana. A vegetação urbana, embora fragmentada, desempenha um papel fundamental para a sobrevivência de espécies que dependem da comunicação acústica, pois atua como um filtro natural que atenua os impactos da urbanização. Muitas espécies que vivem no ambiente urbano ajustam seus sinais acústicos para melhorar a transmissão sonora, especialmente a frequência, bem documentada em aves. Este estudo buscou investigar como morcegos da família Molossidae ajustam seus parâmetros acústicos de ecolocalização em resposta às características estruturais e sonoras em áreas verdes urbanas. Entre novembro de 2024 e fevereiro de 2025, foram coletados dados acústicos em áreas verdes urbanas de Belo Horizonte/MG utilizando detectores acústicos automatizados. Foram extraídos parâmetros de duração do pulso, largura de banda e frequências máxima, mínima e de pico. As espécies encontradas foram *Molossus molossus* (Pallas, 1766), *Eumops perotis* (Schinz, 1821) e *Promops centralis* (Thomas, 1915), e os sonótipos *Molossus sp.*, *Eumops sp.*, *Cynomops sp.*, Molossídeo 1 e *Eumops sp./Nyctinomops macrotis*. Os resultados indicaram que a largura de banda e a frequência mínima apresentam maior plasticidade em resposta à paisagem urbana. Em locais com maior cobertura vegetal, houve aumento da frequência mínima e redução da frequência máxima, sugerindo um ambiente acusticamente menos complexo onde os molossídeos utilizam pulsos típicos de espaço aberto para otimizar o alcance dos ecos. Em áreas ruidosas e com edificações densas e elevadas, os morcegos reduziram a duração dos pulsos para evitar a sobreposição de ecos e facilitar a detecção de obstáculos. Nesses ambientes, os indivíduos também elevaram a largura de suas bandas para obter um maior detalhamento do entorno e reduziram a frequência mínima para minimizar a atenuação e aumentar o alcance do sinal em cânions urbanos. Esses dados demonstram que modificações na paisagem sonora e estrutural exercem pressão sobre os sinais acústicos dos morcegos, evidenciando uma plasticidade acústica essencial para a eficiência de comunicação e forrageamento. Isso ressalta a importância das áreas verdes urbanas que preservam os padrões acústicos das espécies, mitigando a necessidade de ajustes compensatórios nos parâmetros acústicos para a sobrevivência em áreas urbanas.

Palavras-chave: Adaptação acústica, Bioacústica, Chiroptera, Ecolocalização, Ecologia urbana.

Agradecimentos: À FAPEMIG pela bolsa, ao ECMVS/UFMG pelo suporte, e a Fundação de Parques Municipais e Zoobotânica de Belo Horizonte pela autorização de coleta nas áreas verdes.

Influência da densidade de estocagem no desempenho zootécnico do ciclídeo ornamental *Chindongo saulosi* em sistema de recirculação

Franklin Fernando B. da Costa[1,2]; Marina T. R. Maia[1]; Vinícius M. Bezerra[1]; Edgar de A. Teixeira[1]; Luisa A. A. Silva[1]; Érika R. de Alvarenga[1]; Eduardo M. Turra[1]; Marcos A. da Silva[1]; Daniele S. de Melo[1]; Leonardo B. Lara[1].

[1] Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[2] Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (EPAMIG), Belo Horizonte-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: franklin.costa@epamig.br

A piscicultura ornamental apresenta crescente relevância econômica e ambiental, contribuindo para a redução da coleta de espécies em ambientes naturais e demandando estudos que otimizem o manejo produtivo. O ciclídeo africano *Chindongo saulosi* destaca-se no mercado ornamental devido ao dimorfismo sexual e ao elevado valor comercial. O objetivo deste estudo foi avaliar a influência de diferentes densidades de estocagem no desempenho zootécnico da espécie em sistema de recirculação de água. Foram utilizados 600 peixes com três meses de idade, distribuídos em cinco tratamentos (oito, 16, 24, 32 e 40 peixes por unidade experimental), com cinco repetições, mantidos em caixas circulares com 30 L de água útil durante 57 dias. Os animais foram alimentados três vezes ao dia e avaliados quanto ao ganho de peso médio, comprimento total e padrão, largura corporal, consumo médio de ração, taxa de crescimento específico e conversão alimentar. A biometria foi realizada por pesagem em balança analítica e medições por fotografia digital. Os dados foram submetidos à análise de variância (ANOVA) seguida do teste SNK ($p<0,05$). O ganho de peso médio variou entre aproximadamente 1,58 e 1,60 g, e o comprimento total entre 4,65 e 4,79 cm, sem diferenças significativas entre as densidades avaliadas ($p>0,05$). O consumo médio de ração apresentou variação entre tratamentos, enquanto a conversão alimentar foi maior nas menores densidades ($p<0,05$). A sobrevivência permaneceu elevada, variando entre 95% e 100%. Os resultados indicam que o aumento da densidade de estocagem não compromete o crescimento de *C. saulosi* em sistema de recirculação, embora influencie parâmetros relacionados à eficiência alimentar. Esses achados contribuem para o desenvolvimento de protocolos de cultivo mais eficientes, favorecendo a produção em cativeiro e reduzindo a pressão de captura sobre populações naturais.

Palavras-chave: Ciclídeo africano, Aquicultura ornamental, Crescimento, Manejo produtivo.

Agradecimentos: CAPES, CNPq e FAPEMIG

Mais do que espaço: como a complexidade do recinto e o enriquecimento ambiental moldam o comportamento e bem-estar de serpentes mantidas sob cuidados humanos

Cristiano S. de Azevedo[1]*; Rennan D. de Arruda[1]; Marcelo Stéfano B. Lucas[2].

[1] Laboratório de Zoologia de Vertebrados, DEBIO, UFOP,35400-000 Ouro Preto-MG, Brasil.
[2] Museu Biológico, Instituto Butantan, São Paulo-SP Brasil.

*E-mail do autor correspondente: Cristiano.azevedo@ufop.edu.br

Compreender como o desenho dos recintos afeta o comportamento é essencial para o bem-estar de serpentes sob cuidados humanos. Este estudo avaliou os efeitos da complexidade estrutural e do enriquecimento ambiental sobre o comportamento, a diversidade comportamental e o uso do espaço em serpentes das famílias Colubridae e Dipsadidae. Foram realizadas observações focais com amostragem instantânea a cada três minutos, totalizando 120h por indivíduo em quatro condições experimentais (recintos simples e complexos, com e sem enriquecimento). Os comportamentos foram registrados com base em um etograma definido a partir de observações preliminares e da literatura especializada, incluindo categorias como inatividade, locomoção, defesa e comportamentos anormais. Recintos complexos incluíam múltiplos recursos estruturais, enquanto os simples careciam deles. Os dados foram analisados por meio de modelos lineares generalizados mistos, nos quais as frequências comportamentais constituíram as variáveis resposta, e complexidade, enriquecimento e sua interação foram incluídos como preditores principais, além de espécie, temperatura, período do dia e local como covariáveis fixas, e dia como efeito aleatório. As distribuições foram definidas conforme a natureza dos dados (binomial negativa ou gaussiana). A significância foi avaliada por meio de testes de Wald ($\alpha = 0,05$). A diversidade comportamental foi quantificada pelo índice de Shannon (H'), analisado como variável resposta em modelos lineares e em ANOVA, e o uso do espaço foi avaliado por meio dos índices de eletividade e do *Spread of Participation Index* modificado (SPI). A complexidade não influenciou a diversidade comportamental ($F = 0,48$; $p = 0,488$), enquanto o enriquecimento aumentou significativamente H' ($F = 10,83$; $p = 0,001$), com interação significativa entre os fatores ($F = 41,67$; $p < 0,001$). GLMMs revelaram interações significativas entre complexidade e enriquecimento para comportamentos defensivos ($z = 4,82$; $p < 0,001$), locomotores ($z = 2,87$; $p = 0,004$) e inatividade ($z = -3,53$; $p < 0,001$). O uso do espaço foi seletivo (SPI elevado), mas tornou-se mais homogêneo com maior complexidade e enriquecimento ($p < 0,001$). Conclui-se que a expressão comportamental resulta da interação entre complexidade e enriquecimento, sendo a complexidade um fator estabilizador e o enriquecimento o principal promotor de diversidade comportamental, com efeitos dependentes do contexto ambiental e da espécie.

Palavras-chave: Complexidade ambiental; Bem-estar de serpentes; Serpentes em cativeiro; Enriquecimento ambiental; Reptilia.

Agradecimentos: Capes, UFOP, Instituto Butantan, Museu Biológico do Instituto Butantan e Programa de Pós-Graduação em Ecologia de Biomas Tropicais.

Principais casuísticas de *Bradypus variegatus* atendidos no CETRAS-UFRA

Hugo M. M. Freitas*[1]; Max V. L. Freire[1]; Matheus C. S. Lobato[1]; Natália B. R. Assis[1]; Caroline S. M. P. Rodrigues[1]; Gabrielly U. Gonçalves[1]; Tauan S. Matos[2]; Ana S. S. Ribeiro[1].

[1] Centro de Triagem e Reabilitação de Animais Selvagens, Universidade Federal Rural da Amazônia, 66007-830, Belém-PA, Brasil.
[2] Hospital Veterinário setor de Animais Silvestres, Universidade Federal do Pará, Castanhal-PA, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: euhugo2004@gmail.com

As preguiças-comuns (*Bradypus variegatus*), por serem animais com adaptação ao ambiente florestal, sofrem com a degradação ambiental, perda de habitat e expansão urbana. Esses fatores aumentam o número de indivíduos encontrados em situação de risco e encaminhados aos Centros de Triagem e Reabilitação de Animais Silvestres (CETRAS), que desempenham papel fundamental no resgate, tratamento e reabilitação desses animais. Com isso, o presente trabalho tem como objetivo analisar as principais casuísticas relacionadas ao internamento de indivíduos de *B. variegatus* atendidos no Centro de Triagem e Reabilitação de Animais Selvagens da Universidade Federal Rural da Amazônia (CETRAS-UFRA), identificando as causas mais frequentes e sua relação com fatores ambientais e antrópicos. A metodologia consistiu na análise de dados obtidos a partir dos registros de internamento de 22 exemplares de preguiças-comuns, no período de 2023 a 2025. As informações foram organizadas em planilha e classificadas conforme o motivo do internamento. Posteriormente, os dados foram quantificados e analisados, possibilitando a identificação dos principais padrões de ocorrência. Os resultados mostraram que a maior casuística de internamento foram de animais encontrados no solo, representando 14 (63,6%) dos casos, em sua maioria filhotes, sendo 12 indivíduos. Esse padrão pode estar associado ao desprendimento dos filhotes durante o transporte materno. Lesões por queimadura e por choque elétrico corresponderam, cada um, a três (13,6%) exemplares, evidenciando o impacto significativo das estruturas urbanas, especialmente redes elétricas, sobre a espécie. Casos classificados como "sem histórico" e aqueles relacionados ao tráfico representaram um (4,5%) registro cada, indicando também a influência direta da ação humana. Os dados reforçam que a maioria dos atendimentos está associada a alterações ambientais decorrentes da urbanização, que aumentam a vulnerabilidade da espécie. Conclui-se que as principais causas de internamento de *B. variegatus* no centro estão relacionadas a fatores antrópicos e à crescente interação com o ambiente urbano. O elevado número de animais encontrados no solo e com lesões provocadas por redes elétricas demonstra a necessidade de medidas preventivas, como ações de educação ambiental e a adequação de infraestruturas urbanas. O trabalho também reforça a importância do CETRAS-UFRA para a reabilitação e conservação da fauna silvestre.

Palavras chaves: Preguiça-comum, Antropização, Reabilitação, Conservação.

Principais causas de admissão e desfechos clínicos em lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) atendidos na Universidade Federal de Lavras (2022-2025)

Bárbara R. Sousa*[1]; Pâmela M. M. Zanella[2]; Clara L. Arouca[1]; Samantha M. Favoretto[1].

[1] Departamento de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Lavras, 37200-000, Lavras-MG, Brasil.
[2] Departamento de Biologia, Universidade Federal de Lavras, Lavras-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: barbara.sousa@estudante.ufla.br

Interações entre fauna silvestre e atividades humanas têm aumentado nas últimas décadas, intensificando a ocorrência de traumas e outras afecções clínicas em canídeos silvestres. Nesse contexto, compreender os fatores que levam ao atendimento veterinário e seus desfechos é essencial para subsidiar estratégias de conservação e manejo. Este estudo analisou retrospectivamente os atendimentos realizados a indivíduos de *Chrysocyon brachyurus* no Ambulatório de Animais Selvagens da Universidade Federal de Lavras entre 2022 e 2025, avaliando causas de admissão e evolução clínica. Foram registrados 11 casos, sendo o atropelamento a principal causa (63,6%), seguido por ataques de cães (18,2%), projétil balístico (9,1%) e causa indeterminada (9,1%). Quanto aos desfechos, houve predominância de eutanásia (45,5%), seguida de encaminhamento (27,3%), óbito durante o tratamento (18,2%) e reabilitação (9,1%). A elevada frequência de atropelamentos evidencia a influência direta da malha viária e da fragmentação de habitat sobre a espécie, aumentando o risco de colisões em áreas de expansão urbana. Os casos envolvendo cães indicam intensificação da interface entre ambientes naturais e áreas antropizadas, favorecendo perseguições e traumas graves. O registro de ferimento por projétil balístico, embora menos frequente, demonstra a persistência de ações intencionais que resultam em lesões severas e pior prognóstico. A alta proporção de desfechos desfavoráveis sugere que muitos indivíduos chegam em estado crítico, refletindo a gravidade das injúrias. Os resultados evidenciam que fatores antrópicos determinam a maioria dos atendimentos e comprometem a sobrevivência da espécie, reforçando a necessidade de medidas preventivas, fiscalização e ações integradas de conservação.

Palavras-chave: Antropização, Clínica, Trauma, Reabilitação.

Recebimento de mamíferos da ordem Carnivora no Centro de Triagem de Animais Silvestres de Belo Horizonte entre 2021 e 2025

Isabela R. Trindade*[1]; Sarah F. Bessa[1]; Ariela C. Celeste[1], Júlia O. L. da Cruz[2]; Ana C. S. Santana[3]; Cecília Barreto[3]; Armanda C. P. Santos[2]; Marco V. Q. Alves[3].

[1] Instituto de Pesquisa e Conservação Waita, CEP 31814-620, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[2] Instituto Estadual de Florestas, Belo Horizonte- MG, Brasil.
[3] Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Renováveis, Belo Horizonte-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: isabelartrindade@gmail.com

Os mamíferos da ordem Carnivora desempenham papel ecológico fundamental como predadores de topo, regulando populações e contribuindo para o equilíbrio dos ecossistemas. No entanto, sofrem diversas pressões antrópicas, como caça, conflitos com animais domésticos e perda de habitat, o que frequentemente resulta em seu encaminhamento aos Centros de Triagem de Animais Silvestres (CETAS). Nesse contexto, este estudo teve como objetivo analisar e caracterizar dados das espécies de Carnivora admitidas no CETAS de Belo Horizonte entre 2021 e 2025, identificando espécies com grau de ameaça relevantes, possíveis padrões temporais nas admissões e os principais agentes de entrega. Os dados foram obtidos a partir de fichas de recebimento do IBAMA e IEF e analisados no *Microsoft Excel*. Durante o período analisado, foram registrados 151 indivíduos pertencentes a 14 espécies, representando as cinco famílias de carnívoros registradas no Brasil. As espécies mais frequentes foram *Nasua nasua* (n=43), *Cerdocyon thous* (n=40) e *Chrysocyon brachyurus* (n=17), e as mais escassas foram *Eira barbara* (n=1) e *Lontra longicaudis* (n=2). Entre as espécies registradas, cinco são classificadas em algum grau de ameaça pela IUCN e seis pelo MMA, sendo elas: *Chrysocyon brachyurus* (NT - IUCN; VU - MMA), *Leopardus guttulus* (VU - IUCN e MMA), *Leopardus tigrinus* (VU - IUCN; EN - MMA), *Lontra longicaudis* (NT - MMA), *Lycalopex vetulus* (NT - IUCN; VU - MMA), *Puma concolor* (VU - MMA) e *Puma yagouaroundi* (VU - MMA). A família Canidae apresentou o maior número de recebimentos (n=67), seguida por Procyonidae (n=47), Felidae (n=27), Mustelidae (n=11) e Mephitidae (n=5). O ano com maior número de entradas foi 2022 (n=36) e o menor foi 2024 (n=23), com média anual de 30,2 indivíduos, sendo observado maior número de admissões no quarto trimestre. Foram registrados mais de dez tipos distintos de agentes de entrega, destacando-se grupos de resgate (n=28), Polícia Ambiental/Guarda Civil (n=27) e pessoas físicas (n=26). Os resultados indicam que os carnívoros recebidos refletem a diversidade regional, com maior frequência de espécies mais adaptáveis a ambientes antropizados. Também foi observado aumento consistente nas admissões ao final do ano, possivelmente relacionado a fatores ecológicos ou antrópicos. Já a diversidade de agentes indica a atuação conjunta entre órgãos ambientais e a população. Dessa forma, o trabalho fornece dados atuais sobre a ordem e reforça a importância dos CETAS para a conservação.

Palavras-chave: Biodiversidade, Fauna silvestre, Impactos antrópicos, Mastofauna.

Agradecimentos: IBAMA e IEF. O presente trabalho foi desenvolvido no âmbito do projeto Bicho Solto, por meio de Acordo de Cooperação Técnica entre IBAMA e Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação.

Registro de infanticídio paterno em *Coendou spinosus* em cativeiro: relato de caso

Pâmela M. M. Zanella*[1]; Bárbara R. Sousa[2]; Hugo P. Darcádia[3]; Kena F. M. da Silva[1,3].

[1] Departamento de Biologia, Universidade Federal de Lavras, 37200-000, Lavras-MG, Brasil.
[2] Departamento de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Lavras, Lavras-MG, Brasil.
[3] Parque Zoobotânico Maria Frota, Prefeitura Municipal, Varginha-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: pamelazanellatk@gmail.com

Coendou spinosus, popularmente conhecido como ouriço-cacheiro, é um roedor do Novo Mundo, pertencente à família Erethizontidae, sendo um animal de hábito noturno, solitário e arborícola. Estudos sobre seu comportamento são escassos, possuindo literatura relacionada somente a seu comportamento alimentar e defensivo, o que dificulta o compreendimento de características da espécie. Este trabalho tem como objetivo relatar um caso de infanticídio parental em *C. spinosus*, entre pai e filhote. O caso ocorreu em fevereiro de 2026, no Parque Zoobotânico Mário Frota, em Varginha, Minas Gerais. A partir da confirmação da prenhez da fêmea, o macho foi separado e mantido em área confinada até que o filhote completasse três meses de idade. Após esse período, foi reintroduzido ao recinto original em regime de semi-isolamento por 19 dias, mantendo apenas contato visual e olfativo com a fêmea e o infante. Como teste de convivência, o macho foi liberado para contato direto com ambos. Nessa ocasião, o macho ficou por cima do filhote, que vocalizava insistentemente, o que levou ao seu imediato retorno à área de semi-isolamento. Em uma nova tentativa de reaproximação, o macho foi novamente introduzido ao recinto. Entretanto, na manhã seguinte à soltura, o infante foi encontrado em óbito sobre o substrato do recinto. Após o recolhimento, realizou-se a necropsia para melhor elucidação do ocorrido, sendo constatadas lesões profundas no tórax, pescoço e cauda. Confirmou-se ainda que se tratava de um macho imaturo, com cinco meses de idade. O infanticidio por machos é comumente motivado por seleção sexual, influenciando a fêmea a retornar ao estro e gerar proles do macho infanticida, entretanto, em ouriços não há relatos em que o próprio pai mate seu descendente. Em espécies de mamíferos, esse comportamento infanticida é inibido após a cópula e coabitação com a fêmea, envolvendo mudanças fisiológicas e hormonais relacionadas ao estado reprodutivo, fazendo com que o macho não mate seus próprios filhotes. Embora não seja possível ter certeza da real origem desse incidente, o fato das fêmeas não criarem seus filhotes junto aos machos, sendo esse um comportamento intrínseco da espécie, pode ter atuado como desencadeador desse acontecimento. Este registro inédito fornece subsídios relevantes para o aprimoramento do manejo reprodutivo da espécie *ex situ*, contribuindo para a prevenção de novos episódios de infanticídio e para a promoção do bem-estar dos indivíduos mantidos em cativeiro.

Palavras-chave: Infanticídio animal, Ouriço-cacheiro, Paternidade animal.

Agradecimentos: Prefeitura do município de Varginha, Setec.

Resposta interinstitucional à seca extrema e aos incêndios do Pantanal: identificação de áreas críticas e suporte hídrico emergencial para a fauna silvestre

Thamyris V. Santos*[1]; Fernanda C. Gaio[2]; Waldo P. Troy[3]; Lucas N. Cordeiro[4]; Érico E. Kauano[5]; Lucas L. da Silva[6]; Thiago O. Silva[7]; André R. Ebert[8]; Ana Maria C. B. Araújo[9]; Yago A. Guimarães[9].

[1] Divisão de Apoio à Implementação de ações para Conservação, ICMBIO, Brasília, DF, Brasil.
[2] Centro de Triagem e Reabilitação de Animais Silvestres - CETAS/CE , IBAMA, Ceará, CE, Brasil.
[3] Gerência de Fauna, Secretária de Meio Ambiente do Mato Grosso, Cuiabá, MT, Brasil.
[4] Divisão Técnico-Ambiental, IBAMA, Porto Alegre, RS, Brasil.
[5] Núcleo de Gestão Integrada, ICMBIO, Curitiba, PR, Brasil.
[6] Coordenação de Emergências Climáticas e Epizootias, ICMBIO, Brasília, DF, Brasil.
[7] Diretoria de Proteção Ambiental,IBAMA, Palmas, TO, Brasil.
[8] Diretoria de Proteção Ambiental,IBAMA, Brasília, DF, Brasil.
[9] Coordenação de Emergências Climáticas e Epizootias, ICMBIO, Brasília, DF, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: thamyrisviana@gmail.com

Eventos climáticos extremos, como secas prolongadas associadas a incêndios florestais, podem comprometer a disponibilidade de água e representar risco à fauna silvestre no Pantanal. Em 2024, diante desse cenário foi instaurado um Sistema de Comando de Incidentes coordenado pelo ICMBIO, envolvendo a atuação integrada de instituições ambientais e parceiros operacionais. Este trabalho teve como objetivo identificar áreas com menor disponibilidade hídrica e implementar medidas emergenciais de suporte à fauna durante a seca severa registrada no Pantanal mato-grossense. Foram selecionadas áreas prioritárias ao longo da Transpantaneira, incluindo as estradas do Cambarazinho e do Porto Conceição, com base em dados prévios de monitoramento e avaliação em campo da disponibilidade de água. Armadilhas fotográficas foram instaladas para registro da fauna, além do mapeamento de pontos naturais de água por meio de análises de geoprocessamento e validação em campo. Os resultados indicaram que na Estrada do Cambarazinho ainda havia disponibilidade hídrica para a fauna, sendo registrado 75 indivíduos de diferentes grupos de vertebrados. Em contraste, na Estrada do Porto Conceição foram identificados extensos trechos sem pontos de água, o que motivou a instalação de 11 bebedouros artificiais distribuídos ao longo de 35 km. As estruturas foram instaladas em depressões naturais da paisagem, priorizando locais com menor distúrbio e acesso seguro para diferentes espécies. O monitoramento por armadilhas fotográficas demonstrou rápida utilização dos bebedouros, registrando 171 indivíduos pertencentes a 27 espécies de aves, mamíferos e répteis, incluindo *Tapirus terrestris*, *Mazama gouazoubira*, *Cariama cristata*, *Caiman yacare* e *Panthera onca*. Também foi registrada a presença de cães domésticos interagindo com os bebedouros. Embora esses registros indiquem que indivíduos não silvestres também se beneficiam dos pontos de água durante o período crítico de seca, evidenciam a presença desses animais em ambiente natural, o que pode representar risco adicional para a fauna silvestre, especialmente quando atuam em bandos. Os resultados indicam que a identificação prévia de áreas com maior limitação hídrica associada à implementação estratégica de bebedouros pode representar uma medida eficaz de suporte emergencial à fauna. Além disso, evidenciam que a cooperação entre ICMBIO, IBAMA, SEMA-MT e Corpo de Bombeiros foi essencial para a execução rápida e coordenada das ações em campo.

Palavras-chave: Armadilhas fotográficas, Manejo emergencial, Conservação da biodiversidade.

Riqueza, diversidade taxonômica e funcional de mamíferos em uma área reflorestada

Anna Giulia G. Ferreira*[1]; Isabelli F. Vianna[1]; Érica Fernanda G. Gomes-de-Sá[1]; Adriano G. Chiarello[1].

[1] Laboratório de Ecologia e Conservação, Departamento de Biologia, Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP – USP), CEP 14040-901, Ribeirão Preto - SP, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: gfannagiulia@usp.br

O monitoramento de mamíferos de médio e grande porte é fundamental para avaliar a qualidade ambiental, dada a importância funcional desse grupo nos ecossistemas. Este estudo objetivou avaliar os parâmetros ecológicos da comunidade de mamíferos na Floresta da USP (FUSP), em Ribeirão Preto - SP, uma área reflorestada há cerca de 20 anos. A hipótese central é que, devido ao tempo de restauração e ao isolamento urbano, a FUSP apresentaria menor diversidade taxonômica e funcional em comparação a unidades de conservação (UCs) consolidadas da região. Para testar essa hipótese, realizamos amostragens com armadilhas fotográficas durante as estações secas de 2024 e 2025. Foram amostrados 42 pontos (com distância mínima de 50m entre si) em ambas as áreas, totalizando um esforço de 1171 armadilhas-dia na FUSP e 1202 armadilhas-dia na EERP. Comparamos a riqueza e a diversidade taxonômica (Hill-Shannon e Hill-Simpson) da FUSP com a Estação Ecológica de Ribeirão Preto (EERP, 154 ha) a partir de curvas de rarefação, e a diversidade funcional (índices FRic, FEve e FDiv) de ambas com a Estação Ecológica de Jataí (EEJ), a maior Unidade de Conservação existente na região (9000 ha). As análises foram feitas a partir de dados de incidência nos pontos amostrais (curvas de rarefação) e de presença e ausência nas áreas (diversidade funcional). As curvas de rarefação indicaram esforço amostral suficiente para as áreas. Embora a riqueza tenha sido semelhante entre FUSP e EERP, as diversidades de Hill, Shannon e Simpson, foram superiores na EERP. A composição taxonômica revelou que a EERP abriga algumas espécies nativas sensíveis, enquanto a FUSP é dominada por espécies mais generalistas, exóticas e domésticas. Quanto à diversidade funcional, a EEJ ocupou 99,4% do volume funcional total (FRic), enquanto a EERP e a FUSP representaram 52,3% e 9,4%, respectivamente. As variações nos índices FEve e FDiv foram menos acentuadas entre as áreas. Conclui-se que a FUSP, transcorridas duas décadas do início do processo de restauração, permanece em estágio de sucessão ecológica, possuindo cerca de metade da riqueza funcional da unidade de conservação de extensão equivalente (EERP) e mantendo apenas 10% da riqueza funcional da maior UC regional (EEJ). Por outro lado, os dados também corroboram a importância regional das três áreas analisadas e reforçam a importância da continuidade do estudo para a compreensão do processo de restauração de florestas nativas.

Palavras-chave: Áreas verdes urbanas; Câmera trap; Mammalia; Sucessão ecológica; Restauração.

Agradecimentos: FAPESP (Processo nº 2050/03111-5) e Programa Unificado de Bolsas USP (PUB-USP).

Tempo até a defecação e coleta de amostras fecais de cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*) em dois biomas do Brasil

Mariana T. Abramo*[1,2,3]; Laís J. de Souza[1,2]; José M. B. Duarte[1].

[1] Núcleo de Pesquisa e Conservação de Cervídeos (NUPECCE), Jaboticabal, SP, Brasil.
[2] Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Programa de Pós-graduação em Ciências Veterinárias, Jaboticabal, SP, Brasil.
[3] Tropical Sustainability Institute (TSI), Carapicuíba, SP, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: marianaabramo@hotmail.com

O monitoramento hormonal por métodos não invasivos tem sido amplamente empregado em estudos de fisiologia e conservação da fauna silvestre. A análise de metabólitos hormonais em fezes depende da obtenção de amostras frescas, o que para animais de vida livre requer o acompanhamento dos indivíduos até a ocorrência da defecação. Entretanto, ainda existem poucas informações sobre o tempo necessário para esse processo em cervídeos neotropicais. Assim, o presente estudo teve como objetivo avaliar o tempo até a defecação após o avistamento de indivíduos de cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*) *in situ*, bem como o intervalo entre a defecação e a coleta das amostras fecais em dois biomas de ocorrência da espécie, visando compreender como diferentes condições ambientais podem influenciar a obtenção de amostras fecais em vida livre. As atividades foram realizadas em duas áreas: agosto-setembro no entorno do Parque Nacional das Emas (Cerrado; 18 dias em campo; período da manhã) e outubro na região do Passo do Lontra (Pantanal; seis dias em campo; ao longo de todo o dia). Diariamente, foram percorridos aproximadamente 60 km de estradas para localização dos animais, que, após o avistamento, eram acompanhados à distância com auxílio de binóculos até a defecação. No total, foram registrados 97 avistamentos da espécie (29 no Cerrado e 68 no Pantanal), resultando na obtenção de 30 amostras fecais recém-depositadas (seis no Cerrado e 24 no Pantanal). A taxa de sucesso, definida como a proporção de avistamentos que resultaram na coleta de amostras, foi de 20,7% no Cerrado e 35,3% no Pantanal. Para as análises de tempo, foram consideradas 28 observações com registro dos horários de avistamento, defecação e coleta. O tempo médio entre o avistamento e a defecação foi de 36 ± 21 minutos no Cerrado (n=5) e 28 ± 16 minutos no Pantanal (n=23). O intervalo médio entre a defecação e a coleta da amostra foi de 27 ± 25 minutos no Cerrado e 11 ± seis minutos no Pantanal. Esses resultados evidenciam que características do ambiente, como visibilidade e detectabilidade dos indivíduos, influenciam a eficiência de obtenção de amostras fecais em condições naturais. Adicionalmente, o acompanhamento de indivíduos de cervo-do-pantanal constitui uma abordagem viável para a coleta de amostras fecais recém-depositadas para estudos de endocrinologia não invasiva.

Palavras-chave: Coleta fecal, Monitoramento hormonal não-invasivo, Cervídeo, Conservação da fauna.

Agradecimentos: CAPES; FAPESP; TSI.

Variação de orçamento temporal de *Dendrocygna autumnalis* entre períodos do dia em córrego urbano

Sofia G. D. Colen*[1].

[1] Waita – Instituto de Pesquisa e Conservação, 31814-620, Belo Horizonte-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: sofiacolen02@gmail.com

A marreca-cabocla (*Dendrocygna autumnalis*) é uma ave anseriforme da família Anatidae amplamente distribuída no Brasil. Apesar de sua ampla ocorrência, há escassez de estudos específicos sobre seu comportamento, especialmente em ambientes urbanos, o que reforça a relevância deste trabalho. Os objetivos foram delimitar a distribuição percentual do tempo entre categorias comportamentais e comparar o orçamento de atividades entre os períodos matutino e vespertino. A área de estudo localiza-se na bacia de detenção do Córrego do Túnel-Camarões, no bairro Tirol, região do Barreiro (Belo Horizonte, MG), estrutura projetada para contenção de enchentes e inserida em contexto de requalificação urbana, em área de Mata Atlântica. A coleta de dados foi realizada ao longo de nove dias de amostragem, distribuídos durante o mês de fevereiro de 2026, contemplando os períodos matutino e vespertino. Foi utilizada a técnica de amostragem instantânea (*scan sampling*), com intervalos fixos de dois minutos, registrando-se o comportamento de todos os indivíduos visíveis. As sessões de observação tiveram duração de uma hora, sendo realizadas pela manhã (7h–8h; n=5) e à tarde (16h17h; n=4). Sessões interrompidas por chuva intensa foram desconsideradas na análise. As sessões foram tratadas como unidades amostrais independentes e as frequências relativas (%) comparadas por meio do teste de Mann–Whitney (α=0,05). Foram registrados 1749 comportamentos. No orçamento geral, os mais frequentes foram idling/parado (24,41%), mergulho/nado (19,33%), repouso (12,07%), pastagem (9,72%), filtração (6,75%) e nibbling (6,46%). Registros não visíveis corresponderam a 4,80% e voo a 2,34%. Na comparação entre períodos, comportamentos alimentares, especialmente mergulho e filtração, apresentaram maiores frequências no período matutino, enquanto *idling* foi mais frequente à tarde. Repouso, pastagem e voo não apresentaram diferenças consistentes entre os períodos. Os resultados indicam organização temporal do comportamento, com maior atividade alimentar nas primeiras horas do dia e aumento de imobilidade no período vespertino, sugerindo influência do ritmo circadiano e estratégias de otimização energética. A flexibilidade comportamental observada evidencia plasticidade da espécie em ambiente urbano, contribuindo para o entendimento da ecologia de anatídeos em áreas de retenção hídrica e subsidiando ações de monitoramento e manejo em contextos urbanizados

Palavras-chave: Etologia, Conservação, Anatídeos.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM PROJETOS DE REABILITAÇÃO, MONITORAMENTO E CONSERVAÇÃO DA FAUNA SILVESTRE

"Bem-vinda Araçá!" - o tamanduá-bandeira e a Serra do Cipó como protagonistas na construção de materiais pedagógicos

Maria Isabel R. Carvalho*[1]; Maria Elisa S. Toledo[1,2]; Ariela C. Celeste[1].

[1] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, Belo Horizonte, MG, Brasil.
[2] Universidade Federal de Lavras - UFLA, Lavras, MG, Brasil

*E-mail do autor correspondente: maria.isabelrcarvalho@gmail.com

O Cerrado abriga grande biodiversidade e paisagens com características únicas distribuídas em sua extensão. Em contraposição, esta não é refletida na maior parte dos materiais pedagógicos voltados ao público infantojuvenil. A escassez de recursos educativos que combinam rigor científico com uma abordagem lúdica e contextualizada localmente resulta em uma lacuna na educação básica sobre a fauna silvestre brasileira, especialmente para os anos iniciais, defasando a compreensão acerca do tema. Nesse contexto, o Projeto Bicho Solto, junto ao Parque Nacional da Serra do Cipó, desenvolveu o livro "Bem-vinda, Araçá!", uma ferramenta pedagógica que retrata os ecossistemas do Cerrado a partir da chegada de uma tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) em uma unidade de conservação. A escolha do formato literário fundamentou-se no êxito da equipe do parque com publicações infantis prévias, contextualizadas à fauna e à flora local. O histórico positivo de engajamento do público jovem com materiais contextualizados permitiu expandir a abordagem para novos temas, como ameaças à biodiversidade e espécies endêmicas. Para a criação de ilustrações e textos do livro, foram feitas pesquisas detalhadas sobre a fauna e a flora do Cerrado na Serra do Cipó, além da biologia, ecologia do tamanduá-bandeira e sua ocorrência histórica na região. Também foi elaborado um manual de apoio para educadores, que se aprofunda nos elementos científicos e narrativos que compõem o livro e seus significados, além de propor atividades práticas. A produção dos materiais levou 12 meses, e foi conduzida por uma equipe multidisciplinar envolvendo biólogos, médicos veterinários, agentes ambientais e artistas locais engajadas em ações educativas. A validação da abordagem pedagógica proposta no material complementar foi feita por meio da aplicação piloto de uma das atividades com 160 estudantes de idades variadas. As turmas participaram de forma engajada na dinâmica, gerando discussões produtivas, o que demonstrou sua eficácia para diferentes idades e êxito em seu objetivo. Além disso, gerou uma demanda espontânea de educadores em replicá-la, indicando o potencial do material como ferramenta de apoio docente. Os materiais, ainda em processo de captação de recursos para impressão e distribuição, fomentam o conhecimento sobre a fauna local e poderão ser utilizados para promover sensibilização e engajamento do público infantil com a conservação dos ecossistemas.

Palavras-chave: Divulgação Científica, Educação Ambiental, Cerrado.

Agradecimentos: O Projeto Bicho Solto é realizado pelo Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, com apoio do ICMBio/DIBIO/Parque Nacional da Serra do Cipó, IBAMA e IEF, a quem deixamos nossos mais sinceros agradecimentos. Agradecemos ainda Carolina Filizzola, Lílian Ximenes, pela contribuição no livro "Bem-vinda, Araçá!".

"Dom Joaquim: por quem vive aqui" - o mapeamento participativo como ferramenta na conservação do papagaio-de-peito-roxo

Maria Isabel R. Carvalho*[1]; Dafne M. C. Freire[1]; Júlia C. Passos[1]; Ariela C. Celeste[1].

[1] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, Belo Horizonte, MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: maria.isabelrcarvalho@gmail.com

"Dom Joaquim: por quem vive aqui" é um mapa colaborativo elaborado no contexto das ações de Educação Ambiental do Projeto Voar: papagaio-de-peito-roxo em Dom Joaquim, MG. Por meio da atuação no município desde 2021, o projeto vem fortalecendo a relação entre a comunidade e *Amazona vinacea*, espécie ameaçada de extinção hoje reconhecida como patrimônio da biodiversidade no município. O mapa foi elaborado para representar percepções locais da comunidade e informações científicas e culturais pouco conhecidas pela população, promovendo a valorização das riquezas do município. Ao integrar elementos de valor afetivo e referências do cotidiano à presença de *A. vinacea* no território, a ferramenta buscou sensibilizar para a conservação da espécie a partir da proteção dos ecossistemas, destacando-a como parte da paisagem e cultura local. Dados da percepção ambiental da comunidade foram levantados por meio de métodos participativos: entre janeiro e setembro de 2025, foram realizadas criações de mapas afetivos e mapeamento coletivo com educadoras, estudantes, integrantes de atividades sociais e outros moradores. Devido à natureza subjetiva de alguns dados, as percepções foram espacializadas por regiões do município e submetidas à validação de outros moradores. Somou-se a isto dados ecológicos da espécie, levantados durante o projeto, como localizações de dormitórios de papagaios-de-peito-roxo e frutos dos quais se alimentam. Ilustrações representando os elementos levantados foram então integradas a um mapa do município, compondo a versão final do material. Com o uso de métodos participativos, foi possível reunir percepções de diferentes setores da comunidade, evidenciando sua relação com o espaço e com os elementos naturais que o compõem. Observou-se que, na zona urbana, a percepção sobre o território inclui elementos físicos e culturais construídos, além de componentes naturais. Já nas zonas rurais, a presença de animais domésticos, silvestres e plantas é predominante: elementos como patos, seriemas e bananeiras compõem o cotidiano dessas comunidades, assim como o papagaio-de-peito-roxo, hoje integrado à paisagem e imaginário da população. Atualmente disposto em um museu local, o mapa serve como uma ferramenta pedagógica de sensibilização coletiva, facilitando o diálogo para que escolas e visitantes abordem a proteção de *A. vinacea* e dos ecossistemas dos quais faz parte, a partir do olhar e das memórias de quem vive ali.

Palavras-chave: Métodos participativos, Mapas afetivos, Percepção ambiental.

Agradecimentos: Loro Parque Fundación, IBAMA, IEF, Profa. Renata Campos, Mariana Bertrand, Grupo Saúde em Movimento, E.E. Cônego Bento, E.M. Pe. João Miranda, educadoras da rede municipal de Dom Joaquim, Alessandra Procópio, Adriana Ascaxar, Prefeitura Municipal de Dom Joaquim e Fazenda Esperança.

A observação de aves como ferramenta de educação ambiental no IFMG – Campus Bambuí

Ketleen R. Faria*[1]; Adilaine S. Anicio[1]; Isadora P. Diniz[1]; Sofia R. Oliveira[1]; Isabelly L. Assis[1]; Milena T. Barbosa[2]; Jackie Anne S. Souza[2]; Lucas G. S. Barbosa[1]; Mércia N. Teixeira[1]; Dalila F. Ferreira[2].

[1] Grupo de Estudos em Animais Silvestres, Departamento de Ciências Agrárias, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais Campus Bambuí, Bambuí - MG, Brasil.
[2] Departamento de Ciências Agrárias, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais Campus Bambuí, Bambuí - MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: ketleenribeirofaria@gmail.com

O Brasil ocupa um dos primeiros lugares no *ranking* mundial de riqueza da avifauna, com mais de 1900 espécies que habitam uma grande variedade de habitats, desde áreas naturais preservadas até ambientes urbanos. Apesar dessa biodiversidade, a percepção da avifauna local pelo público em geral ainda é limitada, evidenciando a necessidade de estratégias voltadas à sensibilização ambiental e à valorização da diversidade de espécies. Nesse contexto, o presente projeto teve como objetivo ampliar o conhecimento sobre as aves da região e fortalecer a percepção ambiental da comunidade acadêmica por meio de práticas guiadas de observação de aves no IFMG – Campus Bambuí. Foram realizadas seis oficinas práticas, com grupos de até dez participantes, envolvendo estudantes do ensino médio integrado do curso Técnico em Meio Ambiente e graduandos dos cursos de Ciências Biológicas, Zootecnia e Medicina Veterinária. As atividades ocorreram no período da manhã, em áreas centrais do campus como jardins, pomares, bordas de mata, entorno de represas e edificações. As atividades foram divididas em três momentos: (1) orientação inicial, com apresentação de informações sobre boas práticas de observação, contextualização acerca da fitofisionomia local, diversidade de espécies e desafios à conservação do Cerrado e das aves; (2) prática de observação guiada, com acompanhamento dos participantes pelas áreas do campus, onde estes foram estimulados a realizar registros visuais e sonoros com auxílio de binóculos, câmeras e celulares, utilizando aplicativos gratuitos como *Merlin Bird ID* e *eBird* para identificação e registro das espécies, incentivando a prática da ciência cidadã; e (3) momento final de troca de experiências, com discussão sobre as espécies registradas e percepções dos participantes. A avaliação das oficinas práticas ocorreu de forma qualitativa, por meio dos relatos dos participantes ao descreverem suas percepções ao final das oficinas. Observou-se de maneira geral uma surpresa dos discentes diante da diversidade vista e registrada, o que pode indicar um aumento da percepção ambiental e uma maior valorização da avifauna local. Conclui-se que a observação guiada de aves constitui ferramenta eficaz de educação ambiental, que contribui também para conhecimento científico, através do registro de espécies que habitam a região. A perspectiva é de que o projeto amplie sua abrangência, incluindo servidores da instituição e membros da comunidade externa.

Palavras-chave: Ciência cidadã, Biodiversidade, Conservação, Cerrado.

Ações integradas de manejo, monitoramento e educação ambiental no lago da reitoria da UFMG

Bianca A. Silva*[1]; Sophia S. R. Barbosa[1]; Jomara G. Nogueira[2]; Marina T. R. Maia[1]; Sthefany C. A. Fraga[1]; Liz G. Nascimento[1]; Franklin F. B. Costa[3]; Tulio V. Siqueira[2]; Éduardo M. Turra[1]; Érika R. de Alvarenga[1].

[1] Laboratório de Aquacultura, UFMG, 158-368, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[2] Departamento de Gestão Ambiental, UFMG, 158-368, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[3] Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais, EPAMIG, 31170-495, Belo Horizonte-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: coraisbiomar@gmail.com

A educação ambiental no Brasil é obrigatória no ensino básico e deve abordar temas como sustentabilidade, cidadania, consumo consciente e mudanças climáticas. A extensão universitária pode ser uma aliada da educação ambiental no ensino básico, por permitir a troca de saberes acadêmicos, o que pode contribuir com a transformação social e mudança de postura da comunidade. Nesse sentido, o Laboratório de Aquacultura e o Departamento de Gestão Ambiental da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) desenvolveram no ano de 2025 atividades de extensão no intuito de contribuir com a educação ambiental de estudantes do ensino básico público de Belo Horizonte (Escola Estadual Professor José Mesquita de Carvalho). Para a atividade de educação ambiental, foi realizada uma visita da equipe da UFMG à Escola na semana do dia do meio ambiente (junho/2025), na qual foram utilizados um teatro de fantoches (“Quem sujou o rio?) para estudantes de seis a 11 anos e uma palestra sobre mudanças climáticas para estudantes de 12 a 14 anos. Essas atividades deram subsídio teórico para a visita do Ensino Fundamental à UFMG no dia cinco de setembro de 2025. Nela, 45 estudantes coletaram a água do lago da Reitoria para análise no laboratório. Além disso, usando o Lago da Reitoria da UFMG como modelo simplificado de um ecossistema aquático, foi proposta uma discussão que envolveu os temas eutrofização, impactos da introdução de espécies exóticas e poluição das águas. No laboratório, os estudantes foram divididos em três grupos de 15 alunos, a fim de realizarem a análise de água coletada usando indicadores Ácido Básico a partir de solução feita com repolho roxo, análises colorimétricas de amônia e nitrito e análise de sólidos sedimentares. Ao realizar a análise de água, foram explorados os conceitos de qualidade de água, ciclo de carbono e poluição das águas. Observou-se grande envolvimento, participação e interesse dos estudantes, percepção que foi confirmada pela diretoria da Escola, que informou que a grande maioria dos estudantes relatou que “gostou muito das atividades”. A indicação do aprendizado dos estudantes também foi obtida pela participação intensa deles nas discussões sobre o efeito das ações antrópicas no equilíbrio ecológico, apontando aprendizado efetivo dos conceitos trabalhados. As atividades realizadas evidenciaram o potencial de iniciativas que envolvam a extensão universitária e a educação ambiental no ensino básico para a formação de uma consciência ambiental e cidadã.

Palavras-chave: Educação ambiental, Extensão universitária, Ensino básico.

Agradecimentos: Agradecemos à Escola Estadual Professor José Mesquita de Carvalho; pela receptividade dos funcionários, professores e alunos, pelo acolhimento às ideias propostas e pelos materiais cedidos para a realização das oficinas. À FAPEMIG; pelo apoio financeiro aos bolsistas.

Análise de métricas e conteúdo do CETAS-BH no Instagram como ferramenta para divulgação e educação ambiental

Gabriella F. M. Rezende*[1,2]; Jordana S. M. Novais[1]; Ana C. S. Santana[3]; Júlia O. L. Cruz[4]; Érika P. T. Teixeira[4]; Armanda C. Pereira[4]; Daniel A. R. Vilela[3]; Laerciana S. S. Matos[3]; Cecilia Barreto[3]; Marco V. Q. Alves[3].

[1] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, 31814-620, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[2] Centro universitário UNA, 32010-375, Contagem-MG, Brasil
[3] Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), 30110-051, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[4] Instituto Estadual de Florestas - (IEF), 30110-051, Belo Horizonte-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: gabriellafossali.mv@gmail.com

As mídias sociais se consolidaram como uma das principais formas de comunicação e divulgação científica da atualidade. Entretanto, é inegável que essa ferramenta pode tanto ser um benefício, quanto um malefício. Os centros de triagem de animais silvestres (CETAS) são instituições que continuamente são alvos de falácias e campanhas de desinformação, dessa forma, torna-se cada vez mais necessária a divulgação e a importância do trabalho realizado por essas instituições. O objetivo deste relato é analisar, demonstrar o alcance, visualizações, interações (curtidas, comentários, compartilhamentos, reposts e salvamentos) em posts do Instagram, tipo reels e carrossel, realizados no CETAS-BH, entre março de 2025 e fevereiro de 2026. Os dados para análise foram coletados no dia dois de março de 2026, na plataforma Instagram, e analisados no programa Microsoft Excel edição 2024. No período do estudo, foram produzidos 16 conteúdos para o *feed*, sendo 13 *reels* e três carrosséis, com temáticas de: institucional, apreensão e fiscalização, manejo, enriquecimento ambiental, ambientação e soltura. O alcance total foi de 402.911 contas, enquanto o número total de visualizações foi de 616.900 e as interações foram de 29.662. As métricas médias por post foram calculadas através da mediana, avaliando alcance (n=7.803,5), visualizações (n=11.789,5) e interações por posts (n=713,5). Foi notável que uma publicação em específico viralizou, tendo: 64,22% (n=258.754) do alcance total; 57,37% (n=353.960) das visualizações e 62,68% (n=18.594) das interações. O post em questão foi um *reels* que mostrou a maior apreensão de aves já recebida pelo CETAS-BH, onde mais de 1.200 indivíduos foram apreendidos após uma fiscalização realizada pela Polícia Rodoviária Federal, na BR-040 em Sete Lagoas, Minas Gerais. Apesar dos resultados alcançados pelos posts, nota-se que existe um gargalo entre contas alcançadas e conversão de novos seguidores, visto que no final de fevereiro de 2026 a página possuía 34,5 mil seguidores. É perceptível o interesse da população por conteúdos relacionados à fauna silvestre, especialmente os referentes a situações extraordinárias como o caso citado anteriormente. Este trabalho demonstra o alcance das postagens realizadas pelo CETAS-BH no Instagram, servindo como uma importante ferramenta para a divulgação de sua importância para: conservação, reabilitação, destinação responsável de animais silvestres e conscientização da população.

Palavras-chave: Mídias sociais, Alcance digital, Conservação.

Agradecimentos: Agradeço aos órgãos ambientais, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e Instituto Estadual de Florestas (IEF), que fazem a gestão do CETAS-BH e cuidam de maneira exemplar da fauna silvestre; ao Instituto de Pesquisa WAITA e aos voluntários do projeto Bicho Solto, pela dedicação e comprometimento com a causa.

Ciência Cidadã: relação humano-animal silvestre em um campus universitário

Larissa N. Maia*[1,2]; Anna Beatriz B. Nonato[1]; Allan Gabriel L. Corrêa[1]; Jordana S. M. Novais[1]; Julia M. G. da Costa[1]; Letícia P. S. Santos[1]; Mariana S. Pinheiro[1]; Sofia G. D. Colen[1,2]; Thiago G. Dias[1,2]; Lucas B. S. de Oliveira[1].

[1] Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH), Belo Horizonte - MG, Brasil.
[2] Instituto de Pesquisa e Conservação Waita, Belo Horizonte - MG, Brasil.

*Endereço de e-mail para contato: larissa.nmaia@gmail.com

Os campus universitários, em sua maioria, atuam como unidades ecologicamente funcionais em centros urbanos, abrigando diversas espécies de animais silvestres. Contudo, apesar desse dinamismo, a rotina da comunidade universitária pode levar a uma relação de risco entre humanos e animais silvestres. Dessa forma, esse resumo teve o objetivo de analisar o papel da ciência cidadã no reconhecimento de riscos da relação humano-animal silvestre, assim como fator coadjuvante no processo de identificação de espécies que circulam em uma sede universitária urbana. A entrevista foi realizada a partir da aplicação de um questionário elaborado na plataforma Google Forms e aplicado presencialmente no Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH), campus Estoril, em MG, com a comunidade acadêmica (funcionários e estudantes). O questionário foi composto por 11 perguntas dissertativas e seis objetivas, tendo sido aplicado no período de maio de 2025 a novembro de 2025. Além de informações pessoais e institucionais, incluiu-se perguntas sobre as espécies observadas, conduta e opinião quanto à alimentação e convivência com animais silvestres. Os dados foram analisados de forma descritiva e a partir do teste do qui-quadrado de independência (Stata 14.0). Observou-se um total de 94 respostas, 64% mulheres e 36% homens, dos quais 95% observaram animais silvestres no polo educacional. Destes, 13% já alimentaram animais silvestres na faculdade, enquanto 49% já observaram esse comportamento por terceiros. O tempo gasto na instituição de ensino associou-se significativamente à prática de alimentar animais silvestres ($p<0.01$), indicando que indivíduos com maior permanência apresentaram maiores proporções de alimentação da fauna. Dos animais observados mais frequentemente no campus, 63% foram aves, enquanto 29% foram mamíferos, 5% répteis e 3% anfíbios. Destes, 81% dos animais relatados estavam compatíveis com espécies já observadas no campus por monitoramentos técnicos, sendo importante na análise de compatibilidade dos dados coletados. A ciência cidadã demonstra-se essencial para a vigilância de populações silvestres. Diante dos dados coletados, é notável a necessidade de sensibilizar a população que frequenta o território, visando mitigar danos aos ecossistemas compartilhados em espaços antropizados, fortalecendo uma gestão ambiental universitária sustentável.

Palavras-chave: Impactos antrópicos, Conservação, Gestão ambiental.

Conversão de multas ambientais como política pública de conservação: fortalecimento de CETAS e monitoramento pós-soltura de fauna silvestre

Juliana Junqueira*[1]; Luiz Alfredo M. L. Baptista[1]; Ana Carolina D. de Oliveira[1];Leo Caetano F. da Silva[1]; Halisson P. Barreto[2].

[1] Centro de Triagem de Animais Silvestres-CETAS-GO, Divisão Técnica-Ditec, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis- IBAMA, Goiânia-GO.
[2] Centro Nacional do Processo Sancionador Ambiental, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis- IBAMA, Brasília-DF

*E-mail do autor correspondente: juliana.junqueira@ibama.gov.br

A conversão de multas ambientais constitui instrumento relevante da política ambiental brasileira, permitindo a destinação de recursos provenientes de infrações para a execução de serviços ambientais. No contexto da conservação da fauna silvestre, essa ferramenta tem contribuído para o fortalecimento das ações desenvolvidas pelos Centros de Triagem de Animais Silvestres (Cetas), especialmente na reabilitação, destinação e monitoramento de animais. O presente trabalho apresenta a aplicação desses recursos na qualificação do atendimento à fauna, com foco na ampliação da capacidade diagnóstica, no aprimoramento dos processos de reabilitação e na implementação do monitoramento pós-soltura. A partir desses recursos, foi possível estruturar exames diagnósticos, incluindo testes voltados a doenças relevantes para a conservação, além de promover melhorias no manejo clínico e sanitário. Dados do sistema de gestão dos Cetas indicam que o tempo médio de permanência dos animais foi reduzido de 320 para 133 dias após a implementação das iniciativas, correspondendo a uma diminuição de 187 dias (58,4%), evidenciando ganho de eficiência nos processos de reabilitação e destinação. Como resultado, verificou-se aumento na taxa de destinação da fauna, que passou de 50% para 63% dos animais atendidos. Adicionalmente, foram implementadas ações de monitoramento pós-soltura entre 2024 e 2025, incluindo o acompanhamento de duas onças-pardas, cinco lobos-guará, dez tamanduás-bandeira, dois gatos-palheiros-pampeanos, três cachorros-do-mato e uma tartaruga-da-Amazônia, por meio do uso de colares GPS e outras estratégias de rastreamento. Essas ações geram dados sobre sobrevivência, deslocamento e uso de habitat, contribuindo para avaliar a efetividade da reabilitação e aprimorar estratégias de conservação. Destaca-se a integração entre diagnóstico, manejo e monitoramento como fator determinante para o sucesso das solturas. Conclui-se que a conversão de multas, como política pública, configura instrumento estratégico para a conservação da fauna silvestre, ao ampliar a efetividade da reabilitação e a geração de dados para a gestão da biodiversidade. Adicionalmente, exerce efeito dissuasório sobre os autuados aderentes, ao evidenciar os serviços ambientais gerados e fomentar maior conscientização sobre os impactos das infrações e os benefícios das ações de conservação.

Palavras-chave: Conservação, Serviços ambientais, Dissuasão, Reabilitação.

Agradecimentos: Diretoria de Biodiversidade e Florestas, Diretoria de Proteção Ambiental, Rede Cetas Ibama.

Desafios para a mobilização comunitária na educação ambiental: um estudo comparativo do Projeto Bicudos

Júlia C. Passos*[1]; Maria Isabel Carvalho[1]; Ariela C. Celeste[1].

[1] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, Belo Horizonte/MG, Brasil..

*E-mail do autor correspondente: juliacarpassos@gmail.com

A mobilização social é um desafio recorrente na Educação Ambiental em projetos de conservação, especialmente quando baseada em metodologias participativas. No Projeto Bicudos, voltado à conservação do *Sporophila maximiliani*, foi desenvolvido um Programa de Educação Ambiental (PEA), com comunidades do entorno do Parque Estadual do Rio Doce (PERD), ao longo de um ano, com o objetivo de trazer visibilidade às áreas úmidas, essenciais para a espécie. Este estudo compara a mobilização social em Baixa Verde (Dionísio) e Revés do Belém (Bom Jesus do Galho). A construção do PEA envolveu, em ambas as localidades, mapeamento de atores, entrevistas abertas com amostragem em bola de neve, caminhadas guiadas e oficinas participativas com ferramentas como Árvore de Problemas e mapas colaborativos. Essas etapas promoveram engajamento inicial, identificação de lideranças e definição coletiva das ações, que incluíram oficinas de compostagem; produção de materiais como placas e cartazes; atividades culturais, como cinema na lagoa, gincana de valorização do território e observação de aves. Em Baixa Verde, destacou-se o movimento "Lagoa Verde: Eu Cuido", voltado à conservação da principal lagoa local (impactada pelo descarte irregular de resíduos), a partir do qual foram planejadas as ações. Estas foram viabilizadas por meio de parcerias com empresas da região, com a prefeitura - o que resultou na revitalização de uma praça próxima à lagoa - e com o PERD. Após a implementação das ações, foram realizadas entrevistas e dinâmicas de percepção socioambiental que indicaram transformações pessoais no cuidado com a lagoa, apesar de não indicarem uma grande transformação cultural no que diz respeito ao descarte irregular de resíduos. Em Revés do Belém, as ações foram realizadas, sobretudo, com a associação de agricultores e com uma escola, mas houve limitações associadas à fragilidade de lideranças, insegurança dos espaços públicos, baixa coesão social e distância da sede municipal e do PERD, o que resultou em menos possibilidades de parcerias, menor adesão e menos ações viabilizadas. Ainda assim, foi estabelecida parceria com empresa local e, no ambiente escolar, observaram-se avanços na sensibilização ambiental, com uma rede de estudantes, professores e cantineiras envolvidos no manejo de uma composteira feita em caixa d'água. Essa análise comparativa sugere que a mobilização pode ser influenciada pelo contexto e demanda metodologias sensíveis às especificidades territoriais.

Palavras-chave: Conservação ambiental, Participação social, Metodologias participativas, Análise comparativa.

Agradecimentos: Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação.

Dia do Papagaio-de-peito-roxo: engajamento comunitário e político para conservação de *Amazona vinacea* em Dom Joaquim, MG

Sarah C. Silva*[1,2]; Dafne M. C. Freire[1]; Maria Isabel R. Carvalho[1]; Ariela C. Celeste[1].

[1] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, Belo Horizonte/MG, Brasil.
[2] Centro Universitário Una Linha Verde, Belo Horizonte/MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: sarahcristiano30@gmail.com

O Projeto Voar: Papagaio-de-peito-roxo é um projeto realizado pelo Waita em Dom Joaquim/MG que visa a conservação da espécie e tem como uma de suas principais frentes a Educação Ambiental, atuando junto à comunidade local na sensibilização e valorização do papagaio-de-peito-roxo. O presente relato considera os registros institucionais e o acompanhamento das edições do Dia do Papagaio-de-peito-roxo realizadas, a fim de destacar o engajamento comunitário, sociocultural e político no projeto. O dia foi instituído em 2023 pela Lei Municipal nº 146/2023, como resultado da atuação do projeto e estabelecimento de parcerias locais. Desde então, o papagaio-de-peito-roxo tornou-se patrimônio oficial e símbolo da biodiversidade do município, sendo celebrado anualmente no dia 22 de outubro, data que homenageia a primeira soltura realizada pelo projeto na região. No decorrer do ano, são realizadas atividades em escolas, mobilização da comunidade, promoção de trocas de informações e registros colaborativos de avistamento da espécie, ações que culminam no Dia do Papagaio-de-peito-roxo, um evento realizado pelo Waita e pela prefeitura municipal. Durante a programação da celebração, são desenvolvidas atividades educativas, como exposições, dinâmicas interativas e espaços de troca sobre conservação, além de apresentações culturais, ações esportivas, feira com produtores locais e recreação. Ao longo das edições, o evento passou a abranger apresentações culturais locais, bem como a participação de povos tradicionais, ampliando seu alcance e o reconhecimento da diversidade cultural. A primeira edição, em 2023, contou com apresentações de cantores locais, a segunda, em 2024, com a participação de um grupo de capoeira, e em 2025, o evento recebeu os Quilombolas Ascaxar e os Indígenas Pataxó da aldeia Kanã Mihay de Carmésia, destacando a união de diferentes grupos sociais e culturais em prol da conservação. A institucionalização da data ampliou a visibilidade da espécie e do projeto, promovendo o engajamento da população local, observado pela participação contínua nas ações, apoio ao projeto e retorno espontâneo, principalmente via grupo digital. Assim, a criação da lei, aliada à representatividade sociocultural e à participação comunitária, demonstra a eficácia da Educação Ambiental como estratégia para a conservação da espécie e o fortalecimento do Projeto Voar.

Palavras-chave: Educação ambiental; Evento; Representatividade sociocultural.

Agradecimentos: Instituto de Pesquisa Waita, Loro Parque Fundación, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Instituto Estadual de Florestas (IEF), Fazenda Esperança, Prefeitura Municipal de Dom Joaquim/MG.

Educação ambiental como estratégia de sensibilização diante dos registros recentes do lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) no Rio Grande do Sul

Juliana N. Martins*[1,2]; Mara B. P. Nascimento[1,2]; Camila T. Cegoni[1,2]; Rafaell G. Dutra[1,2]; Cassiano A. Marchett[1,2]; Sidiane G. Meinhardt[1,2]; Fernanda R. Albé[2]; Renata Pereira[1,2]

[1] Tecniflora Assessoria e Planejamento Florestal Ltda., 95.060-145, Caxias do Sul-RS, Brasil.
[2] Instituto Guarabaio, Caxias do Sul-RS, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: juliana@tecniflora.com.br

O Projeto "O Lobo-guará Vai à Escola" foi desenvolvido durante o ano de 2025 no município de Cambará do Sul, Rio Grande do Sul, por meio de parceria entre a Tecniflora e o Instituto Guarabaio, com apoio público municipal e patrocínio privado. Recentes registros de lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) no município suscitaram o interesse da comunidade e, a partir disso, foi desenvolvida a iniciativa com o objetivo de informar e sensibilizar a comunidade escolar para a conservação dos ambientes naturais, utilizando o lobo-guará como espécie bandeira e guarda-chuva. O projeto foi estruturado para atender escolas municipais de ensino fundamental, abrangendo alunos, professores e comunidade em geral. Realizou-se capacitação e mentoria dos professores buscando garantir a continuidade das ações educativas e estimular a autonomia docente. Foi elaborada e distribuída a Apostila do Professor, contendo informações técnicas sobre o lobo-guará e outras espécies da fauna e flora regionais, além de propostas de atividades educativas adequadas às diferentes etapas escolares. Também foi criado um mascote do projeto, utilizado como recurso pedagógico e simbólico, e todos os participantes ganharam brindes educativos. A equipe atendeu alunos do Pré I ao 9º ano por meio de palestras, contação de histórias, arte-educação e atividades lúdicas. Já para as crianças do berçário e maternal optou-se em munir os professores com *kits* contendo material pedagógico e um lobo-guará feito artesanalmente de tecido, para subsidiar as atividades e criar vínculo afetivo com a espécie. A APAE integrou o projeto, com o desenvolvimento de atividades artísticas adaptadas ao seu público. Um totem do lobo-guará em tamanho natural integrou todas as ações, favorecendo a interação dos diferentes públicos. Ao longo do ano, as ações promoveram a troca de experiências e o engajamento coletivo, totalizando 293 atividades realizadas pelos professores e alunos. Como atividade de culminância, foi realizado o Festival do Lobo-guará e seus Amigos, evento aberto à comunidade, no qual as escolas apresentaram os principais trabalhos desenvolvidos e o público interagiu com estações temáticas de educação ambiental conduzidas por parceiros. O projeto alcançou mais de 700 alunos e cerca de 100 professores e monitores, além de reunir mais de 300 participantes no festival, evidenciando o potencial da educação ambiental continuada como estratégia de sensibilização e engajamento social para a conservação da fauna silvestre.

Palavras-chave: Conservação, Arte-educação, Fauna silvestre.

Agradecimentos: Anselmi, Rio Grande Seguros e Previdência, Parcel Reflorestadora, Cambará Incorporadora e Construtora, Tulpen Park, Log Nature.

Educação ambiental como ferramenta de sensibilização sobre morcegos: ações do projeto Morcegos na Praça em 2025

Karen M. Paula*[1]; Mariana F. Melo[1]; Maria S. Marrelli[2]; Valesca A. M. Gomes[3]; Marcelly L. Dias[4]; Kátia M. Famadas[1]; Elizabete C. Lourenço[5].

[1] Departamento de parasitologia animal, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ),23890-000, Seropédica, Rj, Brasil.
[2] Laboratório de Quiropterologia Neotropical, Instituto de Ciências Naturais, Humanas e Sociais, Universidade Federal do Mato Grosso, 78550728, Sinop-MT, Brasil.
[3] Instituto Federal do Rio de Janeiro, 26.551-240, Rio de Janeiro - RJ, Brasil.
[4] Universidade Federal do Rio de Janeiro, 21941-901, Rio de Janeiro - RJ, Brasil.
[5] Laboratório de Ecologia de Mamíferos, Departamento de Ecologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rua São Francisco Xavier, 524, Pavilhão Haroldo Lisboa da Cunha, 220, CEP 20550-900, Maracanã, estado do Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail do autor correspondente: karenmaximo@ufrrj.br

A ordem Chiroptera representa cerca de 20% das espécies de mamíferos e desempenha funções ecológicas importantes, como dispersão de sementes, polinização e controle biológico de insetos. Apesar dessa relevância, esses animais ainda são frequentemente associados a "ratos voadores" ou vampiros, contribuindo para a construção de percepções negativas que resultam em medo e perseguição desses animais. Neste contexto, foi criado em 2013 o projeto de extensão Morcegos na Praça voltado à educação ambiental. Assim, o objetivo deste trabalho é descrever as ações de sensibilização e educação ambiental desenvolvidas pelo projeto Morcegos na Praça ao longo de 2025 em diferentes espaços públicos e institucionais do estado do Rio de Janeiro. As ações realizadas em 2025 ocorreram em eventos, como escolas, parques naturais e universidades. As atividades incluíram exposição de *banners* educativos, apresentação de espécimes taxidermizados, distribuição de folhetos informativos, oficinas e conversas com o público. Durante a abordagem, os participantes eram inicialmente convidados a compartilhar suas percepções, conhecimentos ou dúvidas sobre os morcegos, permitindo identificar concepções prévias e orientar o diálogo educativo. Em 2025 foram realizados vinte e um eventos, incluindo duas palestras, atividades em três escolas e quatorze participações em exposições como o Avistar, a Biosemana UFRJ, Parque Estadual Cunhambebe e Parque Municipal da Prainha. Ao todo, as ações alcançaram aproximadamente 2.800 participantes. Além disso, o projeto realizou atividades vinculadas a iniciativas internacionais, como a BatWeek e a Contagem Anual de Natal, voltadas, respectivamente, à conservação e divulgação dos morcegos e à captura e coleta de dados sobre essas espécies, por meio de amostragens de campo. De modo geral, observou-se, de forma qualitativa, que parte do público inicialmente apresenta percepções negativas ou baseadas em informações equivocadas; após as atividades educativas, foram percebidos maior participação, interesse e questionamentos relacionados à importância ecológica dos morcegos. Dessa forma, as atividades de educação ambiental e divulgação científica indicam potencial para ampliar o conhecimento da população, esclarecer mitos e promover uma percepção mais positiva sobre os morcegos, contribuindo para a conservação desses animais e para uma convivência mais informada entre sociedade e fauna silvestre.

Palavras-chave: Educação ambiental, morcegos, divulgação científica, conservação da fauna, percepção pública

Agradecimentos: CRBio-02, Piper 3D - Pesquisa, Educação & Consultoria Ambiental, Log Nature.

Educação ambiental por meio de documentários: uma estratégia experimental de sensibilização para conservação da fauna silvestre em escolas

Milena T. Barbosa*[1]; Ana F.C. Braga[1]; Maria L. P. Almeida[1]; Luana M. G. Mendes[1]; Rayane C. N. Ferreira[1]; Ketleen R. F.[1]; Adilaine S. A.[1]; Ana B. S. Pereira[1]; Dalila F. Ferreira[1].

[1] Grupo de Estudos em Animais Silvestres, Departamento de Ciências Agrárias, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais Campus Bambuí, 38900-000, Bambuí-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: milena.tbarbosa@gmail.com

A educação ambiental é uma ferramenta estratégica para a promoção da conservação da fauna silvestre, especialmente frente às problemáticas como o tráfico de animais e a degradação dos ecossistemas. Este estudo apresenta uma proposta de intervenção educativa no ambiente escolar, visto a necessidade de estratégias educativas para ampliação do conhecimento e a conscientização sobre a fauna silvestre. A iniciativa dialoga com a realidade escolar e atende à demanda por práticas pedagógicas mais dinâmicas e contextualizadas, promovendo o engajamento dos estudantes e fortalecendo a formação de atitudes mais responsáveis em relação ao meio ambiente. Por meio disso, a exibição dos documentários tem o objetivo de sensibilizar alunos, professores, equipes pedagógicas e comunidade geral, acerca da importância da conservação, sustentabilidade e preservação ambiental da fauna silvestre. A metodologia consiste na curadoria e exibição de documentários curtos com aproximadamente 30 minutos de duração, sendo conteúdos científicos e socioambientais, seguidos de momentos estruturados de mediação e discussão. A presente proposta foi aplicada em duas escolas públicas do município de Bambuí, em Minas Gerais. As atividades foram realizadas em dois momentos distintos, com duração de uma hora. O primeiro foi em Novembro de 2025 com o documentário "Pantanal Selvagem - A luta dos animais pela sobrevivência" e depois, em fevereiro de 2026 com a exibição do "Asas de esporão - Poema e vida de um quero-quero" ambos foram exibidos para estudantes do primeiro ano do ensino médio. Após a exibição, os estudantes participaram de um jogo avaliativo composto por questões de verdadeiro e falso e perguntas objetivas sobre o conteúdo assistido. A atividade mostrou boa assimilação dos conteúdos, com a maioria dos alunos acertando, sobretudo sobre a importância da fauna silvestre e os impactos das ações humanas nos ecossistemas. Observou-se também maior engajamento nas discussões e demonstrações de compreensão crítica, indicando avanço no entendimento e maior conscientização sobre as temáticas trabalhadas. A iniciativa pretende contribuir para o fortalecimento da educação ambiental como instrumento de conservação, aproximando conhecimento científico e realidade escolar. Alinhado aos princípios de reabilitação, monitoramento e conservação da fauna silvestre. O projeto destaca o papel transformador da educação na construção de uma cultura de respeito e proteção à biodiversidade.

Palavras-chave: Aprendizagem, Ecossistemas, Didática

Agradecimentos: Agências de Fomento.

Educação ambiental, turismo de conservação e economia da funcionalidade e cooperação em projetos de reabilitação socioecológica

Aline Leite Dias*[1].

[1] PPGIT, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: fonheu@icloud.com

A conservação e a restauração de ecossistemas naturais dependem de reconfigurações sociais significativas, envolvendo novas práticas, novos arranjos econômicos e relações mais equilibradas e responsáveis entre sociedade e natureza. Nesse contexto, a educação ambiental tem sido reconhecida como componente essencial para ampliar a consciência ecológica e incentivar ações voltadas à sustentabilidade. Este trabalho tem como objetivo analisar, por meio de revisão bibliográfica, como a educação ambiental tem sido articulada a iniciativas de reabilitação socioecológica, com destaque para experiências associadas ao turismo de conservação e à observação da natureza. A análise também considera contribuições de abordagens econômicas alternativas, como a economia da funcionalidade e cooperação. A metodologia baseou-se em revisão de literatura em bases acadêmicas nacionais e internacionais, seguida de análise qualitativa de publicações relacionadas à educação ambiental, restauração ecológica, turismo de natureza e modelos econômicos voltados à sustentabilidade. A reflexão é situada na região de Pedro Leopoldo, Minas Gerais, Brasil, território inserido em paisagens cársticas com grutas, lagoas e áreas úmidas que abrigam aves migratórias e relevante diversidade biológica, mas também submetido a pressões decorrentes da hiperurbanização, mineração, monocultura e pecuária extensiva. A literatura examinada indica que atividades de turismo de conservação, observação e fotografia da natureza podem favorecer processos educativos capazes de sensibilizar visitantes e comunidades locais quanto à importância da biodiversidade e da proteção dos ecossistemas. Os estudos também sugerem que arranjos econômicos baseados na cooperação, no uso responsável dos recursos e na valorização dos serviços ecossistêmicos podem impulsionar economias territoriais de forma mais equilibrada. Conclui-se que a articulação entre educação ambiental, turismo de conservação e abordagens econômicas inovadoras apresenta potencial para fortalecer estratégias de reabilitação socioecológica e ampliar reflexões sobre modelos econômicos compatíveis com a conservação da biodiversidade.

Palavras-chave: Educação ambiental, Turismo de conservação, Economia da funcionalidade e cooperação, Reabilitação socioecológica, Sustentabilidade territorial.

Entre ciência e comunidade: participação social no monitoramento do papagaio-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*)

Lara R. Maia*[1,2]; Maria Isabel R. Carvalho[2]; Ariela C. Celeste[2].

[1] Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[2] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, Belo Horizonte/MG, Brasil

*E-mail do autor correspondente: lararmufmg@gmail.com

O papagaio-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*) é classificado mundialmente como em perigo de extinção e o projeto Voar, desenvolvido pelo Waita desde 2021, realiza a reabilitação e monitoramento pós-soltura da espécie em Dom Joaquim/MG. Ao longo do projeto, foram realizadas ações de educação ambiental voltadas à sensibilização e ao engajamento da população local na conservação da espécie. Neste contexto, este trabalho tem como objetivo analisar como essas ações contribuíram para a participação da comunidade no monitoramento do papagaio-de-peito-roxo. A análise baseou-se no estudo de relatórios, materiais educativos e outros documentos que registraram as atividades realizadas pelo projeto. Desde a primeira fase (2021–2022), foram feitas visitas às residências no entorno da área de soltura, integrando práticas de educação ambiental à orientações sobre a espécie, seu comportamento, importância ecológica e à necessidade de evitar interações, como alimentação e contato próximo com os indivíduos, explicitando a consequência disso para a sobrevivência dos animais na natureza. Também foram estabelecidas parcerias com uma rádio local, escolas e agentes comunitários de saúde, ampliando o conhecimento e reconhecimento da importância da espécie pela população. Na segunda fase (2023-2024), ampliaram-se as visitas domiciliares e foram realizadas rodas de conversa, atividades em escolas, devolutivas ao poder público, além da criação do Dia Municipal do Papagaio-de-peito-roxo. Observou-se que essas ações favoreceram a mobilização social e a participação comunitária no monitoramento da espécie. Na fase I, a população ajudou a identificar a localização de quatro papagaios monitorados e possibilitou o resgate ou entrega voluntária de treze aves mantidas irregularmente, sendo dez papagaios-de-peito-roxo. Na fase II, foram entregues voluntariamente nove aves, sendo cinco *A. vinacea*. Assim, observa-se que as ações de educação ambiental possibilitaram maior conhecimento sobre a espécie por parte da comunidade local e expandiram o alcance do monitoramento para além das limitações técnicas dos instrumentos utilizados. Conclui-se que a educação ambiental promovida pelo projeto apresentou um papel central no fortalecimento da participação social no monitoramento do papagaio-de-peito-roxo, contribuindo para a conservação da espécie. Como próximo passo, destaca-se a importância da consolidação de estratégias de ciência cidadã para potencializar esse processo.

Palavras-chave: Educação ambiental, Conservação, Envolvimento comunitário.

Agradecimentos: Instituto de Pesquisa Waita, Loro Parque Fundación, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Instituto Estadual de Florestas (IEF), Fazenda Esperança, cidadãos e Prefeitura Municipal de Dom Joaquim/MG.

Guardiões da Natureza: educação ambiental em exposição agropecuária no município de São João del-Rei

Maria Clara de M. Carvalho*[1]; Luiza G. Silva[2]; Luiza L. Frederico[2]; Renata de S. Reis[2].

[1] Departamento de Ciências Naturais, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei-MG, Brasil.
[2] Departamento de Zootecnia, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: claram233273@gmail.com

Entende-se a Educação Ambiental, em sua perspectiva crítica, como um processo formativo que visa desenvolver a consciência socioambiental, promovendo a reflexão sobre as relações entre sociedade, natureza e práticas produtivas. Nesse contexto, o presente relato descreve uma ação extensionista realizada durante a Exposição Agropecuária de São João del-Rei, com foco na sensibilização de diferentes públicos, incluindo crianças e produtores rurais, considerando o evento como espaço estratégico de diálogo entre campo e sociedade. As atividades foram desenvolvidas pelo Grupo de Estudos de Animais Selvagens(GEAS/UFSJ), utilizando abordagem lúdico-interativa estruturada em quatro eixos temáticos (água, ar, terra e fogo). Foram elaboradas estações educativas com jogos, maquetes e dinâmicas participativas, como "Missão Água Limpa", "Desafios Invisíveis das Aves", "Solo com Vida" e "Corrida Contra o Fogo", abordando impactos antrópicos e estratégias de conservação da fauna silvestre. A avaliação dos resultados foi realizada por meio de observação sistemática participante, registro da frequência de visitantes por estação e aplicação de indicadores qualitativos de engajamento, como interação com os materiais, participação ativa nas atividades, formulação de perguntas e permanência nas estações. Adicionalmente, foram considerados relatos espontâneos dos participantes e o retorno de visitantes às atividades como indicadores de interesse e compreensão. Esses critérios permitiram inferir níveis de envolvimento e potencial assimilação dos conteúdos abordados. Os resultados evidenciaram elevada adesão do público, com destaque para o público infantil, acompanhado frequentemente por familiares, o que favoreceu a ampliação do alcance educativo. Observou-se que as atividades promoveram não apenas interesse imediato, mas também reflexões sobre práticas cotidianas e impactos ambientais, alinhando-se aos pressupostos da Educação Ambiental crítica. Conclui-se que a ação contribuiu para a sensibilização ambiental em um contexto não formal de ensino, embora se reconheça a necessidade de aprimorar instrumentos quantitativos de avaliação para mensurar, de forma mais robusta, os impactos educativos em longo prazo.

Palavras-chave: Educação ambiental, Conservação ambiental, Gestão de recursos naturais.

Agradecimentos: Grupo de Estudos de Animais Selvagens (GEAS-UFSJ).

Instagram como instrumento de divulgação científica e conservação: análise das interações no perfil do Projeto Morcegos na Praça

Mariana F. Melo[1*]; Karen M. Paula[1]; Maria S. Marrelli[2]; Valesca A. M. Gomes[3]; Marcelly L. Dias[4]; Kátia M. Famadas[1]; Elizabete C. Lourenço[5].

[1] Departamento de parasitologia animal, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ),23890-000, Seropédica, Rj, Brasil.
[2] Laboratório de Quiropterologia Neotropical, Instituto de Ciências Naturais, Humanas e Sociais, Universidade Federal do Mato Grosso, 78550728, Sinop-MT, Brasil.
[3] Instituto Federal do Rio de Janeiro, 26.551-240, Rio de Janeiro - RJ, Brasil.
[4] Universidade Federal do Rio de Janeiro, 21941-901, Rio de Janeiro - RJ, Brasil.
[5] Laboratório de Ecologia de Mamíferos, Departamento de Ecologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rua São Francisco Xavier, 524, Pavilhão Haroldo Lisboa da Cunha, 220, CEP 20550-900, Maracanã, estado do Rio de Janeiro, Brasil.

E-mail do autor correspondente: marifmelo@ufrrj.br

O Instagram tem se consolidado como uma ferramenta de divulgação científica e pode atuar como um espaço educativo quando articulado a processos de mediação e construção do conhecimento, permitindo que projetos de extensão universitária ampliem seu alcance e estabeleçam diálogo direto com diferentes públicos. O Projeto Morcegos na Praça (MnP) atua na divulgação científica para conservação de morcegos, animais que historicamente são associados a estigmas e desinformação. O presente estudo teve como objetivo analisar as interações recebidas no perfil do MnP no Instagram. As mensagens recebidas via direct entre outubro de 2019 e abril de 2025 foram classificadas em oito categorias. Foram analisadas 237 interações, distribuídas nas seguintes categorias: Orientações (57; 24,1%) englobando dúvidas sobre manejo, resgate e convívio com morcegos; Dúvidas sobre biologia e comportamento da espécie (37; 15,6%); Estudos (24; 10,1%), representando buscas por materiais e auxílio em pesquisas acadêmicas; Interesse em participar do projeto (21; 8,9%); Eventos e parcerias (17; 7,2%), incluindo convites para palestras, cursos e ações de educação ambiental; Mídias/Trocas (16; 6,8%), com compartilhamento de registros e debates temáticos; Elogios (13; 5,5%) e Outros (52; 21,9%). Observou-se crescimento progressivo das interações ao longo dos anos, com pico em 2023 (60 interações). Esse fato pode estar associado ao aumento da frequência de postagens ou à ocorrência de conteúdos com maior alcance. A predominância de demandas por orientação prática e esclarecimento de dúvidas evidencia lacunas no conhecimento público sobre quirópteros. As interações voltadas à orientação e esclarecimento de dúvidas indicam a ocorrência de processos de mediação de conhecimento, nos quais informações científicas são contextualizadas e aplicadas a situações cotidianas, aproximando o público da temática e favorecendo a construção de entendimento sobre a fauna silvestre. A presente análise se baseia na categorização das interações e não avalia diretamente processos de aprendizagem ou mudanças de percepção dos participantes, constituindo, portanto, um estudo de caráter descritivo. Os resultados indicam potencial do Instagram como ferramenta de apoio à educação ambiental e à divulgação científica, promovendo engajamento contínuo, desmistificação e aproximação entre ciência e sociedade.

Palavras-chave: Educação ambiental, comunicação científica, interação digital, percepção pública, fauna silvestre.

Agradecimentos: CRBio-02, Piper 3D - Pesquisa, Educação & Consultoria Ambiental, Log Nature.

Integração escola-conservação: avaliação de um guia educativo no projeto de reintrodução de *Amazona vinacea* em Santa Catarina

Vanessa T. Kanaan*[1]; Alessandra L. Rocha[1]; Raiane S. Guidi[1].

[1] Instituto Fauna Brasil, 88050-425, Florianópolis, SC, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: vanessa@institutofaunabrasil.org.br

A educação ambiental desempenha papel estratégico na conservação da fauna silvestre ao promover engajamento social e atitudes favoráveis à biodiversidade. Em projetos de conservação com recursos limitados, a capacitação de professores como multiplicadores amplia o alcance das ações e favorece a integração de temas ambientais à prática pedagógica. Este estudo avaliou a aceitação, o uso e o impacto educacional percebido de um Guia de Atividades Educativas sobre o papagaio-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*), desenvolvido como suporte ao projeto de reintrodução da espécie no Parque Nacional das Araucárias. Foram aplicados dois questionários a professores de escolas públicas de três municípios do entorno da unidade de conservação: o primeiro no momento da entrega do material (n=475) e o segundo ao final do ano letivo para coleta de *feedback* (n=151), correspondendo a uma taxa de retorno de 31,8%. Observou-se elevada aceitação da ferramenta, com 97,1% dos respondentes considerando o guia importante para a prática pedagógica. O uso efetivo foi relatado por 71,4% dos professores, com aplicação interdisciplinar em diferentes componentes curriculares. Os professores relataram que o material auxiliou no planejamento das aulas, facilitou o desenvolvimento de atividades, ampliou o conhecimento sobre o parque e a espécie e favoreceu a contextualização dos conteúdos curriculares, além de atuar como instrumento de sensibilização ambiental. Embora 97,7% dos docentes tenham manifestado intenção inicial de uso, observou-se uma redução de 26,3% no uso. Entre os fatores apontados para a não implementação destacam-se barreiras práticas, como limitação de tempo e dificuldade de adequação do material às faixas etárias atendidas. Os resultados indicam que o guia fortalece a conexão entre projetos de conservação e a comunidade escolar. Estratégias de acompanhamento contínuo e suporte pedagógico podem ampliar sua aplicação, potencializando o papel da educação ambiental na conservação de espécies ameaçadas e na redução dos fatores que provocaram seu desaparecimento local.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Papagaio-de-peito-roxo, Conservação.

Agradecimentos: Zoologische Gesellschaft für Arten- und Populationsschutz e. V. Wilhelma Zoo, Parrot Society UK, Parrot Wildlife Foundation, Log Nature.

Osteomontagem de *Caiman latirostris* como ferramenta para o ensino de anatomia animal e potencial aplicação em educação ambiental

Lucas G. S. Barbosa*[1]; Jackie A. S. Souza[2]; Mércia N. Teixeira[1]; Adilaine S. Anício[1]; Milena T. Barbosa[2]; João V. Mello[5]; Paula C. S. Andrade[5]; Cláudio M. A. Faria[3]; Clarice S. Cesário[4]; Dalila F. Fátima[2].

[1] Grupo de Estudos em Animais Silvestres, Departamento de Ciências Agrárias, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais Campus Bambuí, Bambuí - MG, Brasil.
[2] Grupo de Estudos em Animais Silvestres, Departamento de Ciências e Linguagens, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais Campus Bambuí, Bambuí - MG, Brasil.
[3] Departamento de Ciências Agrárias, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais Campus Bambuí, Bambuí - MG, Brasil.
[4] Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais Campus São João Evangelista, São João Evangelista - MG, Brasil.
[5] Centro de Triagem e Reabilitação de Animais Silvestres (CETRAS) – IEF Divinópolis, Divinópolis – MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: lucasbarbosa200304@gmail.com

O ensino de anatomia aplicada à fauna silvestre enfrenta limitações relacionadas à escassez de material didático específico e à reduzida disponibilidade de exemplares anatômicos de espécies. Nesse contexto, objetivou-se relatar a preparação e a montagem de um esqueleto de *Caiman latirostris* como recurso didático para o ensino anatômico aos alunos de Ciências Biológicas, Medicina Veterinária e Zootecnia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG) – Campus Bambuí, bem como sua potencial aplicação em ações de educação ambiental. O jacaré-de-papo-amarelo (*C. latirostris*) é um crocodiliano de médio porte endêmico da América do Sul, geralmente encontrado em ambientes aquáticos lênticos com vegetação densa. O espécime estudado era um animal adulto de vida livre, com aproximadamente 2,5 m de comprimento, frequentemente avistado na lagoa principal do campus. Em razão de seu porte e recorrente presença, passou a ser informalmente chamado pela comunidade acadêmica de "Jack", tornando-se referência para a criação do mascote da instituição. Após a constatação de seu óbito em dezembro de 2023, foi destinado à preparação osteológica. Inicialmente, realizou-se a remoção de tecidos moles por maceração biológica em solo. As peças ósseas recuperadas foram limpas, imersas em solução de peróxido de hidrogênio (H_2O_2) para clareamento e recobertas manualmente com verniz. Desde o preparo, as peças ósseas isoladas foram levadas à exposições internas e externas e observou-se sempre um interesse do público por se tratar de um indivíduo conhecido na instituição, evidenciando o potencial educativo do material. Posteriormente, com base em publicações científicas sobre outros crocodilianos, iniciou-se a montagem artesanal do esqueleto em formato de oficina, envolvendo docentes e discentes do campus. Atualmente, a montagem encontra-se na fase de fixação da base e ajustes finais. A experiência proporcionou aos discentes uma vivência formativa ao estimular a busca ativa por conhecimento em anatomia animal e a observação detalhada da morfologia óssea de *C. latirostris*. A peça apresenta potencial para uso em ações de educação ambiental e exposições institucionais, especialmente por tratar-se de "Jack", mascote do IFMG – Campus Bambuí, possibilitando abordar temas como conservação da biodiversidade, preservação de ecossistemas e coexistência entre humanos e fauna silvestre.

Palavras-chave: Crocodiliano, Osteologia, Preparação osteológica.

Projeto catálogo de espécies de fauna e flora de Ouro Preto/MG

Gefferson G. R. Silva*[1]; Rogério T. Oliveira[1]; Thaís Drumond[1]; Derza A. C. Nogueira[1]; Euclides D. A. Brandão[1]; Rodrigo F. Nogueira[1,2]; Paulo Radicchi[2]; Gilson C. Nogueira[1]; Marcelo F. Vasconcelos[1].

[1] Instituto Pé de Urucum, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[2] Noh Soluções em Tecnologia, Palhoca-SC, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: geffersonguilherme01@gmail.com

As sociedades contemporâneas revelam que as ações humanas e seus modelos culturais estão causando impactos cada vez maiores na conservação das espécies e seus ecossistemas, o que nos leva à necessidade de repensar em novos modelos de se relacionar com os ambientes naturais. O projeto consistiu na criação de um catálogo de espécies da fauna e da flora como instrumento de educomunicação ambiental no âmbito da educação não formal, envolvendo cerca de 80 alunos, das escolas públicas Dr. Pedrosa e Monsenhor Rafael, localizadas nos distritos de Miguel Burnier e Santo Antônio do Leite, em Ouro Preto/MG. O objetivo foi conscientizar estudantes do ensino fundamental sobre a biodiversidade local, fortalecer o sentimento de pertencimento e o entendimento do ambiente, além de destacar as consequências da falta de conservação ambiental e patrimonial. A orientação das atividades foi realizada por técnicos multidisciplinares do Instituto Pé de Urucum ao longo de dois anos (2024-2025) e as atividades foram divididas em dois blocos: 1) aplicação de oficinas lúdicas e jogos educativos como forma de preparo dos alunos na identificação das espécies, manuseio dos equipamentos disponibilizados, forma de coleta e armazenamento dos registros e condutas em campo; 2) realização de quatro visitas de campo (duas em cada estação do ano) próximas às escolas e à RPPN Fazenda Nascer, localizada em São Bartolomeu, onde houve também a instalação de armadilhas fotográficas. Durante as saídas de campo, os alunos utilizaram câmeras, binóculos e cadernetas para registrar as espécies que totalizaram uma riqueza de 157 espécies, das quais 73 são representantes da fauna, 76, da flora, além de oito fungos e liquens, com o destaque de registros de espécies ameaçadas de extinção e/ou endêmicas da Mata Atlântica. Com os dados coletados e ilustrações das espécies feitas pelos alunos, foi publicado o catálogo impresso contendo informações sobre a biodiversidade registrada por eles e desenvolvido a versão virtual através de aplicativo que permite a continuidade de registros. Como ferramenta de *feedback* dos processos de ensino/aprendizados, a equipe realizou conexões entre as oficinas e campos de forma interativa, com o intuito de reforçar e avaliar a absorção dos temas trabalhados ao longo da condução das visitas de campo. Também foram avaliados o grau de envolvimento dos participantes e das escolas nas atividades aplicadas, com ótima evolução ao longo do projeto e qualidade dos produtos entregues.

Palavras-chave: Reabilitação, Monitoramento, Conservação.

Agradecimento: Plataforma Semente-MPMG

Super-Gambá: uma iniciativa de sensibilização visando a conservação da fauna silvestre

Mércia N. Teixeira*[1]; Ana J. B. Justino[1]; Laura Amorim[1]; Maria Olívia O. Abrão[1]; Grazielle B. M. Cândido[1]; Lucas G. S. Barbosa[1]; Adilaine S. Anicio[1]; Jackie A. S. Souza[1]; Milena T. Barbosa[1]; Ketleen R. Faria[1]; Dalila F. Ferreira[1].

[1] Grupo de Estudos em Animais Silvestres, Departamento de Ciências Agrárias, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais Campus Bambuí, Bambuí - MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: mercianevesteixeira@gmail.com

A expansão da urbanização e a fragmentação dos habitats naturais promoveram a aproximação dos animais silvestres ao ambiente urbano. Nessas áreas antropizadas, a fauna sinantrópica exerce funções fundamentais, como o controle biológico de insetos e a dispersão de sementes, desempenhada pelos gambás. Apesar de sua relevância ecológica, esses marsupiais são frequentemente percebidos de forma negativa pela população, evidenciando a necessidade de estratégias educativas que favoreçam a convivência harmoniosa entre seres humanos e a fauna sinantrópica. Nesse contexto, o projeto "Super-Gambá: herói da natureza" foi desenvolvido com o objetivo de promover a conscientização ambiental e estimular o respeito à fauna silvestre, enfatizando a relevância ecológica dos gambás (*Didelphis spp.*) nos ecossistemas urbanos. O projeto foi aplicado a crianças de sete a nove anos da Escola Municipal Dulcinéia Gomes Torres, no município de Bambuí em Minas Gerais, fundamentando-se em metodologias participativas e lúdicas de educação ambiental. Entre as estratégias utilizadas destacaram-se rodas de conversa, ilustrações, a criação do personagem "Super-Gambá", concebido para representar, de forma simbólica e acessível, os "superpoderes" ecológicos atribuídos a esses animais. Um exemplar taxidermizado foi utilizado como recurso didático para possibilitar a observação direta de características morfológicas dos gambás e ampliar a compreensão sobre sua biologia. Foram estimulados espaços de reflexão coletiva, nos quais as crianças compartilharam curiosidades e experiências prévias com os gambás, permitindo compreender como a percepção social sobre esses animais é construída. O uso de recursos visuais, vídeos e atividades artísticas tornou o aprendizado mais dinâmico e acessível, integrando ciência, arte e meio ambiente. A avaliação das atividades educativas foi realizada de forma qualitativa, por meio da análise dos desenhos produzidos pelas crianças. Nas ilustrações, os gambás foram retratados de forma positiva, demonstrando o reconhecimento de sua importância ecológica. Ao aproximar o conhecimento científico do público infantil, as ações desenvolvidas podem ampliar o interesse pelas questões ambientais e favorecer o respeito à fauna silvestre. Os resultados indicam o potencial do projeto como instrumento de educação ambiental, contribuindo para a sensibilização e formação de cidadãos comprometidos com a conservação da biodiversidade em contextos urbanos.

Palavras-chave: Educação ambiental; *Didelphis spp.*; Animais sinantrópicos.

WhatsApp como ferramenta colaborativa: uso de grupo comunitário na conservação do papagaio-de-peito-roxo

Dafne M. C. Freire*[1]; Lara R. Maia[1,2]; Maria Isabel R. Carvalho[1]; Ariela C. Celeste[1].

[1] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, Belo Horizonte/MG, Brasil.
[2] Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: dafnec49@gmail.com

O Projeto Voar - Papagaio-de-peito-roxo, promove a reabilitação e monitoramento pós-soltura de *Amazona vinacea* oriundos do tráfico, atrelado a ações de Educação Ambiental em Dom Joaquim/MG. Um dos eixos orientadores dessas ações foca em atividades de divulgação científica e no uso de métodos participativos. Em janeiro de 2025 foi criado um grupo de WhatsApp com a população local, visando aproximar os pesquisadores da comunidade, compartilhar conteúdos educativos e devolutivas das ações realizadas e desenvolver uma ferramenta colaborativa para o monitoramento dos papagaios. Semanalmente foram compartilhados conteúdos de divulgação científica como vídeos, imagens e áudios sobre a biologia e conservação da espécie, além de enquetes e devolutivas de ações educativas e de monitoramento promovidas no município. A comunidade também foi incentivada a informar em caso de avistamento de indivíduos de *A. vinacea* soltos pelo projeto ou nativos. Por meio das interações, pôde-se levantar informações sobre a alimentação dos papagaios, datas de ocorrência do período reprodutivo, localizações de dormitórios coletivos e áreas de avistamento frequente, contextualizadas a nível regional. Foram recebidos 38 registros de *A. vinacea* e, desses, seis estavam em propriedades particulares; nesses casos, os proprietários eram orientados sobre como agir, sensibilizando-os sobre os motivos para não se aproximarem e interagirem com os animais silvestres. Dentre todos os envios, cinco puderam ser identificados como papagaios soltos pelo projeto, contribuindo com o monitoramento dos animais reabilitados. O canal também se tornou um espaço de troca entre membros da comunidade, que fazem registros de diferentes espécies e buscam por identificação no grupo, compartilhando experiências e saberes sobre a biodiversidade local. Um ano após sua criação, o grupo contava com 56 membros, sendo 37 da comunidade e 19 pesquisadores da equipe. Observou-se que diferentes formatos de mensagens geraram variados níveis de engajamento, o que serviu de base para a criação de conteúdos cada vez mais assertivos como ferramentas educativas e de divulgação. A iniciativa mostrou-se eficiente para a troca bilateral de conhecimentos, levantamento de informações de modo participativo e fortalecimento de vínculos com a comunidade; no entanto, também apresentou desafios como a acessibilidade, participação ativa frequente de apenas alguns dos participantes e o acesso limitado à internet na zona rural.

Palavras-chave: Engajamento comunitário, Métodos participativos, Educação ambiental.

Agradecimentos: Instituto de Pesquisa Waita, Loro Parque Fundación, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Instituto Estadual de Florestas (IEF), Fazenda Esperança.

MEDICINA VETERINÁRIA EM PROJETOS DE REABILITAÇÃO, MONITORAMENTO E CONSERVAÇÃO DA FAUNA SILVESTRE

Abordagem terapêutica de trauma medular em *Callithrix aurita*: relato de caso

Cecília L. S. S. Dias*[1]; Isabela N. Mascarenhas[1]; Fabiano R. de Melo[1]; Carla A. Tranin[2]; Fabiana A. Voorwald[3].

[1] Centro de Conservação dos Saguis-da-Serra, Departamento de Engenharia Florestal, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, Brasil.
[2] Centro Universitário de Viçosa, Univiçosa, Viçosa, Minas Gerais, Brasil
[3] Hospital Veterinário UFV, Departamento de Veterinária, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: cecigyn.sousa@gmail.com

A reabilitação de primatas é um desafio que exige abordagens multidisciplinares, combinando biologia, medicina veterinária, comportamento e manejo. Quando bem-sucedida, contribui para a manutenção de populações silvestres, especialmente de espécies ameaçadas, como *Callithrix aurita* (sagui-da-serra-escuro), classificado como "em perigo" na última avaliação nacional. Este trabalho tem como objetivo apresentar o caso de uma filhote fêmea de *C. aurita*, resgatada após atropelamento por motocicleta em Rio Doce – MG, em agosto de 2024. Os pesquisadores do Centro de Conservação dos Saguis-da-Serra foram responsáveis pelo seu encaminhamento ao Hospital Veterinário da Universidade Federal de Viçosa. Ao exame clínico, o animal apresentava-se consciente e alerta, com áreas de alopecia em crânio, face medial de membros torácicos e pélvicos e lateral de tórax e abdômen, além de tetraparesia e espasticidade de membros pélvicos e torácicos. O exame radiográfico sugeriu uma instabilidade em coluna cervical, difícil de ser localizada com precisão devido ao tamanho e posicionamento do animal. A paciente permaneceu internada sob tratamento com cefazolina (BID, durante 10 dias) e aplicação de prednisolona (BID, nos primeiros sete dias, com diminuição para SID por mais cinco dias). Em seguida, foi utilizada metade da dose de prednisolona (SID, por cinco dias), combinada à analgesia com dipirona (BID, por sete dias) e suplementação vitamínica. Além da medicação, a paciente recebeu fisioterapia diariamente durante os primeiros sete dias de internação. Após 12 dias, nos quais o animal foi mantido sob cuidados intensivos, com suporte nutricional, hidratação e aquecimento, ela apresentou recuperação progressiva da locomoção, tornando-se apta a se alimentar e se deslocar com autonomia, com leve debilidade, sendo instituído uso de piracetam (SID, por tempo indeterminado) para prevenção de sequelas. Com melhora satisfatória, no 13° dia, foi encaminhada para quarentena, com realização de exames clínicos e laboratoriais e vermifugação. Um mês após o acidente, foi transferida para um recinto e integrada a um novo grupo familiar no plantel do Centro, assegurando sua saúde e capacidade de sobrevivência, com suas funções fisiológicas recuperadas mesmo após trauma grave. Este relato corrobora a eficácia de intervenções integradas, associadas ao manejo clínico, para a recuperação funcional completa do animal, contribuindo para sua reintrodução na natureza e para conservação da sua espécie.

Palavras-chave: Manejo pós-trauma, Conservação *ex situ*, Manejo integrado.

Agradecimentos: Professora Fabiana Voorwald, Professor Fabiano Melo, Doutoranda Isabela Normando Mascarenhas, equipes do Centro de Conservação dos Saguis-da-Serra e do Hospital Veterinário da UFV.

Adaptações funcionais em periquito-de-encontro-amarelo (*Brotogeris chiriri*) com perda parcial de rinoteca sob cuidados de reabilitação

Larissa P. Silva*[1]; Jordana S. M. Novais[1]; Higor D. P. Santos[1]; Yasmin M. Peixoto[1]; Gabriel C. Borges[1]; Marco V. Q. Alves[2]; Érika P. T. Teixeira[3]; Júlia O. L. Cruz[3]; Célia L. Q. L. Afonso[3]; Thiago L. Stehling[3].

[1] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[2] Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Belo Horizonte-MG, Brasil.
[3] Instituto Estadual de Florestas - (IEF), Belo Horizonte-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: s.larissa.vet@gmail.com

O periquito-de-encontro-amarelo (*Brotogeris chiriri*) é uma espécie de psitacídeo de hábito gregário amplamente distribuída pelo Sudeste do Brasil. A crescente urbanização intensificou o conflito com a fauna silvestre, aumentando a ocorrência de traumas decorrentes de colisões, ataques por animais domésticos e outros acidentes. Nos psitacídeos, a ranfoteca é vital, e as lesões traumáticas nessa estrutura comprometem significativamente a capacidade de ingestão de alimentos e a movimentação do animal, impactando diretamente o prognóstico e sobrevida do animal. Esse relato tem o objetivo de apresentar o caso clínico e a reabilitação de um indivíduo de 60g admitido em outubro de 2025 no Centro de Triagem de Animais Silvestres de Belo Horizonte (CETAS-BH), apresentando perda parcial da rinoteca com uma lesão em fase de cicatrização. O protocolo terapêutico incluiu limpeza do ferimento com clorexidina 2% e solução fisiológica a 0,9%, além da utilização de analgesia com dipirona (25mg/kg, IM, BID por cinco dias) e anti-inflamatório meloxicam (0,2 mg/kg, IM, SID, por três dias). O peso foi monitorado e após o 5° dia, o animal já se alimentava sozinho, ingerindo dieta pastosa composta de frutas amassadas ou batidas. Ao 30° dia, o animal já conseguia utilizar o bico para auxiliar na escalada e a dieta foi progredindo gradualmente de alimentos triturados a sólidos. O espécime atingiu 72g ao 60° dia e após sua estabilização clínica e reabilitação funcional, recebeu alta e foi encaminhado para quarentena, habituando-se com indivíduos da mesma espécie. Já ao 80° dia, o peso corporal foi de 65g, sendo a perda de peso esperada frente à mudança ambiental, alimentar e comportamental, mantendo o peso estável posteriormente. Nesta fase, observou-se o interesse por alimentos sólidos diversos, como semente de girassol, que conseguiu ser aberta para servir de alimento, apesar da limitação anatômica. O caso demonstra que o manejo conservativo associado ao suporte nutricional progressivo, adaptação ambiental e acompanhamento clínico favorece a recuperação funcional e comportamental em psitacídeos com perda parcial de rinoteca, preservando a autonomia. Apesar de um caso clínico bem-sucedido, onde os critérios de bem-estar animal foram preservados durante e após a reabilitação, a recomendação é de destinação ao cativeiro, devido à deficiência anatômica permanente e a limitação que a falta de parte da rinoteca pode causar aos hábitos alimentares e defensivos a um animal de vida livre.

Palavras-chave: Psitacídeos, Ranfoteca, *Ex-situ*, Manejo conservativo, CETAS.

Agradecimentos: Ao Centro de Triagem de Animais Silvestres de Belo Horizonte (CETAS-BH), gerido em compartilhamento pelos órgãos ambientais Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e Instituto Estadual de Florestas (IEF); ao Projeto Bicho Solto do Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação . O presente trabalho foi desenvolvido no âmbito do Projeto Bicho Solto, por meio de Acordo de Cooperação Técnica entre IBAMA e Waita.

Alterações neurológicas em veado-catingueiro (*Subulo gouazoubira*): relato de caso e considerações diagnósticas

Maria E. S. L. Peixoto*[1,2]; Raphaela M. P. Oliveira[1,2]; Amanda V. D. da Silva[1,3]; Higor D. P. Santos[1,2]; Ana P. D. A. Oliveira[1,4]; Thiago L. Sterling[5]; Érika P. T. Teixeira[5]; Daniel A. R. Vilela[6]; Laerciana S. de S. Matos[6].

[1] Instituto de Pesquisa e Conservação Waita, CEP 31814-620, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[2] Centro Universitário Uni BH, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[3] Centro Universitário Una Linha Verde, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[4] Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[5] IEF (Instituto Estadual de Florestas), Belo Horizonte-MG, Brasil.
[6] IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), Belo Horizonte-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: mariaeduardasporch.medvet@gmail.com

O *Subulo gouazoubira* é um pequeno cervídeo ungulado de hábito solitário, presente em toda América do Sul. Quadros de distúrbios neurológicos decorrem de disfunções no sistema nervoso central ou periférico, manifestando-se por meio de sinais clínicos como alterações comportamentais, incoordenação motora, ataxia, tremores, convulsões, redução do nível de consciência etc. Estes sinais clínicos demandam atenção especial, não só pelo risco de óbito e sequelas, mas também por estarem associados a enfermidades infecciosas, embora possam ter também, origem metabólica, traumática ou tóxica. Nesse contexto, o presente relato descreve o caso de um *S. gouazoubira* que chegou ao CETAS (Centro de Triagem de Animais Silvestres) de Belo Horizonte em outubro de 2025, apresentando sinais neurológicos. Ao exame clínico, foi observada incoordenação motora, ataxia durante o andar e um leve desvio angular dos membros torácicos. Ao longo da semana, notou-se uma piora no quadro neurológico com episódios convulsivos constantes, hipertonia e movimentos repetitivos em círculo. O animal foi reavaliado após 14 dias e foi coletado sangue para realização de hemograma completo, bioquímico, dosagem de B12, não sendo encontradas alterações que justificassem o quadro clínico. Além disso, testes para *Listeria monocytogenes* e hematozoários, também apresentaram resultados negativos. No dia dez de novembro, os testes sanguíneos foram repetidos, e novamente não apresentaram alterações que auxiliassem no diagnóstico. O animal seguiu apresentando agravamento do quadro clínico com redução do reflexo de sucção e desinteresse pelo alimento, aumento da frequência e intensidade das convulsões, sem resposta à medicação, hipertonia e incapacidade de se manter em estação. O quadro clínico seguiu se agravando com prognóstico desfavorável e aumento do sofrimento do animal. Optou-se, então, pela eutanásia. Realizou-se o exame post mortem, buscando um diagnóstico definitivo, porém os resultados ainda não foram disponibilizados. O relato evidencia a gravidade e a rápida progressão do quadro neurológico em *S. gouazoubira*, e as limitações para um diagnóstico conclusivo para determinação etiológica. Os possíveis diagnósticos diferenciais para o quadro descrito neste resumo são: raiva, tétano, polioencefalomalácia, meningite infecciosa e outros distúrbios neurológicos de origem infecciosa ou metabólica. O caso ilustra a rápida progressão neurológica e reforça as limitações diagnósticas em animais silvestres.

Palavras-chave: Cervídeos, Sistema nervoso, Patologia.

Agradecimentos: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA; Instituto Estadual de Florestas - IEF e ao Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação.

Análise da predominância de espécies sinantrópicas em atendimentos no Ambulatório de Animais Selvagens da UFLA (2022-2025)

Bárbara R. Sousa*[1]; Pâmela M. de M. Zanella[2]; Marcelo A. O. Silva[1]; Samantha M. Favoretto[1].

[1] Departamento de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Lavras, 37200-000, Lavras-MG, Brasil.
[2] Departamento de Biologia, Universidade Federal de Lavras, Lavras-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: barbara.sousa@estudante.ufla.br

Animais sinantrópicos são espécies que se beneficiam de ambientes modificados pelo ser humano, utilizando recursos antrópicos para alimentação, abrigo e reprodução, o que favorece sua permanência em áreas urbanas. Este estudo analisou a predominância dessas espécies nos atendimentos de fauna. Foram avaliados registros do Ambulatório de Animais Selvagens da Universidade Federal de Lavras entre 2022 e 2025. Consideraram-se sinantrópicas as espécies maritaca (*Psittacara leucophthalmus*), canário-da-terra (*Sicalis flaveola*), pardal (*Passer domesticus*), pombo-doméstico (*Columba livia*), pomba-asa-branca (*Patagioenas picazuro*), gambá-de-orelha-preta (*Didelphis aurita*) e sagui-de-tufo-preto (*Callithrix penicillata*). Dos 1.292 indivíduos atendidos, 636 (49,23%) eram espécies sinantrópicas, sendo 422 aves (66,35%) e 214 mamíferos (33,65%). Dentre essas, 552 (86,79%) correspondiam a espécies silvestres, enquanto 84 (13,21%) eram espécies exóticas. Em 2022, foram 103 casos (40,39%); em 2023, 168 (50,45%); em 2024, 159 (49,07%); e, em 2025, 206 (54,21%). O teste do qui-quadrado indicou diferença estatisticamente significativa entre os anos (χ^2=11,94; p=0,0076), indicando variação temporal significativa. Entre as principais causas de admissão, destacaram-se mordedura por cães, colisões com vidro, atropelamentos, ferimentos por projéteis, orfandade e, no caso das aves, garroteamento de membros. Nesse contexto, o crescimento consistente da participação de espécies sinantrópicas pode indicar intensificação da influência urbana sobre a fauna. A permanência em áreas densamente ocupadas aumenta as interações antrópicas, como atropelamentos, colisões com estruturas urbanas e contato com animais domésticos, elevando o risco de traumas. Embora essas espécies apresentem alta plasticidade ecológica, os dados sugerem que essa adaptação ocorre acompanhada de elevada frequência de injúrias. A predominância desses animais também aponta para uma possível homogeneização biótica urbana, com vantagem para espécies generalistas em detrimento das especialistas. O cenário evidencia que o ambiente urbano, ao mesmo tempo em que favorece determinadas espécies, impõe níveis elevados de risco e mortalidade, com impactos diretos sobre a dinâmica das populações atendidas em serviços clínicos de fauna.

Palavras-chave: Levantamento de fauna, Relação humano-animal, Medicina veterinária.

Análise de atendimentos da fauna silvestre do Ambulatório de Animais Selvagens da Universidade Federal de Lavras e suas relações estacionais

Pâmela M. M. Zanella*[1]; Bárbara R. Sousa[2]; Clara L. Arouca[2]; Samantha M. Favoretto[2].

[1] Departamento de Biologia, Universidade Federal de Lavras,37200-000, Lavras-MG, Brasil.
[2] Departamento de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Lavras, Lavras-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: pamelazanellatk@gmail.com

O número de atendimentos de animais silvestres varia de acordo com os meses do ano e muitos fatores podem ser responsáveis por essa variação. A Universidade Federal de Lavras, situada no sul de Minas Gerais, em zona ecotonal entre os biomas Cerrado e Mata Atlântica, atende indivíduos da fauna silvestre por todo o ano no Ambulatório de Animais Selvagens (AMAS). O presente estudo buscou analisar o recebimento mensal de animais ao longo dos anos e suas possíveis relações estacionais. No período de 2022 a 2025 foram recebidos 1271 animais, sendo a primavera (setembro a dezembro) o período com maior número de recebimentos (421 animais). As aves foram o grupo com maior número de atendimentos (73%, 930), seguido de mamíferos (22%, 280) sendo o restante invertebrados, anfíbios e répteis. Dentre as aves, a espécie *Psittacara leucophthalmus* foi a mais predominante (28,39%), assim como *Didelphis aurita* (53%) entre mamíferos. Os resultados corroboram outros estudos de centros de atendimento, nos quais as aves são a classe majoritária, porém divergem nos meses de dezembro e janeiro, quando outros centros registram maior número de recebimentos. O baixo número de atendimento nestes meses no AMAS se explica pelo fechamento de um mês das férias do Hospital Veterinário, assim como pela diminuição da população na cidade neste período. A ocorrência de um número maior de atendimento na primavera condiz com a estação reprodutiva de muitas espécies, em que há maior atividade, principalmente das fêmeas, intensificando conflitos antrópicos. Em aves, fatores ambientais como abundância de alimento e ocorrência de chuvas atuam como principais estímulos para o início da reprodução, características marcantes da primavera. A *P. leucophthalmus* apresenta comportamento reprodutivo nesse período. Por ser uma espécie sinantrópica, apresenta maior contato com a população humana, o que resulta no encaminhamento de indivíduos ao AMAS devido a quedas de ninhos construídos em telhados de domicílios e ao garroteamento de membros de ninhegos causado pelo uso de fios artificiais na nidificação. Em *D. aurita*, o início da reprodução é em julho. Quando filhotes, deixam o marsúpio, por volta de setembro e outubro, podem se perder da mãe e são frequentemente encontrados por civis, sendo encaminhados ao AMAS como órfãos. Em suma, a relação da urbanização e sinantropia associada ao período reprodutivo faz com que haja o aumento de conflitos antrópicos e, consequentemente, o aumento dos atendimentos no AMAS.

Palavras-chave: Animais silvestres, Sazonalidade, Impactos antrópicos.

Aplicação de polihexametileno biguanida (PHMB) no manejo de feridas de fauna silvestre em reabilitação: evolução cicatricial após abordagem terapêutica

Jordana S. M. Novais*[1]; Larissa P. Silva[1]; Gabriel C. Borges[2]; Higor D. P. Santos[1]; Maria E. C. Tosati[1]; Ariela C. Celeste[1]; Cecília Barreto[3]; Érika P. T. Teixeira[2]; Armanda C. P. Santos[2]; Laerciana S. S. Matos[3].

[1] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, 31814-620, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[2] Instituto Estadual de Florestas - (IEF), 30110-051, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[3] Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), 30110-051, Belo Horizonte-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: jordanaspencer13@gmail.com

Polihexametileno biguanida (PHMB) é um antisséptico tecnológico de amplo espectro, capaz de destruir e prevenir bactérias e biofilmes sem causar lesão às células saudáveis, apresentando baixa toxicidade tecidual. O presente estudo busca relatar a evolução cicatricial em dois animais do Centro de Triagem de Animais Silvestres (CETAS) de Belo Horizonte, que não apresentavam resposta satisfatória aos tratamentos anteriores, e que com a implementação de PHMB, mostraram rápida evolução. Os casos clínicos acompanhados foram; um carcará (*Caracara plancus*) em novembro de 2025, com lesão de tecido inviável na região femoral e um ouriço-cacheiro (*Coendou prehensilis*) em fevereiro de 2026, com lesão de exposição óssea em região cefálica, ambas feridas com abordagens terapêuticas prévias, porém sem progresso na cicatrização. Após análise clínica, novos protocolos foram adotados de acordo com o estado das feridas e respeitando a particularidade das espécies. A primeira abordagem foi a limpeza com o sabonete de PHMB e soro fisiológico 0,9%, e a escolha do hidrogel para desbridamento autolítico, já que as duas feridas apresentavam estado de necrose de coagulação. Durante a segunda troca dos curativos, foi realizado a desbridagem mecânica com auxílio da lâmina de bisturi, além da limpeza com sabonete de PHMB, foi utilizado a solução de PHMB impregnada na gaze por cinco minutos, a cobertura escolhida foi o hidrogel associada ao uso de hidrocolóide, porém para o ouriço foi necessário sedação inalatória com sevoflurano e técnica tie-over para ancoragem do curativo. Com trocas duas vezes na semana, toda fase de granulação das lesões foi tratada com sabonete, solução PHMB e hidrocolóide, já que o material promove síntese de colágeno e não requer troca diária. Após o início do manejo com PHMB, a formação de tecido de granulação foi progressiva, e o tempo de fechamento das lesões foi de 20 dias para o carcará e 25 dias para o ouriço, sem uso de antibiótico. Conclui-se que o protocolo com PHMB foi eficaz no manejo dos animais em reabilitação, promovendo controle microbiológico, desestruturação de biofilmes e rápida evolução cicatricial, sendo indicada para diversos tipos de feridas. Destaca-se ainda como alternativa tecnológica pouco difundida na medicina veterinária, sendo relevante para o manejo de lesões em animais silvestres por possibilitar menor frequência de manipulação devido à sua ação prolongada, reduzindo o estresse, favorecendo o bem-estar e o sucesso da cicatrização.

Palavras-chave: Cicatrização, Necrose, Feridas crônicas, CETAS.

Agradecimentos: Ao Centro de Triagem de Animais Silvestres de Belo Horizonte (CETAS-BH), gerido em compartilhamento pelos órgãos ambientais Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e Instituto Estadual de Florestas (IEF); ao Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação. O presente trabalho foi desenvolvido no âmbito do Bicho Solto, por meio de Acordo de Cooperação Técnica entre IBAMA e Waita.

Avaliação clínica e manejo pós-operatório de fratura de úmero em lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) no Centro de Triagem de Animais Silvestres (CETAS) de Belo Horizonte

Gabriel C. Borges*[1,2]; Yasmin M. Peixoto[3]; Jordana S. M. Novais[3]; Gabriella F. M. Rezende[3]; Sofia L. F. Santos[3]; Higor D. P. Santos[3]; Ariela C. Celeste[3]; Thiago L. Stehling[2].

[1] Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 30160-012, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[2] Instituto Estadual de Florestas (IEF), 30110-051, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[3] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, 31814-620, Belo Horizonte-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: gabrielcaldeiraborges@gmail.com

O lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) é o maior canídeo da América do Sul e frequentemente é admitido em centros de triagem de fauna silvestre em decorrência de traumas associados à ação antrópica. As lesões ortopédicas na espécie representam importantes desafios clínicos, exigindo terapias eficazes aliadas à redução do estresse durante a reabilitação. Este trabalho objetivou relatar o acompanhamento clínico e o manejo pós-operatório de uma fêmea adulta de *C. brachyurus* atendida no CETAS-BH. O animal foi admitido em 18 de setembro de 2025, apresentando peso corporal de 25 kg e fratura em espiral na região do úmero, sendo submetido à osteossíntese com placa óssea associada a pino intramedular. O acompanhamento radiográfico para avaliação da consolidação óssea foi realizado periodicamente em nove de outubro, 18 de dezembro (momento da retirada do pino) e 27 de fevereiro de 2026. Durante a evolução, observou-se o desenvolvimento de um higroma na região afetada, caracterizado por acúmulo de líquido seroso associado ao processo inflamatório local, sendo realizada a drenagem do conteúdo. O protocolo terapêutico visou à analgesia para manutenção do bem-estar e apetite, antibioticoterapia profilática contra infecções pós-cirúrgicas e controle inflamatório. Foram utilizados: dipirona (25 mg/kg, BID), tramadol (4 mg/kg, BID) gabapentina (10 mg/kg, SID), clindamicina (10 mg/kg, BID) carprofeno (2,2 mg/kg, BID). O meloxicam (0,2 mg/kg, SID) foi administrado exclusivamente por via intramuscular no pós-operatório imediato, com o animal ainda sedado, justificando o uso subsequente do carprofeno via oral para continuidade do tratamento. Os fármacos foram administrados no interior de ratos abatidos, oferecidos em temperatura ambiente durante a alimentação, estratégia adotada para minimizar a contenção física e o estresse. A evolução ortopédica foi satisfatória, com adequada recuperação funcional do membro. O tratamento total compreendeu o período de 19 de setembro de 2025 a 27 de fevereiro de 2026, data em que o paciente recebeu alta. O protocolo adotado sugere a eficácia do planejamento cirúrgico aliado ao monitoramento contínuo e ao manejo adaptado, favorecendo o potencial de retorno do animal à vida livre.

Palavras-chave: Reabilitação, Osteossíntese, Radiografia.

Agradecimentos: Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, Instituto Estadual de Florestas (IEF), Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA).

Avaliação clínica e tratamento conservador em fratura de metatarso em *Cerdocyon thous*

Raphaela M. P. Oliveira[1,2]; Maria E. S. L. Peixoto[1,2]; Ana P. A. Oliveira[1]; Amanda V. D. Silva[1,3]; Livia I. Simões[1,4]; Higor D. P. Santos[1,2]; Ariela C. Celeste[1]; Erika P. T. Teixeira[5]; Cecília Barreto[6]; Laerciana S. S. Matos[6].

[1] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação. Belo Horizonte - MG, 31814-620 Brasil
[2] Unibh-Centro Universitário de Belo Horizonte, escola de medicina veterinária, Belo Horizonte - MG, 30575-180, Brasil
[3] Una-União de negócios e administração unidade linha Verde, escola de medicina veterinária, Belo Horizonte - MG, 31744-007, Brasil
[4] PUC-Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, escola de medicina veterinária, Belo Horizonte,-MG, 30140-002 ,Brasil
[5] IEF-Instituto Estadual de Florestas, Cetas- Centro de triagem de animais silvestres, Belo Horizonte - MG, 30110-051, Brasil.
[6] IBAMA-Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, Cetas- Centro de triagem de animais silvestres, Belo Horizonte - MG, 30110-051, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: raphaelamelomv@gmail.com

O cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*) é um mamífero pertencente à ordem Carnívora e à família Canidae. O atendimento de animais silvestres, dentre eles o cachorro-do-mato, em centros de triagem, criadouros e zoológicos é frequente devido a acidentes e traumas por interação antrópica. As lesões osteoarticulares e fraturas são os motivos mais frequentes das eutanásias, tendo em vista que as osteossínteses nem sempre são bem sucedidas em animais de vida livre. Este trabalho apresenta o tratamento conservador de ferida e fratura em um *C. thous* adulto, fêmea, demonstrando a possibilidade de reabilitação e soltura sem intervenção cirúrgica, priorizando o bem-estar animal. Em novembro de 2025, um indivíduo de vida livre, com suspeita de atropelamento, foi resgatado e encaminhado ao CETAS/BH. No exame radiográfico, constatou-se fratura completa em membro pélvico direito, múltipla, no terço médio da diáfise do metatarso. Já no exame clínico, observou-se lesão circular em região interna de membro pélvico direito e lesão contaminada em região de fratura. O animal se encontrava prostrado. Diante do quadro, estabeleceu-se o seguinte protocolo terapêutico: Amoxicilina LA (15mg/kg, dose única), Enrofloxacino (8 mg/kg a cada 48 horas, quatro dias), Meloxicam (0,2 mg/kg, quatro dias), Dipirona (25mg/kg, 23 dias), Tramadol (3 mg/kg, 14 dias), avaliação e limpeza de ferida diária, troca de imobilização (com contenção química com Isoflurano, indução CAM 4% e manutenção CAM 1,5% e 2%) e pesagem duas vezes na semana. A imobilização foi realizada utilizando duas talas ortopédicas, imobilizando as articulações metatarsofalangeanas e társica, associado a gaze estéril, algodão ortopédico, ataduras, micropore e esparadrapo, sendo mantida durante todo o tratamento. O manejo das feridas consistiu em laserterapia duas vezes na semana (*laser* tipo VIS e IV, luz VIS+IV, potência 220 mW, dose 4j, tempo 00:18), limpeza com iodo solução aquosa e rifocina *spray* por 10 dias. Posteriormente a rifocina foi substituída pela sulfadiazina de prata, para evitar ressecamento excessivo, por 18 dias. Após 28 dias, o paciente recebeu alta e foi encaminhado para um recinto de reabilitação, apresentando feridas cicatrizadas e locomoção sem alterações. O relato evidencia a viabilidade do tratamento conservador em casos selecionados com resultado satisfatório. Destaca-se a necessidade de novos estudos para avaliar a aplicação do protocolo em diferentes fraturas.

Palavras-chave: Reabilitação, Clínica, Conservação.

Avaliação comportamental e de alterações macroscópicas em necropsia de *Eupetomena macroura* submetido a tratamento medicamentoso

Lívia I. Simões*[1,2]; Amanda V. D. da Silva[1,3]; Higor D. P. Santos[1,4]; Raphaela M. P. Oliveira[1,4]; João Victor M. Almeida[1,5]; Thiago L. Stehling[6]; Júlia O. L. Cruz[6]; Célia Lúcia Q. L. Afonso[6]; Marco Victor Q. Alves[7]; Ana Caroline S. Santana[7].

[1] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, 31814-620, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[2] Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[3] Centro Universitário de Belo Horizonte - Una, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[4] Centro Universitário de Belo Horizonte - UniBH, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[5] Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[6] Instituto Estadual de Florestas (IEF), Belo Horizonte-MG, Brasil.
[7] Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Belo Horizonte-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: li.ishitani382@gmail.com

O beija-flor-tesoura (*Eupetomena macroura*) é uma ave amplamente distribuída no Brasil, com importante função polinizadora de diversas plantas. Devido à alta adaptação a áreas urbanas, é comumente encontrado nessas regiões e encaminhado para Centros de Triagem de Animais Silvestres (CETAS), principalmente em decorrência de colisões ou por se tratar de filhotes sem a presença da mãe. O objetivo deste trabalho foi avaliar possíveis sinais clínicos adversos e alterações observadas na necropsia de um beija-flor-tesoura submetido a tratamento medicamentoso. Um macho adulto foi recebido pelo CETAS/BH em dois de dezembro de 2025, pesando 9 g, com suspeita de fratura em ambas as asas. O exame radiográfico confirmou fratura em região rádio-ulnar distal apenas da asa esquerda. Foi realizada imobilização em "oito" com bandagem elástica Vetrap®, e o animal foi mantido em caixa de transporte apropriada por cinco dias, para restrição de movimentos e auxílio à estabilização da fratura. Como terapia medicamentosa, administrou-se dipirona 0,04 ml (25 mg/kg), VO, SID, por cinco dias, ofertada em seringa junto ao alimento, e meloxicam 0,04 ml (0,1 mg/kg), IM (músculo peitoral), SID, por três dias. Não foram observadas alterações clínicas ou comportamentais adversas durante o tratamento. Após uma semana, observou-se sinais de consolidação, iniciando-se fisioterapia e treino de voo diários para fortalecimento muscular e estímulo do movimento das asas. Decorridas sete semanas de reabilitação, o animal ainda não apresentava melhora satisfatória que o tornasse apto para soltura e veio a óbito em 23 de janeiro de 2026. Foi então realizada necropsia para investigar possíveis alterações macroscópicas nos órgãos por efeito medicamentoso. O fígado apresentou coloração amarelada homogênea, sugerindo como principais diagnósticos diferenciais lipidose hepática ou subnutrição, que podem ser justificados pela dieta comercial por período extenso (néctar específico para beija-flores e proteína adicionada) e pelo repouso prolongado em função da incapacidade de realizar voos amplos. Contudo, não foram observadas alterações significativas nos órgãos, sugestivas de efeitos adversos dos fármacos empregados. Diante dos achados, destaca-se a importância do monitoramento clínico durante a reabilitação de *E. macroura*, sem indícios desfavoráveis ao uso farmacológico quando diluídos e administrados corretamente, sendo necessário estudos adicionais para melhor compreensão de seus efeitos na espécie.

Palavras-chave: Apodiformes, Terapia farmacológica, Achados de necropsia.

Caracterização hematológica comparativa das espécies de jabutis (*Chelonoidis carbonarius*, *Chelonoidis denticulatus* e Morfotipos)

Bruna C. S. L. Campos*[1]; Lucas R. Pereira[1]; Tiago L. da Silva[2]; Claudia R. Bonini-Domingos[1].

[1] Laboratório de Hemoglobinas e Genética das Doenças Hematológicas (LHGDH).Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto- São Paulo, Brasil.
[2] Universidade Federal do Acre (UFAC) – Campus Floresta – Cruzeiro do Sul - Acre. Brasil.

*E-mail do autor correspondente: bruna.s.lima@unesp.br

A hematologia é ferramenta essencial na avaliação clínica e compreensão da fisiologia de animais silvestres, principalmente em espécies com parâmetros de referência ainda limitados e influenciados por fatores como sexo, condição corporal e ambiente. Além disso, existem outros fatores que podem dificultar o estudo desses grupos. Nos Testudines, a interpretação hematológica é desafiadora devido à presença de eritrócitos nucleados e variações morfológicas celulares. O presente estudo objetivou caracterizar parâmetros hematológicos de quatro grupos pertencentes ao gênero *Chelonoidis*, sendo eles: C. *denticulatus* (jabuti tinga) (n=5), C. *carbonarius* (jabuti piranga) (n=12) e jabutis com padrões morfológicos indicativos de Morfotipo 1 (n=20) e Morfotipo 2 (n=20). A coleta de sangue foi realizada em animais adultos hígidos, com peso acima de 6 quilogramas. O hematócrito foi determinado por micro-hematócrito; a hemoglobina por método colorimétrico; e as contagens totais de eritrócitos e leucócitos realizadas em câmara de Neubauer. Os índices eritrocitários foram calculados pelas fórmulas clássicas (VGM, HGM e CHGM). A contagem diferencial foi realizada em esfregaços corados por panótico, com contagem de 100 células. Após verificação de normalidade (Shapiro-Wilk) e homocedasticidade (Levene), aplicou-se o teste de Kruskal-Wallis ($p \leq 0,05$). Observou-se diferença significativa apenas na hemoglobina circulante ($p=0,024$), com menor valor para a espécie C. *carbonarius* (5,67±1,48 g/dL) quando comparado ao Morfotipo 2 (7,72±2,09 g/dL), sem alterações associadas no hematócrito ou na contagem total de eritrócitos. A contagem diferencial de leucócitos apresentou diferença estatística para todos os tipos celulares ($p<0,05$), sendo a espécie C. *carbonarius* caracterizada por maior percentual de heterófilos (44,58±11,87%) e monócitos (15,25±7,34%) e menor percentual de linfócitos (26,83±8,00%). De modo geral, os parâmetros eritrocitários demonstraram estabilidade entre os grupos, enquanto as variações no leucograma indicam diferenças no perfil imunológico basal. Contudo, considerando a influência de fatores fisiológicos, ambientais e de manejo sobre o leucograma em répteis, tais achados devem ser interpretados em conjunto com o contexto biológico, contribuindo de forma complementar para a compreensão das diferenças entre as espécies de jabutis já descritas e morfotipos, não sendo suficientes, de forma isolada, para inferências taxonômicas.

Palavras-chave: Hematologia comparada, Testudines, Morfotipo, Conservação.

Agradecimentos: CAPES; Unesp; Zoobotânico de São José do Rio Preto.

Consumo de energia para tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*)

Sarah M. R. Dutra*[1]; Leonardo B. Lara[2]; Giovanna A. T. Carvalho[1]; Sofia de M. Gonçalves[3]; Murilo M. Maia[3].

[1] Escola de Veterinária, UFMG, 31.270-901, Belo Horizonte - MG, Brasil.
[2] Departamento de Zootecnia, Escola de Veterinária, UFMG, Belo Horizonte - MG, Brasil.
[3] Programa de Pós-graduação em Zootecnia, Escola de Veterinária, UFMG, Belo Horizonte - MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: sarah.mrdvet@gmail.com

O tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) é um mamífero placentário da ordem Pilosa, classificado como vulnerável pela IUCN. É um animal insetívoro com modificações anatômicas que tornam possível um consumo majoritariamente de formigas e cupins em vida livre. Essa especialização torna a manutenção de sua nutrição em cativeiro um grande desafio, sendo frequente o uso de alimentos em sua dieta que não condizem com os do seu habitat natural. O objetivo desse trabalho foi avaliar o consumo de matéria natural (MN), matéria seca (MS), consumo de energia digestível total (ED), consumo de energia digestível/Peso Vivo (PV)^0,75, consumo de energia metabolizável (EM) calculada e escore corporal de três tamanduás-bandeira de cativeiro em uma dieta exclusivamente extrusada. Foi medido o consumo individual de três animais em 45 dias. Era ofertada uma dieta extrusada a vontade para os animais, quantificado a oferta, que era feita duas vezes por dia (08:00 e 16:00) e as sobras eram quantificadas no dia seguinte. Os animais foram pesados a cada 12 dias e o escore de condição corporal foi avaliado seguindo a tabela de tamanduás-bandeira feita por Clark *et al.*, 2016. Os pesos dos três animais aumentaram durante o período do experimento, com um ganho de peso médio de 13% em relação ao peso inicial. As médias dos parâmetros de consumo e energia ingerida pelos três animais foram: Consumo MN (g) = 427,8 ± 89,3 , Consumo MS (g) = 400,4 ± 83,6, ED Ingerida (kcal) = 1863,5 ± 389,2, kcal ED/PV^0,75 = 146,6 ± 30,6, kcal EM/PV^0,75 = 125,7 ± 26,2. A média dos valores de peso vivo dos animais foram: Peso Inicial (PI) (kg) = 29,7; Peso Final (PF) (kg) = 33,5; PF-PI (kg) = 3,8; PF/PI (kg) = 1,13. Os animais estavam com um escore corporal 4 ao final do experimento, com excesso de gordura subcutânea que se acumulava em pescoço, ombros e quadril. O valor médio de 125,79 kcalEM/PV^0,75/dia encontrado é maior do que valores encontrados em outros trabalhos como o ideal para a manutenção de peso da espécie. Esse excesso de energia ingerida refletiu no ganho de peso e condição corporal dos animais que, ao final do período experimental, foram classificados como moderadamente obesos. Logo devem ter seu consumo de alimento controlado para evitar um excesso de energia na dieta e a obesidade, que evolui para condições de saúde mais graves. Concluímos que o valor de 125,79 kcal/PV^0,75/dia na dieta de tamanduás-bandeira é maior do que o valor de manutenção para a espécie e leva ao sobrepeso e aumento do escore corporal.

Palavras-chave: Nutrição, Escore-corporal, Conservação.

Descrição de valores de referência para parâmetros vitais em *Didelphis albiventris*

Maria E. C. Tosati [*1,2]; Ariela C. Celeste[1]; Higor D. P. dos Santos[1]; Jordana S. M. Novais[1]; Lívia I. Simões[1]; Giovanna V. Ferraz[1]; Bárbara L. R. Jorge[1]; Maria C. P. Rocha[1]; Armanda C. P. Santos[3]; Dirceu G. S. Ramos[2].

[1] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, Belo Horizonte/MG, Brasil.
[2] Universidade Federal de Jataí (UFJ), Jataí-GO, Brasil.
[3] Instituto Estadual de Florestas (IEF), Belo Horizonte-/MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: correiatosati@discente.ufj.edu.br

No Brasil, a medicina veterinária de animais silvestres se desenvolve, apesar de algumas limitações, como a escassez de profissionais especializados, desvalorização e falta de dados clínicos específicos, sendo reconhecida como uma especialidade apenas em 2022. A ausência de valores de referência para sinais vitais de cada espécie, leva ao uso de dados de animais domésticos, parâmetros gerais dos gêneros, ou de valores empíricos por experiências, comprometendo o exame clínico. Dessa forma, esse estudo objetiva descrever valores de referência para frequência cardíaca, frequência respiratória e temperatura em *Didelphis albiventris*, espécie recorrente em centros de reabilitação brasileiros e com importante papel ecológico. A equipe de pesquisadores realizou a contagem de batimentos cardíacos, movimentos respiratórios e aferições de temperatura, com estetoscópios simples ou neonatais, e termômetros em graus célsius. Os dados foram coletados no CETAS-BH, durante 52 dias, de agosto a novembro de 2025, totalizando 4.991 aferições de 276 indivíduos, abrangendo todos os adultos hígidos (812), adultos doentes (147) e filhotes (4.032), durante os períodos matutino, vespertino e noturno, utilizando métodos de contenção minimamente estressantes em adultos e contenção ausente ou branda em filhotes, a fim de reduzir alterações fisiológicas por estresse. Os resultados apontaram temperatura com baixos valores de desvio padrão (1,03 °C), variância (1,06 °C²) e amplitude (8 °C), com intervalos curtos, sendo este o parâmetro mais estável. A frequência cardíaca obteve alto desvio padrão (37,23 bpm), variância (1386,21 bpm²) e amplitude (280 bpm), assim como a respiratória (37,81 mpm; 1430,30 mpm²; 332 mpm), ambas com intervalos amplos, devido a variações fisiológicas, não associadas exclusivamente ao estresse, pois a dispersão foi alta mesmo sem o uso de contenção física. Foram obtidos os respectivos intervalos de referências gerais: 32,6 - 36,7 °C; 115 - 280 bpm; e 12 - 164 mpm, além de intervalos específicos para cada um dos grupos estudados. Os intervalos por período foram: matutino: 32,6 - 36,5 °C, 128 - 256 bpm e 16 - 160 mpm; vespertino: 32,7 - 36,7 °C, 128 - 264 bpm e 12 - 160 mpm; noturno: 33,2 - 36,8 °C, 132 - 276 bpm e 12 - 172 mpm. Em suma, o estudo possui grande relevância para a clínica de *Didelphis albiventris*, fornecendo valores de referência inéditos à espécie, com potencial aplicação na avaliação de indivíduos sob cuidados humanos.

Palavras-chave: Medicina de Animais Silvestres, Exame clínico, Reabilitação.

Agradecimentos: Agradeço ao Centro de Triagem de Animais Silvestres de Belo Horizonte (CETAS-BH), Ibama e IEF pela disponibilização de materiais, a colaboração dos membros do Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, além do acesso ao grande número de animais para coleta de dados.

Diagnóstico molecular de circovírus dos psitacídeos em papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*) e periquitão-maracanã (*Psittacara leucophthalmus*) mantidos em cativeiro

Isabela S. R. Sá*[1]; Nathana B. Martins[1]; Débora A. Mueller[2]; Arthur C. Peluco[2]; Yuri S. Linhares[1]; Rodrigo A. B. Silva[2]; Márcio B. Bandarra[2]; Aline S. Hora[1].

[1] Laboratório de Investigação Etiológica Veterinária (LIvE Vet), Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ), Universidade Federal de Uberlândia, 38405-302, Uberlândia-MG, Brasil.
[2] Setor de Animais Silvestres do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia (HOVET-UFU), Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ), Universidade Federal de Uberlândia, 38402-020, Uberlândia-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: isabelasr26@gmail.com

O circovírus dos psitacídeos é um vírus DNA de fita simples, pertencente à família Circoviridae, associado à doença do bico e das penas. Os sinais clínicos podem incluir distrofia de penas, alterações no bico e complicações secundárias associadas à imunossupressão. Diante das lacunas acerca da real ocorrência de circovirose na avifauna nativa, o presente trabalho objetivou investigar a presença de circovírus em indivíduos de duas espécies de ampla distribuição nacional, um papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*) e um periquitão-maracanã (*Psittacara leucophthalmus*), atendidos no Setor de Animais Silvestres do Hospital Veterinário da Universidade Federal de Uberlândia em abril de 2025. Os animais foram apreendidos juntos pela Polícia Militar de Minas Gerais em Uberlândia, em uma residência onde viviam outras aves como *Agapornis spp.*, gênero reconhecido por altas taxas de infecção pelo vírus. O papagaio apresentou sinais clínicos compatíveis com circovirose, como apteria generalizada e descamação difusa de pele e bico. Amostras de sangue total e *swabs* de conjuntiva, coana e cloaca foram coletadas de ambos os animais e testados para o gene Rep do circovírus por meio da reação em cadeia da polimerase em tempo real (qPCR), método de maior sensibilidade diagnóstica, no Laboratório de Investigação Etiológica Veterinária (LIvE Vet - UFU). O papagaio obteve resultado positivo para o *pool* de amostras de *swabs* e inconclusivo para sangue, enquanto a maracanã apresentou resultados negativos. O papagaio foi a óbito por complicações secundárias à infecção e a maracanã contactante foi eutanasiada. Frente ao tropismo viral por tecido germinativo, amostras de bolsa cloacal, timo, baço, intestinos, rins e fígado foram coletadas na necropsia e agrupadas em pool para nova qPCR. Não foi identificado circovírus nas amostras *post mortem* do papagaio, enquanto que o contrário foi observado no periquitão-maracanã. O trabalho evidencia a necessidade de se adequar o exame diagnóstico à manifestação da doença, visto que as amostras de eleição devem contemplar aspectos que variam conforme o quadro, como tempo pós-exposição inicial, viremia, eliminação e replicação viral tecidual. Ressalta-se a importância de associar a pesquisa etiológica às estratégias de conservação dos psitacídeos do Brasil, uma vez que o monitoramento adequado da ocorrência de circovírus no país pode prevenir futuros surtos que possam vir a ameaçar a avifauna brasileira.

Palavras-chave: Medicina da conservação, Aves silvestres, Infecção viral.

Agradecimentos: LIvE Vet-UFU, HOVET-UFU, UFU.

Digestibilidade de frações fibrosas em tamanduás-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) alimentados com rações extrusadas

Sofia . M. Gonçalves*[1]; Sarah M. R. Dutra[2]; Giovana A. T. Carvalho[2]; Cláudia Gabriela A. Bastos[1]; Murilo J. M. Maia[1]; Leonardo B. Lara[1].

[1] Departamento de Zootecnia, Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Veterinária,31270-901, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[2] Departamento de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Veterinária,31270-901, Belo Horizonte-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: sofia.mattosg@gmail.com

O tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) possui trato gastrointestinal curto, conferindo limitada capacidade fermentativa. Sua dieta é composta principalmente por formigas e cupins, cujo exoesqueleto contém quitina, polissacarídeo estrutural classificado como fibra insolúvel. A ingestão contínua desses insetos fornece uma fração fibrosa não vegetal que contribui para o volume fecal e pode ser parcialmente degradada pela microbiota intestinal. Este estudo, realizado em 2024 na Universidade Federal de Uberlândia com quatro tamanduás-bandeira adultos, teve como objetivo avaliar a digestibilidade aparente das frações de fibra em detergente neutro (FDN), fibra detergente ácido (FDA), celulose (FDA-LDA) e hemicelulose. O delineamento experimental seguiu um quadrado latino, com quatro animais, quatro dietas e quatro períodos, totalizando 16 coletas. Cada período incluiu sete dias de adaptação e cinco de coleta de fezes. As dietas foram formuladas com diferentes níveis de inclusão de farinha de larva de *Hermetia illucens* (0, 18, 36 e 54 %). A digestibilidade aparente foi determinada por coleta total de fezes e analisada por ANOVA, considerando a porcentagem de inclusão como variável preditora. Os valores médios obtidos foram: FDN = 67,99 ± 22,67 %, FDA = 68,83 ± 22,63 %, FDA-LDA = 92,98 ± 33,92 % e hemicelulose = 95,82 ± 3,53 %. Nenhum nível de inclusão da farinha de inseto alterou significativamente a digestibilidade das frações fibrosas ($p > 0,05$). A fração mais insolúvel (FDA-LDA) apresentou maior aproveitamento, sugerindo fermentação eficiente. A hemicelulose também mostrou digestibilidade elevada, reforçando a capacidade da espécie em utilizar diferentes porções da fibra. Em conclusão, os tamanduás-bandeira demonstraram alta capacidade digestiva das frações fibrosas, extraindo energia e benefícios fisiológicos relevantes. Esse achado é importante, pois revela digestibilidade superior à observada em modelos animais normalmente utilizados para extrapolação nutricional (cães e gatos), indicando que a espécie possui características próprias que devem ser consideradas em estudos de nutrição.

Palavras-chave: Mirmecófago, Nutrição de animais silvestres, Animais silvestres.

Agradecimentos: Universidade Federal de Uberlândia, CAPES.

Efeito da umidade e da temperatura sobre ingestão alimentar e hídrica de tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) em cativeiro

Sofia . M. Gonçalves*[1]; Sarah M. R. Dutra[2]; Giovana A. T. Carvalho[2]; Maria Luiza C. Fonseca[1]; Murilo J. M. Mai[1]; Leonardo B. Lara[1].

[1] Departamento de Zootecnia, Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Veterinária,31270-901, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[2] Departamento de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Veterinária,31270-901, Belo Horizonte-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: sofia.mattosg@gmail.com

Os tamanduás-bandeiras (*Myrmecophaga tridactyla*), por serem animais mirmecófagos especializados, impõem grandes desafios para o manejo alimentar sob cuidados humanos devido à dificuldade de reproduzir sua dieta e comportamentos de forrageamento. Ao solucionar o problema nutricional e preferências alimentares com ração apropriadas à espécie, é imprescindível identificar fatores que possam interferir no seu forrageamento e consumo, como temperatura e umidade local. Por este motivo, buscamos investigar se o padrão de consumo de três fêmeas adultas de *M. tridactyla* localizadas na Universidade Federal de Uberlândia varia em função de condições locais de temperatura e umidade. O experimento durou 35 dias, período em que alimento (ração extrusada) e água foram oferecidos *ad libitum*. Diariamente, foi realizada a pesagem das sobras para cálculo do consumo individual. Os dados de temperatura e umidade foram obtidos através de medições usando termo-higrômetro. Para análise da relação entre as variáveis e o consumo, foi utilizado o ANOVA. Foi encontrado uma média de 43% de umidade e temperatura média em 23°C. Para o consumo de água foram encontrados uma relação de 39,1% entre a variável consumo de água e a variável umidade local ($F(3,78)=16,62$, $p<0,001$, $R2=0,39$, $df=78,gl=3$) na ANOVA. Em contraste, não foram obtidos resultados significativos na ANOVA para temperatura e umidade no consumo de ração, tampouco na relação temperatura e consumo de água ($p>0,05$). As médias de consumo de ração e de água foram de 416,74 g (DP = 116,74 g) e 1,23 L (DP = 0,49 L), respectivamente. Os resultados tendem a corroborar com as características fisiológicas da termorregulação dos tamanduás-bandeira, que não dissipam calor através da sudorese. O aumento da umidade relativa do ar eleva a sensação térmica e, consequentemente, intensifica a necessidade de ingestão hídrica para auto regulação térmica dos animais. Em síntese, nas condições avaliadas, a umidade relativa do ar mostrou-se um estímulo para o aumento do consumo de água por tamanduás-bandeira em cativeiro. Já o consumo de ração não apresentou alterações significativas em função da temperatura e da umidade dentro da faixa térmica estudada, embora esses fatores possam se tornar relevantes em situações de maior desconforto térmico.

Palavras-chave: Forrageamento, Manejo alimentar, Termorregulação.

Agradecimentos: Universidade Federal de Uberlândia, CAPES.

Elaboração de calendário reprodutivo para pacas (*Cuniculus paca*) mantidas em cativeiro

Iza M. F. Rocha*[1]; Mércia N. Teixeira[2]; Clarice S. Cesário[3]; Lara N. Silenciado[1]; Dalila F. Ferreira[4].

[1] Medicina Veterinária, Departamento de Ciências Agrárias, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais Campus Bambuí, Bambuí - MG, Brasil.
[2] Grupo de Estudos em Animais Silvestres, Departamento de Ciências Agrárias, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais Campus Bambuí, Bambuí - MG, Brasil.
[3] Reitoria, Instituto Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte–MG, Brasil.
[4] Grupo de Estudos em Animais Silvestres, Departamento de Ciências e Linguagens, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais Campus Bambuí, Bambuí - MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: iza.xarly@gmail.com

A paca (*Cuniculus paca*) é um roedor noturno de florestas tropicais da América Central e da América do Sul. As fêmeas atingem a puberdade aos oito meses e os machos aos nove, a paca apresenta geralmente um filhote por gestação e até duas gestações anuais. O ciclo estral dura em média 33 dias, dividido em proestro, estro, metaestro e diestro. Apesar do conhecimento existente sobre aspectos biológicos da espécie, a reprodução em criatórios ainda enfrenta desafios como manejo inadequado e limitada aplicação de biotecnologias. Neste contexto, o presente trabalho objetivou propor um calendário reprodutivo para otimizar a produtividade do Criatório Comercial de Pacas do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) campus Bambuí, denominado "Arca de Noé", visando elevar as taxas de prenhez, reduzir o estresse e contribuir para o bem-estar animal. Entre março e junho de 2023 foi realizado um levantamento do manejo no criatório por meio de entrevistas com os responsáveis pelo local e foi realizada uma consulta à literatura existente a fim de construir uma revisão bibliográfica, sobre a biologia reprodutiva de roedores silvestres. Com base nos dados levantados, foi proposto um novo manejo, contendo eventos como sincronização do estro, estação de monta e idade à maturidade sexual. O calendário reprodutivo inicia em maio com a colocação de implante de progesterona (norgestomet 1,5 mg) para suprimir a fase lútea e estimular o recrutamento folicular. No 7º dia, aplica-se prostaglandina (ciosin 0,5 ml) para promover a lise lútea. Após oito dias, o implante é removido e administra-se eCG (25–50 UI) para estimular a atividade folicular, seguido da introdução do macho com duas fêmeas. O proestro (cerca de dez dias) é identificado por células nucleadas na citologia vaginal, enquanto o estro (aproximadamente um dia) apresenta células anucleadas e vulva edemaciada, sendo o momento ideal para cobertura. O acompanhamento é feito por citologia vaginal e ultrassonografia, monitorando folículo dominante (≥ 5 mm), ovulação e gestação, que dura cerca de 135 dias, com partos previstos para setembro. O aleitamento ocorre por aproximadamente dois meses seguidos de desmame aos seis e alcançando a maturidade sexual aos oito meses seguidos de abate. Os resultados aqui descritos podem representar um avanço; no entanto, precisam ser testados. Assim, a aplicação experimental do calendário proposto é encorajada em trabalhos futuros que visem validar sua viabilidade.

Palavras-chave: Reprodução, Fauna silvestre, Comportamento animal, Conservação, Roedores.

Estabilização de broncopneumonia em filhote de tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) recebido no CETAS-BH

Amanda V. D. da Silva*[1,2,4]; Maria E. P. Silva[2,3,4]; Giulia M. Diniz[1,2]; Gustavo H. S. Ribeiro[5]; Ana C. S. Santana[6]; Rafaela S. Prestes[3]; Thiago L. Stehling[4]; Cecília Barreto[6]; Laerciana S. S. Matos[6]; Érika P. T. Teixeira[4].

[1] Centro Universitário Una Linha Verde, Belo Horizonte - MG, 31744-007, Brasil.
[2] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, CEP 31814-620, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[3] Centro Universitário UniBH, Belo Horizonte - MG, 30575-180, Brasil
[4] IEF-Instituto Estadual de Florestas, Cetas- Centro de triagem de animais silvestres, Belo Horizonte - MG, 30110-051, Brasil.
[5] Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC), Belo Horizonte,-MG, 30140-002 ,Brasil
[6] IBAMA-Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, Cetas- Centro de triagem de animais silvestres, Belo Horizonte - MG, 30110-051, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: amandavdornelas13@gmail.com

O tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) é um mamífero da ordem Pilosa classificado como Vulnerável à extinção pela IUCN. A espécie é comumente recebida em instituições ambientais no Brasil, principalmente filhotes órfãos. Este relato tem o objetivo de apresentar a estabilização de broncopneumonia em um filhote de *M. tridactyla* recebido no CETAS de Belo Horizonte. O indivíduo, fêmea, de um mês de idade e 1,030kg foi recebido em maio de 2025 após resgate em área rural. Após cinco dias o animal apresentou sinais de dispneia, esforço respiratório e estertores crepitantes à ausculta pulmonar. Radiografias torácicas ventro-dorsal e laterolateral confirmaram o diagnóstico de broncopneumonia. Ademais, exames de hemograma e leucograma revelaram leve anemia, leucopenia leve a moderada, neutrofilia relativa e linfopenia significativa. Como não foi feito o isolamento do agente etiológico, optou-se por um protocolo de base para pneumonias, sugerindo possível origem bacteriana, que é comum em filhotes dessa espécie que são expostos a baixas temperaturas, alta umidade ou outros fatores estressantes, como má nutrição ou recém-chegados da natureza. Portanto, foi estabelecido acesso IV para fluidoterapia, posteriormente substituída por solução glicosada a 3% devido à baixa ingestão alimentar. O protocolo terapêutico incluiu: amoxicilina com clavulanato de potássio (11mg/kg, IV, BID), cloridrato de bromexina (7mg/kg, SC, SID), nebulização com acetilcisteína (22mg para 1ml de solução fisiológica 0,9%, BID) e meloxicam (0,2mg/kg, SC, SID). Após dois dias o animal retornou a ingestão alimentar. Após 14 dias ele já não apresentava mais sinais clínicos, possibilitando o encerramento do tratamento, retorno aos cuidados neonatais básicos. No presente caso, o estresse do resgate, exposição ambiental e possíveis episódios de hipotermia e hipoglicemia antes do acolhimento podem ter contribuído para o quadro. Ademais, pela ausência de informações sobre a forma de alimentação antes da entrega ao CETAS, não se pode descartar a possibilidade de uma broncopneumonia de origem aspirativa. A rápida estabilização clínica mostra a importância da observação comportamental e dos cuidados neonatais intensivos de filhotes de *M. tridactyla* resgatados, tendo em vista que essa espécie tende a mascarar enfermidades, dificultando o diagnóstico precoce. Além disso, mostra o papel fundamental dos CETAS para a reabilitação, soltura, monitoramento e conservação de espécies ameaçadas.

Palavras-chave: Xenarthra, Patologia, Reabilitação.

Estudo diagnóstico de *Polychromophilus spp.* em Chiroptera de vida livre

Maria E. C. Tosati *[1,2]; Róger M. Russi[2]; Dirceu G. S. Ramos[2].

[1] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, Belo Horizonte/MG, Brasil.
[2] Universidade Federal de Jataí (UFJ), Jataí-GO, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: correiatosati@gmail.com

A ordem Chiroptera possui grande relevância ecológica, pois propiciam a dispersão de sementes, polinização, controle de vetores, além de atuarem como sentinelas, apontando patógenos autóctones e alóctones. *Polychromophilus spp.* são protozoários endoeritrocitários, parasitas exclusivos de quirópteros, comuns nas famílias Miniopteridae e Vespertilionidae. A gametogonia ocorre em moscas Nycteribiidae, o que reduz a hemólise em quirópteros, porém há hipertrofia eritrocitária pela gametocitogonia e lise. Em geral, são assintomáticos por adaptações imunes de redução inflamatória, permitindo parasitemia constante e baixa, porém pressões ambientais ou antrópicas, geram imunossupressão, elevada parasitemia e danos viscerais pela esquizogonia. O estudo objetiva auxiliar no diagnóstico de *Polychromophilus spp.*, através da descrição de métodos laboratoriais e morfologias do parasita. Para tal, foram selecionados cinco artigos de 2019 a 2024 nas bases SciELO, ScienceDirect e PubMed, seguido de coleta, revisão e síntese das informações. Os dois principais métodos diagnósticos são esfregaço sanguíneo e teste molecular por PCR, o primeiro é obtido do sangue total, a lâmina é fixada com metanol, corada com Diff-Quik (análise geral), Giemsa a 10% (visualização de núcleos) e imersa em óleo para microscopia (aumento de 100x). As formas evolutivas oocineto, oocisto e esporozoíto, restringem-se aos vetores, enquanto os demais ocorrem em quirópteros. Os esquizontes localizam-se nos pulmões, baço, rins e fígado, profundos e dispersos, assim, o diagnóstico histopatológico é limitado, priorizando a detecção de trofozoítos e gametócitos no sangue. Morfologicamente, os trofozoítos são ovais, pouco basofílicos, pálidos, e ocupam pequena porção celular, gametócitos imaturos são maiores, são pouco corados e com ocasionais grânulos de hemozoína, já gametócitos maduros ocupam toda a célula, são basofílicos e com muitos grânulos de hemozoína. No diagnóstico molecular, o material genético extraído é utilizado em PCR para amplificar sequências do gene mitocondrial do citocromo b. Os produtos são analisados em gel de agarose e as amostras positivas passam por purificação de DNA e sequenciamento de Sanger, para identificar o parasita. Por fim, é essencial o monitoramento constante da ordem Chiroptera, visando identificar impactos de hemoparasitoses nas colônias, uma vez que gêneros como *Myotis spp.* e outros ameaçados, possuem maior taxa de letalidade sob condições de estresse ambiental.

Palavras-chave: Hemoparasitoses, Conservação, Exames laboratoriais.

Hiperparatireoidismo secundário nutricional em um filhote de *Callithrix penicillata*

Raphaela M. P. Oliveira[1,2]; Maria E. S. L. Peixoto[1,2]; Ana P. A. Oliveira[1]; Livia I. Simões[1,3]; Higor D. P. Santos[1,2]; Ariela C. Celeste[1]; Rafaela S. Prestes[2]; Thais M. Oliveira[3]; Armanda C. P. Santos[4]; Laerciana S. S. Matos[5].

[1] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação. Belo Horizonte - MG, 31814-620 Brasil.
[2] Unibh-Centro Universitário de Belo Horizonte, escola de medicina veterinária, Belo Horizonte - MG, 30575-180, Brasil.
[3] PUC-Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, escola de medicina veterinária, Belo Horizonte,MG, 30140-002 ,Brasil.
[4] IEF-Instituto Estadual de Florestas, Cetas- Centro de triagem de animais silvestres, Belo Horizonte - MG, 30110-051, Brasil.
[5] IBAMA-Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, Cetas- Centro de triagem de animais silvestres, Belo Horizonte - MG, 30110-051, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: raphaelamelomv@gmail.com

O mico-estrela (*Callithrix penicillata*) é um mamífero pertencente à ordem Primates e à família Callitrichidae. O hiperparatireoidismo secundário é uma doença metabólica que pode acometer a espécie, relacionada a alteração do equilíbrio nos níveis circulantes de cálcio, paratormônio (PTH), fósforo e 1,25-diidroxicolecalciferol, podendo ter origem nutricional (HSN) ou renal. A condição caracteriza-se por reabsorção óssea e desenvolvimento de osteopenia. Este trabalho relata um caso de hiperparatireoidismo secundário nutricional grave em um filhote de C. *penicillata* recebido no Centro de Triagem de Animais Silvestres de Belo Horizonte em setembro de 2025. Durante o exame clínico, observou-se fratura em membro pélvico direito, em galho verde, em região proximal da diáfise da tíbia e osteodistrofia. O animal encontrava-se hipotérmico, hipoglicêmico, constipado e apático. Após estabilização do paciente, realizou-se exame radiográfico, diagnosticando HSN através da associação do histórico dietético e da osteopenia. O seguinte protocolo terapêutico foi estabelecido: dipirona (25mg/kg, BID); meloxicam (0,2 mg/kg, SID, três dias); tramadol (1 mg/kg, BID); limpeza e troca da imobilização e suplementação oral de cálcio (250 mg/kg, SID) três vezes por semana; vitamina D (três gotas); exposição diária ao sol por 30 minutos (horários frescos); e alimentação balanceada para a espécie. Após 20 dias, na reavaliação, foi realizado raio-x onde novos achados foram identificados, sendo eles: fratura incompleta em região proximal da diáfise da ulna, fratura em espiral, sem fragmentos adjacentes e desvio de eixo ósseo em região de epífise e metáfise distal do metatarso, não sendo possível descartar fratura patológica do púbis e estreitamento pélvico decorrentes da etiopatogenia da doença. O paciente foi submetido a eutanásia devido a gravidade das fraturas e evolução lenta. Trata-se de uma enfermidade complexa, com prognóstico clínico classificado de reservado a ruim, que frequentemente culmina em óbito ou eutanásia. Este estudo demonstra a importância do diagnóstico precoce, do conhecimento das necessidades específicas da espécie conforme a idade, sendo o manejo nutricional adequado e a suplementação mineral e a exposição solar fatores essenciais para o desenvolvimento dos filhotes em cativeiro. Ressalta-se a necessidade de novos estudos para avaliar a aplicação desse protocolo em diferentes ordens, considerando a complexidade no manejo de filhotes nutricionalmente mais exigentes.

Palavras-chave: Reabilitação, *Metabolic bone disease*, Conservação, Osteodistrofia nutricional, Osteopenia.

...BAMA. O presente trabalho foi
...o de Acordo de Cooperação Técnica entre

Identificação de bactérias resistentes em espécimes de felinos do Centro-Oeste brasileiro recebidas no Centro de Triagem de Animais Silvestres

Nara Ballaminut[1]; Isadora Nascimento[2]; Jéssica G. Rocha[2]; Nathany Geraldino[2]; Luiz Alfredo M. L. Baptista[1]; Bruno A. Moreira[2]; Fernanda L. de Moura[2]; Juliana Junqueira[1].

[1] Centro de Triagem de Animais Silvestres-CETAS/GO, Divisão Técnica-Ditec, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis-IBAMA, Goiânia/GO, Brasil.
[2] Instituto de Conservação Ambiental Floresta Cheia, Goiânia/GO, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: nara.ballaminut@ibama.gov.br

A resistência antimicrobiana constitui uma das principais ameaças à saúde pública, animal e ambiental, sendo reconhecida como um fenômeno ecológico que envolve a interface entre ambiente, fauna silvestre e populações humanas. No contexto da fauna silvestre, a detecção de microrganismos resistentes reflete a circulação ambiental de contaminantes e a exposição a pressões seletivas associadas à presença de resíduos de antimicrobianos. O presente estudo teve como objetivo avaliar o perfil de resistência antimicrobiana em bactérias entéricas isoladas de onças-pardas (*Puma concolor*) atendidas no Centro de Triagem de Animais Silvestres de Goiás (CETAS/GO). Foram coletadas 12 amostras fecais, uma por indivíduo, provenientes de animais em diferentes condições clínicas. As amostras foram coletadas com o auxílio de swab estéril contendo meio Stuart e armazenadas sob refrigeração (5 ± 1 °C) até o processamento. Os *swabs* foram inoculados em caldo BHI e incubados a 37 ± 1 °C por 24 horas. Em seguida, as amostras foram semeadas em ágar MacConkey por estriamento, com incubação nas mesmas condições. As bactérias isoladas foram identificadas por testes bioquímicos. O perfil de sensibilidade foi determinado pelo método de difusão em disco (Kirby-Bauer), utilizando antimicrobianos das classes beta-lactâmicos (amoxicilina, ampicilina e penicilina G), cefalosporinas de terceira geração (ceftiofur e ceftriaxona), tetraciclinas (doxiciclina), fluoroquinolonas (enrofloxacina), sulfonamidas, aminoglicosídeos (gentamicina) e macrolídeos (azitromicina). Foram identificadas bactérias Gram-negativas entéricas, com destaque para *Escherichia coli* e *Klebsiella spp.*, apresentando diferentes perfis de resistência. Observou-se elevada resistência às sulfonamidas, além de resistência relevante a macrolídeos e betalactâmicos, enquanto cefalosporinas de terceira geração e aminoglicosídeos apresentaram maior sensibilidade. Esses padrões sugerem exposição a pressões seletivas ambientais e indicam a circulação de bactérias resistentes em felinos silvestres. A detecção desses microrganismos em predadores de topo reforça seu papel como sentinelas da contaminação ambiental por antimicrobianos e indica potencial disseminação de genes de resistência ao longo da cadeia trófica, com implicações sanitárias e ecológicas relevantes. Os achados reforçam a importância do monitoramento da resistência antimicrobiana em fauna silvestre e sua inclusão em estratégias de vigilância sob a abordagem de Uma Só Saúde.

Palavras-chave: Fauna silvestre, Sensibilidade antimicrobiana, Contaminação ambiental, Uma Só Saúde.

Influência do estresse na avaliação eletrocardiográfica de *Pantherophis guttatus*

Mariana L. S. das Chagas*[1]; Ruthnéa A. L. Muzzi[1]; Samantha M. Favoretto[2]; Maira S. O. Barreto[1].

[1] Laboratório de Cardiologia Veterinária, Departamento de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Lavras, Lavras-MG, Brasil.
[2] Ambulatório de Animais Silvestres, Hospital Veterinário, Universidade Federal de Lavras, Lavras-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: marianamsw@hotmail.com

A cobra-do-milho (*Pantherophis guttatus*) é uma serpente não peçonhenta da família Colubridae, nativa dos Estados Unidos da América. Possui temperamento dócil e comportamento elusivo, com hábitos principalmente terrestres e semifossoriais, sendo comum se abrigar em tocas e sob troncos. O presente trabalho tem como objetivo relatar a avaliação cardiológica de uma cobra-do-milho, enfatizando o impacto do manejo inadequado no bem-estar dos répteis durante o exame físico, uma vez que a literatura relacionada é escassa. A serpente, uma fêmea adulta, oriunda de apreensão, foi encaminhada ao Laboratório de Cardiologia Veterinária do Hospital Veterinário da UFLA para avaliação de rotina, como parte do exame clínico a que foi submetida. Foram avaliados o pulso, por meio de Doppler vascular e ritmo e frequência cardíaca (FC) pelo eletrocardiograma (ECG). Para o ECG foram utilizados eletrodos conectados a adesivos posicionados na região lateral do animal, sendo dois eletrodos craniais e dois caudais ao coração. O exame cardiológico foi realizado em dois momentos distintos, com diferentes abordagens de manejo. O primeiro, executado três dias após a admissão, foi realizado em ambiente movimentado, com elevado número de pessoas e estímulos e manipulação excessiva do animal. Nessa abordagem, de caráter estressante, observou-se taquicardia atrial sustentada com valores de FC mínima, média e máxima, respectivamente, de 53, 60 e 65 bpm. O segundo exame, realizado seis dias após o primeiro, foi executado em ambiente com menos estímulos, menor número de pessoas e menor manipulação do animal. Nessa avaliação observou-se ritmo sinusal normal com FC mínima, média e máxima, respectivamente, de 11, 19 e 41 bpm, compatíveis com a espécie. Após concluída toda avaliação clínica, o animal foi destinado ao CETRAS (Centros de Triagem e Reabilitação de Animais Silvestres) pelo órgão ambiental responsável. Desse modo, o caso sugere que o manejo clínico adequado, realizado em ambiente controlado, com menos estímulos, menor manipulação e respeitando as particularidades biológicas da espécie, impacta diretamente no bem-estar do animal, na qualidade e confiabilidade da avaliação veterinária. Principalmente no que se refere a serpentes, em que muitas vezes a percepção de estresse frente ao manejo é relativizada, devido a falta de alterações clínicas evidentes, deve-se redobrar os cuidados quanto a práticas de bem-estar.

Palavras-chave: *Corn snake*, Bem-estar animal, Cardiologia animal.

Intervenção obstétrica em *Callithrix sp.*: relato de caso

Cecília L. S. S. Dias[1]*; Isabela N. Mascarenhas[1]; Fabiano R. de Melo[1]; Tatiana S. Duarte[2]; Victor Hugo R. de Carvalho[2]; Lukiya S. C. Favarato[2]; Fabiana A. Voorwald[2].

[1] Centro de Conservação dos Saguis-da-Serra, Departamento de Engenharia Florestal, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, Brasil.
[2] Hospital Veterinário UFV, Departamento de Veterinária, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: cecilia.dias@ufv.br

A reprodução de animais silvestres em cativeiro é uma ferramenta estratégica para a conservação da biodiversidade, contribuindo para a manutenção de populações de espécies ameaçadas. Contudo, esse tipo de reprodução depende de técnicas intensivas, como o monitoramento constante e intervenção clínica imediata, e da presença de equipes multidisciplinares qualificadas. O Centro de Conservação dos Saguis-da-Serra, localizado em Viçosa - MG, atua desde 2021 com o manejo *ex situ* de duas espécies, o *Callithrix aurita* e o *Callithrix flaviceps*. Neste trabalho relata-se o tratamento de uma fêmea adulta híbrida desse gênero, com o objetivo de descrever os procedimentos adotados para o sucesso gestacional. A fêmea apresentou gestação trigemelar, condição incomum em *Callithrix sp.*, nas quais predomina a gestação gemelar. Inicialmente, o diagnóstico foi realizado por ultrassonografia, na qual se observou uma vesícula embrionária, que demandou um protocolo de suplementação com ácido fólico (Folacin) durante a gestação e Cal-D-Mix durante os períodos gestacional e de amamentação. Após dois meses, nova ultrassonografia confirmou três fetos viáveis. No terceiro mês após o primeiro exame, foram observados apenas dois filhotes no recinto após o parto, levantando suspeita de retenção fetal. Um exame radiográfico realizado no mesmo dia confirmou o diagnóstico, indicando a necessidade de cesariana imediata. O procedimento foi realizado sem intercorrências e, ainda no mesmo dia, a fêmea retornou ao recinto com suporte térmico através de uma caixa aquecida, sem prejuízo à lactação ou aos cuidados maternos. O pós-operatório incluiu meloxicam (SID, por três dias), amoxicilina com clavulanato (BID, por sete dias) e dipirona (BID, por três dias), visando controle da dor, inflamação e prevenção de infecções. Cinco meses após o tratamento, a fêmea encontra-se clinicamente estável, ativa e recuperada. Conclui-se que o monitoramento reprodutivo contínuo, aliado à intervenção clínica e cirúrgica precoce, foi determinante para o sucesso da operação. Este é um resultado ainda mais relevante quando se considera que a fêmea e sua prole poderão contribuir para o manejo de espécies *in situ*, no futuro, e também auxiliar na construção de protocolos clínicos e cirúrgicos seguros para o gênero. Além disso, o protocolo empregado reforça a importância de equipes capacitadas e integradas para que a reprodução de animais em cativeiro atinja os resultados esperados e contribua com esforços de conservação.

Palavras-chave: Manejo reprodutivo, Conservação *ex situ*, Primatas silvestres

Agradecimentos: Professora Fabiana Voorwald, Professor Fabiano Melo, Doutorando Isabela Normando Mascarenhas, equipes do Centro de Conservação dos Saguis-da-Serra e do Hospital Veterinário da UFV.

Luxação coxofemoral associada a fratura femoral em frango-d'água-azul (*Porphyrio martinica*)

Maria Laura C. Queiroz[*1,2]; Bárbara Luiza F. C. Silva[1]; João Victor G. de Oliveira[2]; Natália M. Marques[1].

[1] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação - CETRAS/IEF, Divinópolis, Minas Gerais, Brasil.
[2] Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, Minas Gerais, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: mlqcouto@gmail.com

A luxação coxofemoral é uma condição pouco frequente na maioria das espécies de aves quando comparada a outras afecções ortopédicas, porém é mais observada em aves aquáticas e geralmente associada a traumas de alta energia. Nesse contexto, este relato tem como objetivo descrever os achados clínicos e de necropsia de um indivíduo de frango-d'água-azul (*Porphyrio martinica*) com luxação coxofemoral associada à fratura femoral, ressaltando a correlação clínico-patológica e a importância da avaliação ortopédica sistemática em aves silvestres traumatizadas no processo de reabilitação. Um indivíduo adulto, fêmea, de frango-d'água-azul foi admitido no Centro de Triagem e Reabilitação de Animais Silvestres (CETRAS) de Divinópolis/MG em 29 de janeiro de 2026, sem histórico conhecido. Durante a triagem, observou-se dificuldade de locomoção, com incapacidade de apoio em estação. Ao exame físico, verificou-se encurtamento do membro pélvico direito e instabilidade à palpação da articulação coxofemoral ipsilateral. O animal apresentava escore corporal 1/5, compatível com caquexia, evoluindo a óbito logo após a admissão. Na avaliação post mortem, não foram identificadas alterações macroscópicas que justificassem o óbito. No membro afetado, confirmou-se luxação coxofemoral, caracterizada por deslocamento da cabeça femoral em relação ao acetábulo, com exposição articular e ruptura de tecidos periarticulares. Observou-se ainda fratura completa de diáfise femoral direita, com desalinhamento dos fragmentos e lesão de tecidos moles adjacentes. Os sinais clínicos observados na triagem foram compatíveis com os achados de necropsia. As afecções sugerem mecanismo traumático significativo, embora a ausência de histórico impeça determinar a etiologia. Nesse caso, a baixa condição corporal pode representar fator predisponente à fratura devido à menor proteção muscular e possível redução da densidade óssea. O reconhecimento das alterações reforça que essas lesões devem ser consideradas em aves com dificuldade de mobilidade e destaca a importância da avaliação ortopédica em aves silvestres traumatizadas, considerando a variação do prognóstico conforme o tempo de diagnóstico e intervenção. Esse fator é especialmente relevante em animais de vida livre em reabilitação, pela necessidade de intervenção eficiente para garantir a recuperação das funções do indivíduo, indispensável para a soltura.

Palavras-chave: Aves aquáticas, Avaliação *post mortem*, Lesões traumáticas, Ortopedia aviária.

Agradecimentos: WAITA - Instituto de Pesquisa e Conservação, CETRAS - IEF.

Manejo clínico e reabilitação de *Falco femoralis* acometido por miíase cavitária: relato de caso

Higor D. P. Santos*[1]; Gabriella F. M. Rezende[1]; Larissa P. da Silva[1]; Jordana S. M. Novais[1]; Gabriel C. Borges[1]; Maria E. C. Tosati[1]; Júlia O. L. da Cruz[2]; Marco V. Q. Alves[3]; Thiago L. Stehling[2].

[1] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, 31814-620, Belo Horizonte - MG, Brasil.
[2] Instituto Estadual de Floresta (IEF), Belo Horizonte - MG, Brasil.
[3] Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Belo Horizonte - MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: douglashigor2723@gmail.com

A miíase, popularmente denominada bicheira, caracteriza-se pela infestação de tecidos vivos por larvas de dípteros, com destaque para a espécie *Cochliomyia hominivorax*. As fêmeas dessa espécie realizam a oviposição em feridas recentes ou em cavidades naturais dos hospedeiros e, após a eclosão, as larvas passam a se alimentar dos tecidos, promovendo exsudação e favorecendo a atração de novas fêmeas para a deposição de ovos. A presença larval pode resultar em agravamento das lesões preexistentes e em destruição tecidual significativa. Nesse contexto, o presente relato de caso tem como objetivo descrever a abordagem terapêutica com foco na reabilitação em um falcão-de-coleira (*Falco femoralis*) acometido por miíase. Em dezembro de 2025, foi encaminhado ao Centro de Triagem de Animais Silvestres de Belo Horizonte (CETAS-BH) um indivíduo adulto de *F. femoralis* pesando 215 g. O animal foi recebido apresentando hipotermia e incapacidade de se manter em estação. Durante a avaliação, observou-se que o membro pélvico direito apresentava-se levemente isquêmico, além da presença de larvas na região do tibiotarso direito e na base do pigóstilo. Na região afetada, realizou-se a higienização da ferida com cloreto de sódio 0,9%, clorexidina degermante 2%, associada à remoção manual das larvas. Como adjuvante ao tratamento local, foi utilizado óleo de girassol com o objetivo de auxiliar na cicatrização, uma vez ao dia. Para o tratamento sistêmico, foi realizado ivermectina 1% (0,4 mg/kg, SC, dose única), dipirona 50% (25 mg/kg, IM, BID, por dez dias), meloxicam 0,2% (0,2 mg/kg, IM, SID, por três dias). O tratamento teve duração de 27 dias, ao final dos quais o animal apresentou recuperação satisfatória e recebeu alta. A evolução clínica foi satisfatória, com melhora progressiva das lesões, cicatrização adequada e recuperação do estado geral do animal. Os resultados obtidos demonstram a eficácia do manejo terapêutico adotado no tratamento da miíase em aves silvestres, contribuindo para a prevenção de complicações e para a recuperação dos indivíduos acometidos.

Palavras-chave: Aves de Rapina, Falconiforme, Traumatologia, Diptera.

Agradecimentos: Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, Instituto Estadual de Florestas (IEF), Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA).

Manejo neonatal e desenvolvimento de coruja-caburé (*Glaucidium brasilianum*) em reabilitação

Sofia Laura F. dos Santos*[1,2]; Gabriella F. M. Rezende[1,3]; Marco V. Q. Alves[4]; Ariela C. Celeste[1]; Thiago L. Stehling[5].

[1] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, 31814-620, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[2] Centro universitário Newton Paiva Wyden, 30431-189, Belo horizonte-MG, Brasil
[3] Centro Universitário UNA, 32010-375, Contagem-MG, Brasil
[4] Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), 30110-051, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[5] Instituto Estadual de Florestas (IEF), 30110-051, Belo Horizonte-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: sofialaurafsantos@gmail.com

O Centro de Triagem de Animais Silvestres de Belo Horizonte (CETAS-BH) frequentemente recebe filhotes órfãos que demandam cuidados para garantir sua sobrevivência e desenvolvimento até etapas posteriores de reabilitação e soltura. Em rapinantes, especialmente neonatos, o manejo alimentar e térmico é essencial. O presente resumo tem como objetivo descrever o manejo neonatal e o desenvolvimento inicial de um filhote de coruja-caburé (*Glaucidium brasilianum*) atendido no CETAS-BH. O animal deu entrada no dia 09/10/2025, recebido pelo Instituto Estadual de Florestas (IEF), pesando 55 g. Inicialmente, por se tratar de um neonato incapaz de se alimentar sozinho, foi instituído manejo alimentar assistido a cada duas horas, com oferta de pequenos pedaços de carne bovina suplementados com cálcio em pó. O intervalo entre as alimentações foi gradualmente aumentando de acordo com o desenvolvimento da ave. Foram adotadas medidas para manutenção da temperatura corporal, como a utilização de bolsa de água quente ao longo do dia e da noite. O filhote passou a apresentar comportamentos associados à termorregulação, realizando movimentos frequentes similares aos "bocejos". Diante disso, o uso da bolsa térmica foi gradualmente reduzido, sendo inicialmente mantido apenas à noite. O suporte térmico foi suspenso gradualmente conforme o desenvolvimento das tectrizes. Durante o acompanhamento, foram observadas mudanças no comportamento alimentar do animal. No dia 17/10 o filhote começou a realizar tentativas de ingestão espontânea do alimento. A alimentação independente foi efetivada no dia 19/10, quando o indivíduo passou a consumir o alimento de forma autônoma. Em 23/10 o animal foi transferido para um recinto de reabilitação no CETAS-BH. Durante o acompanhamento, as pesagens indicaram crescimento inicial progressivo, com ganho médio de 2,1 g/dia, chegando a 85 g em duas semanas. Após a transferência para o recinto, observou-se leve redução de peso (75 g), seguida de estabilização (80 g). Essa queda na curva de crescimento é característica do processo de adaptação ao novo manejo e estabelecimento da alimentação independente. O relato evidencia a importância do manejo alimentar frequente e do monitoramento térmico na fase de desenvolvimento de rapinantes neonatos em centros de triagem. Além disso, destaca a relevância da observação comportamental e do acompanhamento da curva de crescimento para avaliação das necessidades fisiológicas do filhote durante a reabilitação.

Palavras-chave: Strigiformes; Rapinantes; Neonato;

Agradecimentos: Ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis e ao Instituto Estadual de Florestas, bem como à equipe de analistas do Centro de Triagem de Animais Silvestres de Belo Horizonte pelo acompanhamento e suporte nas atividades; e ao Instituto de Pesquisa Waita pela parceria e colaboração no desenvolvimento do trabalho. O presente

Meta-análise de bioquímico sanguíneo de tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*): comparação entre vida livre e sob cuidados humanos

Giovanna A. T. Carvalho*[1]; Murilo J. M. Maia[2]; Sofia M. Gonçalves[2]; Sarah M. R. Dutra[1]; Leonardo B. Lara[1].

[1] Escola de Veterinária da UFMG, Belo Horizonte - MG, Brasil.
[2] Programa de Pós-Graduação em Nutrição de não ruminantes – UFMG, Belo Horizonte - MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: gio.araujotc@gmail.com

O tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) é um mamífero símbolo do cerrado, classificado como vulnerável pela IUCN. O bioquímico sanguíneo auxilia na avaliação morfofuncional de diversos órgãos e sistemas. Assim, o objetivo do trabalho é avaliar as diferenças nos parâmetros bioquímicos séricos entre tamanduás-bandeira de vida livre e sob cuidados humanos, na tentativa de entender os impactos do ambiente e dieta na saúde da espécie. Foram feitas pesquisas nas plataformas Google Acadêmico, Scielo e Portal de Periódicos da CAPES com as palavras *M. tridactyla*, tamanduá-bandeira, bioquímico e sanguíneo e suas variáveis em inglês. Realizou-se meta-análise de médias através do modelo de efeitos aleatórios (método da variância inversa) utilizando o *software* R. Considerou-se diferença significativa quando os intervalos de confiança (IC95%) das médias combinadas não se sobrepunham. Foram incluídos 14 estudos, nove com tamanduás em cativeiro, um proveniente de um Centro de Triagem de Animais Silvestres, oito de zoológicos, e cinco com animais de vida livre. Foram analisados 21 parâmetros bioquímicos: amilase, GGT, creatinina, ALT, triglicerídeos, ureia, AST, fosfatase alcalina, bilirrubina total, glicose, colesterol, albumina, globulina, proteína total, PPT, fósforo, cálcio, CK, LDH, ácido úrico e lipase. Dentre esses, quatro apresentaram diferenças estatisticamente significativas. A amilase foi maior em cativeiro (918,95 UI/L; 710,00-1127,90; I^2=97,4%; três estudos, n=68) que em vida livre (605,59 UI/L; 522,89-688,29; I^2=76,3%; quatro estudos, n=72). A GGT também foi superior em cativeiro (51,45 UI/L; 29,98-72,92; I^2=95,7%; seis estudos, n=76) comparada à vida livre (21,76 UI/L; 17,44-26,08; I^2=59,8%; quatro estudos, n=74). A creatinina mostrou-se mais elevada em cativeiro (1,09 mg/dL; 1,00-1,19; I^2=73,8%; seis estudos, n=93) que em vida livre (0,76 mg/dL; 0,62-0,91; I^2=89,2%; quatro estudos, n=107). A ALT foi maior em vida livre (76,89 UI/L; 71,05-82,73; I^2=67,8%; quatro estudos, n=106) que em cativeiro (48,94 UI/L; 35,76-62,11; I^2=94,1%; sete estudos, n=95). Essas diferenças podem refletir dietas em cativeiro com maiores níveis de amido e gordura, exposição a parasitas, toxinas, estresse, fármacos, maior atividade muscular e ingestão hídrica. Tamanduás de cativeiro apresentam níveis maiores de GGT, amilase e creatinina, enquanto os de vida livre possuem maior ALT, portanto, mais estudos devem ser feitos para investigar as causas das alterações no bioquímico e os impactos na saúde dos tamanduás.

Palavras-chave: Conservação, Mirmecófago, Animais silvestres.

Ostectomia metatársica e de falange lateral proximal em *Tapirus terrestris* de vida livre

Marina M. Schweizer*[1]; Mateus A. Bianchini[1]; Luciana M. de Carvalho[1].

[1] Santuário de Elefantes Brasil, 78195-000, Chapada dos Guimarães-MT, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: pesquisa@elefantesbrasil.org.br

Uma fêmea adulta de anta sul-americana (*Tapirus terrestris*) de vida livre, apelidada "Pushy", foi encontrada com ferida necrótica em membro pélvico direito com exposição óssea. O tratamento pré-cirúrgico consistiu em antibioticoterapia com duas doses de pentabiótico 6.000.000UI e enrofloxacina (2,5mg/kg). Ao observar coloração escurecida do osso, realizou-se exame radiográfico, que constatou redução da densidade óssea, diagnosticando osteomielite do osso metatársico lateral. Para o procedimento cirúrgico, utilizou-se como medicação pré-anestésica detomidina oral (0,04mg/kg), com indução realizada 35 minutos após a MPA, utilizando cetamina (1mg/kg) e butorfanol (0,22mg/kg). A anestesia local foi realizada com bloqueio do nervo tibial e em botão com lidocaína 2%. Para reversão da sedação, utilizou-se ioimbina (0,3mg/kg). Após limpeza da região contaminada, realizaram-se ostectomia do osso metatársico lateral, ostectomia da falange proximal lateral e curetagem do terceiro osso metatársico, pois a sua cortical adjacente ao osso amputado apresentava-se radioluscente. Aplicou-se pomada à base de colagenase e 2g de ceftriaxona em pó na ferida, que foi fechada com bandagem para reavaliação em 48 horas. No transoperatório, administrou-se pentabiótico e coletou-se material para cultura e antibiograma. No pós-operatório, enrofloxacina (5mg/kg) foi utilizada por três dias, com subsequente redução para 2,5mg/kg por 13 dias. Para analgesia, prescreveu-se tramadol 200mg BID por dois dias, reduzido posteriormente para 100mg BID por cinco dias. O tratamento tópico consistiu em limpeza com clorexidina 0,2%, seguida de spray de sulfadiazina de prata e alumínio pela manhã; à tarde, acrescentava-se pomada de colagenase com cloranfenicol antes do spray. Firocoxib foi utilizado como anti-inflamatório durante todo o tratamento. O antibiograma revelou *Escherichia coli* e *Proteus sp.*, ambas resistentes à enrofloxacina e sensíveis à marbofloxacina (2mg/kg), que foi instituída por oito semanas. Laserterapia foi instituída para cicatrização e redução de edema. Triancinolona tópica foi utilizada pontualmente para controle de tecido de granulação exuberante. A ferida apresentou progressão cicatricial satisfatória e nova radiografia de controle demonstrou osso cicatrizado sem comprometimento. Após cerca de dois meses, a ferida encontrava-se completamente cicatrizada. "Pushy" recebeu sua última dose de marbofloxacina e, dois meses e meio após a cirurgia, foi liberada para a natureza.

Palavras-chave: Reabilitação, Ortopedia, Fauna silvestre.

Osteossíntese de metacarpo e tratamento de ferida em *Subulo gouazoubira* recebido no CETAS-BH

Maria E. P. Silva[*1,2,6]; Cecília Barreto[3]; Armanda C. Pereira[2]; Amanda V. D. Silva[2,4,6]; Ana C. S. Santana[3]; Thiago L. Stehling[2]; Aldair J. W. Pinto[5]; Mateus M. Teixeira[5]; Bruna R. Oliveira[1]; Érika P. T. Teixeira[2].

[1] Centro Universitário UNI, Belo Horizonte, MG, Brasil
[2] Instituto Estadual de Florestas - IEF
[3] Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA
[4] Centro Universitário UNA, Belo Horizonte, MG, Brasil
[5] Complexo Público Veterinário, Belo Horizonte
[6] Waita –Instituto de Pesquisa e Conservação

*E-mail do autor correspondente: mariaemilia.ps2003@gmail.com

O *Subulo gouazoubira* é um cervídeo com ampla distribuição na América do Sul. Atualmente, sofre crescente interação forçada no meio urbano devido à perda de habitat, tornando-se suscetível a atropelamentos, ataques por cães domésticos, queimadas e caça. Este relato tem como objetivo descrever o manejo cirúrgico e o tratamento de ferida em um *S. gouazoubira* recebido no CETAS-BH em fevereiro de 2025. O filhote, macho, pesando 2,8 kg, sem histórico, apresentou fratura em metacarpo do membro torácico direito, confirmada por radiografia. O protocolo terapêutico incluiu dipirona (25 mg/kg, IM, BID), tramadol (1 mg/kg, SC, BID), meloxicam (0,2 mg/kg, IM, SID) e cálcio (1 ml/kg, VO). O indivíduo foi submetido a procedimento cirúrgico para colocação de pino intramedular visando estabilização da fratura, com radiografias transoperatórias. Foi adicionado ao protocolo Agemoxi (15 mg/kg, SC, BID), limpeza com soro fisiológico e PVPI tópico. Quatro dias após a cirurgia, observou-se rotação do membro, exsudato purulento e deiscência de pontos. Instituiu-se manejo de ferida com uso de Aquacel Ag, laserterapia, moxaterapia, eletroacupuntura e terapia neural. Após dois meses, não houve evolução satisfatória, o indivíduo não apoiava o membro e houve estagnação da ferida, optando-se por nova intervenção cirúrgica. Na segunda cirurgia, foi utilizado fixador externo e pastilhas dentro da incisão cirúrgica, de associação com os seguintes compostos: cloridrato de vancomicina, cloridrato de amicacina e substituto ósseo à base de silicofosfato de cálcio e sódio, visando estimular a calcificação local. O acompanhamento radiográfico semanal foi mantido, a antibioticoterapia substituída por ceftriaxona (30 mg/kg, IM, BID). A limpeza local foi realizada com soro fisiológico, clorexidina 2% e uso de bepantol ao redor do fixador visando evitar deiscência, finalizando com rifocina, gaze estéril, atadura crepom e vetrap®. O manejo foi realizado três vezes na semana, com contenção manual, pela mesma pessoa, reduzindo o risco de miopatia de captura. Após três meses, o animal passou a apoiar o membro, apresentando consolidação da fratura, confirmada com exame radiográfico, sendo então submetido à cirurgia para retirada do fixador. O relato evidencia que o uso do substituto ósseo pode ter contribuído para a consolidação, associado ao manejo adequado da ferida e à medicina integrativa. Destaca-se ainda a importância do CETAS no cuidado, reabilitação e destinação adequada de animais silvestres.

Palavras-chave: Fratura, Fixador externo, Medicina veterinária.

Agradecimentos: Instituto Estadual de Florestas – IEF, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA e ao Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação.

Precipitação hemoglobínica e corpos de inclusão em *Chelonoidis denticulatus*, *Chelonoidis carbonarius* e morfotipos

Bruna C. S. L. Campos*[1]; Lucas R. Pereira[1]; Tiago L. da Silva[2]; Claudia R. Bonini-Domingos[1].

[1] Laboratório de Hemoglobinas e Genética das Doenças Hematológicas (LHGDH).Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto- São Paulo, Brasil.
[2] Universidade Federal do Acre (UFAC) – Campus Floresta – Cruzeiro do Sul - Acre. Brasil.

*E-mail do autor correspondente: bruna.s.lima@unesp.br

A hematologia de quelônios ainda apresenta lacunas, especialmente quanto à estabilidade da hemoglobina e à formação de inclusões eritrocitárias. A presença de corpos de inclusão pode refletir alterações estruturais ou processos de precipitação da hemoglobina, constituindo um possível indicador de instabilidade proteica. Nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo avaliar a ocorrência de corpos de inclusão eritrocitários e a precipitação da hemoglobina induzida por calor e isopropanol em jabutis das espécies *Chelonoidis denticulatus* (jabuti tinga) (n=5), *Chelonoidis carbonarius* (jabuti piranga) (n=12) e jabutis classificados como Morfotipo 1 (n=20) e Morfotipo 2 (n=20), totalizando 57 animais. A avaliação de inclusões hemoglobínicas foi realizada por meio de esfregaços sanguíneos corados com panótico e azul cresil brilhante. A estabilidade da hemoglobina foi investigada por testes de precipitação induzida por calor e por isopropanol, avaliando a presença de precipitados nos diferentes tempos experimentais. A comparação entre os grupos foi realizada utilizando a porcentagem de eritrócitos contendo corpos de inclusão, analisada pelo teste de Kruskal–Wallis. Essa análise comparativa não demonstrou diferença estatística entre os grupos quanto à porcentagem de eritrócitos contendo corpos de inclusão (p=0,5818). Os ensaios de precipitação foram avaliados pela análise de Kaplan–Meier, considerando o tempo até a precipitação da hemoglobina. A análise indicou diferença estatística significativa na dinâmica de precipitação da hemoglobina entre os grupos, tanto no teste de calor (p=0,0013) quanto no teste com isopropanol (p=0,0150). A espécie C. *denticulatus* apresentou precipitação em tempos experimentais mais precoces, enquanto a C. *carbonarius* mostrou eventos mais tardios ou ausência de precipitação no período experimental. Os morfotipos apresentaram distribuição equilibrada dos eventos de precipitação entre os tempos avaliados. Os resultados sugerem diferenças na suscetibilidade à precipitação da hemoglobina entre as espécies avaliadas, indicando possíveis variações interespecíficas na estabilidade hemoglobínica em quelônios.

Palavras-chave: Instabilidade proteica, Cinética de precipitação, Hibridização, Conservação.

Agradecimentos: CAPES; Unesp; Zoobotânico de São José do Rio Preto.

Primatas não humanos como sentinelas de doenças emergentes: implicações epidemiológicas, conservacionistas e em Saúde Única

Tamires B. Silva*[1]; Ana C. L. B. Teixeira[1]; Júlia C. Pires[1]; Rachel P. Malta[1]; Virgínia B. D. Castro[1]; Andreise C. Przydzimirski[2].

[1] Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, Brasil
[2] Departamento de Clínica e Cirurgia na Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, Brasil

*E-mail do autor correspondente: tamiresilva0508@gmail.com

A intensificação no surgimento de doenças emergentes de origem zoonótica, posiciona os primatas não humanos como elementos centrais na compreensão da saúde global contemporânea. A elevada proximidade filogenética, imunológica e comportamental com humanos favorece a suscetibilidade compartilhada a patógenos e amplia o potencial de transmissão interespecífica. Este trabalho objetivou analisar criticamente o papel epidemiológico e conservacionista dos primatas não humanos na dinâmica de doenças emergentes no Brasil sob a perspectiva integrada da Saúde Única. Realizou-se uma revisão narrativa da literatura científica publicada entre os anos de 2000 e 2025 nas plataformas PubMed e Scielo, utilizando como busca as palavras-chave: primatas não humanos, zoonoses, doenças emergentes, vigilância epidemiológica e saúde única. Foram inicialmente identificados 86 estudos, dos quais 29 atenderam aos critérios de elegibilidade após triagem por relevância temática e exclusão de duplicatas. Evidenciou-se que epizootias por *Flavivírus*, vírus da febre amarela, presente em 41% dos estudos analisados, promoveram elevada mortalidade em espécies do gênero *Alouatta*, consolidando esses animais como sentinelas precoces da circulação viral e ferramenta estratégica para vigilância ambiental. Destaca-se ainda a importância da raiva silvestre, com registros envolvendo primatas em áreas periurbanas, e a circulação de outras arboviroses como *Flavivírus* e *Alphavirus*, causadores da zika e chikungunya em ambientes fragmentados, ampliando riscos de transmissão cruzada. Casos de infecção por *Mycobacterium tuberculosis* em cativeiro evidenciam transmissão reversa a partir de humanos, enquanto relatos de leishmaniose em primatas reforçam o papel da degradação ambiental na dinâmica parasitária. Agentes como *Orthopoxvírus* e *Herpesvírus* foram citados em literatura complementar como potenciais riscos epidemiológicos, porém sem detecção consistente nos estudos selecionados. Fatores como fragmentação florestal, expansão agropecuária, urbanização, tráfico de animais silvestres e turismo ecológico intensificam interfaces humano-fauna, favorecendo eventos de spillover. Do ponto de vista conservacionista, surtos infecciosos podem reduzir populações vulneráveis, comprometer variabilidade genética e alterar dinâmicas ecossistêmicas. Conclui-se que o monitoramento sanitário de primatas silvestres constitui ferramenta estratégica para prevenção de emergências sanitárias e preservação da biodiversidade.

Palavras-chave: Primatas neotropicais, Zoonoses, Antropização, Vigilância epidemiológica.

Projéteis de chumbo em fauna silvestre: levantamento de casos atendidos no Ambulatório de Animais Selvagens da UFLA (2024-2025)

Clara L. Arouca*[1]; Izabela V. B. Almeida[2]; Isabella Glad[1]; Barbara R. Sousa[1]; Pâmela M. M. Zanella[2]; Samantha M. Favoretto[1].

[1] Departamento de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Lavras, 37203-642, Lavras-MG, Brasil.
[2] Departamento de Biologia, Universidade Federal de Lavras, Lavras-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: clalobo16@gmail.com

A expansão urbana e a intensificação de processos como perda e fragmentação de habitats naturais têm favorecido o aumento das interações negativas entre fauna silvestre e humanos. Nesse contexto, destacam-se os ferimentos por projéteis de chumbo (Pb), que podem permanecer alojados no organismo dos animais e desencadear impactos clínicos e ecológicos relevantes. O objetivo deste estudo foi quantificar e comparar a ocorrência de indivíduos com projéteis de chumbo atendidos no Ambulatório de Animais Selvagens da Universidade Federal de Lavras (AMAS/UFLA) entre 2024 e 2025. No período, foram atendidos 413 indivíduos em 2024 e 468 em 2025, abrangendo 65 e 72 espécies, respectivamente. Foram selecionadas o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), o gavião-carijó (*Rupornis magnirostris*) e a maritaca (*Psittacara leucophthalmus*), devido à frequência de atendimentos e relevância nas interações com humanos. Em 2024, foram atendidos dois exemplares de *C. brachyurus*, três de *R. magnirostris* e 56 de *P. leucophthalmus*, com um caso positivo (1,7%). Em 2025, foram atendidos um lobo-guará, nove gaviões-carijó e 113 maritacas, com oito indivíduos positivos (um lobo-guará, quatro gaviões-carijó e três maritacas). Na síntese dos dois anos, dos nove indivíduos positivos para chumbo, a presença do metal foi o motivo direto da admissão em 77,7% (n=7), enquanto em 22,2% (n=2) constituiu achado radiográfico incidental. Considerando o baixo número amostral, a interpretação de percentuais deve ser cautelosa. Ainda assim, observa-se aumento na proporção de casos entre os anos avaliados (0,24% em 2024 vs. 1,71% em 2025). Ressalta-se que nenhum dos animais positivos sobreviveu, com óbitos associados ao trauma ou a complicações secundárias. A presença de chumbo pode causar processos inflamatórios, alterações hematológicas e quadros de intoxicação, além de favorecer infecções secundárias. Além dos impactos individuais, a permanência de projéteis no ambiente representa risco ecológico, devido à baixa biodegradabilidade, potencial de bioacumulação e à transferência de contaminantes ao longo das cadeias tróficas. Assim, os resultados sugerem aumento de casos associados a interações negativas entre fauna e humanos na região de Lavras e entorno, reforçando a importância do monitoramento desses eventos para subsidiar estratégias de conservação e saúde única.

Palavras-chave: Metais pesados, Conflito fauna-humano, Medicina de animais selvagens, Toxicologia ambiental.

Agradecimentos: Universidade Federal de Lavras.

Protocolo anestésico e monitoração transoperatória em *Caiman latirostris*

Rafaella M. Silva*[1]; Thiago G. Dias[1,2]; Lucas Y. Fraga[1]; Bárbara M. Nedelly[1]; Laura C. Fermo[1]; Julia C. B. Silva[1]; Gabriel B. P. Dutra[3]; Eduardo L. F. Silva[3]; Yhuri C. Nóbrega[1]; Daniela N. Nossa[1].

[1] Programa Caiman - Instituto Marcos Daniel, 29092-170, Vitória - ES, Brasil.
[2] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, Belo Horizonte - MG, Brasil.
[3] Hospital Silvestres, Vila Velha - ES, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: Medeiros_rafa@ufrrj.br

O jacaré-do-papo-amarelo (*Caiman latirostris*) é um réptil da família Alligatoridae e é utilizado como espécie sentinela na avaliação da saúde dos ecossistemas. Apesar dos avanços recentes, a medicina de crocodilianos ainda enfrenta desafios, principalmente devido à escassez de literatura específica e da ausência de protocolos padronizados. Nesse contexto, a descrição de casos clínicos contribui para o aprimoramento da prática veterinária, com implicações para manejo, conservação e bem-estar. Este trabalho descreve o protocolo anestésico realizado em um jacaré-do-papo-amarelo, adulto e macho, resgatado pelo Programa Caiman em área urbana da Grande Vitória (ES), com fratura de mandíbula, e encaminhado para tratamento cirúrgico no Hospital Silvestres. O animal foi resgatado em dezembro de 2025, apresentando 1,70m de tamanho total e cerca de 20kg. A medicação pré-anestésica intramuscular foi composta por midazolam (1 mg/kg), metadona (0,5 mg/kg) e dexmedetomidina (0,5 mg/kg). Após 50 minutos, iniciou-se a indução anestésica intravenosa utilizando propofol (5 mg/kg), permitindo acesso rápido e seguro ao plano anestésico. A intubação orotraqueal foi realizada com sonda endotraqueal, e a manutenção anestésica ocorreu por meio de isoflurano em circuito inalatório. A monitoração incluiu frequência cardíaca obtida por eletrocardiograma e *doppler* intracloacal, frequência respiratória e temperatura corporal, com acompanhamento contínuo dos parâmetros fisiológicos. O procedimento durou duas horas, e o protocolo permitiu a realização do ato cirúrgico com estabilidade do paciente e recuperação pós-anestésica satisfatória, com a extubação sendo realizada após quatro horas do fim do procedimento. Assim, evidenciando que abordagens anestésicas podem ser aplicadas com sucesso em crocodilianos. Ainda são necessários estudos adicionais para avaliar a reprodutibilidade do protocolo e suas possíveis limitações. A documentação e a divulgação de abordagens anestésicas em crocodilianos contribuem para ampliar a base de evidências disponíveis e apoiar o desenvolvimento de condutas mais padronizadas para espécies ainda pouco representadas na literatura.

Palavras-chave: Anestesia, Crocodilianos, Resgate.

Agradecimentos: Agradecemos ao Instituto Marcos Daniel pelo apoio institucional às ações de resgate e encaminhamento do animal, e ao Hospital Silvestres pela assistência veterinária, infraestrutura e suporte técnico disponibilizados para a condução do caso e do procedimento cirúrgico.

Protocolos anestésicos em grandes herbívoros neotropicais: *Tapirus terrestris* como modelo para a conservação

Rachel P. Malta*[1]; Júlia C. Pires[1]; Ana C. L. B. Teixeira[1]; Tamires B. Silva[1]; Virgínia B. D. Castro[1]; Andreise C. Przydzimirski[2].

[1] Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais.
[2] Departamento de Clínica e Cirurgia na Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais.

E-mail do autor correspondente: rachelmalta2000@gmail.com

A contenção química e a anestesia geral de grandes herbívoros neotropicais desempenham papel relevante na Medicina Veterinária da Conservação, especialmente em *Tapirus terrestris*. Classificada desde 2002 como "Vulnerável" pela IUCN, a espécie é frequentemente submetida a procedimentos veterinários relacionados ao monitoramento populacional, translocações, atendimentos clínicos e manejos com foco em conservação. Esta revisão de literatura teve como objetivo analisar protocolos anestésicos descritos para *T. terrestris*, destacando as principais associações farmacológicas, suas respostas clínicas e implicações para o manejo conservacionista. A busca foi realizada nas bases PubMed e SciELO, utilizando as palavras-chave *"Chemical restraint; Conservation veterinary medicine; Tapirus terrestris"*. Foram analisados 17 estudos, datados de 2010 a 2024, incluindo artigos científicos, revisões e relatos de caso. Os protocolos frequentemente descritos baseiam-se em anestesia balanceada, com associação de agentes dissociativos, sedativos e analgésicos. A cetamina foi empregada em aproximadamente 90% dos estudos, geralmente associada a benzodiazepínicos, como midazolam ou diazepam, para promover relaxamento muscular e reduzir episódios de excitação. Agonistas alfa-2 adrenérgicos, como detomidina, dexmedetomidina e xilazina, são relatados em 70% dos protocolos, para potencializar a sedação, embora associados a bradicardia e hipotensão, exigindo monitoramento rigoroso. O uso de opioides, como butorfanol ou remifentanil, foi descrito em aproximadamente 40% dos estudos, promovendo analgesia e estabilidade durante o procedimento, contribuindo para melhorar a profundidade anestésica e a recuperação. Para manutenção anestésica, o uso de agentes inalatórios, como isoflurano, tem sido descrito com resultados satisfatórios e, em infusões intravenosas contínuas (TIVA), a associação de cetamina, agonistas alfa-2 e agentes com efeito miorrelaxante, como o midazolam, tem sido relatada para melhorar a qualidade anestésica. A discussão evidencia que a escolha do protocolo depende do contexto, duração do procedimento e condições ambientais, sendo recorrente a recomendação de suplementação de oxigênio e monitoramento cardiovascular. Conclui-se que *T. terrestris* constitui um modelo relevante para o aprimoramento de protocolos anestésicos em grandes herbívoros neotropicais, persistindo lacunas quanto à padronização farmacológica e à avaliação de segurança a longo prazo, fundamentais para o avanço das práticas conservacionistas.

Palavras-chave: Contenção, Manejo, Analgesia, Monitorização, Bem-Estar.

Reversão de parada cardiorrespiratória em ouriço-cacheiro (*Coendou spinosus*: Rodentia): relato de caso clínico

Arthur S. D. Gomes*[1,2]; Lucas B. S. de Oliveira[1,2].

[1] Centro Universitário UNA – Linha Verde, 31744-007, Belo Horizonte – MG, Brasil.
[2] Universidade Federal de Minas Gerais, 31270-901, Belo Horizonte – MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: arthur.sdvet@gmail.com

Na rotina de atendimento a animais silvestres, a contenção química é fundamental para permitir exame clínico completo e seguro em diferentes espécies. Entretanto, a ausência de histórico e de exames complementares pode potencializar efeitos adversos dos fármacos anestésicos, comprometendo a homeostasia do paciente. Dentre as intercorrências possíveis, destaca-se a parada cardiorrespiratória (PCR), caracterizada pela falência simultânea dos sistemas cardiovascular e respiratório. Este trabalho relata a abordagem utilizada na reversão de uma PCR em um ouriço-cacheiro (*Coendou spinosus*). Uma fêmea jovem foi encaminhada a um hospital escola com paresia de membros pélvicos. Para a avaliação clínica, realizou-se indução anestésica inalatória com isoflurano (3–5% para indução, 1,5–3% para manutenção) por máscara facial. Aproximadamente três minutos após a indução, observou-se parada completa dos movimentos respiratórios e assistolia. Em um primeiro momento, suspendeu-se o fornecimento de isoflurano e foi iniciada a compressão torácica com abordagem lateral, a 100 movimentos por minuto, durante dois minutos, associada à ventilação manual por máscara (seis ventilações por minuto). Na ausência de resposta após o primeiro ciclo, administrou-se epinefrina 0,1% (0,1 mg/kg) em bolus intravenoso pela veia cava cranial. Concomitantemente, realizou-se estimulação do acuponto VG-26, com o objetivo de favorecer o retorno dos movimentos respiratórios, e procedeu-se à intubação com tubo supraglótico do tipo cânula nº 02. Após o retorno dos batimentos cardíacos, mantiveram-se compressões torácicas e ventilação assistida até a plena recuperação da paciente. A taxa de sucesso da reanimação cardiopulmonar em animais silvestres é pouco documentada e considerada baixa, o que torna relatos como este especialmente relevantes. A experiência reforça a importância de uma abordagem com ênfase no Suporte Básico de Vida (SBV) e no Suporte Avançado de Vida (SAV), conforme especificado por diretrizes dos *RECOVER Guidelines* para tratamento de animais em PCR. Destaca-se também a necessidade de ordenação das estratégias de intervenção, hierarquização do comando do procedimento, e, competências socioemocionais para a comunicação efetiva com a equipe envolvida. Além disso, destaca-se a necessidade de preparo prévio da equipe e de protocolos claros para emergências em medicina de animais silvestres, visando aumentar a taxa de retorno e a sobrevida após eventos críticos como a PCR.

Palavras-chave: Emergência veterinária, roedores silvestres, Conservação.

Agradecimentos: Ibama, IEF, Ânima Educação.

Terapia conservativa em exoftalmia unilateral direita em *Didelphis aurita* lactante

Virgínia B. D. Castro*[1]; Thais C. Capistrano[2]; Joseana A. Lima[2]; Marcos L. S. Fonseca[2]; Estela L. S. dos Santos[3]; Ana V. S. Sampaio[4]; Alberto V. O. Dantas[5]; Marta C. Gomes[2].

[1] Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, Brasil
[2] Centro de Triagem de Animais Silvestres - INEMA, Salvador - BA, Brasil.
[3] Programa de Pós-Graduação em Ciência Animal nos Trópicos, Universidade Federal da Bahia, Salvador - BA, Brasil.
[4] Escola de Veterinária da UNIFTC, Salvador - BA, Brasil
[5] INEMA, Salvador - BA, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: vbdacastro@gmail.com

Atividades antrópicas, como urbanização e desmatamento, alteram o ambiente e favorecem a presença da fauna silvestre em áreas urbanas, aumentando sua vulnerabilidade a traumas e doenças. Espécies como o gambá-de-orelha-preta (*Didelphis aurita*) são frequentemente encaminhadas a centros de reabilitação, onde afecções oftálmicas representam um desafio ao prognóstico clínico e à reabilitação para soltura. Este trabalho visa descrever o tratamento conservativo de exoftalmia unilateral em uma fêmea jovem de *D. aurita* em período de lactação. O animal foi encontrado caído em via pública, com suspeita de atropelamento e filhotes no marsúpio, sendo encaminhado ao Centro Estadual de Triagem de Animais Silvestres, em Salvador. Ao exame clínico, observou-se protrusão rostral do bulbo ocular direito além do rebordo orbitário, lagoftalmia, hiperemia conjuntival difusa, blefaroespasmo, edema palpebral discreto e secreção periocular serossanguinolenta. À retropulsão digital, notou-se resistência aumentada, sugerindo possível comprometimento retrobulbar. Instituiu-se tratamento clínico com Dipirona (25 mg/kg, IM, BID, cinco dias), Meloxicam (1 mg/kg, IM, SID, cinco dias) e colírio lubrificante à base de hidroxipropilmetilcelulose (uma gota em olho direito, BID, cinco dias). A condição geral do animal era favorável; porém, não houve sucesso na amamentação e os filhotes evoluíram a óbito após quatro dias, apesar do aleitamento artificial. Na sequência, iniciou-se antibioticoterapia profilática com amoxicilina (10 mg/kg, IM, SID, por cinco dias). Após 16 dias, observou-se evolução para *phthisis bulbi* (atrofia irreversível do bulbo ocular, com redução volumétrica acentuada, perda da conformação anatômica e da visão). O animal segue em acompanhamento para avaliação evolutiva, reabilitação e análise da possibilidade de soltura. A exoftalmia é emergência oftálmica com indicação cirúrgica imediata em pequenos animais domésticos, visto a possibilidade de complicações como infecção secundária e necrose. Em animais debilitados ou lactantes, deve-se avaliar o risco cirúrgico e anestésico, podendo ser indicado o controle da dor e monitoramento temporário. Nesse caso, diante do prognóstico satisfatório da fêmea e da necessidade de manutenção da amamentação, optou-se pela abordagem conservadora que foi viável no manejo inicial. Considerando a limitada literatura oftálmica para *D. aurita*, o relato de achados clínicos e estratégias terapêuticas é relevante para subsidiar futuros estudos e condutas clínicas.

Palavras-chave: Oftalmologia, Marsupial, Sinantrópico, Proptose.

Transfusão sanguínea heteróloga no tratamento de trauma severo em cascavel (*Crotalus durissus terrificus*): relato de caso

Gustavo H. S. Ribeiro*[1]; Luan A. Oliveira [1,2,3]; Thiago F. Ferreira [1,4]; Amanda M. F. A. Silva[1]; João V. C. C. Abdamur[1]; Amanda V. D. Silva[5]; Érica Eger[6]; Agata P. F. Sá[6].

[1] Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, CEP 30535-000, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[2] Programa de Pós Graduação em Biodiversidade e Meio Ambiente - PUC Minas, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[3] Hospital Veterinário Reino Animal, Betim-MG, Brasil.
[4] Clínica Propet Medicina Veterinária Especializada, Betim-MG, Brasil.
[5] Centro Universitário Una, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[6] Centro Universitário Una, Betim-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: gustavohsr27@gmail.com

As cascavéis (*Crotalus durissus*) pertencem à família Viperidae, com ampla distribuição no território brasileiro. Sua presença em ambientes antropizados resulta em ataques intencionais ou acidentes, com consequentes traumas e perdas sanguíneas significativas nos animais. Nesses casos, transfusões sanguíneas estão sendo cada vez mais utilizadas na medicina veterinária, com o objetivo de repor componentes sanguíneos perdidos por anemias graves. Foi encaminhado a um hospital veterinário uma *C. durissus terrificus* filhote, macho de 0,069kg acidentado por roçadeira. Na avaliação clínica inicial, observou-se extensa lesão no terço médio dorsolateral do animal, além de hifema em globo ocular direito. Na radiografia demonstrou fraturas em diversas costelas, microcardia, perda de definição de espaços intervertebrais, e desalinhamento do eixo ósseo, mas sem comprometimento medular evidente. Então, realizou-se sutura das lesões em padrão Wolff com Caprofyl™ 5-0, analgesia (Cetoprofeno 2mg/kg e Cloridrato de Tramadol 10mg/kg) e antibioticoterapia (Enrofloxacina 10mg/kg). Na avaliação hematológica, havia alterações eritrocitárias compatíveis com perda sanguínea recente. Associado ao histórico traumático com hemorragia, o paciente apresentava letargia, desidratação de 10% e mucosas hipocoradas. Optou-se pela transfusão sanguínea visando restabelecer a volemia e adequada perfusão tecidual, baseada na avaliação clínica geral. A ausência de prova cruzada no procedimento deveu-se à urgência no quadro clínico do animal. No procedimento, utilizou-se o anticoagulante CPDA-1, na proporção de 1:5 de sangue. O volume total transfundido foi de 2 ml, obtido de uma *Boa constrictor constrictor*, administrado durante quatro horas (0,5 ml/h) em bomba de seringa via acesso pela veia coccígea caudal. O paciente permaneceu contido em tubo de contenção, recebendo oxigênio a 100% até o fim da transfusão. Ao final, apresentou-se normohidratado, com melhora na locomoção e resposta comportamental (movimento do chocalho). Após 53 dias, novo hemograma evidenciou melhora nos níveis eritrocitários, apresentando anisocitose e policromasia moderadas. Aos 63 dias houve cicatrização total das lesões cutâneas e na ecdise não houve retenção de pele, recebendo alta médica após 68 dias. O caso sugere que a transfusão heteróloga pode ser uma alternativa terapêutica em situações emergenciais em répteis, embora estudos adicionais sejam necessários para avaliar sua segurança e eficácia.

Palavras-chave: Fauna, Hemoterapia, Reabilitação, Répteis.

Tratamento de ferida integrativo em filhote de veado-catingueiro (*Subulo gouazoubira*) vítima de queimada florestal recebido no CETAS-BH

Amanda V. D. da Silva*[1,2,3]; Maria E. P. Silva[2,3,4]; Giulia M. Diniz[1,3]; Gustavo H. S. O. Ribeiro[5]; Maria E. S. L. Peixoto[3,4]; Thiago L. Stehling[2]; Armanda P. Costa[2]; Julia O. L. da Cruz[2]; Cecília Barreto[6]; Laerciana S. S. Matos[6]; Erika P. T. Teixeira[2].

[1] Centro Universitário Una, Belo Horizonte, MG, Brasil.
[2] Instituto Estadual de Florestas - IEF, MG, Brasil.
[3] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, Belo Horizonte, MG, Brasil.
[4] Centro Universitário de Belo Horizonte, Belo Horizonte, MG, Brasil
[5] Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil
[6] Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA

*E-mail do autor correspondente: amandavdornelasi3@gmail.com

O veado-catingueiro (*Subulo gouazoubira*) é a espécie de cervídeo mais abundante na América do Sul, presente em vários tipos de habitats e é vulnerável a incêndios e queimadas, por exemplo, no Cerrado. O presente relato tem o objetivo de apresentar o tratamento multimodal de ferida realizado na região dos cascos dos membros pélvicos de um *S. gouazoubira* recebido no CETAS-BH. O animal, uma fêmea filhote de 1,280kg, foi recebido no CETAS-BH em novembro de 2025 com lesões de queimadura já em processo de cicatrização na região frontal da cabeça, focinho, orelha e na região periocular, além de uma úlcera de córnea no olho esquerdo. Foi iniciado protocolo terapêutico com dipirona (25mg/kg, IM, BID), meloxicam (0,2mg/kg, IM, SID), sulfato de tobramicina 0,3% (uma gota, oftálmico, BID) e sulfadiazina de prata nas lesões. Além disso, o animal apresentava feridas ulcerativas graves e infectadas nos cascos dos membros pélvicos, com exposição de tecidos, inflamação e perda de parte do casco, mas sem sinais clínicos de infecção sistêmica, sendo optado por antibioticoterapia apenas tópica. No tratamento as lesões eram higienizadas com soro fisiológico e clorexidina degermante 2%. Após o enxágue, aplicava-se uma gaze embebida em antisséptico PHMB no leito da ferida, onde permanecia por cinco minutos para descontaminação. Em seguida, era feita laserterapia com luz azul (20 segundos), promovendo efeito bactericida, e luz vermelha + infravermelha (5 joules), importantes para regeneração tecidual e analgesia, e, por fim, era borrifada rifamicina sódica. Após o protocolo tópico, era colocado no casco uma cobertura de hidrofibra composta por carboximetilcelulose e prata iônica (Ag+). Acima da cobertura primária aplicava-se um curativo auto adesivo de espuma hidrocelular, estéril e à prova d'água. Depois era feita uma compressa com algodão ortopédico, e, por fim, uma bandagem elástica adesiva. O protocolo era feito 1x por semana. O animal ficava sob contenção física com os olhos e ouvidos tampados com compressas cirúrgicas e eram oferecidas folhas de amoreira durante todo o processo. Após dois meses as lesões apresentaram completa cicatrização. A abordagem multimodal, com uso de coberturas avançadas e laserterapia associou-se a cicatrização completa da lesão, permitindo a redução da frequência de manejo em um cervídeo suscetível ao estresse de contenção. Além disso, o relato evidencia a importância dos CETAS e de uma equipe capacitada para reabilitação de animais vítimas de queimadas.

Palavras-chave: Cervídeo, Queimadura, Reabilitação.

Tratamento de úlcera de córnea superficial em *Megascops choliba*: relato de caso

Ana P. D. A. Oliveira*[1,2]; Raphaela M. P. Oliveira[2]; Maria E. S. L. Peixoto[2]; Ana L. H. C. Ramos[3]; Laerciana S. S. Matos[4]; Ana C. S. Santana[4]; Érika P. T. Teixeira[5]; Cecília Barreto[4]; Armanda C. P. Santos[5]; Daniel A. R. Vilela[4].

[1] Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 30140-111, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[2] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, 31814-620, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[3] Programa de Residência Integrada Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), 31270-901, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[4] Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[5] Instituto Estadual de Florestas, Belo Horizonte-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: anapauladiasalvesoliveira@gmail.com

Afecções oftálmicas representam importante causa de comprometimento funcional em aves de rapina mantidas em centros de triagem, podendo impactar diretamente no prognóstico de reabilitação. A integridade do epitélio corneano é essencial para a transparência e proteção do estroma anterior, de forma que sua ruptura, frequentemente associada a trauma, manejo ou contenção inadequados, resulta em dor, blefaroespasmo e risco de infecção secundária, podendo retardar a cicatrização epitelial. Este trabalho relata a abordagem clínica e terapêutica de úlcera de córnea superficial em uma corujinha-do-mato (*Megascops choliba)* mantida no CETAS de Belo Horizonte. Durante o monitoramento de rotina, observou-se que o indivíduo apresentava blefaroespasmo unilateral e incapacidade de manter o olho esquerdo aberto, indicativos de desconforto ocular. O animal foi encaminhado para avaliação clínica e após a realização do teste de fluoresceína bilateral foi evidenciada uma lesão epitelial compatível com úlcera superficial restrita ao olho esquerdo, sem comprometimento estromal profundo ou alterações no olho direito. Instituiu-se um tratamento com colírio à base de tobramicina, quatro vezes ao dia durante sete dias, para controle de infecção bacteriana secundária, e um colírio lubrificante na mesma frequência. O tratamento tópico oftálmico foi associado a meloxicam injetável visando controle inflamatório, na concentração de 0,02%, na dose de 0,2 mg/kg, uma vez ao dia por cinco dias via intramuscular, e dipirona injetável 50 mg/mL na dose de 25 mg/kg, duas vezes ao dia por cinco dias via intramuscular, para analgesia. Foi realizada higienização ocular com soro fisiológico sempre que necessário, além de monitoramento do peso corporal duas vezes por semana, como parâmetro complementar de avaliação clínica e bem-estar. Após sete dias, nova avaliação com fluoresceína demonstrou redução evidente da lesão, indicando progressão da cicatrização epitelial. O protocolo tópico foi mantido por mais sete dias, com acompanhamento clínico. Ao final da segunda semana, a lesão era quase imperceptível e sem sinais de desconforto, mantendo-se os colírios por mais três dias para consolidação da cicatrização e prevenção de recidiva. Conclui-se que o protocolo terapêutico instituído foi eficaz, promovendo adequada cicatrização epitelial e recuperação clínica, destacando a importância do diagnóstico precoce e do manejo oftálmico adequado em aves de rapina sob cuidados humanos.

Palavras-chave: Reabilitação, Oftalmologia, Aves de rapina, Manejo clínico.

Agradecimentos: Instituto de Pesquisa e Conservação Waita, Instituto Estadual de Florestas (IEF), Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA).

Uso da fotobiomodulação como adjuvante na cicatrização de ferida em *Dasypus novemcinctus*: relato de caso

Higor D. P. Santos*[1]; Lívia I. Simões[1]; Yasmin M. Peixoto[1]; Raphaela M. P. Oliveira[1]; Maria E. S. L. Peixoto[1]; Júlia O. L. Cruz[2]; Ana C. S. Santana[2]; Marco V. Q. Alves[3]; Érika P. T. Teixeira[2]; Thiago L. Stehling[2].

[1] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, 31814-620, Belo Horizonte - MG, Brasil.
[2] Instituto Estadual de Floresta (IEF), Belo Horizonte - MG, Brasil.
[3] Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Belo Horizonte - MG, Brasil.

E-mail do autor correspondente: douglashigor2723@gmail.com

O tatu-galinha (*Dasypus novemcinctus*) apresenta ampla distribuição no território brasileiro, ocorrendo em diversos habitats que abrangem desde florestas tropicais até áreas antropizadas, como pastagens, zonas urbanas e monoculturas. As principais ameaças à conservação da espécie incluem incêndios florestais e a supressão de habitat. Adicionalmente, as colisões veiculares representam uma das causas importantes de mortalidade por impactos antropogênicos. Embora a espécie sofra expressiva pressão de caça, sua vasta dispersão geográfica e resiliência ambiental permitem que, atualmente seja categorizada como pouco preocupante (LC) pela União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais (IUCN). Esse relato de caso tem o objetivo de apresentar um caso de sucesso do uso da fotobiomodulação como adjuvante na cicatrização de ferida em *D. novemcinctus*. Em outubro de 2025, uma fêmea de *D. novemcinctus* pesando 4,3 kg, foi encaminhada ao Centro de Triagem de Animais Silvestres de Belo Horizonte (CETAS-BH), apresentando fratura de carapaça em região dorsolateral esquerda, caracterizada por ferida traumática aberta de 15x4 cm, lacerante, com exposição muscular. Realizou-se a higienização da ferida com cloreto de sódio 0,9% e clorexidina degermante 2%, e, o tratamento sistêmico constituiu-se de dipirona 50% (BID, 25 mg/kg, IM, por 14 dias), meloxicam 0,2% (SID, 0,2mg/kg, IM, por cinco dias) e amoxicilina triidratada (BID, 13,5 mg/kg, SC, por 14 dias). A limpeza de ferida foi realizada duas vezes na semana, sendo usada pomada hidrocoloide em gel na região afetada. Após 14 dias, foi iniciado de forma coadjuvante o tratamento com laserterapia sobre o tecido lesionado, a partir da luz vermelha (comprimento de onda ~660 nm) com foco no reparo tecidual e analgesia local, infravermelha (~7801000 nm), para analgesia e ação anti-inflamatória, e, a luz azul (~450-470 nm) com foco na ação antimicrobiana. Assim, estabeleceu-se a aplicação de laser na lesão, utilizando luz azul por 20 segundos, associada às luzes vermelha e infravermelha em ondas contínuas na potência de 4 J/cm², com sessões semanais e duração total de três semanas. Após o tratamento, o ferimento se fechou completamente, evidenciando a eficácia do tratamento e uma recuperação satisfatória. Este caso reitera a eficácia da laserterapia na medicina de animais silvestres, demonstrando ser uma ferramenta valiosa para acelerar a cicatrização e reduzir o tempo de permanência em centros de reabilitação.

Palavras-chave: Reabilitação, Manejo de Feridas, Xenarthras, Medicina Integrativa, Cingulata.

Agradecimentos: Instituto de Pesquisa e Conservação Waita, Instituto Estadual de Florestas (IEF), Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA).

Uso de opioides na analgesia de répteis: desafios farmacológicos e metodológicos

Virgínia B. D. Castro*[1]; Ana C. L. B. Teixeira[1]; Júlia C. Pires[1]; Rachel P. Malta[1]; Tamires B. da Silva[1]; Andreise C. Przydzimirski[2].

[1] Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, Brasil.
[2] Departamento de Clínica e Cirurgia na Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: vbdacastro@gmail.com

A percepção de dor em répteis foi negligenciada por muito tempo, porém, estudos recentes relatam estruturas nervosas relacionadas a nocicepção, a qual deve ser adequadamente tratada. Embora o uso de opioides para analgesia seja bem descrito em mamíferos, as adversidades experimentais e espécie-específicas dificultam o estabelecimento de protocolos terapêuticos. Esta revisão visa discutir os principais desafios na avaliação da eficácia dos opioides em répteis. A partir da busca pelos termos "opioide; analgesia; dor; nocicepção; répteis" nas plataformas Google Acadêmico, PubMed e SciELO foram lidos 20/53 artigos, livros e dissertações que abordam o objetivo deste trabalho. Evidências sugerem que répteis possuem sistema opioide endógeno e receptores associados, indicando que fármacos opioides podem ser eficazes. Entre os mais usados na rotina clínica e estudados, destacam-se a morfina (demonstra eficiência, mas com maior risco de depressão respiratória), o butorfanol (amplamente empregado na prática clínica) e tramadol (com evidências limitadas e vias não opioides em esclarecimento). A maioria das metodologias experimentais, como estímulo térmico, avaliam dor aguda, cuja resposta pode diferir da dor crônica presente em alguns animais em tratamento. A identificação da dor pode envolver sinais inespecíficos (anorexia e alterações cardiorrespiratórias) ou específicos, como morder a área afetada e arquear o dorso (lagartos) e estiramento ou contração da região dolorida (serpentes). Porém a falta de manifestação clínica não garante analgesia, sendo recomendado associar a alterações em parâmetros fisiológicos. Os répteis são ectotérmicos, com a temperatura externa influenciando a fisiologia sistêmica e, consequentemente, as propriedades farmacológicas. A diversidade de espécies dessa classe implica em variáveis estruturais e funcionais que podem interferir na localização, quantidade e função dos receptores e mediadores nociceptivos, alterando respostas comportamentais, biológicas e analgésicas, tornando desaconselhável a extrapolação de dados entre espécies. Os estudos, ainda que com o mesmo fármaco ou espécie animal, podem apresentar resultados distintos, por variações posológicas, ambientais, individuais e metodológicas. Apesar do reconhecimento da dor em répteis, ainda são necessárias pesquisas espécie-específicas que elucidem a farmacodinâmica e farmacocinética dos opioides nesses animais, objetivando o manejo analgésico adequado e a manutenção da homeostase.

Palavras-chave: Dor, Antinocicepção, Reptilia.

Uso de pele de tilápia (*Oreochromis niloticus*) como curativo biológico no tratamento de queimaduras de espessura total em tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*)

Jéssica R. Gonçalves*[1,2]; Giovanna P. Comine[2,5]; Fernanda L. M. Rocha[1,2]; Bruno A. Moreira[1,2]; Gustavo S. Cardoso[2]; Lucas C. M. Mendonça[4]; Juliana Junqueira[3]; Ana C. D. Oliveira[3]; Rodrigo T. Greco[3]; Léo C. F. Silva[3].

[1] Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO, Brasil.
[2] Instituto de Conservação Ambiental Floresta Cheia, Goiânia-GO, Brasil.
[3] Centro de Triagem de Animais Silvestre/IBAMA, Goiânia-GO, Brasil.
[4] Centro de Triagem de Animais Silvestre/IBAMA, Montes Claros-MG, Brasil.
[5] Universidade Federal de Pelotas, Pelotas-RS, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: jessicarocha.vet@outlook.com

Os incêndios no Cerrado impactam severamente a fauna, especialmente o tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), espécie ameaçada de extinção e vulnerável por sua baixa mobilidade e pelagem inflamável. Este trabalho relata o uso de pele de tilápia (*Oreochromis niloticus*) como protocolo terapêutico para queimaduras, em uma fêmea adulta (22 kg), resgatada em agosto de 2025. O animal apresentava prostração, desidratação e queimaduras de segundo e terceiro graus (espessura parcial profunda e total) na face e nas quatro extremidades podais. Na região cefálica, observou-se comprometimento bilateral com descolamento da musculatura em relação à estrutura óssea. O animal foi estabilizado com fluidoterapia (IV) com ringer lactato (55 ml/kg/dia) por 72 horas. O protocolo farmacológico incluiu tramadol (5 mg/kg, SC), dipirona (25 mg/kg, IM), cetoprofeno (1 mg/kg, IM), cetamina (0,03 mg/kg, SC) e oxitetraciclina (30 mg/kg, IM, a cada 72 horas). O monitoramento do curativo e da ferida foi realizado diariamente. As peles foram preparadas na instituição, submersas em solução fisiológica estéril e armazenadas sob congelamento a -20 °C. A fixação da pele de tilápia ocorreu por meio da aderência natural ao leito da ferida e aplicação de curativos oclusivos compressivos. O tratamento medicamentoso estendeu-se por oito dias, com a retirada gradual dos analgésicos após a estabilização do quadro clínico. Para os curativos, utilizou-se contenção química, via IM, com cetamina (4 mg/kg) e xilazina (1 mg/kg). Os curativos biológicos foram produzidos na própria instituição a partir de peixes disponibilizados pelo setor de aquicultura da UFG, sendo preparados e armazenados submersos em solução fisiológica estéril sob congelamento. Nas duas primeiras semanas, as trocas ocorreram duas vezes por semana devido ao exsudato. Na face, o curativo oclusivo foi mantido até a sétima troca, quando se observou a fixação da musculatura e reepitelização, seguindo-se o uso de pomada à base de alantoína. O animal apresentou excelente adaptação à dieta pastosa com ovo cozido. Após sete semanas de acompanhamento, houve completa cicatrização com queda espontânea do curativo. Conclui-se que a pele de tilápia indica um potencial promissor para o manejo de queimaduras em grandes xenartros, podendo auxiliar na regeneração tecidual em áreas críticas e redução da manipulação do espécime, configurando-se como uma técnica a ser explorada na conservação de fauna silvestre vitimada por incêndios.

Palavras-chave: Cerrado, Xenarthra, Incêndio, Cicatrização, Biomateriais.

Agradecimentos: Instituto de Conservação Ambiental Floresta Cheia, IBAMA.

Utilização de tomografia computadorizada para avaliação de fratura em mandíbula de *Caiman latirostris*

Thiago G. Dias*[1,2]; Rafaella M. Silva[1]; Lucas Y. Fraga[1]; Bárbara M. Nedelly[1]; Laura C. Fermo[1]; Julia C. B. Silva[1]; Daniel N. S. Neves[1]; Yhuri C. Nóbrega[1]; Daniela N. Nossa[1].

[1] Programa Caiman - Instituto Marcos Daniel, Vitória - ES, Brasil.
[2] Instituto de Pesquisa Waita, Belo Horizonte - MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: diasthiago.wii@gmail.com

Na rotina clínica veterinária, a ultrassonografia e a radiografia são amplamente utilizadas como suportes à avaliação dos pacientes e de seus resultados. Além dessas ferramentas, a tomografia computadorizada é frequentemente considerada padrão-ouro em situações como lesões de crânio e coluna, fraturas múltiplas e fissuras, devido à capacidade de produzir imagens seccionais de alta resolução. Esse método permite a obtenção de cortes milimétricos e a reconstrução tridimensional, com possibilidade de rotação e inspeção da área de interesse em software específico, favorecendo a identificação de pequenas descontinuidades ósseas discretas, e a caracterização da extensão da lesão. Este trabalho descreve a aplicação dessa tecnologia em um jacaré-de-papo-amarelo (*Caiman latirostris*), resgatado pelo Programa Caiman em área urbana, com suspeita de fratura de mandíbula. O resgate foi solicitado por moradores na região da Serra - ES, no mês de dezembro de 2025. O indivíduo é um adulto, com aproximadamente 1,70m de comprimento total, adulto, macho, pesando cerca de 20kg e já foi encontrado com lesões, não havendo uma suspeita do provável motivo. Foi realizado exame radiográfico, mas com o resultado obtido não foi possível avaliar as fraturas de forma satisfatória. Por isso, o animal foi encaminhado para o Centro Veterinário de Medicina Diagnóstica e Especialidades, em Vitória, onde foi submetido à uma tomografia computadorizada. Assim, foi confirmada uma fratura mandibular composta, com exposição óssea, em dois pontos. Foi necessária contenção física, através do uso de fita isolante para manter a mandíbula do animal fechada e cordas para estabilização dos membros em seu tronco. Não foi necessário o uso de sedação para o procedimento. A tomografia foi determinante para o planejamento cirúrgico, possibilitando avaliação detalhada da fratura e a identificação de pontos que demandam intervenções mais extensas para a estabilização e fixação mandibular. Assim, o diagnóstico por imagem se mostrou de extrema valia para melhor entendimento da lesão e melhora no prognóstico do paciente. Com a tomografia, foi possível ter visualizações que não são obtidas com a radiografia, reforçando a importância desse meio diagnóstico para os casos de fratura mandibular em crocodilianos. Porém, é de conhecimento que ainda é uma tecnologia pouco acessível para os centros de reabilitação de fauna no Brasil.

Palavras-chave: Crocodilianos, Diagnóstico, Fraturas, Reabilitação.

Agradecimentos: Agradecemos ao Instituto Marcos Daniel pelo apoio institucional às ações de resgate e encaminhamento do animal, e ao Hospital Silvestres pela assistência veterinária, infraestrutura e suporte técnico disponibilizados para a condução do caso e do procedimento cirúrgico.

Xenotransfusão de um cão doméstico (*Canis lupus familiaris*) para um lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), relato de caso

Lucas C. M. Mendonça*[1,2]; Fernanda L. M. Rocha[3,4]; Bruno A. Moreira[3,4]; Gideonny F. Araújo[1,5]; Marília M. B. Dias[1,5]; Fabiane G. Souza[1,6]; Jessica R. Gonçalves[4,7].

[1] Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Brasil.
[2] Centro de Triagem de Animais Silvestres (Cetas), Montes Claros-MG, Brasil.
[3] Floresta Cheia Instituto de Conservação Ambiental (Cobio), Goiânia-GO, Brasil.
[4] Centro de Triagem de Animais Silvestres (Cetas), Goiânia-GO, Brasil.
[5] Coordenação de Conservação da Fauna e da Biodiversidade (CoBio), Brasília-DF, Brasil.
[6] Superintendência do Ibama do Mato Grosso do Sul (Supes/MS), Campo Grande-MS, Brasil.
[7] Ecovias Cerrado, Goiânia-GO, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: lucas.mendonca@ibama.gov.br

Apesar de ser um procedimento relativamente simples e de ter um impacto importante na sobrevida de vários animais, a transfusão sanguínea ainda é pouco realizada em animais silvestres pela dificuldade de obtenção de sangue de um doador coespecífico e a falta de conhecimento sobre os tipos sanguíneos das diferentes espécies. O presente caso objetiva relatar uma transfusão entre duas espécies diferentes de canídeos. No dia 26/05/2025, foi recebida uma fêmea idosa de *Chrysocyon brachyurus* pesando 24 kg no CETAS-GO. Sete meses após sua chegada, já de quadro estável e aguardando encaminhamento para alguma instituição, notou-se que a paciente passou a se recusar a comer, mantendo-se deitada a maior parte do tempo e apresentando marcha atáxica. À avaliação clínica, após sedação, a paciente apresentava mucosas hipocoradas, taquipneia, hipotermia e uma infestação grave de pulgas. À avaliação laboratorial, apresentava hematócrito de 12%, 3,6 g/dL de hemoglobina, 1,75 x 1012/L de hemácias, 17,9 x 109/L de leucócitos e glicemia de 296 mg/dL. O PCR para hemoparasitoses foi negativo. O diagnóstico presuntivo foi de anemia grave secundária à depleção por ectoparasitas, optando-se pelo tratamento com 0,2 mg/kg de ivermectina, 5 mg/kg de imidocarb, 2,4 mg/kg de Capstar® e transfusão de sangue total. Porém, diante da indisponibilidade de doadores coespecíficos, optou-se pela transfusão com sangue de cão doméstico disponível em banco de sangue. O doador apresentava hematócrito de 49% e sua tipagem sanguínea era DEA 1-. Devido ao risco iminente de óbito, a xenotransfusão foi realizada sem prova cruzada, mas doses de prometazina e dexametasona foram deixadas prontas para alguma eventualidade. A transfusão foi realizada como preconizado pela literatura canina, durando cerca de quatro horas, durante a qual a paciente foi monitorada para sinais de hemólise imunomediada, reações alérgicas e outras reações transfusionais. Após despertar da sedação, a paciente aceitou se alimentar de ratos recém-abatidos. Nos dias seguintes, ela voltou a se mostrar ativa e agressiva, se alimentou espontaneamente e continuou a apresentar mucosas normocoradas. No terceiro dia da transfusão, seu hematócrito estava em 41% e as hemácias em 6,76 x 1012/L e os parâmetros físicos estavam dentro da normalidade. Este relato sugere que a xenotransfusão pode ser uma alternativa emergencial em lobos-guarás, especialmente na ausência de doadores coespecíficos. No entanto, a realização de provas de compatibilidade e o melhor entendimento dos grupos sanguíneos da espécie são fundamentais para maior segurança do procedimento.

Palavras-chave: Anemia, Transfusão Heteróloga, Canídeos.

MONITORAMENTO DA FAUNA SILVESTRE

Acompanhamento de indicadores biológicos do dourado (*Salminus franciscanus*) na bacia do rio São Francisco nos anos de 2012 à 2016

Kyvia B. Alvarenga*[1,3]; Érika R. Alvarenga[1]; Gean P. A. Reis[1,3]; Laryssa E. S. Soares[1]; Mariana P. Ferreira[1]; Sophia Sena[1]; Eduardo M. Turra[1]; Daniel V. Crepaldi[2]; Franklin F. B. Costa[1,3]; Dara Cristina Pires[1,3].

[1] Laboratório de Aquacultura, Escola de Veterinária, Universidade Federal de Minas Gerais, 31270901, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[2] IBAMA, Brasília-DF, Brasil.
[3] Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (EPAMIG), Belo Horizonte-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: kyviaalvarenga@yahoo.com.br

O dourado (*Salminus franciscanus*) é uma espécie de grande importância na na bacia do Rio São Francisco. Deste modo, entender mais sobre a dinâmica da espécie é fundamental para a proteção da ictiofauna nativa. Nesse contexto, o monitoramento do período reprodutivo (novembro-fevereiro) do dourado se faz necessário para a sua preservação. Assim, o presente estudo teve como objetivo analisar as variações nos índices biológicos de *S. franciscanus* ao longo de diferentes períodos reprodutivos, a fim de contribuir para o monitoramento da espécie no rio São Francisco e fornecer informações que auxiliem no manejo e na conservação de seus estoques naturais. Os peixes foram coletados na calha principal do rio São Francisco, próximo à foz com o rio Urucuia, na região do médio São Francisco, em Minas Gerais, entre os anos de 2012 e 2016. Foram coletadas 324 fêmeas e 282 machos de dourado, dos quais foram obtidos os seguintes dados: sexo, peso corporal total (PT), comprimento corporal padrão (CP), comprimento total (CT) e peso das gônadas (PG) e do fígado (PF), para o cálculo do índice gonadossomático (IGS = 100 x PG/PT) e do índice hepatossomático (IHS= 100 x PF/PT). Como as variáveis não apresentaram distribuição normal utilizou-se o teste não paramétrico de Kruskal-Wallis, adotando-se nível de significância de 5%. Durante a piracema, as fêmeas apresentaram menor peso em 2015 (PT = 1,3 kg). Já nos machos, o peso e os comprimentos foram maiores em 2013 (1,7 kg) e 2014 (2,2 kg), enquanto o IGS apresentou valores mais elevados em 2015 (1,3) e o IHS (0,82) em 2016. Durante o período de pós-piracema (março-abril), as fêmeas apresentaram valores elevados de IGS em 2015 (0,18) e 2016 (0,29), enquanto no período de pré-piracema (setembro-outubro) apresentaram IGS (0,16) e peso (1,04 kg) mais reduzidos em 2012. Nesse mesmo período, machos apresentaram reduzido IGS em 2013 (0,05) se comparado aos demais anos (valores de 0,07 a 0,44). Essas variações não indicaram um padrão de aumento ou redução nos dados biométricos e índices biológicos do dourado no rio São Francisco nos anos de acompanhamento, não indicando comprometimento dessa espécie no local estudado. Desse modo, o acompanhamento de indicadores biológicos constitui uma ferramenta relevante para avaliar o estado reprodutivo da espécie e subsidiar estratégias de manejo e conservação, especialmente na definição e adequação dos períodos de defeso, contribuindo para a proteção e a sustentabilidade da ictiofauna.

Palavras-chave: Indicadores biométricos, Peixes nativos, Piracema.

...Recursos Naturais Renováveis ...ção. O presente trabalho foi realizado no ...pesca e gestão ambiental participativa no médio São ...da Plataforma Semente, uma iniciativa do Ministério Público de Minas Gerais (MPMG), em parceria com o CeMAIS.

Aplicação de sensoriamento remoto na investigação da associação entre estrutura de habitat e taxas de detecção de *Glaucomastix littoralis* (Lagarto; Teiidae)

Carlos H. de-Oliveira-Nogueira*[1,2]; Raquel J. Santos[3]; Roque A. Sanchez[4]; Mayra A. Y. Rocha[1]; Valéria Ruoppolo[1]; Luana P. Mauad[5].

[1] Meio Ambiente, Aiuka Consultoria em Soluções Ambientais,11721-295, Praia Grande-SP, Brasil.
[2] Laboratório de Herpetologia, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora-MG, Brasil.
[3] Scinax Consultoria Ambiental, Rio de Janeiro-RJ, Brasil.
[4] Geogestão, Geoinformação e Gestão Territorial, Florianópolis-SC, Brasil.
[5] Gás Natural Açu, São João da Barra-RJ, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: henrique.nogueira@aiuka.com

Ambientes de restinga constituem mosaicos dinâmicos de vegetação e substrato, marcados por elevada heterogeneidade estrutural em escalas espaciais finas, o que pode influenciar diretamente a ocorrência, o uso do espaço e a detectabilidade de espécies associadas a micro-hábitats específicos. *Glaucomastix littoralis* é um teídeo de pequeno porte, ameaçado de extinção e restrito às restingas do estado do Rio de Janeiro. Apesar de sua relevância para a conservação, ainda são limitadas as informações sobre como atributos do habitat, especialmente aqueles relacionados à configuração da vegetação e à disponibilidade de áreas abertas, se relacionam com seus registros em campo. Neste estudo, apresentamos os resultados preliminares do programa de monitoramento de *G. littoralis* coordenado pela Gás Natural Açu e desenvolvido na área da RPPN Caruara, em São João da Barra, Rio de Janeiro, Brasil. Até o momento, o programa contabilizou 20 campanhas e 206 registros da espécie, a maior parte proveniente de busca ativa (n=165), seguida por transectos (n=37) e registros ocasionais (n=4). Em cada campanha, foram percorridos oito transectos de 1 km, totalizando 8 km por campanha e 160 km de amostragem linear acumulada. Os dados de campo foram integrados a métricas derivadas de produtos fotogramétricos gerados a partir de fotografias aéreas obtidas por drone, empregadas na produção de ortomosaico e modelo digital de superfície. O aerolevantamento da área da RPPN Caruara compreendeu 39 planos de voo e 3.964 imagens verticais, abrangendo 4.367ha, com ortomosaico final em espectro visível e resolução espacial de aproximadamente 7 cm. Os resultados indicaram que as detecções de *G. littoralis* não se distribuíram aleatoriamente na paisagem, mas estiveram associadas a combinações particulares de estrutura do habitat. De modo geral, os registros concentraram-se em trechos com mosaico de areia exposta e vegetação herbáceo-arbustiva, onde áreas abertas se alternam com manchas vegetadas e diferentes graus de cobertura do dossel, sugerindo que a espécie responde à heterogeneidade estrutural da restinga em escala fina. Em conjunto, os dados mostram que a incorporação de métricas espaciais derivadas por sensoriamento remoto ao monitoramento em campo, amplia a capacidade de caracterizar os trechos efetivamente utilizados por *G. littoralis*, tornando mais objetiva a identificação de áreas prioritárias para acompanhamento populacional, manejo e conservação em paisagens de restinga.

Palavras-chave: Monitoramento, Drones, Restinga, Conservação, Consultoria.

Área de vida e deslocamento de um tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) reabilitado e solto no Parque Nacional da Serra do Cipó

Sarah F. Bessa*[1]; Isabela R. Trindade[1]; Wander U. de Mesquita[1]; Ariela C. Celeste[1].

[1] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, CEP 31814-620, Belo Horizonte-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: sarahfelipebessa@hotmail.com

O tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*) desempenha um papel ecológico essencial nos ecossistemas. Apesar disso, a espécie vem enfrentando diversas ameaças, sendo classificada como Vulnerável pela IUCN. Nesse contexto, indivíduos são frequentemente encaminhados a Centros de Triagem e Reabilitação de Animais Silvestres e posteriormente soltos na natureza. Compreender a ecologia espacial desses indivíduos é fundamental para avaliar o comportamento pós-soltura. Este estudo teve como objetivo analisar os padrões de movimento de um tamanduá-bandeira fêmea, reabilitado e solto no Parque Nacional da Serra do Cipó, Minas Gerais, Brasil. O animal passou por período de aclimatação e foi solto em fevereiro de 2025 pelo método de soltura branda. Durante os três primeiros meses, o indivíduo recebeu alimentação suplementar reduzida gradualmente. Os dados de localização foram obtidos via GPS acoplado ao animal por um colete de monitoramento programado para registrar posições a cada duas horas, entre fevereiro e julho de 2025. A área de vida e o uso do espaço foram estimados por Kernel Density Estimation (KDE 95% e 50%) e Minimum Convex Polygon (MCP 95% e 50%). A distância percorrida foi calculada pela soma das distâncias entre localizações consecutivas e a velocidade média diária pela razão entre distância total e tempo. Os estados comportamentais foram classificados como descanso (≤50m) ou movimento (>50m) com base no deslocamento. A área de vida foi estimada em 12,13 km² (KDE 95%) e 11,52 km² (MCP 95%), com área núcleo de 1,87 km² (KDE 50%) e 2,57 km² (MCP 50%), abrangendo o recinto de aclimatação e nove dos 11 pontos de alimentação suplementar. O indivíduo percorreu um total de 268 km, com deslocamento médio diário de 1,74 km e velocidade média de 0,076 km/h. A proporção dos comportamentos de descanso e movimento foi de 56% e 44%, respectivamente, com maior deslocamento observado no período noturno e predominância de descanso durante o dia, compatível com o descrito para a espécie na literatura. A área núcleo incluiu o recinto e a maioria das estações de alimentação, podendo refletir a influência desses locais no uso do espaço após a soltura. Os resultados sugerem que a estratégia de soltura branda, associada à suplementação alimentar, pode ter influenciado a adaptação espacial inicial do animal. Esse estudo contribui para a compreensão da ecologia do movimento de indivíduos reabilitados, fornecendo informações relevantes para o manejo e conservação da espécie.

Palavras-chave: Telemetria, Uso do habitat, Xenarthra.

Agradecimentos: O projeto Bicho Solto foi contemplado por meio da Plataforma Semente, uma iniciativa do Ministério Público de Minas Gerais (MPMG), em parceria com o CeMAIS, e realizado no âmbito do Acordo de Cooperação Técnica entre IBAMA e Waita. Contou ainda com parceria e apoio do IEF, Projeto TamanduASAS e Parque Nacional da Serra do Cipó/ ICMBio/ DIBIO.

Área de vida e seleção de habitat de onça-parda (*Puma concolor*) na APA Nacional Morro da Pedreira – Santana do Riacho – MG

Wander U. Mesquita*[1]; Erika P. T. Teixeira[3]; Thiago L. Stehling[3]; Cecília Barreto[2]; Marco V. Q. Alves[1,2]; Magda S. Rocha[1]; Junio A. S. Silva[2]; Daniel A. R. Vilela[2].

[1] Instituto de Pesquisa Waita, CEP 31814-620, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[2] Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[3] Instituto Estadual de Florestas - IEF.

*E-mail do autor correspondente: wandermesquita@waita.org

A onça-parda (*Puma concolor*) é o segundo maior felino das Américas, perdendo em tamanho apenas para a onça-pintada (*Panthera onca*), sendo também o felino neotropical com a maior distribuição geográfica, ocorrendo originalmente do sul do Canadá até o extremo sul da América do sul. No Brasil apresenta ampla distribuição, estando presente em todos os biomas; no entanto, é considerada pouco comum ou mesmo extinta em algumas regiões. O tamanho da área de vida dessa espécie pode variar em função de fatores como qualidade do habitat, perturbações antrópicas e tipos de cobertura vegetal. Este trabalho teve como objetivo estimar a área de vida de uma onça-parda jovem capturada em uma garagem no município de Varjão de Minas-MG. Após o resgate, o animal foi encaminhado ao CETRAS de Patos de Minas para os primeiros cuidados e posteriormente ao CETAS de Belo Horizonte, onde passou por nova avaliação clínica e recebeu um rádio-colar com transmissor VHF e GPS (Lotek). O indivíduo foi solto em 19 de dezembro de 2023 em uma Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) adjacente ao mosaico de áreas protegidas da APA Nacional Morro da Pedreira, próximo ao Parque Nacional da Serra do Cipó, região de transição entre Cerrado e Mata Atlântica, caracterizada principalmente por campos sujos e campos rupestres. O monitoramento por VHF apresentou baixo sucesso, possivelmente em função do relevo acidentado da área. O indivíduo foi monitorado por 10 meses (19/12/2023 a 18/10/2024), gerando 2.750 pontos de localização, com média de 9,35 registros diários. As análises espaciais foram realizadas no programa ArcGIS Pro e a estimativa da área de vida foi calculada pelo método do Mínimo Polígono Convexo (MPC). Os resultados indicaram uma área de vida de 626 km², abrangendo grande parte da APA Nacional Morro da Pedreira e o Parque Estadual da Serra do Intendente. Esse valor é semelhante ao registrado para a espécie no Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, onde um macho adulto apresentou área de vida de 610 km². Os dados de GPS indicaram preferência por áreas de maior altitude (média de 1300 m), próximas a cursos d'água e distantes de habitações humanas, sugerindo seleção por ambientes mais preservados. Os resultados indicam sucesso no processo de translocação e reforçam a importância das áreas contínuas de conservação presentes no mosaico da APA Morro da Pedreira para a manutenção de médios e grandes felinos, funcionando como refúgio para esses predadores e suas potenciais presas.

Palavras-chave: Área de vida, Monitoramento, Conservação de fauna.

Agradecimentos: IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis de Belo Horizonte, IEF - Governo de Minas Gerais. O projeto Bicho Solto é realizado com recursos de medidas compensatórias ambientais por intermédio do CAOMA/MPMG e Plataforma Semente, por meio de Acordo de cooperação técnica entre IBAMA e Waita.

Atividade temporal do lobo-guará, *Chrysocyon brachyurus* (Mammalia: Canidae), em Cambará do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil

Juliana N. Martins*[1,2,3]; Cassiano A. Marchett[1]; Tatiane C. Trigo[2,3].

[1] Tecniflora Assessoria e Planejamento Florestal Ltda., 95.060-145, Caxias do Sul-RS, Brasil.
[2] Laboratório de Mastozoologia, Divisão de Pesquisa e Manutenção de Coleções Científicas - DPMCC, Secretaria Estadual de Meio Ambiente (SEMA), Porto Alegre-RS, Brasil.
[3] Programa de Pós-Graduação em Sistemática e Conservação da Diversidade Biológica (PPGSCBIO), Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), Porto Alegre-RS, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: juliana@tecniflora.com.br

O lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) está classificado como Criticamente em Perigo no Rio Grande do Sul, onde, até recentemente, havia poucos registros de ocorrência. No entanto, investigações recentes confirmaram a presença de uma população residente em Cambará do Sul. Apesar de sua relevância ecológica e biogeográfica, inexistem estudos sobre sua ecologia comportamental no estado. Este trabalho analisou o padrão de atividade temporal da espécie ao longo de 24 horas, em uma fazenda e em uma Unidade de Conservação (UC) adjacente. Armadilhas fotográficas foram instaladas na fazenda em julho de 2021, com registros a partir de março de 2023, e, em novembro de 2024, também no Parque Nacional da Serra Geral. Utilizaram-se cerca de 25 câmeras distribuídas entre as áreas, conforme disponibilidade de equipamentos. O esforço amostral foi de 8692 armadilhas-dia na fazenda e 1069 na UC. Registros independentes da espécie foram definidos como aqueles obtidos em um mesmo ponto, com intervalo mínimo de uma hora, exceto quando foi possível identificar indivíduos distintos nos registros subsequentes. Os períodos foram classificados como noturno (19h–05h), crepuscular (05h–07h; 17h–19h) e diurno (07h–17h). As análises foram realizadas no ambiente R, utilizando os pacotes *circular* e *activity*. Foram obtidos 217 registros: em 2023 (n=14), todos na fazenda; em 2024 (n=91) e 2025 (n=112), houve registros na fazenda (96,70% e 52,68%) e na UC (3,30% e 47,32%), respectivamente. A atividade concentrou-se no período noturno (19h–05h), com picos no início da noite e entre 05h e 06h, e baixa atividade entre 10h e 14h. A atividade estimada foi 62,30% noturna, 20,38% crepuscular e 17,31% diurna. O teste de Rao's Spacing indicou distribuição uniforme apenas em 2023 ($U=103,58$; $p>0,10$), enquanto 2024 ($U=182,43$; $p<0,001$), 2025 ($U=161,60$; $p<0,001$) e o conjunto total ($U=159,24$; $p<0,001$) apresentaram distribuição não uniforme. O teste de Watson-Wheeler revelou diferenças interanuais ($p<0,05$), com 2023 distinto dos demais. O menor número de registros em 2023 pode estar relacionado à menor detectabilidade inicial da espécie. Os dados indicam predominância de atividade noturna, com atividade secundária concentrada no período crepuscular. Os anos de 2024 e 2025 apresentaram padrão consistente, independentemente da área de registro. Os resultados ampliam o conhecimento ecológico da espécie no extremo sul do Brasil e subsidiam estratégias de conservação em paisagens campestres e produtivas.

Palavras-chave: Ecologia comportamental, Ritmo circadiano, Monitoramento de fauna, Câmeras-trap, Campos sulinos.

Agradecimentos: Anselmi, CNPq.

Avaliação do uso de armadilhas fotográficas na amostragem e monitoramento de vertebrados em ecossistemas cavernícolas da Floresta Nacional de Carajás - PA

Júlio C. R. Costa*[1]; Paulo J. B. Faiad[2]; Darcy J. Santos[1].

[1] Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Cavernas, Nova Lima, Minas Gerais, Brasil.
[2] Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Núcleo de Gestão Integrada de Carajás, Parauapebas, Pará, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: costarcj@gmail.com

A presença de vertebrados em cavernas brasileiras, exceto peixes troglóbios, quirópteros, e mais recentemente anfíbios anuros, têm sido negligenciada por décadas. Contudo, a dependência desses ecossistemas únicos pelos vertebrados, seja sazonal ou não, pode variar não só entre as espécies, mas também entre indivíduos, populações e entre localidades. Isso precisaria ser mais bem elucidado, sobretudo em áreas cársticas que estão sob forte pressão antrópica, como a Serra dos Carajás - PA, uma das principais áreas ferríferas de exploração mineral no Brasil. Assim, buscou-se investigar a eficiência da utilização de armadilhas fotográficas na amostragem e monitoramento de vertebrados em cavidades de litologia ferrífera da Floresta Nacional de Carajás (FNC), a fim de propor o seu uso complementar nos levantamentos bioespeleológicos. Duas cavidades foram amostradas, sem utilização de cevas, com uma armadilha fotográfica, modelo Bushnell® Trophy Cam No-Glow, fixada em seu interior próxima a entrada principal. Essas permaneceram ativas por 24 h e foram programadas apenas para registros fotográficos. O período amostral foi de 11/06/2022 a 20/07/2022 (caverna I) e de 10/08/2022 a 03/03/2023 (caverna II), resultando no esforço total de 5.856 h de exposição com 815 registros. Sete espécies de mamíferos não voadores foram identificadas: *Procyon cancrivorus*, *Herpailurus yagouaroundi*, *Eira barbara*, *Cuniculus paca*, *Leopardus pardalis*, *Leopardus wiedii* e *Dasyprocta sp.*, além de anuros, roedores, morcegos e outros pequenos mamíferos não passíveis de identificação. A espécie mais frequente foi *Cuniculus paca*, que visitou o ambiente cavernícola em seis diferentes dias (um na caverna I e cinco na caverna II), sempre à noite e de madrugada, inclusive em dupla. A atividade de forrageio foi frequente, sinalizando esses ambientes como habitats complementares para algumas espécies. Os resultados indicaram a eficácia das armadilhas fotográficas em cavernas para detecção de espécies ou monitoramento de mamíferos de médio e grande porte, recomendando assim o seu uso nos diferentes estudos que envolvem levantamentos bioespeleológicos, como licenciamentos, planos de manejo ou estratégias de monitoramento e conservação. Nesse contexto, torna-se viável propor as cavernas como unidades amostrais complementares ao Programa Monitora, atualmente executado no âmbito do ICMBio.

Palavras-chave: Mamíferos, Cavernas, Unidade de conservação.

Agradecimentos: ICMBio/CECAV e NGI ICMBio Carajás.

Avifauna do Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) campus Bambuí

Adilaine S. Anicio*[1]; Ketleen R. Faria[1]; Milena T. Barbosa[2]; Mércia N. Teixeira[1]; Jackie Anne S. de Souza[2]; Lucas Gabriel S. Barbosa[1]; Isadora P. Diniz[1]; Sofia R. Oliveira[1]; Isabelly L. Assis[1]; Dalila F. Ferreira[2].

[1] Grupo de Estudos em Animais Silvestres, Departamento de Ciências Agrárias, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais Campus Bambuí, 38900-000, Bambuí - MG, Brasil.
[2] Grupo de Estudos em Animais Silvestres, Departamento de Ciências e Linguagens, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais Campus Bambuí, 38900-000, Bambuí - MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: adilaineanicio158@gmail.com

O Cerrado é considerado um hotspot da biodiversidade, abrigando mais de 800 espécies da avifauna brasileira, incluindo espécies ameaçadas de extinção frente às crescentes e constantes intervenções humanas em áreas nativas. O Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) *campus* Bambuí localiza-se no Centro-Oeste mineiro e pertencente à região da Serra da Canastra, território constituído quase inteiramente pelo cerrado. O presente trabalho objetivou realizar o levantamento das espécies de aves que habitam os remanescentes naturais e áreas antropizadas que compõem o campus. As amostragens foram realizadas entre janeiro e dezembro de 2025, por meio de observações diretas ao longo de trilhas pré-existentes em diferentes ambientes do campus, como bordas de remanescentes de cerrado, jardins, pomares, pastagens e áreas antropizadas próximas às represas, nos períodos matutino e vespertino, com registros visuais e auditivos das espécies. Com base nas amostragens realizadas e em registros oportunísticos, foram compiladas 35 listas de observação na plataforma de ciência cidadã eBird. Foram 149 espécies registradas, distribuídas em 21 ordens e 45 famílias, sendo Tyrannidae (n=22) e Thraupidae (n=16) as famílias mais representativas. Entre as espécies registradas destaca-se *Alipiopsitta xanthops*, popularmente conhecida como papagaio-galego, que se encontra quase ameaçada de extinção segundo a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN). Pela primeira vez, o estudo apresenta uma lista de espécies da avifauna que ocorrem no *campus* fornecendo subsídios para o desenvolvimento de projetos de extensão, pesquisa e iniciação científica que visem estudar o grupo. A partir do levantamento de espécies realizado foi produzido um Guia de Bolso de Aves do IFMG Bambuí, que servirá como material de apoio na realização de atividades de educação ambiental com crianças e adultos conduzidas por membros do Grupo de Estudos em Animais Silvestres (GEAS). Ademais, o projeto amplia o conhecimento sobre a avifauna local, fornecendo dados para futuros estudos e trabalhos de monitoramento de espécies visando a conservação e conscientização ambiental da comunidade acadêmica e regional.

Palavras-chave: Biodiversidade, Conservação, Cerrado, Monitoramento.

Avifauna do Monumento Natural Serra do Elefante

Dalila F. Ferreira*[1]; Luana J. Ferreira[2]; Érica D. Tavares[3].

[1] Grupo de Estudos em Animais Silvestres, Departamento de Ciências e Linguagens, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais Campus Bambuí, Bambuí - MG, Brasil.
[2] AASE - Associação Amigos da Serra do Elefante, Mateus leme - MG, Brasil.
[3] AQUASIS - Associação de Pesquisa e Preservação de Ecossistemas Aquáticos, Caucaia - CE, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: dalila.ferreira@ifmg.edu.br

A Unidade de Conservação Monumento Natural Serra do Elefante está localizada na transição entre dois hotspots de biodiversidade, o Cerrado e a Mata Atlântica. A área constitui um dos poucos remanescentes de vegetação natural no município de Mateus Leme, Minas Gerais. Apesar de sua relevância para a conservação da biodiversidade, ainda são escassos os estudos técnicos e científicos na região. Em contrapartida, o local vem sofrendo constantemente com ações antrópicas, como queimadas, desmatamento, práticas agropecuárias e especulação imobiliária, entre outras atividades. Considerando que o conhecimento da composição de espécies é essencial para a mitigação de impactos ambientais e para ações de manejo e conservação, o presente estudo teve como objetivo realizar um levantamento da avifauna que habita a unidade de conservação, destacando a presença de espécies ameaçadas e endêmicas. Os dados foram obtidos por meio de observações diretas ao longo de trilhas pré-existentes na área de estudo, totalizando 28 dias de amostragem entre 2022 e 2025. As listas de espécies registradas durante as amostragens foram inseridas na plataforma de ciência cidadã eBird, sendo, portanto, de acesso público. Foram registradas 182 espécies de aves no Monumento Natural Serra do Elefante e em sua zona de amortecimento, distribuídas em 20 ordens e 48 famílias, sendo as famílias mais representativas Tyrannidae (n=24) e Thraupidae (n=22). Entre as espécies registradas, três são endêmicas do Cerrado e doze endêmicas da Mata Atlântica. Nenhuma das espécies observadas consta na Lista Nacional ou Estadual de Espécies Ameaçadas. Contudo, três espécies aparecem na Lista Vermelha da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN): o cuitelão (*Jacamaralcyon tridactyla*), a cigarra-do-campo (*Neothraupis fasciata*) e o papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*), todas classificadas na categoria NT (Quase Ameaçada). Os dados apresentados reforçam a importância da área como refúgio para a biodiversidade e evidenciam a urgente necessidade de que esforços sejam conduzidos de forma sistemática para garantir sua proteção. Ademais, encorajam-se futuras pesquisas que utilizem diferentes métodos de amostragem de aves, bem como estudos que abordem aspectos ecológicos, comportamentais e reprodutivos das espécies na unidade.

Palavras-chave: Aves, Cerrado, Mata Atlântica, Unidade de Conservação.

Bicudos na bacia do Rio Doce: monitoramento *in situ* para proteger uma ave à beira da extinção

Ana Maria O. Paschoal*[1]; Vitor L. Lopes[1]; Ariela C. Celeste[1]; Wander U. Mesquita[1]; Magda Rocha[1].

[1] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação – Belo Horizonte/MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: anamuzenza@gmail.com

O bicudo (*Sporophila maximiliani*) é um passeriforme neotropical da família Thraupidae, com menos de 250 indivíduos no Brasil. De pequeno porte (~22 g), apresenta dimorfismo sexual marcante e bico robusto para quebra de sementes. É territorialista e depende de brejos e veredas, sendo ameaçado pela perda de habitat e comércio ilegal. Após ~80 anos sem registros em Minas Gerais, duas populações foram redescobertas em 2020/2021 no entorno do Parque Estadual do Rio Doce e são monitoradas pelo Projeto Bicudos. O objetivo deste trabalho é divulgar os dados preliminares do monitoramento que se iniciou em 2020 e que visa gerar informações ecológicas e biológicas fundamentais sobre a espécie. Os bicudos foram capturados com uso de *playback* e redes de neblina, mantidas abertas das 5h às 9h, com acompanhamento contínuo. Após a captura, as aves foram anilhadas para identificação, mensuradas, pesadas, fotografadas e tiveram amostras biológicas coletadas (ex. sangue, penas, fezes), sendo posteriormente soltas no mesmo local. O monitoramento ocorreu mensalmente em pontos fixos, nas primeiras horas da manhã, com registro de presença/ausência de bicudos e observações *ad libitum*. Até janeiro de 2026 foram capturados e marcados 21 indivíduos de bicudos, sendo 16 machos, quatro fêmeas e um jovem de sexo indeterminado. Ao todo, 13 dos indivíduos capturados eram adultos e oito jovens. A detecção da espécie ocorreu exclusivamente na estação chuvosa, indicando maior atividade nesta época, que também é a estação reprodutiva da espécie. A não detecção nos períodos da seca sugere migração ou alteração de comportamento. As amostras biológicas e observacionais estão sob análise e serão discutidas em outro momento. O monitoramento contínuo realizado pelo projeto Bicudos contribui para o melhor entendimento de uma espécie criticamente ameaçada e rara na natureza, gerando conhecimentos robustos para a implementação de futuras ações de conservação e manejo da espécie.

Palavras-chave: Conservação, Sítio Ramsar, Mata Atlântica, Aves canoras.

Agradecimentos: Waita, CETAS/BH, Parque Estadual do Rio Doce/ICMBio, Ibama, IEF.

Biometria e parâmetros avaliados em *Caiman latirostris* resgatados em áreas urbanas na Região Metropolitana da Grande Vitória - ES

Thiago G. Dias*[1,2]; Rafaella M. Silva[1]; Lucas Y. Fraga[1]; Bárbara M. Nedelly[1]; Laura C. Fermo[1]; Julia C. B. Silva[1]; Daniel N. S. Neves[1]; Yhuri C. Nóbrega[1]; Daniela N. Nossa[1].

[1] Programa Caiman - Instituto Marcos Daniel, 29092-170, Vitória - ES, Brasil.
[2] Instituto de Pesquisa Waita, Belo Horizonte - MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: diasthiago.wii@gmail.com

O jacaré-de-papo-amarelo (*Caiman latirostris*) é uma das seis espécies de crocodilianos presentes no Brasil e a única registrada no estado do Espírito Santo. A diminuição de habitat e de recursos decorrente do crescente desmatamento da Mata Atlântica, aliada à poluição ambiental, doenças, conflitos com humanos e à caça, levou a espécie a ser classificado como "Em perigo" (EN) pela União Internacional para a Conservação da Natureza no ano de 2019. Diante disso, o Programa Caiman desenvolve ações de resgate, reabilitação, educação ambiental, pesquisa e monitoramento de indivíduos, contribuindo para a conservação da espécie. Este trabalho tem como objetivo descrever e divulgar a padronização dos parâmetros avaliados durante os trabalhos de campo e resgate de *C. latirostris* no Espírito Santo, a fim de colaborar com futuros trabalhos para os crocodilianos brasileiros. A biometria é iniciada com a coleta de informações do local, como endereço, horário e equipe presente. Em seguida, realiza-se a avaliação clínica do animal através dos seguintes parâmetros: temperatura corporal, glicemia, escore corporal, coloração de mucosa, comportamento e saúde aparente, verificando se há ferimentos ou parasitos, além de uma avaliação semiológica breve. Nessa etapa, também são registrados o sexo e a massa corporal do animal. Adicionalmente, é inserido um microchip para identificação na região da escápula direita e são coletados escama e sangue para pesquisas futuras. Após a avaliação clínica, são realizadas as medidas para fins comparativos, que inclui: comprimento total, comprimento rostro-cloacal, comprimento da cabeça e da mandíbula, comprimento de cauda, largura do crânio e da cabeça, distância entre os olhos, comprimento do focinho, circunferências caudal e abdominal. Este protocolo permite caracterizar o perfil morfológico e sanitário dos indivíduos atendidos e detectar possíveis alterações associadas ao ambiente, contribuindo para o monitoramento da saúde populacional da espécie. Assim, o conjunto de dados obtidos pelo Programa Caiman constitui fonte de informações para acompanhar a dinâmica populacional do jacaré-de-papo-amarelo no Espírito Santo e apoiar o aprimoramento de estratégias de pesquisa e conservação, contribuindo para a manutenção dessa espécie sentinela nos ecossistemas capixabas.

Palavras-chave: Conservação, Monitoramento, Semiologia, Sentinela.

Agradecimentos: Agradecemos ao Instituto Marcos Daniel pelo apoio institucional às ações de resgate e encaminhamento do animal, e ao Hospital Silvestres pela assistência veterinária, infraestrutura e suporte técnico disponibilizados.

Caracterização biométrica e índices biológicos do mandi-amarelo (*Pimelodus maculatus*) da Bacia do Rio São Francisco entre 2012 e 2016

Marina T. R. Maia*[1]; Daniel V. Crepaldi[2]; Gean P. A. Reis[1,3]; Franklin F. B. Costa[1,3]; Izabelly G. Ferreira[1]; Marcos Antônio da Silva[3]; Éduardo M. Turra[1]; Edgar de A. Teixeira[1]; Erika R. de Alvarenga[1]; Laryssa Evelyn S. Soares[1].

[1] Laboratório de Aquacultura, Escola de Veterinária, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte- MG, Brasil.
[2] Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Belo Horizonte- MG, Brasil.
[3] Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais, EPAMIG, Belo Horizonte- MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: marinaaquaufmg2025@gmail.com

A pressão exercida pela pesca predatória junto à degradação ambiental contribui para a redução dos estoques naturais do mandi-amarelo (*Pimelodus maculatus*). Para auxiliar em um controle ambiental mais efetivo e a preservação do mandiamarelo, este estudo tem como objetivo analisar os parâmetros biométricos e índices biológicos durante o ciclo reprodutivo do mandi entre 2012 e 2016. Foram coletados 782 indivíduos (260 machos e 522 fêmeas) na calha principal na região média do rio São Francisco, em Minas Gerais, nos períodos de pré-piracema (PRE), de setembro a outubro, piracema (P), de novembro a fevereiro, e pós-piracema (POS), de março a abril (anos de 2012 e 2016). Foram obtidos peso corporal total (PT), comprimento total (CT), comprimento corporal padrão (CP), peso das gônadas (PG) e do fígado (PF). A partir desses dados foram calculados índice gonadossomático (IGS = 100 x PG/PC) e índice hepatossomático (IHS= 100 x PF/PC). As variáveis foram submetidas ao teste de Kruskal–Wallis e pós-teste de Conover, com nível de significância de 5%. Ao analisar os machos na fase PRE, em 2012 os animais apresentaram maior IHS (1,99) quando comparado aos demais anos. Na fase P, o IGS dos animais foi superior no ano de 2016 (0,5). Na fase POS as variáveis não diferiram. As fêmeas na fase PRE demonstraram IGS superior em 2013 e 2015 (1,09 e 2,57, respectivamente) quando comparado ao ano de 2012. Na fase P, o PT dos animais foi maior nos anos de 2012 (397,5 g) e 2015 (393 g) quando comparado aos anos de 2013 (234,5 g) e 2014 (241 g), nesse sentido, a variável de CT apresentou comportamento similar ao PT, nos anos de 2012 e 2015 as fêmeas de mandi-amarelo apresentaram maiores comprimentos (32 cm para ambos). Já os dados de CP, demonstraram que em 2015 as fêmeas apresentaram maior comprimento padrão (25 cm) enquanto em 2013 ocorreu o menor valor (21 cm). Para a variável de IGS, em 2014 as fêmeas apresentaram menor valor (0,53). Na fase POS não houve diferença entre os anos. De forma geral, os machos apresentaram aumento de IGS e IHS ao longo dos anos, sugerindo que as condições ambientais foram adequadas para garantir reservas energéticas e capacidade reprodutiva deles no trecho do São Francisco estudado. A maior variação dos resultados foi observada para as fêmeas, podendo indicar que elas são mais sensíveis a mudanças na condição ambiental nos diferentes anos. Os resultados reforçam a importância do monitoramento de espécies de peixe para subsidiar ações de conservação.

Palavras-chave: Piracema, Monitoramento, Preservação.

Agradecimentos: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA); ao Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação. O presente trabalho foi realizado no

...ial participativa no médio São
...e, uma iniciativa do Ministério Público de
...AIS sob coordenação do IBAMA e Waita.

Cavidades naturais subterrâneas em unidades de conservação federais do Pará, como locais de refúgio climático para a herpetofauna

Júlio C. R. Costa*[1]; Darcy J. Santos[1].

[1] Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Cavernas, Nova Lima, Minas Gerais, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: costarcj@gmail.com

A pressão das mineradoras sobre as áreas cársticas ferríferas nos campos de altitude gera impactos negativos sobre a fauna local, da qual várias espécies são endêmicas. A herpetofauna que utiliza essas cavernas, antes negligenciada nos estudos bioespeleológicos, vem sendo conhecida, porém pontualmente, sendo fundamental estudos de monitoramento visando sua conservação. O objetivo foi registrar, nas estações seca e chuvosa, os répteis e anfíbios que utilizam as cavidades naturais ferríferas da Floresta Nacional de Carajás (FLONA) e do Parque Nacional dos Campos Ferruginosos (PARNA), PA. Nos anos de 2021 (período chuvoso), 2022 e 2023 (períodos secos) foram amostradas, respectivamente, 18, 21 e 22 cavernas na FLONA de Carajás e 23, 31 e 31 cavernas no PARNA dos Campos Ferruginosos, por busca ativa diurna, sem limitação de tempo, quanto a presença/ausência dos espécimes. Foram registradas pelo menos 13 espécies, sendo 468 anuros (20 girinos), sete lacertílios e quatro ofídios, além de cinco peles de serpentes. Todas as espécies registradas na FLONA ocorreram no PARNA, sendo exclusivas a esse: *Allobates carajas*, *Physalaemus ephippifer*, *Plica plica* e *Epicrates cenchria*. No período chuvoso, foram registrados na FLONA apenas girinos de *Ameerega aff. flavopicta*, já no PARNA foi detectada a presença de *Pristimantis fenestratus* (40%), *A. carajas* (26,66%), *Leptodactylus pentadactylus* (13,33%), *Rhaebo guttatus* (13,33%) e *P. ephippifer* (6,66%). No período seco, as espécies dominantes nas áreas protegidas foram *P. fenestratus*, seguida das pertencentes ao gênero *Leptodactylus spp.* O sapo-flecha *A. aff. flavopicta* e *Thecadactylus rapicauda* foram mais abundantes na FLONA em relação ao PARNA. Foram observados comportamentos como dermatofagia, repouso, predação e ecdise. Apesar da não visualização de amplexos, *A. aff. flavopicta* foi registrada em uma mesma caverna, nas formas de girinos e adultos. A baixa abundância de espécies diminutas, pode estar associada a particularidades de cada caverna, tais como presença de grandes sedimentos clásticos, canalículos ou fissuras, que servem como microhabitats para esses animais, o que dificulta a sua visualização. Os frequentes registros da herpetofauna em cavernas, ainda que sazonal, é relevante e deve ser considerado nos estudos que envolvem os processos de licenciamento com supressão de cavidades, já que esses ambientes, por atuarem como termorreguladores naturais eficientes, funcionam como refúgios climáticos a herpetofauna.

Palavras-chave: Monitoramento, Sazonalidade, Anuros, Répteis, Cavernas.

Agradecimentos: ICMBio/CECAV e NGI ICMBio Carajás.

Ciência cidadã como ferramenta à longo prazo de monitoramento de onças-pintadas no Pantanal Norte

João Roberto C. Rodrigues*[1]; Abigail A. Martin[1].

[1] Jaguar Identification Project.

*E-mail do autor correspondente: joao.jaguarid@gmail.com

O monitoramento ecológico de longo prazo é essencial para compreender a dinâmica populacional e subsidiar estratégias eficazes de conservação de predadores de topo. No entanto, a obtenção de dados contínuos para espécies como a onça-pintada (*Panthera onca*), ainda representa um desafio logístico e financeiro significativo. Neste contexto, o presente estudo avalia o papel da ciência cidadã no apoio a um programa de monitoramento de longo prazo no Pantanal Norte, Brasil. Os dados foram coletados entre 2019 e 2025 por meio de um esforço colaborativo envolvendo pesquisadores, operadores de turismo, guias locais e turistas. Os participantes contribuíram com registros fotográficos georreferenciados e informações de avistamentos, submetidos por plataformas digitais padronizadas. O engajamento foi estruturado a partir de treinamentos básicos para identificação da espécie e protocolos de registro por meio de um banco de dados pré-estabelecido pela equipe, visando aumentar a qualidade dos dados coletados. Para garantir a confiabilidade das informações, todos os registros passaram por um processo de validação conduzido por especialistas, com base em critérios como qualidade da imagem, identificação individual por padrões de pelagem e consistência espacial e temporal dos dados. Os registros válidos foram integrados a um banco de dados consolidado e analisados em conjunto com dados independentes provenientes de armadilhas fotográficas, permitindo comparações entre métodos de monitoramento. Ao todo, foram registrados 4472 avistamentos, correspondendo à identificação de 328 indivíduos únicos. Esses dados foram incorporados a modelos de captura-marcação-recaptura, possibilitando a estimativa de parâmetros demográficos, como sobrevivência aparente e probabilidade de detecção. A integração entre ciência cidadã e métodos tradicionais resultou em aumento significativo na cobertura amostral e na taxa de detecção da espécie. Os resultados demonstram que a ciência cidadã, quando estruturada e validada adequadamente, constitui uma ferramenta robusta para o monitoramento populacional de longo prazo. Além de ampliar a escala espacial e temporal dos dados, essa abordagem contribui para a democratização da ciência e o engajamento social na conservação. O estudo avança ao evidenciar a aplicabilidade quantitativa desses dados em análises ecológicas, indo além do simples aumento de registros, e reforça seu potencial para subsidiar políticas de conservação no Pantanal.

Palavras-chave: Monitoramento colaborativo, Felidae, Conservação de animais silvestres.

Ciência cidadã como ferramenta de monitoramento pós-soltura no projeto de reintrodução do bugio-ruivo na Ilha de Santa Catarina, Brasil

Vanessa T. Kanaan*[1]; Camila R. Ayroza[1]; Raiane dos S. Guidi[1].

[1] Instituto Fauna Brasil, 88060-445, Florianópolis, SC, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: vanessakanaan@institutofaunabrasil.org.br

O monitoramento pós-soltura é um dos principais desafios em projetos de reintrodução, especialmente para espécies crípticas, como o bugio-ruivo (*Alouatta guariba*). Este estudo avaliou a contribuição da ciência cidadã, em comparação a outras metodologias na detecção e reamostragem de indivíduos translocados na Ilha de Santa Catarina. Foram monitorados 16 indivíduos soltos em 2024, utilizando cinco metodologias integradas: uso de armadilhas fotográficas, buscas ativas, sobrevoos com drone termal, monitoramento acústico passivo e ciência cidadã. Entre janeiro de 2024 e fevereiro de 2026, registros de cidadãos cientistas foram coletados via atividades de educação ambiental, WhatsApp, Instagram e formulário digital, sendo validados por evidências visuais ou acústicas e usados para direcionar os esforços de campo por meio das demais metodologias. Foram obtidas 124 detecções, das quais 39,5% (n=49) permitiram a identificação individual. A ciência cidadã foi responsável por 57,25% das detecções (n=71), com 39,4% (n=28) dos registros com evidência visual, que permitiram a identificação de 31,25% dos indivíduos soltos (n=5). Considerando apenas os registros com identificação confirmada, 57,14% foram provenientes da ciência cidadã. No entanto, 92% dos relatos concentraram-se em um único grupo de 2 indivíduos, evidenciando viés de detecção associado à área de uso e tolerância à presença humana. Os demais métodos permitiram identificar 56,25% dos indivíduos (n=9) sendo que 44,4% (n=4) também foram registrados via ciência cidadã, indicando complementaridade entre abordagens. Adicionalmente, sete relatos sem documentação resultaram na confirmação da presença da espécie por buscas ativas ou drone termal, demonstrando o papel da ciência cidadã na orientação do esforço amostral. Os resultados indicam que a ciência cidadã amplia a eficiência e a detecção de indivíduos, principalmente quando integrada a outras metodologias, mas apresenta limitações quanto à representatividade amostral e identificação individual. A participação da comunidade contribui para o engajamento público na conservação da biodiversidade, consolidando essa metodologia como ferramenta complementar estratégica em programas de reintrodução e monitoramento de fauna.

Palavras-chave: Engajamento comunitário, Translocação, Monitoramento pós soltura, Primatologia, Conservação.

Agradecimentos: ZGAP, Log Nature, Wilhelma Stuttgart, Parrot Wildlife Foundation.

Dados biométricos e índices biológicos do pacamã (*Lophiosilurus alexandri*) na bacia do Rio São Francisco entre 2012 e 2016

Bianca A. Silva*[1]; Érika R. Alvarenga[1]; Daniel V. Crepaldi[2]; Dara C. Pires[1]; Gean P. A. Reis[1,3]; Isabela L. Samary[1]; Izabelly G. Ferreira[1]; Lorena C. P. Bandeira[2]; Laryssa E. S. Soares[1]; Franklin Fernando B. da Costa[1,3].

[1] Laboratório de Aquacultura, UFMG, 158-368, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[2] Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Belo Horizonte-MG, Brasil.
[3] Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais, EPAMIG, 31170-495, Belo Horizonte-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: coraisbiomar@gmail.com

O pacamã (*Lophiosilurus alexandri*) é um peixe endêmico da bacia do rio São Francisco, de grande relevância ecológica e considerado vulnerável pela lista de espécies ameaçadas de extinção da IUCN, devido à sobrepesca e alterações em seus habitats. Este estudo teve como objetivo realizar a comparação estatística de dados biométricos e índices biológicos da espécie em diferentes períodos reprodutivos ao longo dos anos de 2012 e 2016. Foram realizadas coletas entre 2012 e 2016 na calha principal do rio São Francisco, próximo à foz com o rio Urucuia. Foram amostrados 314 fêmeas e 320 machos, dos quais foram registrados o sexo, peso corporal (PC), comprimento padrão (CP), comprimento total (CT), peso das gônadas (PG) e do fígado (PF), permitindo o cálculo do índice gonadossomático (IGS = 100 × PG/PC) e do índice hepatossomático (IHS = 100 × PF/PC). Como os dados não apresentaram distribuição normal, utilizou-se o teste de Kruskal-Wallis, seguido do pós-teste de Conover para comparações múltiplas com nível de significância de 5%. Nos machos, durante o período anterior às cheias (setembro a outubro) não houve diferença significativa para as variáveis estudadas, exceto para o IHS que reduziu ao longo dos anos, com valor mediano de 1,0 em 2012 e 0,47 em 2015 ($p<0,05$). Nas cheias (novembro-fevereiro), os machos tiveram peso e comprimento mediano significativamente maiores em 2012 (2,9 kg e 58 cm) quando comparados aos demais anos (1,1 kg e 48 cm), que não diferiram entre si. No período pós cheias, nenhuma das variáveis apresentaram diferença significativa nos machos ao longo dos anos investigados. Nas fêmeas, antes das cheias, apenas o IGS apresentou diferença significativa ao longo dos anos, com mediana mais alta em 2014 (IGH = 1,92) se comparado a mediana obtida em 2012 (IGS = 0,12) e 2013 (IGS = 0,27), que não diferiram entre si. Durante as cheias, o peso e comprimento medianos das fêmeas foram significativamente maiores nos anos iniciais (2012 = 2,4kg e 54,5cm; 2013 = 2,7 kg e 57,5 cm) do estudo do que nos anos finais (2015=1,0 kg e 43 cm ; 2016=1,3kg e 48 cm), sem diferenças para as demais variáveis. Após as cheias, as fêmeas não apresentaram diferenças significativas dos parâmetros estudados. Os resultados evidenciam o decréscimo do peso e comprimento dos animais ao longo dos anos, podendo ser indício de impactos antrópicos, o que ressalta a necessidade do monitoramento constante para a preservação de peixes na bacia do rio São Francisco.

Palavras-chave: Ictiofauna, Reprodução, Conservação.

Agradecimentos: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA); ao Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação. O presente trabalho foi realizado no âmbito do projeto "Ribeirinhos - Ciências da pesca e gestão ambiental participativa no médio São

Dinâmica interanual de dados biométricos e índices biológicos do surubim (*Pseudoplatystoma corruscans*) em diferentes fases da piracema no rio São Francisco

Sophia S. R. Barbosa*[1]; Franklin F. B. Costa[2,3]; Daniel V. Crepaldi[2]; Erika R. de Alvarenga[1]; Dara Cristina Pires[1,3]; Vinicius M. Bezerra[1]; Bianca A. Silva[1]; Isabela L. Samary[1]; Eduardo M. Turra[1]; Mariana P. Ferreira[1].

[1] Laboratório de Aquacultura, Escola de Veterinária, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
[2] Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Belo Horizonte, MG, Brasil.
[3] Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (EPAMIG), 31170-495, Belo Horizonte, MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: sophiassena@gmail.com

O surubim (*Pseudoplatystoma corruscans*) é uma espécie migradora de longa distância, que requer trechos livres de rios conectados para reprodução. Atividades antrópicas, como construção de barragens e sobrepesca, têm impactado o ciclo de vida desses peixes. Em regiões como o Baixo São Francisco, essa espécie está praticamente extinta. O objetivo deste estudo é analisar as variações dos índices biológicos do surubim ao longo de cinco anos para monitoramento de padrões nos períodos de pré, pós e durante a piracema. Os animais foram coletados entre 2012 e 2016, no rio São Francisco, na confluência com o rio Urucuia. Foram avaliados três ciclos hidrológicos para 172 machos e 135 fêmeas: pré-piracema (setembrooutubro), piracema (novembro–fevereiro) e pós-piracema (março–abril). Obtiveram-se as seguintes medidas: peso total (PT), comprimento padrão (CP) e comprimento total (CT). Também foram pesados gônadas (PG) e fígado (PF) para cálculo dos índices gonadossomático (IGS = 100 x PG/PT) e hepatossomático (IHS = 100 x PF/PT). Como as variáveis não apresentaram distribuição normal, aplicouse o teste de Kruskal-Wallis e pós-teste de Conover (nível de significância de 5%). Em fêmeas, PT, CP, IGS e IHS no pré-piracema não diferiram entre anos ($p>0,05$). Durante a piracema, o ano de 2014 destacou-se por apresentar indivíduos com PT (65,50 kg), CT (65,41 cm) e CP (71,54 cm) maiores que em 2015 (PT=38,13 kg; CT=40,02 cm; CP=40,11 cm; $p<0,05$), sendo que o CP em 2014 também foi maior que em 2016 (49,50 cm; $p<0,05$). O IHS, em 2012 (17,86), foi menor que em 2015 (51,29; $p<0,05$), enquanto o IGS não apresentou diferença significativa ($p>0,05$). No pós-piracema, o número de fêmeas foi insuficiente para análise (N=1). Para os machos, nos períodos de pré e pós-piracema, não foram detectadas diferenças ao longo dos anos ($p>0,05$). Durante a piracema, o PT, CT e o IHS permaneceram estáveis ($p>0,05$). Entretanto, o CP, como nas fêmeas, foi maior em 2014 (73,56 cm; $p<0,05$). Em 2012, o IGS dos machos foi o menor (33,10; $p<0,05$). Assim, a piracema apresentou maiores variações interanuais ($p<0,05$), com destaque para 2014, com indivíduos de ambos os sexos com maior dimensão corporal, enquanto nos demais períodos (pré e pós-piracema) os resultados foram estáveis ao longo dos anos. As variações corporais dos animais não indicaram uma tendência de piora dos indicadores biológicos, o que pode indicar condições adequadas à reprodução desta espécie no local investigado.

Palavras-chave: Reprodução, Monitoramento, Conservação.

...e e dos Recursos Naturais Renováveis ... Conservação. O presente trabalho foi realizado no ... ciências da pesca e gestão ambiental participativa no médio São Francisco, contemplado por meio da Plataforma Semente, uma iniciativa do Ministério Público de Minas Gerais (MPMG), em parceria com o CeMAIS.

Dispersão precoce de papagaios-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*) recém-liberados: fatores de influência e preditores de sucesso

Victor Franzone*[1]; Ariela C. Celeste[1]; Cristiano S. de Azevedo[2].

[1] Waita – Instituto de Pesquisa e Conservação, 31814-620, Belo Horizonte - MG, Brasil.
[2] Laboratório de Zoologia dos Vertebrados, Departamento de Biodiversidade, Evolução e Meio Ambiente, Universidade Federal de Ouro Preto, Campus Morro do Cruzeiro, 35402-136, Ouro Preto – MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: victorfranzone@gmail.com

A fidelização ao local de soltura é um dos principais preditores de sucesso na translocação de psitacídeos, podendo ser promovida pela presença de coespecíficos, pela aclimatação pré-soltura e pela oferta de alimentação suplementar. Dessa maneira, indivíduos recém-liberados exploram a nova área de vida gradualmente, identificando fontes de alimentação naturais e reconhecendo potenciais riscos. Porém, em alguns casos, os animais recém-liberados podem dispersar precocemente, afastando-se de áreas com recursos disponíveis e de seus coespecíficos, diminuindo a vigilância contra predadores e reduzindo as chances de sobrevivência. Neste estudo, avaliamos quais fatores influenciaram a dispersão precoce de indivíduos de *Amazona vinacea* recém-translocados. Foram utilizados dados do monitoramento das Fases II (2023) e III (2024) do Projeto Voar, nas quais foram liberados 20 e 12 papagaios, respectivamente, divididos em dois grupos em cada fase, submetidos a diferentes treinamentos. Foram definidas como dispersões precoces aquelas que ocorreram até 20 dias após a liberação. Ainda, foram desconsiderados os animais retirados do projeto antes do período proposto, totalizando n = 26 para as análises. As variáveis: Fase de execução; Grupo; Sexo; Pareamento; Dispersões e Personalidade de cada animal (obtida por meio de escores de ousadia) foram adicionadas aos modelos de regressão logística penalizada (Firth). Os modelos indicaram que a dispersão precoce é mais provável entre os indivíduos mais tímidos do que entre os mais ousados ($p<0,05$). Ainda, a variável Fase apresentou tendência de associação ($p=0,059$), com maior probabilidade de dispersão precoce na Fase III. Ao avaliar o efeito combinado entre Fase e Personalidade, a interação não foi significativa ($p>0,05$), indicando que, apesar do padrão de personalidade diferir entre as fases ($W=141,5$; $p<0,05$), o efeito dessa variável é consistente em ambas. Embora os resultados contrastem com a literatura, sustentam a personalidade como um preditor consistente da dispersão imediata pós-soltura. Ademais, a tendência observada para a Fase sugere que diferenças na coesão social associadas ao tamanho dos grupos, assim como fatores ambientais não mensurados, possam ter influenciado os padrões aqui observados. Esses achados reforçam a relevância da incorporação de variáveis sociais e ambientais no planejamento de translocações, contribuindo para uma compreensão integrada dos determinantes da permanência inicial em ambiente natural.

Palavras-chave: Psitacídeos, Personalidade Animal, Monitoramento pós-soltura, Conservação.

Agradecimentos: Loro Parque Fundación, Waita – Instituto de Pesquisa e Conservação, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e Instituto Estadual de Florestas (IEF).

Distribuição de captura do pirá *Conorhynchos conirostris* (Valenciennes 1840) no médio rio São Francisco, Minas Gerais

Jordana S. M. Novais*[1]; Emanuelly R. Lima[2]; Sofia G. D. Colen[1]; Ariela C. Celeste[1]; Daniel V. Crepaldi[3].

[1] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, 31814-620, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[2] Centro Universitário UniBH, 30455-610, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[3] Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), 30110-051, Belo Horizonte-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: jordanaspencer13@gmail.com

O rio São Francisco, maior rio totalmente brasileiro e subdividido em alto, médio, submédio e baixo curso, apresenta elevada diversidade ictiofaunística, incluindo espécies endêmicas como o pirá (*Conorhynchos conirostris*). Essa espécie possui relevante papel ecológico na dinâmica da bacia e importância sociocultural para populações ribeirinhas. Classificado como ameaçado de extinção (EN) e com captura comercial proibida, o pirá ainda aparece em registros de pesca de subsistência, principalmente por captura acidental, uma vez que os petrechos utilizados não são seletivos. O presente estudo objetivou analisar a distribuição da captura do pirá ao longo do médio curso da bacia do rio São Francisco, em Minas Gerais, entre 2020 e 2025, a partir de dados de ciência cidadã coletados por pescadoras e pescadores ribeirinhos. As informações foram registradas diariamente em fichas contendo data, espécie, ponto de coleta, comprimento, método e petrecho de pesca e esforço amostral, sendo posteriormente sistematizadas pelo Projeto de Monitoramento da Biodiversidade Aquática do Médio São Francisco, coordenado pelo IBAMA. No período analisado, foram avaliados 72.317 indivíduos de diferentes espécies, dos quais 938 corresponderam ao pirá, com predominância de capturas por redes de emalhar (n=831), enquanto a captura por varas, linhas e anzóis foi pouco representativa (n=18). Os exemplares apresentaram comprimento total entre 20 e 75 cm, evidenciando diferentes classes de tamanho ao longo do período. Os registros concentraram-se principalmente na foz do rio Urucuia e na confluência do rio Pardo com o rio São Francisco, com ocorrência contínua entre 2020 e 2025 e pico de capturas em 2022 (n=300). Esse aumento pode estar associado ao evento de cheia no início de 2022, que favoreceu a atividade pesqueira. Os resultados demonstram baixa representatividade do pirá, aproximadamente 1,30% em relação ao total registrado, que pode estar associada aos impactos antrópicos sobre o rio, à pressão de captura e dinâmica pesqueira regional, reforçando a preocupação com a conservação dessa espécie protegida por lei. A fragmentação fluvial por barragens, aliada à poluição, pesca excessiva e ocupação irregular das margens, pode comprometer os processos migratórios e reprodutivos, intensificando a tendência de declínio populacional e evidenciando a importância do monitoramento contínuo e participativo para subsidiar ações de conservação e manejo na bacia do rio São Francisco.

Palavras-chave: Ciência cidadã, Monitoramento pesqueiro, Conservação, Espécie migratória.

Agradecimentos: Aos pescadores ribeirinhos, ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA); ao Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação. O presente trabalho foi realizado no âmbito do projeto "Ribeirinhos - Ciências da pesca e gestão ambiental participativa no médio São Francisco", contemplado por meio da Plataforma Semente, uma iniciativa do Ministério Público de Minas Gerais (MPMG), em parceria com o CeMAIS, sob coordenação do IBAMA e Waita.

Efeito do fogo: campo de batalha territorial em população relictual de bicudos (*Sporophila maximiliani*)

Vitor L. Lopes*[1]; Ariela C. Celeste[1]; Ana Maria O. Paschoal[1].

[1] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, Belo Horizonte/MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: vitorleandrolopes@gmail.com

O *Sporophila maximiliani* (bicudo) é uma ave passeriforme historicamente ameaçada de extinção, caracterizada por comportamento fortemente territorialista e alta dependência de ambientes palustres, especialmente áreas de brejo com presença de papiro, recurso alimentar determinante para sua distribuição e estabelecimento de territórios. No ano de 2020/ 2021, foram identificadas duas pequenas populações relictuais da espécie no leste do Rio Doce, passando desde então a serem monitoradas de forma sistemática pela equipe do Waita, através do Projeto Bicudos. No mês de outubro de 2025, um incêndio de grande proporção atingiu um brejo de ocorrência da espécie, provocando significativa redução da cobertura vegetal e consequente segmentação dos maciços de papiro. A fragmentação do habitat resultou na formação de manchas isoladas de recurso alimentar e área territorial, reduzindo a disponibilidade de espaço para estabelecimento de territórios individuais. Considerando o comportamento territorialista do bicudo, a diminuição da área disponível ocasionou aumento da sobreposição espacial entre indivíduos, intensificando interações agonísticas e disputas intraespecíficas. Durante a campanha de monitoramento realizada em janeiro de 2026, por meio de redes de neblina, foram capturados dois machos adultos simultaneamente a menos de 50 cm de distância entre si, indicando forte compressão territorial. Um dos indivíduos tratava-se de nova captura e o outro já se encontrava anilhado desde 2022. O indivíduo previamente anilhado apresentava lesão periocular direita, caracterizada por edema palpebral, crostas aderidas, rarefação de penas na região e presença de exsudato seco, padrão compatível com trauma decorrente de disputa territorial, considerando o comportamento conhecido da espécie e o contexto ambiental pós-incêndio. O evento sugere que a redução e fragmentação do habitat potencializam conflitos intraespecíficos em espécies territorialistas, podendo gerar lesões, comprometimento fisiológico, redução do sucesso reprodutivo e impactos negativos sobre a viabilidade populacional, especialmente em populações pequenas e relictuais. Diante do exposto, reforça-se a importância da preservação de áreas contínuas de brejo, da recomposição de maciços de papiro, da implementação de medidas preventivas contra incêndios e da ampliação das áreas protegidas, visando garantir espaço ecológico adequado para manutenção e expansão das populações remanescentes.

Palavras-chave: Fauna silvestre, Monitoramento, Conservação.

Agradecimentos: Waita, Parque Estadual do Rio Doce/ ICMBio, Ibama, IEF, CETAS BH.

Em busca dos registros de ocorrência de *Cyclopes didactylus* (Linnaeus, 1758) no Cerrado, no Estado do Tocantins

Maria de Fátima Ribeiro*[1]; Angélica Beatriz C. Gonçalves[1]; Marilia B. Galvão[1]; Victoria Luisa L. G. Dias[1]; Tainara R. O. Cruz[1].

[1] Naturatins, Palmas-TO, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: ftimaribeiro@yahoo.com.br

Cyclopes didactylus (Linnaeus, 1758), conhecido por Tamanduaí, o menor dentre todos os tamanduás, é a espécie mais comum dentre as sete descritas para o gênero *Cyclopes*, sendo seis registradas para o Brasil, ocorrendo desde a Floresta Amazônica até os estados do Maranhão e Piauí. Os dados sobre essa espécie em vida livre são escassos, no entanto, a partir de relatos de ocorrência no estado do Tocantins, foi iniciado um esforço de levantamento de dados, publicados ou não, pela Gerência de Pesquisa e Informações da Biodiversidade do Naturatins (GPIB/NATURATINS). Inicialmente foram analisados relatórios produzidos pelas frentes de resgate e afugentamento de fauna durante a fase de desmatamento e enchimento do reservatório resultante da implantação da Usina Hidrelétrica (UHE) Luís Eduardo Magalhães, no Rio Tocantins. Apurou-se que foram resgatados 36 indivíduos de *C. didactylus*, sendo cinco durante a supressão vegetal e 31 durante o período de enchimento do reservatório, entre 28 de maio de 2000 e 18 de outubro de 2002. Registrou-se 34 adultos, um jovem e um filhote. Sete foram a óbito, incluindo o filhote e dois foram mortos durante a supressão vegetal. Aqueles que sobreviveram foram soltos em áreas próximas do local de resgate. Recentemente, em março do ano de 2023, a GPIB/NATURATINS foi comunicada sobre o resgate de um indivíduo de *C. didactylus*, adulto, macho, arrastado em um alagamento no município de Abreulândia-TO. Após receber atendimento veterinário, feitos registros fotográficos e audiovisuais, foi solto às margens do Rio Caiapozinho, na Área de Proteção Ambiental(APA) Ilha do Bananal/Cantão, município de Abreulândia-TO, próximo ao local do resgate. Em setembro de 2024, houve o resgate de um indivíduo, filhote, juntamente com a equipe do Naturatins, vitimado por incêndio no município de Wanderlândia-TO, que foi à óbito após atendimento veterinário. Os dados levantados indicam persistência de lacuna de conhecimento e produção científica acerca da área de vida de *C. didactylus*, sinalizando a necessidade de investigações futuras sobre a espécie a partir das três regiões (centro, norte e oeste) onde as ocorrências se confirmaram no Cerrado tocantinense.

Palavras-chave: Monitoramento, Xenarthra, Cerrado tocantinense.

Agradecimentos: à Diretoria de Biodiversidade e Áreas Protegidas -DBAP/NATURATINS, Fazenda Vale Rico e Instituto Cerrado.

Inventariamento da mastofauna terrestre de médio e grande porte na RPPN Sítio Curucutu (SP) utilizando transectos lineares e armadilhamento fotográfico

Clarice Thomaz*[1]; Tamiris M. Paiva[1].

[1] RPPN Sítio Curucutu, 04895-090, São Paulo-SP, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: ybyra.poranga@gmail.com

A área da RPPN Sítio Curucutu é um remanescente de Mata Atlântica de 85 hectares, habitat de vida de várias espécies da fauna silvestre. Essa fauna é monitorada há anos pela RPPN e por equipes de pesquisa ou profissionais voluntários. Este trabalho se enquadra nesta última opção: objetivou-se inventariar a mastofauna terrestre de médio e grande porte de maneira a identificar, quantificar e caracterizar as espécies da área, fornecendo dados básicos que podem contribuir para a gestão da RPPN. Os dados foram coletados de julho de 2024 a julho de 2025, considerando a estação seca de abril a setembro e a chuvosa de outubro a março. Foram utilizados armadilhamento fotográfico (duas a três câmeras checadas mensalmente) e transectos lineares ao anoitecer e ao amanhecer, considerando observações diretas e vestígios (rastros, fezes, tocas, vocalizações e odores). Com esforço amostral de 540 câmeras/dia, as câmeras registraram 11 espécies, correspondendo a 65,45% dos registros totais. Com esforço de 44km, os transectos registraram 10 espécies, correspondendo a 34,55% dos registros totais. Considerando ambos os métodos foram 246 registros, dos quais 85,77% ocorreram na estação seca e 14,23% na chuvosa. Foram identificadas 13 espécies, de sete ordens e dez famílias diferentes. São elas (com respectivas frequências de ocorrência): *Cerdocyon thous* (17,48%), *Tapirus terrestris* (17,07%), *Canis lupus familiaris* (48,37%), *Subulo gouazoubira* (5,29%), *Leopardus guttulus* (3,66%), *Puma concolor* (1,63%), *Sciurus aestuans* (0,81%), *Dasypus novemcinctus* (1,63%), *Herpailurus yagouaroundi* (0,41%), *Nasua nasua* (0,41%), *Sapajus sp.* (2,03%), *Didelphis aurita* (0,81%) e *Eira barbara* (0,41%). As análises indicam que a comunidade amostrada possui baixa diversidade e é dominada por poucas espécies (*C. thous*, *T. terrestris* e *C. l. familiaris*) (pacote estatístico PAST: índice de Shannon igual 1,5). *T. terrestris* e *L. guttulus* são consideradas, respectivamente, "em perigo" e "vulnerável" à extinção dentro do estado de São Paulo. Já o *C. l. Familiaris* é uma espécie doméstica associada à presença humana e com grande impacto na diversidade e saúde de ecossistemas naturais. Conclui-se que a área possui importância para a manutenção da mastofauna silvestre, incluindo espécies com algum grau de ameaça à extinção. Além disso, o grande registro de cães na unidade pode significar risco às espécies silvestres ao se considerar a possibilidade de transmissão de doenças e episódios de predação.

Palavras-chave: Câmera Trap, Mamíferos, Mata Atlântica, Monitoramento, Conservação.

Agradecimentos: Agradecemos à equipe da RPPN Sítio Curucutu, a seus funcionários e às administradoras (Ana e Vera Roso), pela abertura e pelo apoio ao desenvolvimento de pesquisas na unidade. Também agradecemos a Beatriz, Daniela, Natália e Thainá por comporem a equipe de coleta ou análise de dados ao longo do desenvolvimento do projeto.

Monitoramento de bugios-ruivos (*Alouatta guariba*) em Unidades de Conservação da cidade de São Paulo, SP

Juliana F. V. de França*[1]; Filipe Reis[1]; Felipe M. Fantacini[1]; Adriana C. Pereira[1]; Franciele S. de Souza[1]; Renan O. Nogueira[1]; Mauricio C. Forlani[1]; Joana D. Ho[1]; Joares A. May-Júnior[1].

[1] Instituto Ampara Animal, São Paulo – SP, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: julianafernandes@amparanimal.org.br

Os bugios-ruivos (*Alouatta guariba*) são primatas que atuam para a manutenção dos ecossistemas da Mata Atlântica, como dispersores de sementes e indicadores de saúde ambiental. Na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), as populações de bugios-ruivos vêm sendo impactadas pela perda e fragmentação de habitat, combinadas a conflitos urbanos, como atropelamentos e eletrocussão, e eventos epizoóticos. O objetivo principal do projeto foi avaliar o status populacional da espécie em fragmentos de Mata Atlântica da RMSP. Para isso, foi empregada a metodologia de transecto linear, percorrendo trilhas contínuas em seis áreas protegidas da zona sul da RMSP, com esforço amostral padronizado de aproximadamente 100 km por unidade. Essas áreas correspondem a fragmentos florestais onde ainda há registros de populações remanescentes de bugios. Entre julho de 2023 e abril de 2025, foram percorridos 844 km de trilhas a pé preexistentes no interior dessas áreas. Foram registrados todos os avistamentos de grupos e indivíduos, e a taxa de encontro foi calculada como o número de registros totais por unidade de esforço (grupos/10 km e indivíduos/10 km). O Parque Estadual Fontes do Ipiranga (PEFI), inserido em uma matriz urbana densa e caracterizado como um fragmento isolado, apresentou as maiores taxas de encontro de grupos e indivíduos (5.0/10 km e 22,4 indivíduos/10 km, respectivamente). Em contraste, o Parque Natural Municipal (PNM) Itaim, localizado no extremo sul da RMSP e com maior conectividade com outros fragmentos florestais, apresentou as menores taxas (0,14 grupos/10 km e 0,36 indivíduos/10 km), com registro de apenas dois grupos, um composto por seis indivíduos e outro por um indivíduo solitário. Os resultados sugerem que a conectividade da paisagem pode exercer efeitos distintos, favorecendo tanto a dispersão de bugios-ruivos quanto de patógenos. Por outro lado, o isolamento observado no PEFI pode ter contribuído como uma barreira epidemiológica, propiciando as maiores taxas de encontro, mas representa um risco a longo prazo devido ao potencial de isolamento genético e aumento de conflitos urbanos. Esses resultados reforçam a necessidade de estratégias de conservação que integrem conectividade funcional, manejo populacional e monitoramento epidemiológico em áreas urbanizadas.

Palavras-chave: Primatas, Fragmentação, Urbanização, Epidemiologia.

Agradecimentos: Instituto Ampara Animal (AMPARA), *Primate Society of Great Britain* (PSGB), SVMA/SP, Fundação Florestal, gestores e brigadistas dos PNMs e voluntários participantes em campo.

Monitoramento de *Panthera onca* no Cerrado, no Parque Estadual do Lajeado, Tocantins

Angélica Beatriz C. Gonçalves*[1]; Maria de Fátima Ribeiro[2]; Marilia B. Galvão[3].

[1] Naturatins, Palmas-TO, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: angelica.goncalves@naturatins.to.gov.br

A onça-pintada (*Panthera onca*) é o maior felino das Américas e, no Brasil, habita áreas com alta disponibilidade de presas e recursos hídricos. O monitoramento da espécie vem sendo realizado no Parque Estadual do Lajeado (PEL) em cumprimento ao seu plano de manejo, com foco na proteção de espécies ameaçadas. O PEL está localizado no município de Palmas – TO, distante 40km da capital. Com aproximadamente 9.931 hectares no bioma Cerrado, apresenta clima úmido a sub-úmido e é composto por áreas de formações campestres, savânicas e florestais, que reflete a transição entre diferentes condições de solo, relevo e disponibilidade hídrica. O monitoramento de *P. onca* seguiu o protocolo TEAM (*Tropical Ecology, Assessment and Monitoring*) adaptado às condições locais, com 51 pontos amostrais distribuídos sistematicamente em grade, com densidade de uma armadilha a cada 2 km. Foram utilizadas armadilhas fotográficas digitais com sistema de iluminação infravermelha (*Low-Glow LED*), operando continuamente (24h/dia) sem uso de iscas atrativas. Entre os anos de 2023 e 2025, os registros de *P. onca* foram obtidos em diferentes pontos amostrais: em 2023, nas estações CT-PEL-25, CT-PEL-37 e CT-PEL-61; em 2024, nas estações CT-PEL-79, CT-PEL-49, CT-PEL-98 e CT-PEL-25; e em 2025, nas estações CT-PEL-77, CT-PEL-87 e CT-PEL-41. As imagens foram processadas na plataforma Wildlife Insights e analisadas conforme critérios técnicos estabelecidos, garantindo comparabilidade com outras unidades de conservação. Os registros obtidos reforçam a importância ecológica do PEL, uma vez que a presença contínua da espécie é um indicador a ser considerado na avaliação das condições ambientais adequadas para sustentar um predador de grande porte em uma Unidade de Conservação da Natureza de extensão relativamente pequena e cercada por áreas de produção agrícola em grande escala. O monitoramento sistemático tem fornecido dados essenciais sobre ocorrência, frequência e distribuição territorial, estabelecendo uma base sólida para análises, orientação da gestão, formulação de estratégias voltadas à proteção de grandes felinos no Cerrado e a efetividade do Parque Estadual do Lajeado.

Palavras-chave: Felidae, Fauna Silvestre, Conservação.

Agradecimentos: à Diretoria de Biodiversidade e Áreas Protegidas -DBAP/NATURATINS e equipes do Parque Estadual do Lajeado e APA Serra do Lajeado.

Monitoramento do matrinxã *Brycon orthotaenia* no Rio São Francisco entre 2012 e 2016

Sthefany Carolayne A. Fraga*[1]; Daniel V. Crepaldi[2]; Erika R. de Alvarenga[1]; Liz G. Nascimento[1]; Gean Paulo A. Reis[1,3]; Davi H. F. Alves[1]; Thomás T. Yoshinaga[1]; Éduardo M. Turra[1]; Franklin F. B. Costa[3]; Laryssa Evelyn S. Soares[1].

[1] Laboratório de Aquacultura, Escola de Veterinária, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[2] Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Belo Horizonte-MG, Brasil.
[3] Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais, EPAMIG, Belo Horizonte - MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: sthefanycarolayne13@gmail.com

O matrinxã-do-São-Francisco (*Brycon orthotaenia*) apresenta populações em declínio. Nesse sentido, a compreensão do crescimento e da reprodução é fundamental para a conservação da espécie. Assim, o estudo monitorou características biométricas e índices biológicos do matrinxã durante o período de 2012 e 2016. 1.432 fêmeas e 388 machos foram capturados no trecho médio do rio São Francisco, nos períodos de pré-piracema (setembro-outubro), piracema (novembro-fevereiro) e pós-piracema (março-abril). Foram coletados peso corporal total (PT); comprimento total (CT); comprimento corporal padrão (CP) e ainda peso das gônadas (PG) e do fígado (PF) para o cálculo do índice gonadossomático (IGS= PG/PT x 100) e índice hepatossomático (IHS= PF/PT x 100). Todas as variáveis foram geradas para fêmease machos e comparadas dentro do período de coleta ao longo dos anos pelo teste de Kruskal-Wallis e pós-teste de Conover (adotando-se nível de significância de $p<0,05$). Na piracema, os machos apresentaram maior CT e CP em 2016 (33 e 27 cm, respectivamente) e maior IGS nos anos de 2012 (0,53) e 2015 (0,59). No pré e pós-piracema o número amostral dos machos foi insuficiente para acomparação. No pré-piracema em 2012, as fêmeas apresentaram menores valores para todas as variáveis estudadas (PT= 303,5 g; CT= 28,5 cm; CP= 24 cm; IGS= 0,28 e IHS= 1,47). No período da piracema, o PT aumentou a partir de 2014 (528 g) até atingir 578 g em 2016. O mesmo ocorreu para CT que aumentou de 31 cm em 2013 para 35 cm em 2016 e CP que foi de 25 cm em 2013 para 28 cm em 2014 a 2016. O menor IGS foi registrado no ano de 2013 (0,32) e maior em 2016 (0,66); IHS seguiu comportamento similar, 2013 com 0,69 e 2015 com 1,16. No pós-piracema, o menor PT ocorreu em 2016, o mesmo ocorreu para CT (34 cm), e CP (28 cm), maiores valores para PT e CT ocorreram no ano de 2014 (938 g e 40 cm, respectivamente), enquanto para CP, o maior valor ocorreu em 2015 (32 cm). Ao avaliar IGS, as fêmeas apresentaram aumento de 2013 (0,25) até 2016 (0,52). Assim, nos períodos pré-piracema e piracema as fêmeas apresentaram maiores peso, comprimento e IGS a partir de 2015, maiores valores de comprimento foram também obtidos para machos na piracema nos últimos anos investigados. Tais resultados indicam que não houve piora das condições ambientais e de alimentação nos últimos anos analisados, sugerindo que o ambiente foi favorável ao desenvolvimento e à atividade reprodutiva da espécie.

Palavras-chave: Conservação, Biologia reprodutiva, Espécie nativa.

Agradecimentos: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA); Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação. O presente trabalho foi realizado no âmbito

participativa no médio São
, uma iniciativa do Ministério Público de
AIS, sob coordenação do IBAMA e Waita.

Monitoramento dos parâmetros biométricos do (*Conorhynchos conirostris*) na bacia do rio São Francisco entre 2012 e 2016

Davi Hermógenes F. Alves*[1]; Daniel V. Crepaldi[2]; Franklin Fernando B. Costa[1,3]; Dara C. Pires[1]; Bianca A. Silva[1]; Kyvia B. Alvarenga[1,3]; Vinicius M. Bezerra[1]; Erika R. de Alvarenga[1]; Eduardo M. Turra[1]; Gean Paulo A. Reis[1,3].

[1] Laboratório de Aquacultura, Escola de Veterinária, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, Brasil.
[2] Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Belo Horizonte - MG, Brasil.
[3] Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais, EPAMIG, 31170-495, Belo Horizonte - MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: davihermogenes14@gmail.com

O pirá-tamanduá (*Conorhynchos conirostris*) é uma espécie que sofre forte declínio, devido à pesca predatória. Nesse sentido, períodos de defeso e monitoramento da espécie são importantes para sua manutenção. Este estudo objetivou monitorar o pirá-tamanduá na bacia do rio São Francisco por análises biométricas. Animais da espécie C. *conirostris* foram coletados na calha principal do rio São Francisco entre 2012 e 2016, em três diferentes períodos: pré-piracema (setembro–outubro), piracema (novembro–fevereiro) e pós-piracema (março–abril). Das 769 fêmeas (F) e 281 machos (M) coletados foram obtidos os seguintes dados: peso corporal (PC), comprimento total (CT), comprimento padrão (CP), índice gonadossomático (IGS = 100xPG/PC) e índice hepatossomático (IHS= 100xPF/PC), onde PG = peso da gônada e PF = peso do fígado. Os dados foram submetidos ao teste de KruskalWallis e pós-teste de Conover (nível de significância de 5%). Para PC no prépiracema, ambos os sexos aumentaram de peso ao longo dos anos, com maiores valores em 2015 (F= 1,8 kg; M= 1,3 kg). Durante a piracema, ambos os sexos apresentaram maiores valores em 2014 (F=1,3 kg; M=1,1 kg). No pré-piracema, CT e CP em 2015 (58,5 e 46 cm, respectivamente) apresentaram valores significativamente maiores em fêmeas em relação a 2012 (44,5 e 38,5 cm, respectivamente), enquanto essas variáveis em machos aumentaram de 2013 (40 e 32 cm, respectivamente) para 2015 (51 e 40 cm, respectivamente). Na piracema em 2014 ambos os sexos apresentaram os maiores valores de CT (F= 52 cm; M= 42 cm) e CP (F= 42 cm; M=38 cm). O IGS das fêmeas no pré-piracema aumentou de 2012 (0,08) a 2015 (1,03). Durante a piracema as fêmeas apresentaram maior valor em 2014 (0,24). O IHS no pré-piracema foi menor para ambos os sexos em 2014 (F=0,61; M=0,50) quando comparado aos demais anos. Na piracema, machos e fêmeas apresentaram os menores IHS em 2016 (F = 0,64, M = 0,54). Considerando o pós-piracema, o IHS das fêmeas foi menor em 2013 (0,40), diferindo de 2014 (0,65). Dados de comprimento e peso corporal indicam tendência de aumento dos animais ao longo dos anos, já os índices biológicos (IGS e IHS) apontam variações na atividade reprodutiva nos períodos analisados. Ambos fatores sugerem que o trecho investigado do Rio São Francisco foi um ambiente favorável ao crescimento e longevidade da espécie, ressaltando a importância do monitoramento da espécie e de fatores ambientais que geram seu declínio, como a pesca e contaminação dos recursos hídricos.

Palavras-chave: Conservação, Ictiofauna, Bacia do Rio São Francisco.

Agradecimentos: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA); ao Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação. O presente trabalho foi realizado no âmbito do projeto "Ribeirinhos - Ciências da pesca e gestão ambiental participativa no médio São

...ativa do Ministério Público de
...coordenação do IBAMA e Waita.

Monitoramento populacional e manejo reprodutivo de *Hydrochoerus hydrochaeris* em ambiente antropizado no município de Rio Acima, Minas Gerais

Karoline Karen Bicalho-Lima*[1]; Rayane J. S. M. Vilaça[1]; Wendy Julia S. Vieira[1]; Cassio C. Montes[1]; Claudinei Henriques Gonçalves[1]; Henrique M. Pereira[1]; Pablo César P. Poblete[1].

1 Zoovet Clínica e Consultoria, 30180-12, Belo Horizonte-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: karolblima.95@gmail.com

A capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*) apresenta adaptação a ambientes antropizados, favorecendo sua permanência em áreas com recursos hídricos e intensificando conflitos relacionados ao uso do espaço e à presença de carrapatos do gênero *Amblyomma*. Este trabalho teve como objetivo realizar o monitoramento populacional e executar o manejo reprodutivo da espécie em condomínio em Rio Acima, MG. Em outubro de 2023, foi conduzido levantamento populacional por observação direta e busca ativa por vestígios, com esforço amostral de cinco dias nos períodos matutino e crepuscular-noturno, sendo identificados dois grupos: Grupo A, com três indivíduos, e Grupo B, com treze indivíduos. Nessa etapa, os animais não possuíam marcação individual. Em agosto de 2025, após obtenção da Autorização de Captura, Coleta e Transporte de Material Biológico nº 23117980/2025-NUBIO-MG/DITEC-MG/SUPES-MG, foi realizada a primeira campanha de captura com ceva e armadilhas de captura passiva. A atualização censitária realizada nessa etapa estimou 18 indivíduos, sendo quatro no Grupo A e 14 no Grupo B, evidenciando pouca variação em relação ao levantamento inicial. Na primeira campanha, foram capturados 16 animais, todos microchipados, sexados e submetidos à administração de carrapaticida e brincados, sendo os machos identificados na orelha direita e as fêmeas na esquerda. Desses, nove eram machos e foram submetidos à vasectomia, sendo dois do Grupo A e sete do Grupo B. O procedimento foi adotado por ser um meio de realizar o controle populacional sem alterar o perfil hormonal dos machos e favorecer a manutenção da estrutura social dos grupos. As fêmeas capturadas foram apenas identificadas, marcadas e submetidas à administração de carrapaticida. Na segunda campanha, em andamento em março de 2026, dados parciais indicam a captura de nove indivíduos, dos quais apenas um ainda não havia sido submetido ao procedimento previsto. A marcação auricular permitiu a identificação de animais previamente capturados, inclusive na ausência do brinco, por meio da cicatriz residual, sem necessidade de nova intervenção anestésica. Registros obtidos por armadilhas fotográficas durante a ceva e a captura indicam a permanência dos mesmos grupos. Até o momento, foram identificados quatro filhotes no Grupo A, enquanto o Grupo B não apresentou alteração em sua dinâmica. Os resultados demonstram que o monitoramento associado ao manejo reprodutivo são métodos complementares eficazes na contagem dos grupos de capivaras, além de propiciar o controle populacional a pequeno e longo prazo. Consequentemente, reduzindo conflitos em ambientes antropizados.

Palavras-chave: Vasectomia, Grupos sociais, Capivara.

Observação de aves no Parque Nacional da Serra da Canastra

Adilaine S. Anicio*[1]; Ketleen R. Faria[1]; Milena T. Barbosa[2]; Mércia N. Teixeira[1]; Jackie Anne S. de Souza[2]; Lucas Gabriel S. Barbosa[1]; Isadora P. Diniz[1]; Sofia R. Oliveira[1]; Isabelly L. Assis[1]; Dalila F. Ferreira[2].

[1] Grupo de Estudos em Animais Silvestres, Departamento de Ciências Agrárias, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais Campus Bambuí, 38900-000, Bambuí - MG, Brasil.
[2] Grupo de Estudos em Animais Silvestres, Departamento de Ciências e Linguagens, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais Campus Bambuí, 38900-000, Bambuí - MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: adilaineanicio158@gmail.com

Com uma área de aproximadamente 198 mil hectares, o Parque Nacional da Serra da Canastra (PARNA Canastra) é uma das maiores e mais relevantes Unidades de Conservação gerido pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) em Minas Gerais, sendo o berço do grande e majestoso Rio São Francisco. A proposta de explorar as estradas da unidade surgiu da participação de alunos do IFMG *campus* Bambuí no IV Seminário de Pesquisas do PARNA Canastra, com o intuito de aprofundar conhecimentos sobre a avifauna e promover a contemplação da vida silvestre. O trabalho objetivou despertar o interesse acadêmico pela ornitologia, conservação e ciência cidadã, utilizando uma oficina de observação de aves para fomentar o reconhecimento da biodiversidade local e a valorização desta importante Unidade de Conservação. Para tal, realizou-se uma expedição (com oito alunos e a orientadora do Grupo de Estudos em Animais Silvestres do IFMG) entre o Alojamento Jaguarê e a nascente do Rio São Francisco, cobrindo um trajeto de 3,89 km em três horas e 35 minutos, com início às 06:39 da manhã do dia 31 de outubro de 2025. Apesar das condições climáticas de frio e nebulosidade, que limitam a atividade das aves, os dados foram coletados sistematicamente pelo aplicativo eBird que automaticamente faz uma lista das espécies avistadas além do percurso realizado. Foram registradas 34 espécies pertencentes a sete ordens e 15 famílias, com predominância da ordem Passeriformes (n=25) e das famílias Thraupidae (n=8) e Tyrannidae (n=8). Entre os achados mais relevantes, destacam-se as observações visuais de *Cistothorus platensis* (corruíra-do-campo) e *Polystictus superciliaris* (papa-moscas-de-costas-cinzentas), além do registro auditivo de *Micropygia schomburgkii* (maxalalagá), espécies típicas de campos naturais. A presença da *Melanopareia torquata* (meia-lua-do-cerrado), endêmica do Cerrado, reforça a importância de conhecer e preservar a área. Conclui-se que a atividade foi exitosa em integrar o ensino prático à conservação ambiental, demonstrando que o PARNA Canastra é um laboratório vivo essencial para a formação profissional e para a preservação de espécies ameaçadas e endêmicas, ressaltando o papel vital da ciência cidadã no monitoramento da biodiversidade.

Palavras-chave: Biodiversidade, Conservação, Cerrado, Serra da Canastra, Monitoramento.

Agradecimentos: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais *campus* Bambuí; Parque Nacional da Serra da Canastra - ICMBio.

Organização comportamental predominante de *Dendrocygna autumnalis* em ambiente lótico urbano

Sofia G. D. Colen*[1]; Jordana S. M. Novais[1].

[1] Waita, Belo Horizonte-MG, 31814-620. Brasil.

*E-mail do autor correspondente: sofiacolen02@gmail.com

A marreca-cabocla (*Dendrocygna autumnalis*) é uma ave anseriforme da família Anatidae. A escassez de estudos sobre seu comportamento justifica a relevância deste trabalho. Os objetivos foram: identificar a categoria comportamental predominante em grupo de indivíduos adultos e jovens, no período de verão, em ambiente antrópico; avaliar a frequência de comportamentos de diferentes custos energéticos, classificando-os em perfil conservativo (predomínio de repouso e baixa atividade) ou energético (maior frequência de locomoção, alimentação e comportamentos defensivos); e verificar a predominância de comportamentos sociais e individuais. A área de estudo situa-se na bacia de detenção do Córrego do Túnel Camarões, em Belo Horizonte - MG, estrutura de contenção de enchentes inserida em área de Mata Atlântica. Foi utilizado etograma com amostragem instantânea a cada dois minutos, registrando-se o comportamento dos indivíduos visíveis durante sessões de uma hora pela manhã (7h–8h) e à tarde (16h–17h), ao longo de cinco dias em fevereiro de 2026 (n=10). Os dados foram analisados por frequências relativas (%). Foram obtidos 1749 registros comportamentais. A categoria dominante foi repouso (35,6%), seguida de locomoção (28,9%), alimentação (17,1%), conforto (12,2%) e defensivo (6,2%). Comportamentos sociais e agonísticos foram pouco frequentes. Entre os comportamentos específicos (subdivisões das categorias comportamentais), destacaram-se inatividade (24,41%) e deslocamento aquático (19,33%), seguidos por repouso (12,07%) e pastagem (9,72%). Filtração (6,75%) e automanutenção (6,46%) também foram relevantes. Registros não visíveis corresponderam a 4,80%, deslocamento a 4,12% e voo a 2,34%. Outros comportamentos, como sacudir a cauda (2,06%), banho (1,43%) e fuga (1,32%), tiveram baixa ocorrência, assim como movimento de cabeça (0,91%), sacudir o corpo (0,80%), *dabbling* (0,74%) e sacudir as asas (0,74%). Vocalização (0,34%), toque de bico (0,34%), beber (0,29%), alerta (0,29%) e ataque (0,23%) foram raros. Comportamentos agonísticos envolveram interações com *Ardea alba* e *Chrysomus ruficapillus*. Houve fuga diante de *Pitangus sulphuratus*, *Himantopus melanurus* e indivíduos da própria espécie. Conclui-se que o grupo apresentou perfil conservativo, com maior frequência de comportamentos de baixa demanda energética. Locomoção e alimentação também foram relevantes, indicando uso ativo do ambiente. Os comportamentos foram majoritariamente individuais, com baixa ocorrência de interações sociais, embora sincronizados entre os indivíduos.

Palavras-chave: Monitoramento, Comportamento animal, Animais silvestres.

Padrões de movimentação de jaguatirica (*Leopardus pardalis*) após translocação

Bárbara P. Crisóstomo*[1,2]; Wander U. de Mesquita[1]; Daniel A. R. Vilela[3]; Ariela C. Celeste[1].

[1] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, Belo Horizonte/MG, Brasil.
[2] Faculdade de Americana-São Paulo.
[3] Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, Belo Horizonte/MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: medvetbarbarapratesc@gmail.com

A translocação de carnívoros silvestres constitui uma importante estratégia de manejo e conservação, especialmente para espécies afetadas pela perda de habitat, fragmentação ambiental e outras ações antrópicas, fatores que intensificam conflitos com seres humanos. Este trabalho teve como objetivo relatar o monitoramento pós-soltura de uma jaguatirica (*Leopardus pardalis*) macho, resgatada em situação de conflito com atividades humanas. Buscou-se compreender os padrões de movimentação do animal a partir da análise dos dados de localização seriados emitidos por rádio colar equipado com Sistema de Posicionamento Global (GPS). Investigou-se, a partir das localizações, os padrões de uso do ambiente, as distâncias percorridas e a preferência pela cobertura vegetal. Em 2024, o animal foi resgatado e encaminhado ao Centro de Triagem de Animais Silvestres (CETAS) de Belo Horizonte. No local, passou por avaliação física, clínica e comportamental, sendo constatada uma fratura dentária. Após tratamento, recuperou-se em seis meses sendo considerado apto para soltura. Em 1 de novembro de 2024, a jaguatirica foi solta no entorno do Parque Nacional da Serra do Cipó, em Santana do Riacho/MG, e monitorada até março de 2025, no âmbito do Projeto Bicho Solto. Entre novembro e dezembro, observou-se que o animal percorreu grandes distâncias, ocupando uma área com raio de aproximadamente 20km e expondo-se a riscos ao cruzar e permanecer próximo a rodovias. A partir de janeiro, observou-se redução nessa área (r ≈ 10km), com deslocamentos em direção ao ponto de soltura, alternando entre áreas de maior altitude e regiões mais baixas (máx 1342,69 m; mín 587 m). Mesmo em área fragmentada, o animal apresentou preferência por regiões com maior cobertura vegetal, indicando seleção ativa por ambientes que oferecem maior proteção e recursos. O monitoramento permitiu identificar períodos de maior risco, como momentos em que a jaguatirica cruzou rodovias e circulou próxima à construções presentes na região, estratégias de movimentação que reduziram a exposição a áreas abertas ou fragmentadas e variações sazonais na atividade e uso do espaço. Esses dados contribuíram para compreender a capacidade de adaptação da jaguatirica translocada e fornecer subsídios para manejo e mitigação de conflitos com humanos. Os resultados evidenciam padrões de movimentação e comportamento territorial compatíveis com a espécie, refletindo a capacidade de adaptação de indivíduos translocados a áreas adequadas.

Palavras-chave: Conflito humano-fauna, Telemetria por GPS, Área de vida.

Agradecimentos: Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, CETAS/BH, IEF, IBAMA, Parque Nacional da Serra do Cipó. O presente trabalho foi desenvolvido no âmbito do Projeto Bicho Solto, por meio de Acordo de Cooperação Técnica entre IBAMA e Waita.

Plano de Ação da GNA para a Biodiversidade: avanços no monitoramento de espécies da fauna ameaçadas em áreas de restinga

Luana P. Mauad*[1]; Raquel J. Santos[2]; Carlos H. de-Oliveira-Nogueira[3,4]; Daniel. S. Almada[5]; Suelen S. Ferreira[5]; Ana de G. Weisz[1]; João. A. P. R. Teixeira[1].

[1] Sustentabilidade, Gás Natural Açu - GNA, 28200-000, São João da Barra-RJ, Brasil.
[2] Meio Ambiente, Scinax Consultoria Ambiental, Rio de Janeiro-RJ, Brasil.
[3] Meio Ambiente, Aiuka Consultoria em Soluções Ambientais, Praia Grande-SP, Brasil.
[4] Laboratório de Herpetologia, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora-MG, Brasil.
[5] Laboratório de Ciências Ambientais, Universidade Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes-RJ, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: luana.mauad@gna.com.br

As restingas do norte fluminense configuram ecossistemas costeiros de alta relevância para a conservação, com espécies endêmicas, ameaçadas e gatilhos de habitat crítico. Inserido nesse contexto, o Parque Termelétrico do Gás Natural Açu (GNA), em São João da Barra, RJ, desenvolve um conjunto de programas de monitoramento e conservação da fauna, no âmbito de seu Plano de Ação para a Biodiversidade (BAP). O plano, estruturado segundo o Performance Standard 6 da International Finance Corporation, tem foco em No Net Loss e Net Gain em biodiversidade em áreas sob influência operacional, conservadas e em restauração. Três espécies prioritárias orientam os esforços de monitoramento: *Glaucomastix littoralis*, *Cerradomys goytaca* e *Bradypus crinitus*. Para *G. littoralis*, conduz-se desde 2021 um programa sistemático na RPPN Caruara e áreas adjacentes, incluindo 20 campanhas até dezembro de 2025, com integração de registros de campo, análises espaciais e métricas de sensoriamento remoto para caracterização de micro-hábitats e identificação de áreas prioritárias. O monitoramento de *B. crinitus*, iniciado em 2025/2026, emprega drone com câmera térmica para ampliar a capacidade de detecção e faz uso de transmissores GSM, permitindo o acompanhamento contínuo de deslocamentos e padrões de uso da paisagem pelos indivíduos monitorados. Para *C. goytaca*, uma campanha piloto validou os métodos propostos e estabeleceu os parâmetros iniciais para séries temporais, confirmando a aplicabilidade da abordagem em campo, com utilização de armadilhas de captura viva e fotográficas. Todos os programas integram amostragem padronizada, dados georreferenciados e análises ecológicas e espaciais. O monitoramento registrou 206 ocorrências de *G. littoralis* até 2025, comprovando sua persistência em áreas conservadas e em restauração. Para *B. crinitus*, a telemetria GSM, instalada em nove indivíduos, já revela padrões inéditos de deslocamento e uso de habitat, ampliando a compreensão sobre conectividade e exigências ecológicas da espécie. A campanha piloto de *C. goytaca* confirmou a presença de três indivíduos e estabeleceu a linha de base necessária para futuros acompanhamentos. De forma integrada, os resultados demonstram a presença das populações-alvo e o uso funcional de diferentes tipos de habitat. O conjunto de dados gerados fortalece a gestão adaptativa do BAP, reduz incertezas e subsidia estratégias de conservação de longo prazo para a biodiversidade de restinga.

...*litoralis*, *Cerradomys goytaca*¸

...ão Patrimônio Natural Caruara (RPPN Caruara).

Polimorfismos nos receptores do sistema oxitocinérgico e vasopressinérgico em primatas e a sub-representação de espécies neotropicais

Beatriz Yonara*[1,2]; Daniela M. O. Bonci[2].

[1] Programa de Pós-Graduação em Neurociência e Comportamento, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo (USP), CEP 05508-030, São Paulo-SP, Brasil.
[2] Waita – Instituto de Pesquisa e Conservação, Belo Horizonte-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: beatrizyonara@usp.br

O sistema oxitocinérgico e vaso pressinérgico desempenham um papel central na regulação de comportamentos sociais em mamíferos, incluindo afiliação, formação de vínculos e organização social. Polimorfismos de nucleotídeo único (SNPs) nos genes que codificamos receptores de ocitocina (OXTR) e vasopressina (AVPR1A e AVPR1B) têm sido associados à variação em comportamentos sociais em diferentes espécies de mamíferos, no entanto, o conhecimento sobre esses sistemas em primatas neotropicais permanece limitado. Esta revisão sistemática teve como objetivo caracterizar o estado da literatura sobre polimorfismos nesses genes em primatas, avaliar sua distribuição taxonômica, geográfica e suas possíveis associações comportamentais. A sistemática foi conduzida conforme as diretrizes PRISMA. As buscas foram realizadas nas bases PubMed, Scopus e Web Of Science utilizando combinações de termos relacionados a SNPs, aos genes OXTR, AVPR1Ae AVPR1B e a primatas. Dos 810 registros identificados, 87 duplicatas foram removidas. Após triagem por título e resumo, 687 estudos foram excluídos. 36 artigos foram avaliados em texto completo e 16 estudos foram incluídos na síntese qualitativa. Os estudos incluídos mostram forte concentração taxonômica e geográfica da literatura. Apenas 6,25% investigaram primatas neotropicais (*Platyrrhini*), enquanto 93,75% focaram em outras espécies, predominantemente catarrinos. Entre os primatas estudados, há predominância de grandes primatas (68,75%), especialmente chimpanzés (56,25%), seguidos por macacos rhesus (25%) e bonobos (12,5%). Observa-se ainda concentração geográfica da produção científica em instituições do hemisfério norte, especialmente nos Estados Unidos (56,25%) e Japão (25%). Observa-se uma lacuna crítica no estudo evolutivo dos sistemas oxitocinérgico e vasopressinérgico em primatas neotropicais, limitando inferências comparativas sobre o papel da variação genética nesses sistemas na diversidade de comportamentos sociais e cognitivos. Nesse contexto, investigações em andamento vêm explorando a variação genética nesses genes em macacos-prego (*Sapajus*), primatas neotropicais que se destacam entre *Platyrrhini* pelo uso habitual e sistemático de ferramentas aliado a sistemas sociais hierárquicos complexos, configurando um modelo promissor para investigar associações entre esses polimorfismos e perfis comportamentais e ampliar a compreensão desses mecanismos na literatura.

Palavras-chave: Oxitocina, Vasopressina, OXTR, AVPR1A, Primatas neotropicais, *Sapajus*, Polimorfismo genético, Cognição social.

Agradecimentos: Os autores agradecem à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa de estudos e ao Instituto de Neurociências da Universidade de São Paulo (USP) pelo apoio institucional.

Preguiças em paisagem amazônica fragmentada: avaliação médica e monitoramento espacial pós-soltura

Sam F. Martins*[1]; Ana R. M. Gonçalves[1]; Natália A. S. Lima[2]; André L. S. Gonçalves[2]; Vania C. F. da Silva[2]; Adna W. M. Gomes[3]; Idamara F. S. Cruz[3]; Ronis Da Silveira[3].

[1] Instituto Igapó - Associação de Conservação da Amazônia, 69079210, Manaus-AM, Brasil.
[2] Centro de Triagem de Animais Silvestres (CETAS) - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis (IBAMA), Manaus-AM, Brasil.
[3] Laboratório de Manejo de Faunas, Departamento de Biologia, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-Graduação em Zoologia, 69077000, Manaus-AM, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: sam.martins@igapo.org

As preguiças (Mammalia, Pilosa) estão entre os vertebrados nativos mais afetados pelo crescimento urbano desordenado em Manaus, maior centro urbano do bioma Amazônia. Este estudo tem como objetivo analisar os registros de resgate e destinação de preguiças recebidas pelo Centro de Triagem de Animais Silvestres de Manaus (CETAS/IBAMA) entre 2021 e 2025 e implementar o monitoramento pós-soltura de indivíduos reabilitados em fragmentos florestais urbanos. Destacam-se *Bradypus tridactylus L.* e *Choloepus didactylus L.*, amplamente distribuídas na região. Devido ao hábito folívoro e arborícola obrigatório, locomoção limitada e dependência de dossel contínuo, essas espécies são altamente suscetíveis à fragmentação florestal. Entre as principais ameaças locais estão a rede elétrica, atropelamentos e ataques por cães domésticos. Indivíduos resgatados são encaminhados ao CETAS/IBAMA, onde passam por avaliação clínica e, quando necessário, recebem atendimento veterinário. Após alta médica e avaliação comportamental, os aptos são soltos principalmente em grandes fragmentos florestais urbanos, como o da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), um dos últimos refúgios da fauna na matriz urbana da capital. Entre 2021 e 2025, o CETAS/IBAMA recebeu 198 preguiças de diferentes faixas etárias, com predominância de adultos: 91 foram a óbito, 13 eutanasiadas, 85 soltas, três destinadas ao cativeiro e seis permaneciam em reabilitação no momento da compilação dos dados. Na admissão, 62 indivíduos foram classificados como saudáveis, 58 apresentavam ferimentos, 36 encontravam-se debilitados, 30 foram considerados em condição de saúde incerta e dois apresentavam deficiências físicas. Os restantes espécimes não foram categorizados. Quanto às espécies registradas, 100 indivíduos eram *B. tridactylus*, 68 *C. didactylus* e 30 *Bradypus variegatus* Schinz, 1825. A maioria das solturas ocorreu em fragmentos florestais urbanos, com destaque para a UFAM. Após avaliação veterinária, morfometria, sexagem e marcação com microchip subcutâneo, parte dos indivíduos está sendo equipada com rádio-colar com transmissor VHF e módulo GPS. A localização dos animais é realizada por busca ativa em campo utilizando o sinal VHF. A implementação desse monitoramento permitirá avaliar os padrões de movimentação e o uso de hábitat por preguiças reabilitadas em ambiente urbano fragmentado na Amazônia, contribuindo para avaliar o sucesso das solturas e subsidiar estratégias de manejo e conservação da fauna urbana.

Palavras-chave: Reabilitação de fauna, Telemetria, Fragmentação florestal, Monitoramento espacial, Matriz urbana.

Quando a paisagem dita o relógio: influência da matriz agrícola nos padrões de atividade de mamíferos no Cerrado

Sofia M. M. Pozo*[1]; Adriano G. Chiarello[1]; Deocleio J. Amorim[2].

[1] Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto ,Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP), 14040-900, Ribeirão Preto - SP, Brasil.
[2] Laboratório de Isótopos Estáveis, Centro de Energia Nuclear na Agricultura (CENA/USP), Piracicaba-SP, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: sofiamarcela@usp.br

O Cerrado, segundo maior bioma brasileiro, tem sofrido intensa conversão do uso e cobertura da terra pela expansão agropecuária, especialmente da cana-de-açúcar no nordeste do Estado de São Paulo. Essas mudanças reduzem a heterogeneidade da paisagem e afetam a biodiversidade, incluindo os padrões de atividade de mamíferos de médio e grande porte. Este estudo visa compreender como variáveis associadas à composição e à configuração da paisagem influenciam o comportamento de mamíferos em paisagens agrícolas do nordeste do estado de São Paulo. Foram obtidos 51.358 registros por armadilhas fotográficas em 55 unidades amostrais. Inicialmente, realizamos análises descritivas de dez espécies, considerando diferentes intervalos de independência (um, 30 e 60 minutos). Foram estimados o horário médio de atividade (θ), o comprimento resultante (R) e aplicado o teste de Rayleigh, classificando as espécies em diurnas, noturnas, crepusculares ou catemerais. Os resultados preliminares confirmaram padrões conhecidos, como atividade noturna para carnívoros (*Puma concolor*, *Leopardus pardalis*), onívoros (*Dasypus novemcinctus*) e mirmecófagos (*Myrmecophaga tridactyla*), e atividade diurna para herbívoros como *Subulo gouazoubira* e *Dasyprocta azarae*. Paralelamente, foram extraídas métricas de uso e cobertura da terra, incluindo variáveis de composição (proporção de vegetação nativa, agricultura, silvicultura, áreas urbanas) e de configuração (densidade de borda, distância entre fragmentos, heterogeneidade da paisagem). Na próxima etapa, essas variáveis serão integradas em modelos bayesianos para dados circulares, com o objetivo de identificar quais fatores da paisagem explicam mudanças nos padrões de atividade. Assim, o estudo avança na compreensão da plasticidade comportamental de mamíferos em ambientes agrícolas e fornece subsídios para estratégias de conservação em paisagens antropizadas.

Palavras-chave: Atividade, Mamíferos, Comportamento.

Agradecimentos: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

REABILITAÇÃO DA FAUNA SILVESTRE

Análise da influência de enriquecimento alimentar na reabilitação de *Dendrocygna autumnalis* no Centro de Triagem de Animais Silvestres de Belo Horizonte - CETAS-BH

João V. M. Almeida*[1,2]; Kevin S. Squarelli[3]; Larissa B. Tonan[1,2]; Júlia O. L. da Cruz[4]; Marco V. Q. Alves[5]; Ana C. S. Santana[5]; Ariela C. Celeste[1]; Amanda S. P. dos Santos[6]; Lívia I. Simões[1,7]; Thiago L. Stehling[4].

[1] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, 31814-620, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[2] Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[3] Programa de pós-graduação em Animais Selvagens - UNESP Botucatu, Botucatu-SP, Brasil.
[4] Instituto Estadual de Florestas - IEF, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[5] Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[6] Newton Paiva Wyden, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[7] Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas, Belo Horizonte-MG, Brasil.

* E-mail do autor correspondente: jvictornalmeida99@gmail.com

A marreca-cabocla (*Dendrocygna autumnalis*) é uma ave anseriforme da família Anatidae com ampla distribuição nas Américas, possuindo estreita relação com o meio aquático e hábitos de forrageamento onívoros. Em centros de triagem e/ou reabilitação, a restrição espacial e a previsibilidade do ambiente podem comprometer comportamentos naturais, prejudicando a aptidão dos indivíduos para a vida livre. Nesse contexto, o enriquecimento ambiental atua como ferramenta estratégica para atenuar efeitos da restrição ambiental, estimulando o aprendizado e a manutenção da plasticidade comportamental necessária ao sucesso pós-soltura. O objetivo deste trabalho foi avaliar a influência do enriquecimento alimentar no comportamento de cinco indivíduos de *D. autumnalis* em reabilitação no CETAS de Belo Horizonte para futura soltura. A coleta de dados durou 15 dias, divididos em três fases de cinco dias: 1- pré-enriquecimento, 2- tratamento e 3- pós-enriquecimento, seguindo o delineamento A-B-A (A: linha de base; B: intervenção; A: retorno à linha de base). Na fase dois, ofertou-se um item de enriquecimento alimentar diferente por dia para garantir a novidade do estímulo. As observações fundamentaram-se em um etograma de *Anas bahamensis* adaptado para a espécie. Para quantificar a frequência das categorias comportamentais, utilizou-se amostragem por varredura instantânea, com registros a cada 30 segundos, em dois períodos diários (07:00-08:00 e 16:00-17:00). Em cada fase foram coletados 6050 registros comportamentais, por meio dos quais observaram-se alterações na distribuição das atividades. Na fase dois foram contabilizadas 145 interações diretas com os itens de enriquecimento, com maior interesse nas vasilhas de água contendo tenébrios, ração e folhas e no feno associado a ração e folhas, seguidos por couve em suporte flutuante, boias de madeira e prato flutuante, ambos com ração e folhas, com menor interação. Na análise comportamental, observaram-se mudanças mais expressivas nas categorias Alimentação, Social e Inatividade. Nas categorias Alimentação (F1=551; F2=584; F3=954) e Social (F1=32; F2=80; F3=84) ocorreu aumento progressivo; enquanto na Inatividade (F1=4007; F2=4062; F3=3769) houve aumento com posterior redução. Em conjunto, os dados sugerem que o enriquecimento alimentar pode ter influenciado a maior expressão de comportamentos ativos, com possível efeito residual. Contudo, a adaptação ao ambiente, a dinâmica grupal e a rotina de manejo devem ser consideradas.

..., Anseriformes, Anatidae.

...sente trabalho foi desenvolvido no âmbito do Projeto ... Cooperação Técnica entre IBAMA e Waita.

Aplicação de protocolo de reabilitação – Onçapintada (*Panthera onca*) no Centro de Triagem de Animais Silvestres (CETAS/DF - Ibama) – Fase 1 - Aclimatação

Júlio C. Montanha*[1]; Juliana Junqueira[2]; Cecília Barreto[3]; Flávia Aguiar[4]; Denise Englert[5].

[1] Centro de Triagem de Animais Silvestres, Brasília-DF, Brasil.
[2] Centro de Triagem de Animais Silvestres, Goiânia-GO, Brasil.
[3] Centro de Triagem de Animais Silvestres, Belo Horizonte-BH, Brasil.
[4] Centro de Triagem de Animais Silvestres, Lorena-SP, Brasil.
[5] Centro de Triagem de Animais Silvestres, Porto Alegre-RS, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: julio.soares@ibama.gov.br

A onça-pintada (*Panthera onca*) demanda protocolos específicos de reabilitação quando indivíduos jovens são resgatados e encaminhados para manejo em cativeiro temporário. A eficácia desses processos depende da promoção de comportamentos naturais essenciais à sobrevivência em vida livre, incluindo competências de caça, respostas adequadas a estímulos de risco e baixa tolerância à presença humana. O presente estudo teve como objetivo avaliar a aplicação do protocolo de reabilitação idealizado pelo Centro de Triagem de Animais Silvestres (CETAS/DF – Ibama) em um indivíduo durante a fase inicial de aclimatação. O protocolo é estruturado em três fases sequenciais, com avaliações periódicas. Os resultados apresentados referem-se à Fase 1 – Aclimatação, compreendendo o período entre a chegada do indivíduo e o 12° mês de vida. O animal foi recebido em maio de 2025, com três meses de idade, sendo submetido a rotinas de ambientação e enriquecimento ambiental, com avaliações comportamentais realizadas a cada 90 dias ao longo de nove meses. O protocolo inclui um instrumento padronizado composto por quatro critérios: (1) capacidade de caça e alimentação autônoma, (2) reações de fuga a humanos e potenciais predadores, (3) níveis de estereotipias e (4) grau de humanização, avaliados por meio de escala Likert (05), com base na observação sistemática dos comportamentos. A análise descritiva indicou alto desempenho na capacidade de caça, respostas de fuga moderadas e baixa ocorrência de estereotipias e humanização. Os resultados indicam que o indivíduo apresenta padrões comportamentais compatíveis com os requisitos esperados para a espécie, demonstrando adequação às condições de reabilitação propostas. Esses achados reforçam a aplicabilidade do protocolo como ferramenta para avaliação comportamental e tomada de decisão em programas de reabilitação, contribuindo para o aumento da probabilidade de sucesso em futuras ações de soltura.

Palavras-chave: Reabilitação, Monitoramento, Conservação.

Aplicação do condicionamento operante no manejo clínico de um papagaio-do-mangue (*Amazona amazonica*) em reabilitação: relato de caso no CETRAS UFRA

Matheus C. S. Lobato*[1]; Hugo M. M. Freitas[1]; Max V. L. Freire[1]; Caroline S. M. P. Rodrigues[1]; Natália B. R. Assis[1]; Tauan S. Matos[2]; Ana S. S. Ribeiro[1].

[1] Centro de Triagem e Reabilitação de Animais Selvagens, Universidade Federal Rural da Amazônia, 66007-830, Belém-PA, Brasil.
[2] Hospital Veterinário setor de Animais Silvestres, Universidade Federal do Pará, Castanhal-PA, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: matheuscaualobato@gmail.com

O condicionamento operante é uma forma de aprendizagem em que o comportamento é determinado por suas consequências, contribuindo para a melhoria do bem-estar animal, a redução do estresse em manejos clínicos, a segurança dos envolvidos e a cooperação do animal em exames e tratamentos. O objetivo deste trabalho foi relatar o protocolo de condicionamento operante aplicado a um papagaio-do-mangue (*Amazona amazonica*) para facilitar o manejo clínico. Foi realizado condicionamento operante com reforço positivo em um papagaio-do-mangue mantido no Centro de Triagem e Reabilitação de Animais Selvagens da Universidade Federal Rural da Amazônia (CETRAS-UFRA), inapto à soltura. Como reforço primário, utilizou-se a própria alimentação do animal, e como reforço secundário, um *clicker*, sinalizando ao animal o comportamento correto. Um *target* foi empregado para guiar o animal dentro do recinto. Com o avanço dos treinos, foram introduzidos uma caixa de transporte e um estetoscópio, visando à realização de ausculta voluntária. As sessões tiveram duração média de 15 minutos, com frequência inicial de cinco sessões semanais. Os treinos ocorreram em etapas progressivas: habituação à presença humana, familiarização ao target com uso da técnica de *luring*, atração do animal com reforço positivo, adaptação à caixa de transporte e dessensibilização ao estetoscópio. A habituação à presença humana foi consolidada em uma única sessão, pois o animal já apresentava familiaridade com pessoas. Em seguida, a familiarização ao *target* demandou seis sessões para o estabelecimento do comportamento de tocar e seguir o objeto. A adaptação à caixa de transporte foi conduzida ao longo de oito sessões específicas, sendo que, após 16 sessões no total, o animal entrou voluntariamente na caixa pela primeira vez. Por fim, a dessensibilização ao estetoscópio exigiu 25 sessões para a aceitação voluntária do toque, inicialmente associado ao reforço alimentar, visando reduzir a aversão ao objeto, sendo esta a etapa mais longa do protocolo. Esse resultado deve-se à neofobia comum em psitacídeos e à aversão ao contato físico direto. Com a consolidação dos comportamentos, a frequência dos treinos foi reduzida de cinco para três sessões semanais. Conclui-se que o condicionamento operante reduziu o estresse e permitiu a participação voluntária do animal nos manejos clínicos. Em animais com perspectiva de soltura, recomenda-se minimizar a habituação humana para preservar o comportamento natural da espécie.

Palavras chaves: Redução de estresse, Bem-estar animal, Comportamento animal.

Avaliação comportamental de *Chrysocyon brachyurus* em processo de reabilitação para soltura branda

Karoline Karen Bicalho-Lima*[1]; Wendy Julia S. Vieira[1]; Rayane J. S. M. Vilaça[1]; Claudinei Henriques Gonçalves[1]; Pablo Cesar P. Poblete[1].

[1] Zoovet Clínica e Consultoria, 30180-012, Belo Horizonte-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: karolblima.95@gmail.com

O lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) é um canídeo onívoro de grande porte, com membros alongados e silhueta esguia, que ocorre preferencialmente áreas abertas da América do Sul. Apresenta hábito solitário e reprodução monogâmica facultativa. Tanto em condições *ex situ* quanto *in situ*, pode expressar comportamentos de forrageio, territorialidade, defesa, deslocamento, autolimpeza e sociabilidade. Entre as principais ameaças à espécie destacam-se a perda de habitat, caça, atropelamentos e doenças decorrentes do contato com animais domésticos. O presente estudo teve como objetivo identificar e descrever os comportamentos expressos por um indivíduo em reabilitação, a fim de subsidiar a tomada de decisão quanto à soltura branda. O espécime foi resgatado em empreendimento linear (ABIO 1175/2019) e, após alta clínica, acondicionado em recinto de aclimatação com aproximadamente 330 m², destinado à reabilitação e soltura branda. Os dados comportamentais foram coletados ao longo de 60 dias por meio de armadilha fotográfica (Bushnell Model 119446, n=1), programada para registrar três imagens a cada quatro minutos, acionadas por movimento. Dos 4.048 registros obtidos, foi considerada uma imagem por sequência (n=1.349), posteriormente classificada quanto à data e período (diurno: 05h00–17h59; noturno: 18h00–04h59). O repertório comportamental foi categorizado em: andando (AD), atento ao ambiente (AT), urinando (UR), hidratando-se (BE), forrageando (FO), brincando (BR), alimentandose (CO) e deitado (DT). Os resultados indicaram maior atividade no período noturno (80,81%) em relação ao diurno (19,19%). Os comportamentos mais frequentes foram andando (52,64%), atento ao ambiente (25,49%) e forrageando (17,46%). Não foram observadas estereotipias, como repetições sem propósito aparente. O indivíduo apresentou aversão ao tratador, com vocalização de alerta, piloereção, orelhas levantadas e distância da presença antrópica. Também foram registrados comportamentos de marcação territorial, como defecação e micção em pontos estratégicos do recinto, além de preferência por frutos do Cerrado. Os padrões observados são compatíveis com aqueles descritos para a espécie em vida livre, indicando adequação comportamental para soltura. Destaca-se que o uso de armadilhas fotográficas, apesar de depender da atividade do animal, constitui método pouco invasivo e eficiente, minimizando a interferência humana na observação comportamental.

Palavras-chave: Lobo-guará, Etologia, Armadilha fotográfica, Reabilitação.

Avaliação do impacto do enriquecimento ambiental no bem-estar físico, mental e social para um casal de papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*) sob cuidados humanos.

Maria Clara de M. Carvalho*[1]; Luiza G. Silva[2]; Luiza L. Frederico[2]; Renata de S. Reis[2].

[1] Departamento de Ciências Naturais, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei-MG, Brasil.
[2] Departamento de Zootecnia, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: claram233273@gmail.com

A família Psittacidae é conhecida por sua capacidade de imitar a fala humana, além de sua inteligência, beleza e temperamento dócil, características que as tornam populares como animais de estimação. Entretanto, têm sido cada vez mais frequentes relatos de psitacídeos com comportamentos repetitivos sem causa aparente. Avanços na ciência do comportamento e a compreensão das demandas biopsicossociais dessas espécies evidenciam suas necessidades cognitivas, emocionais e comportamentais. Nesse contexto, o enriquecimento ambiental é apontado como uma estratégia ética e eficaz para atender a essas demandas e reduzir comportamentos anormais em cativeiro. Este estudo teve como objetivo avaliar os impactos do enriquecimento ambiental em um casal de papagaios-verdadeiros (*Amazona aestiva*), por meio de indicadores comportamentais. Foram utilizados dois indivíduos, um macho e uma fêmea, identificados por anilhas e adquiridos legalmente. Ambos apresentavam comportamentos repetitivos; a fêmea demonstrava aversão ao manejo por mulheres, dificultando o contato com a responsável, enquanto o macho apresentava automutilação, com ausência de penas na cauda, dorso e asas. O estudo foi conduzido na zona rural de São João del-Rei. Foram utilizados enriquecimentos intercalados entre alimentares e cognitivos, por exemplo frutas e sementes. A coleta de dados foi feita por meio de câmera conectada ao aplicativo ICSee. O comportamento foi avaliado pelo método Scan Sampling, com registros em intervalos de dez minutos a cada hora do dia, ao longo de um mês. Foram realizadas 33 horas de observação, divididas em três fases: pré-enriquecimento, durante e pós-enriquecimento. Os resultados indicaram redução da interação social negativa (4,6% → 2,3% → 1,7%), aumento do comportamento de manutenção durante o enriquecimento (4,6% → 12,1%), aumento da alimentação no pós-enriquecimento (5,5% → 13,8%) e redução da inatividade (33,9% → 27,6%). Também foram observadas melhorias físicas, como o crescimento de penas no macho e maior aceitação de manejo pela fêmea, sugerindo impacto positivo no bem-estar dos animais.

Palavras-chave: Reabilitação, Comportamento animal, Bem-estar.

Avaliação do padrão de atividade circadiana de uma fêmea de lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) em processo de reabilitação e soltura monitorada

Paula D. Gomes*[1,2]; Gabrielle B. Rosa[1]; Rafaela N. Azzolin[1]; Laura G. O. Souza[1]; Rogério C. Paula[3]; Rosana N. Moraes[4].

[1] Centro de Conservação e Educação Socioambiental Parque Vida Cerrado, 47819-899, Barreiras, BA, Brasil.
[2] Departamento de Clínica e Cirurgia Veterinária, Escola de Veterinária, Universidade Federal de Minas Gerais, 31270-901, Belo Horizonte - MG, Brasil.
[3] Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Carnívoros (CENAP) – ICMBIO, 12952-011, Atibaia, SP, Brasil.
[4] Smithsonian Conservation Biology Institute, 22630, Front Royal, VA, EUA.

*E-mail do autor correspondente: paula.gomes@vidacerrado.org.br

Protocolos de reabilitação de lobos-guarás (*Chrysocyon brachyurus*) demandam métodos associados e implementados com ferramentas que permitam avaliar de forma objetiva, a aptidão para a soltura. Destaca-se a análise do padrão de atividade circadiana em resposta ao treinamento e ao processo de ambientação à área de soltura. Espera-se que os espécimes treinados apresentem o mesmo padrão dos residentes, tornando-se este, um dos critérios de decisão para a liberação dos animais. O objetivo deste trabalho é apresentar a utilização de um dispositivo de monitoração cardíaca para determinar o padrão de atividade diária em uma lobo-guará em processo de reabilitação. Uma fêmea subadulta recebeu um monitor cardíaco (biologger Reveal LINQ™), implantado, sob anestesia, em um bolsão subcutâneo na região periesternal esquerda sobre a área cardíaca. O dispositivo foi programado para coletar dados de frequência cardíaca (FC), variabilidade da frequência cardíaca (HRV) e movimentação, utilizando-se um acelerômetro interno, programado para registrar a atividade total a cada 15 minutos, no intervalo de 24h. Os downloads foram realizados nos check-ups durante o treinamento e no período pós-soltura, totalizando dois anos de monitoramento. Dados de acelerometria foram utilizados para determinar o padrão de atividade, avaliar a evolução comportamental e subsidiar a decisão de soltura, sendo comparados aos padrões de atividade de indivíduos de vida livre, obtidos por meio de armadilhas fotográficas. Os resultados demonstraram o estabelecimento de um padrão semelhante já no final do primeiro mês de treinamento, indicando a importância do isolamento e da ambientação ao local de soltura. Manteve-se similar ao decorrer dos 13 meses de treinamento, onde a fêmea apresentou maior atividade nas primeiras horas do dia (entre 05h e 06h) e no final do dia (a partir das 17h), permanecendo ativa no período noturno, padrão semelhante ao descrito para a espécie. O lobo-guará possui hábito crepuscular-noturno, mantendo-se inativo durante o dia e iniciando sua movimentação ao final da tarde, permanecendo ativo durante a noite, período no qual se movimenta-se para atividades de patrulhamento, forrageamento, dentre outras. A utilização do "biologger" e a integração do monitoramento fisiológico ao protocolo de reabilitação mostraram-se ferramentas promissoras para subsidiar a tomada de decisão e potencializar o sucesso adaptativo no período pós-soltura, contribuindo para o fortalecimento das ações de conservação da espécie.

Palavras-chave: Ritmo circadiano, Monitoramento cardíaco, Acelerometria, Fisiologia da conservação.

...ação da Biodiversidade e ao *Smithsonian* ...es: Galvani, Oilema, Condomínio Irmãos Gatto Agro, ...demais fazendas vizinhas que abriram suas portas para o acompanhamento e monitoramento dos animais.

Avaliando a relação entre personalidade e capacidade de voo de *Amazona vinacea* no processo de reabilitação

Clara G. de Freitas*[1]; Paula G. Lima[1,2]; Izadora C. Martins[1]; Isabela G. Ferreira[1]; Laura G. Fortini[1]; Victor Franzone[1]; Cristiano S. de Azevedo[3]; Ariela C. Celeste[1].

[1] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, 31814-620, Belo Horizonte/MG, Brasil.
[2] Laboratório de Ecologia e Conservação, Programa de Pós-Graduação em Ecologia, Conservação e Manejo da Vida Silvestre, Universidade Federal de Minas Gerais, 31270-901, Belo Horizonte/MG, Brasil.
[3] Departamento de Biodiversidade, Evolução e Meio Ambiente, Instituto de Ciências Exatas e Biológicas, Universidade Federal de Ouro Preto, Campus Morro do Cruzeiro, 35400-000, Ouro Preto/MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: fgclara6@gmail.com

O papagaio-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*), espécie ameaçada de extinção, é alvo de programas de conservação que visam o restabelecimento de populações naturais. Entre as estratégias utilizadas, destaca-se a reabilitação e soltura de animais silvestres provenientes do tráfico. O sucesso dessas iniciativas depende da recuperação de habilidades físicas essenciais à sobrevivência na natureza, como a capacidade de voo. Além disso, variações individuais, como a personalidade animal, podem influenciar a forma como indivíduos respondem aos protocolos de treinamento. O objetivo deste estudo foi avaliar a influência da personalidade na capacidade de voo de *A. vinacea* em processo de reabilitação para soltura, no âmbito do Projeto Voar. Entre os meses de agosto e novembro de 2024, 20 papagaios mantidos no CRAS de Barão de Cocais/MG foram submetidos a treinos de voo quatro vezes na semana, durante 12 semanas. Testes de Voo (TV) foram realizados antes (TV1), durante (TV2) e após o período de treinos (TV3), classificando os animais em Escores (E) numerados de um a quatro, em que E1 corresponde a um animal que não voa, enquanto E4 refere-se àquele que voa durante toda a sessão do teste (cinco minutos). A personalidade dos animais foi avaliada através do Teste do Novo Objeto, que os classificou em Índices de Ousadia (IO). A relação entre o IO e o desempenho de voo (ETV1, ETV3 e EΔ) foi avaliada por meio da Correlação de Spearman (ρ), baseando-se na hipótese de que animais mais ousados teriam maior escore de voo. O IO não apresentou associação com o desempenho inicial (ETV1: $\rho = -0,38$; $p = 0,097$), final (ETV3: $\rho = -0,30$; $p = 0,192$) ou com a evolução dos escores (EΔ: $\rho = -0,06$; $p = 0,792$), logo a hipótese foi refutada. Dessa forma, emerge o questionamento sobre quais outros fatores interferem na performance de voo dos papagaios, por exemplo, o histórico de aprendizagem, a capacidade cognitiva ou as condições físicas dos animais. Compreender tais variáveis se torna necessário para a construção de protocolos direcionados e adaptados às características individuais, aumentando a eficácia dos treinamentos e, consequentemente, a taxa de sucesso dos projetos de revigoramento da população de papagaios-de-peito-roxo.

Palavras-chave: Psitacídeos, Conservação, Comportamento.

Agradecimentos: Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, Loro Parque Fundación, Instituto Estadual de Florestas (IEF) e Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA).

Condicionamento operante com reforço positivo para manejo de *Tamandua tetradactyla* sob cuidados humanos: relato de experiência

Tauãn S. Matos*[1,2]; Giulia V. Fonseca[1,2]; Valéria S. N. Santos[1,2]; Brenda S. S. Braga[1,2]; Adriano B. B. Alvarenga[1,2].

[1] Hospital Veterinário Setor Animais Silvestres, Instituto de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Pará, 68746-360, Castanhal-PA, Brasil.
[2] Programa de Residência Multiprofissional Saúde Animal Integrada à Saúde Pública, Instituto de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Pará, Castanhal-PA, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: biologotauanmatos@gmail.com

O tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*) é um mamífero xenartro de hábito predominantemente insetívoro, amplamente distribuído na América do Sul. Sob cuidados profissionais, especialmente quando não apresenta possibilidade de retorno à natureza, o condicionamento operante constitui uma ferramenta relevante para promover bem-estar, facilitar o manejo clínico e reduzir o estresse associado a procedimentos rotineiros. O objetivo deste estudo foi descrever a implementação de um protocolo de condicionamento operante com reforço positivo aplicado a um indivíduo adulto de tamanduá-mirim mantido sob cuidados humanos no Hospital Veterinário da Universidade Federal do Pará (UFPA). O treinamento comportamental foi realizado com um animal considerado inapto para a reintrodução à natureza, em cinco sessões semanais, com duração média de 20 minutos. Foram utilizados ao longo de todo processo um *target* com extremidade azul, *clicker* como marcador do comportamento desejado e tubo Falcon® contendo dieta pastosa como reforçador positivo, além de balança para treino de pesagem. O protocolo foi dividido em etapas sequenciais. Na primeira, o animal foi treinado a seguir o *target* por meio da técnica de *luring*, na qual o reforçador foi utilizado para atrair o animal em direção ao *target*, com marcação do comportamento pelo *clicker*. Na segunda, realizou-se o treino para permanência em estação bípede e tolerância ao toque corporal, obtido pela elevação gradual do *target*. Na terceira, o animal foi condicionado a subir voluntariamente em uma balança, utilizando o seguimento ao *target* como guia. Como resultados, observou-se aquisição progressiva dos comportamentos, com consolidação da primeira etapa em aproximadamente três sessões, da segunda em cinco sessões e da terceira em sete sessões. Durante o treino da primeira etapa, verificou-se dificuldade de resposta ao *target* em maiores distâncias, possivelmente relacionada à baixa acuidade visual da espécie. A partir disso, foi introduzida a associação de estímulo auditivo por meio de batidas do *target*, o que melhorou a execução do comportamento. Ao final, o animal realizava avaliação física e pesagem de forma voluntária, sem necessidade de contenção. Conclui-se que o condicionamento operante com reforço positivo, aliado à adaptação do protocolo às respostas individuais, foi eficaz para facilitar o manejo clínico e promover bem-estar em tamanduá-mirim sob cuidados humanos.

Palavras-chave: Bem-estar, Etologia, Comportamento animal.

Curva de ganho de peso de dois filhotes de *Coendou spinosus* recebidos pelo Centro de Triagem de Animais Silvestres de Belo Horizonte (CETAS-BH)

Sofia L. F. Santos*[1,2]; Ana C. S. Santana[3]; Júlia O. L. Cruz[4]; Célia L. Q. L. Afonso[4]; Armanda C. Pereira[4]; Laerciana S. S. Matos[3]; Daniel A. R. Vilela[3]; Cecília Barreto[3]; Thiago L. Stehling[4]; Marco V. Q. Alves[3].

[1] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, 31814-620, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[2] Centro universitário Newton Paiva Wyden, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[3] Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Belo Horizonte-MG, Brasil.
[4] Instituto Estadual de Florestas - (IEF), Belo Horizonte-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: sofialaurafsantos@gmail.com

O ouriço-cacheiro (*Coendou spinosus*) é um mamífero pertencente à família Erethizontidae, são animais arborícolas de hábitos noturnos, classificados como de menor preocupação (LC) pela IUCN. Apesar disso, sofrem com alguns conflitos ao se aproximarem dos meios urbanos para deslocamento, abrigo ou alimentação, como agressões e ataque de cães, levando o indivíduo a óbito ou ao seu encaminhamento para centros de triagem. O objetivo deste trabalho é relatar o ganho de peso de dois filhotes de C. *spinosus*, recebidos pelo CETAS-BH. Os animais foram recebidos juntos em janeiro de 2025, sem pais ou histórico, o primeiro indivíduo (I-1) pesando 160 g e o segundo (I-2) 145 g. As pesagens foram semanais, salvo exceções. Na 1ª fase, a alimentação inicial foi constituída de leite de cabra em pó integral, seis vezes ao dia por indivíduo, sendo mantida até a 6ª semana. Ao fim da 1ª semana I-1 pesava 190 g e I-2 185 g, nas semanas seguintes os respectivos pesos foram: 2ª, 200 g e 180 g; 4ª, 240 g e 205 g; 6ª, 315 g e 210 g (não houve pesagem na 3ª e 5ª semana). Na 2ª fase, entre a 7ª e 11ª, a oferta do leite de cabra foi reduzida para três vezes ao dia por indivíduo, e a dieta sólida começou a ser introduzida (ração, frutas, folhas e ovo). Ao final da 7ª semana I-1 pesava 315 g e I-2 215 g; 8ª, 348 g e 222 g; 10ª, 460 g e 270 g; na 11ª, 500 g e 285 g (não houve pesagem na 9ª semana). Antes do início da 3ª fase, os indivíduos foram separados, nessa etapa a alimentação foi exclusivamente sólida, entre a 12ª e 17ª semana. 12ª, 565 g e 375 g; 13ª, 615 g e 365 g; 14ª, 700 g e 445 g; 15ª, 660 g e 460 g; 16ª, 770 g e 520 g e na 17ª, 875 g e 646 g. Apesar de ambos os indivíduos terem chegado ao CETAS com idades e pesos aproximados, foi evidente a diferença no ganho de peso, com o I-1 apresentando uma evolução maior e mais estável ao longo de todas as fases. Na 1ª fase, I-1 e I-2 ganharam respectivamente 155 g e 65 g. Apesar de não ter sido observado na 1ª fase, ao fim da 2ª fase suspeitou-se de competição alimentar, visto que I-1 e I-2 ganharam mais 185 g e 70 g respectivamente, motivo pelo qual os animais foram separados antes da 3ª fase para observação. Ao término da última fase, em maio de 2025, os indivíduos apresentaram um ganho de peso mais próximo, I-1 310 g e I-2 271 g, sendo considerados aptos para a próxima etapa do processo de reabilitação. Este trabalho demonstra o sucesso no manejo e acompanhamento nutricional de filhotes de C. *spinosus* no CETAS-BH.

Palavras-chave: Acompanhamento, Desenvolvimento de filhotes, Reabilitação, Conservação.

...ério do Meio Ambiente e dos ...dual de Florestas (IEF), que fazem a gestão ...IA e aos voluntários do projeto Bicho Solto, pela ... a causa. O presente trabalho foi desenvolvido no âmbito do Bicho Solto, por meio de Acordo de Cooperação Técnica entre IBAMA e Waita.

Dinâmica espaço-temporal da integração ecológica em tamanduá-bandeira reabilitado baseada em monitoramento multimodal

Beatriz Yonara*[1]; Sarah F. Bessa[1]; Wander U. de Mesquita[1]; Ariela C. Celeste[1].

[1] Waita – Instituto de Pesquisa e Conservação, Belo Horizonte-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: beatrizyonara@usp.br

A organização temporal do comportamento é fundamental para a adaptação ecológica de mamíferos, pois estrutura padrões de atividade e uso de recursos no ambiente natural. A análise desses parâmetros após a soltura permite avaliar a reintegração funcional. No entanto, não existem investigações cronobiológicas na família Myrmecophagidae, incluindo o tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), o que limita a definição de indicadores comportamentais aplicáveis ao manejo e à conservação. Realizado no contexto do Projeto Bicho Solto, este estudo objetiva caracterizar e comparar os padrões temporais de atividade de *M. tridactyla* nos períodos pré e pós-soltura, integrando dados comportamentais e ambientais para identificar indicadores de adaptação ecológica. Entre 2024 e 2025, um indivíduo foi monitorado por 16 câmeras trap (sete na área de soltura, incluindo o recinto, e nove em comedouros) e por colar GPS para registro espacial. As coordenadas foram integradas a dados de elevação obtidos via Grid Elevation Sampling Tool e a variáveis meteorológicas da base NASA POWER. Os vídeos foram anotados no VIA Annotator, com base em etograma previamente definido, por cinco classificadores treinados, com confiabilidade avaliada pelo coeficiente Kappa de Cohen. Foram quantificados a frequência, duração e distribuição temporal dos comportamentos. Observou-se redução temporal na duração dos comportamentos "caminhar", "comer no comedouro" e "investigar". "Comer no comedouro" apresentou média semanal de 22,34 ± 5,26 (16,25-28,91), com valores mais elevados nas semanas iniciais e menores nas subsequentes. "Caminhar" apresentou média de 2,25 ± 0,55 (1,36-3,28), com declínio nas semanas finais em relação aos picos registrados. "Investigar" apresentou média de 4,94 ± 2,05 (2,36-8,36), também com redução após semanas de maior intensidade. Este estudo inaugura uma base quantitativa para a ecologia temporal de *M. tridactyla* reabilitados e demonstra redução progressiva na detecção comportamental ao longo do monitoramento, em duração e frequência. Longe de indicar retração comportamental, o padrão é consistente com expansão do uso espacial e menor dependência de recursos artificiais, sinalizando avanço na autonomia funcional após a soltura. Ainda, o estudo integra métricas temporais, espaciais e ambientais e preenche lacuna histórica na família Myrmecophagidae, estabelecendo referencial objetivo para avaliação de sucesso adaptativo e modelo replicável para programas de conservação.

Palavras-chave: Reabilitação, Análise cronobiológica, Integração topográfica, Análises em Python.

Agradecimentos: O projeto Bicho Solto foi contemplado por meio da Plataforma Semente, uma iniciativa do Ministério Público de Minas Gerais (MPMG), em parceria com o CeMAIS, e realizado no âmbito do Acordo de Cooperação Técnica entre IBAMA e Waita. Contou ainda com parceria e apoio do IEF e Parque Nacional da Serra do Cipó/ ICMBio/ DIBIO.

Estratégias de enriquecimento ambiental para *Nasua nasua* com deficiência visual bilateral em CETRAS

Ketleen R. Faria*[1]; Marcella C. A. Geraldini[2]; Lucas G. S. Barbosa[1]; Paula C. S. Andrade[3]; João V. Mello[3]; Gabriela B. Martins[3]; Joyce M. R. Pereira[3]; Lucas C. Maia[3]; Dalila F. Ferreira[4].

[1] Grupo de Estudos em Animais Silvestres, Departamento de Ciências Agrárias, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais Campus Bambuí, Bambuí - MG, Brasil.
[2] WAITA - Instituto de Pesquisa e Conservação, CETRAS - IEF, Divinópolis - MG, Brasil
[3] Centro de Triagem e Reabilitação de Animais Silvestres - IEF, Divinópolis - MG, Brasil.
[4] Grupo de Estudos em Animais Silvestres, Departamento de Ciências e Linguagens, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais Campus Bambuí, Bambuí - MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: ketleenribeirofaria@gmail.com

O enriquecimento ambiental estimula comportamentos naturais e melhora o bem estar de animais silvestres mantidos em cativeiro. *Nasua nasua*, conhecida como quati-de-cauda-anelada, é uma espécie social com hábito forrageador. O estudo teve como objetivo avaliar a resposta comportamental a estratégias de enriquecimento ambiental aplicadas a um macho jovem de *N. nasua*, diagnosticado com deficiência visual bilateral, mantido no Centro de Triagem e Reabilitação de Animais Silvestres (CETRAS), em Divinópolis-MG. O indivíduo chegou à instituição em 12/2025 e em 01/2026 foi alocado com dois coespecíficos; no entanto, no mesmo mês, o grupo foi desfeito devido à soltura dos dois indivíduos aptos. Após essa mudança, o indivíduo passou a apresentar comportamentos indicativos de estresse, como deslocamento repetitivo no recinto, reatividade à aproximação e esquiva. Considerando esse contexto, foram aplicadas três estratégias de enriquecimento com foco alimentar e sensorial: (1) caixa de papelão fechada com furos contendo alimentos da dieta em meio ao papelão picado; (2) casca de coco contendo ovo cozido coberto por capim seco; e (3) móbile com tampinhas plásticas contendo itens alimentares. Os enriquecimentos foram aplicados sequencialmente, com permanência de duas horas cada. As observações foram realizadas a 5m do recinto, por 30 minutos de forma contínua, e posteriormente em intervalos de 15 minutos. A resposta do indivíduo foi registrada com base no tempo de início da interação e no tipo de resposta comportamental a estratégia de enriquecimento ofertada, sendo classificada como positiva (interação ativa), neutra (ausência ou baixa interação) ou negativa (evitação). A estratégia 1 apresentou interação neutra, com baixa exploração, sendo derrubada após aproximadamente 40 minutos. A estratégia 2 gerou interação positiva e imediata, com escavação contínua e consumo do alimento nos primeiros cinco minutos. A estratégia 3 foi manipulada após oito minutos, apresentando interação positiva, com consumo parcial do alimento. Observou-se um maior interesse do indivíduo pela estratégia 2, com menor tempo para início da interação, possivelmente relacionado à facilidade de acesso e estímulo olfativo. O presente trabalho possui caráter descritivo e configura-se como um projeto piloto, demonstrando a preferência do indivíduo por determinadas estratégias de enriquecimento, resultados que podem subsidiar o manejo de outros indivíduos da espécie em reabilitação.

Palavras-chave: Manejo comportamental, Estereotipia, Estímulo olfativo, Fauna silvestre.

Limites fisiológicos para a reabilitação de *Dermochelys coriacea*: um desafio para a conservação da espécie

Ana C. L. B. Teixeira*[1]; Virgínia B. D. Castro[1]; Júlia C. Pires[1]; Rachel P. Malta[1]; Tamires B. Silva[1]; Andreise C. Przydzimirski[2].

[1] Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais, 31270-901, Belo Horizonte – MG, Brasil.
[2] Departamento de Clínica e Cirurgia na Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais, 31270-901, Belo Horizonte – MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: anabrndtt@gmail.com

A tartaruga-de-couro, *Dermochelys coriacea* (Vandelli, 1761), tem características únicas e é o maior quelônio marinho existente, com notável capacidade termorregulatória e comportamento pelágico, o que contribui para sua ampla distribuição oceânica. Classificada globalmente como "vulnerável" pela IUCN, desde 2013, a espécie demanda esforços contínuos de conservação. No Brasil, encalhes de indivíduos vivos são raros, mas quando ocorrem, representam situações críticas que podem resultar em intervenções clínicas, revelando os desafios fisiológicos e logísticos associados à reabilitação. Esta revisão busca integrar informações sobre a fisiologia e o comportamento de *D. coriacea*, discutindo implicações para a possível reabilitação clínica de indivíduos resgatados. A partir das palavras-chave *"Dermochelys coriacea, physiology, rehabilitation, stress"* foram selecionados artigos originais, relatos de caso, revisões bibliográficas e documentos técnicos no Google Acadêmico, PUBMED e Scielo publicados entre 2006 e 2026, com exclusão de estudos não vinculados à fisiologia de *D. coriacea* e à reabilitação de quelônios marinhos. De modo geral, estudos apontam a resposta endócrina ao estresse como fator limitante para intervenções em tartarugas-de-couro, com ativação progressiva de hormônios como a corticosterona relacionada ao tempo e à intensidade do manejo, elevando a demanda metabólica, especialmente em situações de maior estresse. Observa-se ainda que a dieta da espécie é difícil de ser reproduzida com eficiência sob cuidados humanos, uma vez que é composta principalmente de invertebrados gelatinosos. Além disso, a termorregulação das tartarugas-de-couro - associada ao calor metabólico oriundo da atividade muscular - torna a natação constante essencial à homeostase e ao bem-estar do animal. Isso constitui mais um obstáculo em cativeiro, em que existem restrições inerentes de espaço físico e, assim, o risco de lesões pela falta de reconhecimento de barreiras físicas aumenta. O conjunto dos estudos demonstra avanços nos protocolos de bem-estar na reabilitação de tartarugas marinhas, porém os dados concentram-se na família Cheloniidae, enquanto informações sobre Dermochelyidae permanecem escassas. Portanto, embora a reabilitação individual seja uma ferramenta valiosa para a conservação, as particularidades de *D. coriacea* impõem limitações importantes, reforçando a necessidade de estudos que orientem protocolos e decisões baseadas em evidências científicas para a espécie.

Palavras-chave: Tartaruga-de-couro, Manejo, Bem-estar, Sob cuidados humanos.

Manejo nutricional de tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*) em reabilitação no CETRAS-UFRA

Max V. L. Freire*[1]; Hugo M. M. Freitas[1]; Matheus C. S. Lobato[1]; Natália B.R. Assis[1]; Rayanne G. Silveira[1]; Tauan S. Matos[2]; Ana S. S. Ribeiro[1].

[1] Centro de Triagem e Reabilitação de Animais Selvagens, Universidade Federal Rural da Amazônia, 66007-830, Belém-PA, Brasil.
[2] Hospital Veterinário setor de Animais Silvestres, Universidade Federal do Pará, Castanhal-PA, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: maxvictorfreire@gmail.com

O *Tamandua tetradactyla*, popularmente conhecido como tamanduá-mirim, é um mamífero da ordem Pilosa e da família Myrmecophagidae. A principal característica desses animais é a ausência de dentes e a presença de um focinho longo e cônico que acomoda a língua vermiforme, facilitando a captura de alimento, especialmente insetos como formigas e cupins. O presente trabalho teve como objetivo relatar o manejo nutricional adotado para um exemplar de tamanduá-mirim em reabilitação no Centro de Triagem e Reabilitação de Animais Selvagens da Universidade Federal Rural da Amazônia (CETRAS-UFRA). No ano de 2025, um filhote da espécie foi encaminhado ao CETRAS-UFRA por meio de entrega voluntária. Após a admissão, iniciou-se protocolo nutricional à base de papinha com leite zero lactose, ofertada seis vezes ao dia, em intervalos de três horas, com volume variando entre 3,5 e 6 ml por refeição. Poucos dias após o início da dieta, o animal apresentou quadro alérgico, com alterações cutâneas e diarreia, sugerindo intolerância alimentar. Diante disso, optou-se pela substituição do leite bovino zero lactose por leite de cabra, adotando-se o princípio do diagnóstico terapêutico, fundamentado na resposta clínica à modificação da dieta. Posteriormente, a alimentação evoluiu para uma papa composto por leite de cabra, ovo cozido, banana, ração de gato e água. Foram incluídos suplementos, como vitamina K e taurina desde o início do atendimento do filhote, com o objetivo de assegurar o adequado funcionamento do organismo, prevenir deficiências nutricionais e favorecer o desenvolvimento saudável durante o período de reabilitação. Após as alterações dietéticas, observou-se melhora significativa das lesões cutâneas e normalização da consistência fecal, reforçando a hipótese de intolerância ao leite bovino, mesmo na versão zero lactose. O animal apresentou excelente aceitação da nova dieta, com estabilização do estado geral, ganho de peso progressivo e desenvolvimento satisfatório, confirmando o diagnóstico terapêutico pela resposta positiva à mudança alimentar. Conclui-se que a intervenção nutricional individualizada foi determinante para a recuperação clínica e o adequado desenvolvimento do filhote de *T. tetradactyla*. A substituição do leite bovino pelo leite de cabra, associada ao ajuste progressivo da dieta, mostrou-se eficaz no controle dos sinais clínicos, indicando que esse manejo pode ser considerado em casos semelhantes, sempre com acompanhamento técnico especializado.

Palavras-chave: Nutrição animal, Dieta, Intolerância alimentar.

O sexo não influencia o comportamento alimentar de *Amazona vinacea* em reabilitação submetidos a diferentes níveis de enriquecimentos alimentares

Paula G. Lima*[1,2]; Izadora C. Martins[2]; Isabela G. Ferreira[2]; Clara Giroto[2]; Laura G. Fortini[2]; Victor Franzone[2]; Ariela C. Celeste[2]; Cristiano S. de Azevedo[3]; Regiane S. Rodrigues[4]; Flávio H. G. Rodrigues[1].

[1] Laboratório de Ecologia e Conservação, Programa de Pós-Graduação em Ecologia, Conservação e Manejo da Vida Silvestre, Universidade Federal de Minas Gerais, 31270-901, Belo Horizonte - MG, Brasil.
[2] Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, 31814-620, Belo Horizonte – MG, Brasil.
[3] Laboratório de Zoologia dos Vertebrados, Departamento de Biodiversidade, Evolução e Meio Ambiente, Universidade Federal de Ouro Preto, Campus Morro do Cruzeiro, 35402-136, Ouro Preto – MG, Brasil.
[4] Coordenadoria de Ciências Biológicas, CODACIB - Instituto Federal de Minas Gerais, campus Ouro Preto - MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: paulaglima123@gmail.com

O papagaio-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*) é uma espécie que não apresenta distinção visual física entre machos e fêmeas. Porém, muitos comportamentos animais podem ser sexualmente dimórficos, surgindo como uma estratégia de partilha de nichos alimentares ou para refletir diferentes motivações frente a desafios. Nesse contexto, o enriquecimento ambiental do tipo alimentar (EA) proporciona um ambiente estimulante e complexo aos animais sob cuidados humanos, tornando possível testar se há diferença comportamental entre os gêneros na exploração de recursos. O objetivo deste trabalho foi investigar se a frequência total de comportamentos alimentares de *A. vinacea* submetidos a distintos níveis de complexidade de EA difere entre machos e fêmeas. Foram observados 16 indivíduos (nove fêmeas e sete machos) no Centro de Reabilitação de Animais Silvestres (CRAS) em Barão de Cocais - MG. Os papagaios foram submetidos, durante oito semanas, a quatro níveis de desafio com base no acesso ao alimento, visibilidade, necessidade de manobras e dificuldade de manipulação: fácil, médio, difícil e muito difícil. Cada nível de enriquecimento foi oferecido quatro vezes antes da mudança para a categoria seguinte, com duração de 1 hora/dia, utilizando amostragem do tipo animal focal com registro instantâneo a cada 30 segundos. Para as análises estatísticas utilizou-se Modelos Lineares Generalizados Mistos (GLMM), com a família Binomial Negativa tipo 1 com componente de inflação de zeros (~1) para considerar a inibição comportamental. Não foram detectadas diferenças significativas na frequência alimentar total entre machos e fêmeas ($p = 0,52$) em todos os níveis de desafio, indicando uma uniformidade na disposição para interagir com os itens de EA. Porém, o teste de comparações múltiplas (Tukey) revelou uma redução na frequência de comportamentos alimentares no nível "muito difícil" ($p < 0,05$), comparado aos demais tratamentos, com inflação de zero altamente significativa ($p < 0,01$) indicando uma desistência de interação frente a desafios elevados, independente do sexo. Os resultados indicam que o engajamento com o enriquecimento depende do nível de desafio e não de traços ligados ao gênero, pois o excesso de complexidade do EA pode atuar como um inibidor do comportamento de forma generalizada.

[illegible], ao Projeto Voar - Papagaio-de-peito-roxo, aos [illegible] a equipe do projeto. Ao Waita - Instituto de Pesquisa e Conservação, ao Instituto Estadual de Florestas (IEF) e Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). A equipe da Arcadis e da Manserv.

Programa estruturado de enriquecimento ambiental na reabilitação de um espécime de *Leopardus pardalis*

Jaqueline M. de Oliveira*[1]; Clara de S. Costa[1]; Thamyris V. dos Santos[2].

[1] Centro de Triagem e Reabilitação de Animais Silvestres do Distrito Federal (CETAS-DF), Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), CEP 70818900, Brasília, DF, Brasil.
[2] Divisão de Apoio à implementação de ações de conservação (DICON), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMbio), Brasília -DF, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: martinsjaqu@gmail.com

A reabilitação de felinos silvestres mantidos sob cuidados humanos, especialmente com histórico de interação antrópica prolongada, representa um desafio técnico, pois pode comprometer a expressão de comportamentos naturais essenciais. Assim, este estudo descreve e avalia um programa estruturado de enriquecimento ambiental aplicado a uma fêmea jovem de *Leopardus pardalis* (jaguatirica), mantida no CETAS-DF. O estudo foi conduzido entre julho e dezembro de 2025, período em que foram planejados, pelo voluntariado, 35 enriquecimentos ambientais, destes, 25 foram realizados (71%) com foco na reabilitação comportamental, física, psicológica e na redução da dependência e interação humana. O programa contemplou cinco categorias de enriquecimentos ambientais: alimentar (28%), incluindo distribuição aleatória de alimento; sensorial (16%), diferentes substratos e odores; cognitivo (12%), desafios, como melão recheado com iscas de carne; físico (12%); e social (4%), com introdução de feno utilizado por jaguatirica macho, estimulando comportamentos de territorialidade e cópula. Além disso, houve aplicação controlada de estímulos aversivos (28%), como exposição a odores e sons antrópicos e de outros predadores. As intervenções ocorreram de forma rotativa, duas vezes por semana, com registros por amostragem contínua, considerando frequência e duração de comportamentos naturais, estereotipias e respostas de alerta. Os enriquecimentos alimentares e os estímulos aversivos foram os mais aplicados, enquanto os cognitivos e alimentares apresentaram 100% de interação, evidenciando maior exploração do recinto e aumento de busca ativa, incluindo a manipulação de presas vivas e abatidas. Apesar da redução do direcionamento e das vocalizações na presença humana, não houve aumento consistente dos comportamentos de esquiva, alerta e fuga. Recomenda-se a manutenção e intensificação controlada de estímulos aversivos, a fim de consolidar tais respostas. Ressalta-se que a manifestação desses comportamentos é condição indispensável para o planejamento da soltura e para o retorno seguro à vida livre. Conclui-se que a participação do voluntariado é fundamental para aplicação efetiva do programa, e o enriquecimento ambiental sistematizado constitui ferramenta essencial para a promoção do bem-estar e para a manutenção de habilidades comportamentais relevantes em felinos silvestres mantidos em CETAS, devendo ser mantido e incentivado nos protocolos de reabilitação.

Palavras-chave: Silvestres, Comportamento, Bem-estar animal.

Protocolo nutricional para *Tamandua tetradactyla* em ambiente hospitalar

Tauãn S. Matos*[1,2]; Giulia V. Fonseca[1,2]; Valéria S. N. Santos[1,2]; Brenda S. S. Braga[1,2]; Adriano B. B. Alvarenga[1,2].

[1] Hospital Veterinário Setor Animais Silvestres, Instituto de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Pará, 68746-360, Castanhal-PA, Brasil.
[2] Programa de Residência Multiprofissional Saúde Animal Integrada à Saúde Pública, Instituto de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Pará, Castanhal-PA, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: biologotauanmatos@gmail.com

Tamandua tetradactyla, conhecido por tamanduá-mirim, é um mamífero pertencente à superordem Xenarthra, caracterizado pelo hábito insetívoro, consumindo principalmente formigas e cupins. Sob cuidados profissionais, especialmente quando não há possibilidade de reintrodução, sua manutenção requer dieta substitutiva que atenda às exigências nutricionais, considerando digestibilidade, palatabilidade e consistência do alimento. Nesse contexto, o manejo nutricional é fundamental para a promoção da saúde, prevenção de distúrbios metabólicos e garantia do bem-estar. O presente estudo objetivou descrever a implementação de um protocolo nutricional para uma fêmea adulta de *T. tetradactyla* recebida no Setor de Animais Silvestres do Hospital Veterinário da Universidade Federal do Pará, campus Castanhal. O animal foi admitido em 23 de setembro de 2025, com peso inicial de 4,3 kg. Após triagem clínica, instituiu-se dieta composta por banana (30 g), cenoura cozida (30 g), ovo cozido (20 g), ração para gatos filhotes (20 g), leite zero lactose (10 g) e mel (10 mL), homogeneizados com 110 mL de água e coados. Inicialmente, devido à ausência de ingestão voluntária, a dieta foi administrada por gavagem. Após 30 dias, observou-se redução de 9,3% do peso corporal (3,9 kg), motivando reformulação da dieta, que passou a incluir banana (30 g), cenoura (20 g), couve (15 g), frango (25 g), ração (15 g), leite (14 g), mel (10 mL) e quatro larvas de tenébrio, homogeneizados em 150 mL de água. Houve ganho de 7,2% em relação ao menor peso, com melhora na aceitação. Após 90 dias, novo ajuste foi realizado visando maior densidade nutricional e suplementação de taurina, com dieta contendo banana, maçã, couve, cenoura, ovo, frango, ração (todos 30 g), mel (10 mL) e 2,15 g de Aminomix®, em 120 mL de água. Observou-se manutenção da aceitação e continuidade da recuperação corporal. Conclui-se que os ajustes nutricionais favoreceram a aceitação da dieta e contribuíram para a recuperação do peso, evidenciando a importância do monitoramento contínuo e da adequação dietética individualizada.

Palavras-chave: Dieta, Nutrição animal, Cativeiro, Xenarthra.

Reabilitação de *Amazona aestiva* com ênfase no treino anti-predação

Beatriz S. Polo*[1]; Alice W. Rocha[1]; Lucas B. Rego[1]; Maria V. Ferraz[1]; Julio F. Siqueira[1]; Daniela M. Silva[1]; Clarice Thomaz[1].

[1] Setor de reabilitação animal silvestre, Divisão da Fauna Silvestre, 04030-000, São Paulo-SP, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: beatrizpolo.bio@gmail.com

A necessidade de projetos de reabilitação de *Amazona aestiva* (Linnaeus, 1758) é uma consequência do número crescente de apreensões provenientes do comércio ilegal. Em decorrência do longo período sob cuidados humanos, esses indivíduos apresentam redução das habilidades naturais, sendo necessário treinar estratégias de evasão e anti-predação, aptidões essenciais em vida livre. O presente estudo foi realizado na Divisão de Fauna Silvestre, órgão municipal de São Paulo – SP, com o objetivo de avaliar a eficácia de treinos anti-predação em um grupo de papagaios mantidos sob cuidados humanos, visando desenvolver a autonomia dos indivíduos para a reintrodução. Para a avaliação comportamental do grupo (n=17) utilizou-se o método Scan Sampling com amostragem instantânea a cada 60 segundos por duas horas diárias, registrado por duas câmeras dentro do recinto, sendo cinco dias de observação antes do período de treinamento, cinco dias de treinamento e mais cinco dias de observação após o treinamento. No pré treinamento foi registrado comportamento majoritariamente inativo que corresponde a 33% do tempo observado. O treinamento foi realizado em cinco dias com estímulos aversivos associados a predadores em potencial intercalados em dias distintos, sendo três dias com a vocalização do *Spizaetus tyrannus* (Wied-Neuwied, 1820) e dois com a imagem do *Leopardus pardalis* (Linnaeus, 1758), ambos com o estímulo aversivo adicional de um humano descaracterizado. O treino é feito em três minutos, começando com um minuto de estímulo do predador junto do adicional humano com movimentos bruscos, um minuto de pausa, e mais um minuto do predador sem o humano descaracterizado, com objetivo de associarem a aversão e apresentarem comportamento de fuga após a identificação de perigo. Durante os cinco dias de observação pós treinamento foram realizados testes diários para verificar a eficácia do projeto, por meio, novamente, intercalando a vocalização e a imagem dos predadores sem o estímulo do humano descaracterizado dentro do recinto. Os comportamentos registrados com ambos os predadores foram de intensa vocalização e dispersão para pontos mais altos do recinto, tais comportamentos não foram documentados antes por esse grupo. É possível teorizar que são estratégias de fuga e vocalização de alerta, apresentados após os treinos de associação e estímulos aversivos. Esses resultados sugerem que os treinos foram eficazes de acordo com o objetivo do trabalho.

Palavras-chave: Conservação, Aptidão, Reintrodução.

Agradecimentos: Divisão da Fauna Silvestre.

Reabilitação e soltura de fêmea de lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) com registro de primeira reprodução bem-sucedida no Brasil

Paula D. Gomes*[1,2]; Rafaela N. Azzolin[1]; Laura G. O. Souza[1]; Rogério C. Paula[3]; Gabrielle B. da Rosa[1].

[1] Centro de Conservação e Educação Socioambiental Parque Vida Cerrado, 47819-899, Barreiras, BA, Brasil.
[2] Departamento de Clínica e Cirurgia Veterinária, Escola de Veterinária, Universidade Federal de Minas Gerais, 31270-901, Belo Horizonte - MG, Brasil.
[3] Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Carnívoros (CENAP) – ICMBIO, 12952-011, Atibaia, SP, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: paula.gomes@vidacerrado.org.br

O resgate de filhotes de lobo-guará durante o período reprodutivo é uma realidade em regiões de ocorrência da espécie, especialmente em áreas antropizadas, seja por morte dos pais ou pela remoção indevida de ninhadas. Esse cenário reforça a necessidade de protocolos estruturados, baseados em critérios técnico-científicos de reabilitação comportamental e de avaliações pós-soltura. Entre esses, buscar a devolução dos indivíduos à área de origem para contribuir com o reforço populacional local. Com esse objetivo, o Parque Vida Cerrado e o ICMBio, iniciaram em 2020, o projeto "Reabilitação Comportamental e Soltura Monitorada de Lobos-Guarás no Oeste Baiano", em consonância com o Plano de Ação Nacional para a Conservação de Canídeos Silvestres. O presente trabalho objetiva o relato do sucesso reprodutivo de uma fêmea resgatada, reabilitada e solta na região. Uma fêmea resgatada na zona rural de Luís Eduardo Magalhães (BA) com três meses de idade, foi recebida em 09/2020 e selecionada para o projeto. Após acompanhamento do desenvolvimento, foi encaminhada a um recinto de treinamento em área de Cerrado, em 07/2021, onde permaneceu por 11 meses. Durante esse período, passou por avaliações de saúde e comportamento, além de manejo nutricional. Em 05/2022, foi solta com dois anos, na mesma área do treinamento, em um contínuo de reservas particulares, por meio de soltura branda. A fêmea foi equipada com rádio-colar GPS/VHF com transmissão via satélite, para monitoramento de deslocamento e uso do território. No mesmo ano, um macho de vida livre foi capturado na região, avaliado e equipado com rádio-colar. Os dados espaciais indicaram sobreposição das áreas de vida e, no período reprodutivo (fevereiro-abril), registros de aproximação entre os indivíduos foram observados, sugerindo pareamento. Foi possível estimar a semana da cópula a partir da identificação dos deslocamentos pareados entre os dois indivíduos e localizações coincidentes registradas durante o período. O dia do parto e a localização da toca foram determinados pela presença de *clusters* em uma mesma área por um período superior ao esperado para o padrão da espécie, aliado a uma estimativa do tempo médio de gestação (65 dias) e movimentação reduzida, tendo um ponto central como referência. Foram então posicionadas armadilhas fotográficas próximo ao local, que confirmaram a gestação, a fase de lactação e o nascimento da prole, que foi monitorada por um ano, evidenciando cuidado parental, desenvolvimento adequado e sobrevivência em ambiente natural, caracterizando sucesso reprodutivo. Trata-se do primeiro registro, no Brasil, de reprodução com sobrevivência da prole de uma fêmea de lobo-guará reabilitada, solta e monitorada. Os resultados demonstram a viabilidade do protocolo para órfãos resgatados e

...mar adaptação, sobrevivência,

...pós-soltura, Cuidado parental, Comportamento reprodutivo.

Agradecimentos: Ao ICMBio e financiadores: Galvani, Oilema, Condomínio Irmãos Gatto Agro, Condomínio Santa Carmem, ADM, e demais fazendas vizinhas que abriram suas portas.

Reabilitação e soltura monitorada de papagaios-verdadeiros (*Amazona aestiva*) no Cerrado brasileiro

Fernanda B. S. Lopes*[1]; Julia R. Salmazo[1]; Alexandre E. Vieira[1]; Gabriela B. C. Pereira[1]; Thainá B. Santos[1]; Luisa B. Beltrame[1]; Renata S. Pitombo[1].

[1] Centros de Fauna Trijunção, 47655-000, Jaborandi-BA, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: fernandabsl@hotmail.com

A reabilitação de fauna silvestre é uma estratégia relevante para mitigar impactos antrópicos, especialmente em cenários de distúrbios ambientais frequentes. O papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*) está entre os táxons mais encaminhados a instituições de manejo, exigindo protocolos que integrem bem-estar, desenvolvimento comportamental e preparo para vida livre. Este relato descreve a reabilitação e soltura monitorada de três indivíduos resgatados ainda nidícolas após incêndio florestal no Cerrado, conduzidas pelos Centros de Fauna Trijunção, sob autorização e acompanhamento técnico do Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos da Bahia. Após estabilização clínica e manejo nutricional compatível com a fase ontogenética, o protocolo priorizou o manejo comportamental para prevenção do *imprinting* humano. Utilizou-se pano cobrindo totalmente o cuidador, ocultando silhueta e referências visuais humanas durante alimentação e manejos indispensáveis, minimizando contato direto. Foram analisadas respostas à presença humana (afastamento ativo, interrupção de atividades na aproximação de cuidadores, ausência de aproximação voluntária ou solicitação de alimento, distância de fuga), além de indicadores intraespecíficos (proximidade, vocalizações e comportamentos afiliativos). Avaliação comportamental por observação direta (registros por amostragem focal e *ad libitum*) inferiu ausência de *imprinting* pela evitação consistente e ausência de habituação à presença humana. Frutos nativos foram introduzidos para estimular forrageamento e autonomia alimentar. Após atingir parâmetros esperados, o trio foi transferido para recinto de aclimatação, onde permaneceu cerca de cinco meses, com exposição gradual ao ambiente, estímulo ao voo, alimentação diária e mínima intervenção humana, com registros em relatórios técnicos. A soltura foi branda, com abertura parcial do recinto para saída voluntária, manutenção de alimentação suplementar e água e redução progressiva conforme aumento da exploração e independência alimentar. Houve monitoramento diário por 30 dias, por observação direta e armadilhas fotográficas, registrando exploração da área, uso de poleiros naturais e redução da dependência do ponto de soltura, seguidos de ausência de registros, sugerindo dispersão natural bem-sucedida. Os resultados demonstram que protocolos centrados no manejo comportamental e bem-estar fortalecem a reabilitação como ferramenta de conservação *ex situ* integrada à *in situ*.

Palavras-chave: Psittaciformes, Readaptação comportamental, Manejo para conservação, Fauna silvestre, Monitoramento pós-soltura.

Surto de bouba aviária (*Avipoxvirus*) em centro de triagem de animais silvestres de Goiás

Jéssica R. Gonçalves*[1,2]; Giovanna P. Comine[2,5]; Hannah L. G. Coelho[4]; Fernanda L. M. Rocha[1,2]; Bruno A. Moreira[1,2]; Vinicius A. S. Gregório[4]; Daniel R. Santos[4]; Ana L. H. C. Ramos[4]; Leonardo P. Alcantra[4]; Nara Ballaminut[3].

[1] Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO, Brasil.
[2] Instituto de Conservação Ambiental Floresta Cheia, Goiânia-GO, Brasil.
[3] Centro de Triagem de Animais Silvestre/IBAMA, Goiânia-GO, Brasil.
[4] Laboratório de Doenças das Aves, Departamento de Medicina Veterinária Preventiva, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG, Brasil.
[5] Universidade Federal de Pelotas, Pelotas-RS, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: jessicarocha.vet@outlook.com

A bouba aviária, causada pelo *Avipoxvirus*, é uma virose de ocorrência mundial que afeta aves domésticas e silvestres, manifestando-se por lesões cutâneas ou diftéricas. O presente trabalho objetiva relatar um surto ocorrido em novembro de 2025 no Centro de Triagem de Animais Silvestres de Goiás (CETAS-GO), envolvendo um plantel de 600 aves. A investigação iniciou-se após a detecção de sinais clínicos em 43% dos animais no início do mês, evoluindo para uma taxa de contaminação de 95% em cerca de 20 dias. Observou-se que 100% dos psitacídeos apresentavam sintomatologia clássica, incluindo nódulos faciais, edema palpebral, apatia e alterações respiratórias. Em contraste, passeriformes e rapinantes do plantel mantiveram-se assintomáticos, embora tenham testado positivo para a patologia. Considerando que a transmissão ocorre por vetores hematófagos, como mosquitos e ácaros, além do contato indireto por fômites em ambientes de alta densidade populacional, a análise epidemiológica sugeriu a introdução do agente por meio do trânsito fortuito de aves de vida livre ou domésticas nas imediações da propriedade. A observação de espécimes com lesões nodulares transitando na interface entre o ambiente externo e os recintos do CETAS reforça a hipótese de disseminação local por contato direto e indireto com aves de origem indeterminada. Foram coletadas carcaças e amostras de tecidos e sangue, encaminhadas ao Laboratório de Doenças Aviárias da UFMG. Como medida emergencial, realizou-se a vacinação do plantel com imunizante comercial. Os resultados clínicos, a alta transmissibilidade observada e a confirmação laboratorial, por meio de PCR e inoculação embrionária, comprovaram a infecção por *Avipoxvirus*. Dessa forma, destaca-se a importância do monitoramento constante em espécies que atuam como reservatórios assintomáticos, uma vez que a circulação silenciosa do vírus dificulta o controle precoce. A eficácia da vacinação emergencial no plantel sugere que a imunização pode ser uma estratégia viável para conter surtos em ambientes de alta densidade. Conclui-se pela necessidade de barreiras sanitárias rigorosas em unidades de triagem para mitigar o transbordamento de patógenos originados da interação entre animais domésticos e a fauna silvestre, garantindo a biosseguridade em programas de reabilitação e conservação.

Palavras-chave: Poxviridae, Biosseguridade, Psitacídeos.

...IBAMA.

Uso de *Schinus terebinthifolius* para enriquecimento ambiental de aves silvestres sob tutela do Centro de Triagem e Reabilitação de Animais Silvestres - CETRAS/Divinópolis

João Vitor de Mello*[1]; Gabriela B. Martins[1,2]; Lucas C. Maia[1,3]; Joyce Mary R. Pereira[4]; Paula Cristina S. Andrade[1,5]; Mércia N. Teixeira[6]; Ketleen R. de Faria[6]; Lucas Gabriel de S. Barbosa[6]; Marcella C. A. Geraldini[1,7]; Natália M. Marques[1,7].

[1] CETRAS/IEF, CEP 35502-284, Divinópolis-MG, Brasil.
[2] Universidade Estadual de Minas Gerais . UEMG, Divinópolis-MG, Brasil.
[3] Centro Universitário Internacional. Uninter, Divinópolis-MG, Brasil.
[4] Ecologia, Universidade Federal de São João del Rei- UFSJ, São João del Rei-MG, Brasil.
[5] Centro Universitário UNA, Divinópolis-MG, Brasil.
[6] Grupo de Estudos de Animais Selvagens - GEAS, IFMG, Bambuí-MG, Brasil.
[7] Instituto de Pesquisa Waita, Belo Horizonte-MG, Brasil.

*E-mail do autor correspondente: joaovitormellol@hotmail.com

A aroeira-vermelha (*Schinus terebinthifolius*) é uma planta nativa da América do Sul, com ampla distribuição geográfica no território brasileiro e ocorrência predominante nos biomas Cerrado e Mata Atlântica. De rápido crescimento e floração precoce, seus frutos despertam o interesse de múltiplas indústrias devido à características como sabor, aroma e às propriedades do óleo extraído de suas sementes. Na natureza, o aroma e o sabor adocicado também atraem muitas espécies que se alimentam de suas flores e frutos. Com o objetivo de promover ambientação e enriquecimento ambiental para aves sob tutela do CETRAS/IEF, em Divinópolis/MG, galhos de aroeira-vermelha foram introduzidos nos recintos de papagaios-verdadeiros (*Amazona aestiva*) e tucanos (*Ramphastos toco*). O comportamento de interação entre as espécies de aves e a espécie vegetal foi observado durante um mês. Os galhos foram trocados a cada dois dias, no período da manhã. A amostragem se deu pelo método de varredura, com observações intervaladas e duração de dez minutos cada, ao longo de duas horas diárias. Durante o estudo, observou-se que a alta palatabilidade dos frutos desperta o interesse das aves e estimula comportamentos naturais de forrageamento, roedura para manutenção do bico, habilidade de escalada e empoleiramento. Notou-se que entre indivíduos de *A. aestiva*, a interação com os galhos de aroeira permaneceu constante até sua retirada do ambiente. Já entre os indivíduos de *R. toco*, a interação se deu apenas enquanto havia frutos nos galhos, demonstrando que o interesse dessa espécie se restringia a alimentação. Apesar de não haver avaliação comportamental prévia ao enriquecimento para fins comparativos, sabe-se que tal prática favorece a saúde e o bem-estar animal, auxiliando na manutenção das atividades instintivas das espécies, favorecendo a possibilidade de reintrodução na natureza e mitigando possíveis distúrbios e efeitos fisiológicos provenientes do estresse em cativeiro. A ambientação de recintos e atividades de enriquecimento ambiental com a utilização de espécies arbóreas nativas permite uma rememoração dos habitats naturais de espécies da avifauna silvestre em reabilitação, minimizando o estresse e diminuindo comportamentos de automutilação, estereotipia e agressividade, além de promover bem-estar cognitivo, alimentar e social. A utilização de galhos de aroeira-vermelha demonstrou ser uma estratégia promissora de enriquecimento ambiental para aves silvestres mantidas em cativeiro, evidenciando o estímulo a comportamentos

portamental e psicológica dos
para avaliações comportamentais mais
pós introdução de espécies vegetais.

Palavras chave: Reabilitação, Psitacídeo, Ramphastidae Conservação.

Agradecimentos: Waita, CETRAS Divinópolis, IEF.